1954

SETEMBRO - N. 448

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS



A IGREJA PERMITIU ÊSTES DIVÓRCIOS ★ O MISTÉRIO DO SONAMBULISMO ★ O OCIDENTE ADOTA A ACUPUNCTURA ★ O TESOURO DA BAÍA DE ABUKIR



insinuante troca ou devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende.

177 — Cr$ 300,00. — Lindo sapato de camurça preta com verniz. Um deslumbramento!

178 — Cr$ 398,00. — Belíssimo sapato com plástico vidrado e pelica ouro, salto de alumínio. Uma maravilha!

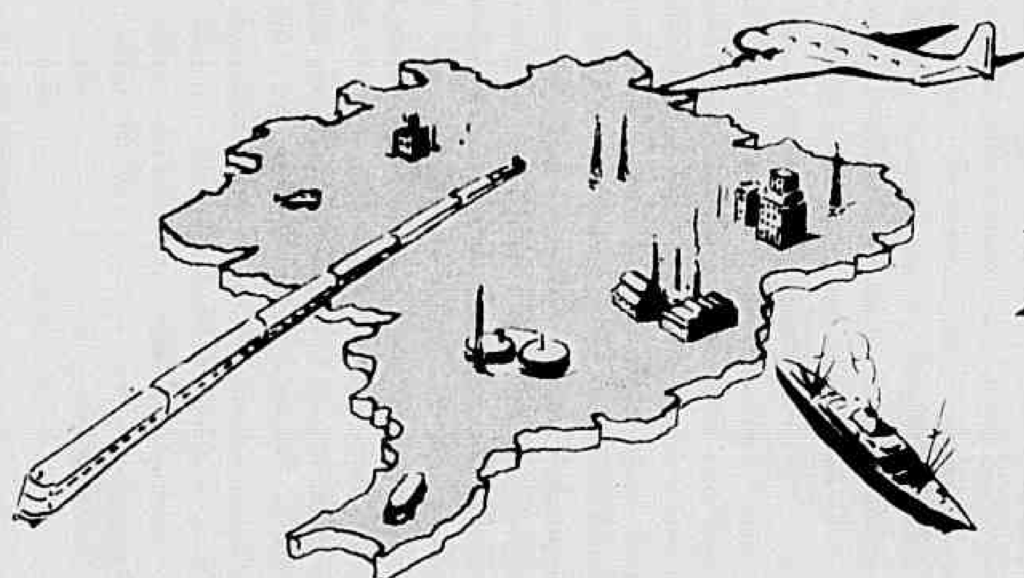
179 — Cr$ 300,00. — Belo sapato de pelica envernizada. Um encanto!

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par: Cr$ 10,00.
Não fazemos reembôlso postal.

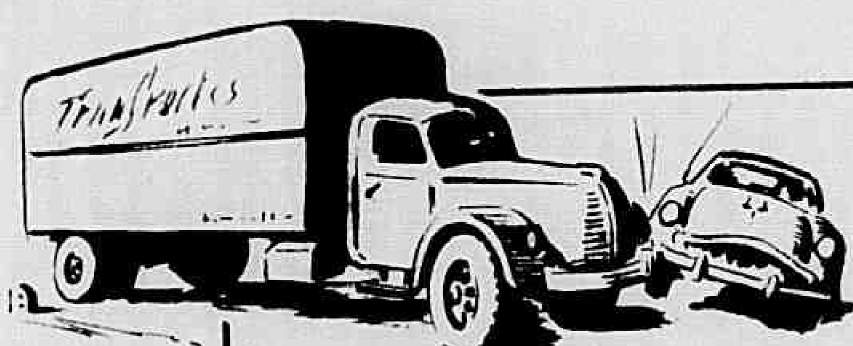
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

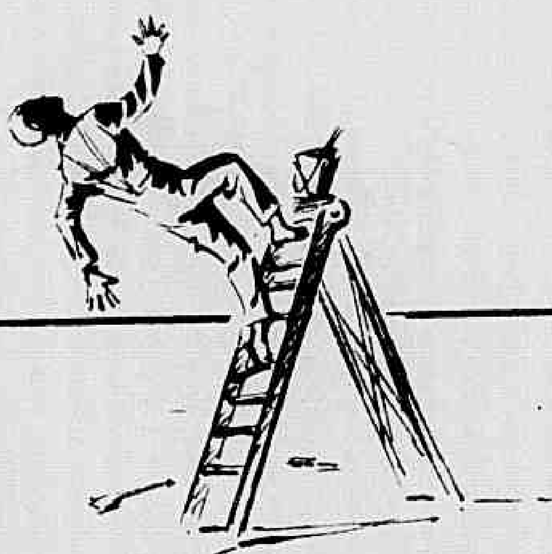
RUA DA CARIOCA, 46-48
SETE DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG















SÔBRE TODOS NÓS . . .

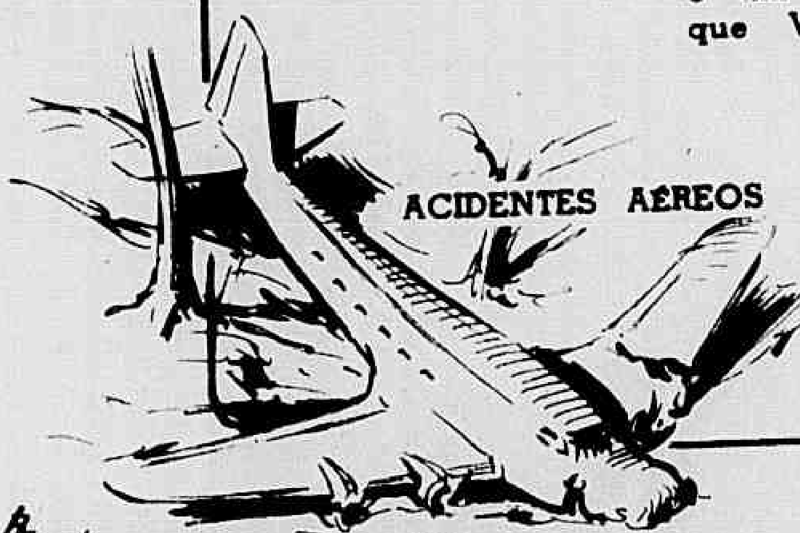
. . . como a espada de Dâmocles, pesam as incertezas do destino . . . mas quando a Fatalidade quiser desferir golpes contra a sua pessoa, contra os que dependem de suas atividades ou danificar seus bens . . . defenda-se com apólices de **"A FORTALEZA"** — companhia que opera com eficiência e idoneidade — e que lhe garante **pronta liquidação dos sinistros, sempre em dinheiro à vista e sem desconto.**

"A FORTALEZA"

JÁ INDENIZOU A VÁRIOS DE SEUS SEGURADOS, COM DESEMBARAÇO E RAPIDEZ, EM MAIS DE

Cr$ 120.437.248,80

Uma apólice de seguro de "A FORTALEZA" é um título de garantia e previdência que V. S. deve adquirir hoje mesmo.







Capital e reservas mais de Cr$ 30.000.000,00

SEDE
RUA DA ASSEMBLÉIA Nº 72 — 5º Pavimento — Telefone: 32-6868 — RIO

SUCURSAL DE SÃO PAULO
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, Nº 24 — 6º Andar

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças; para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

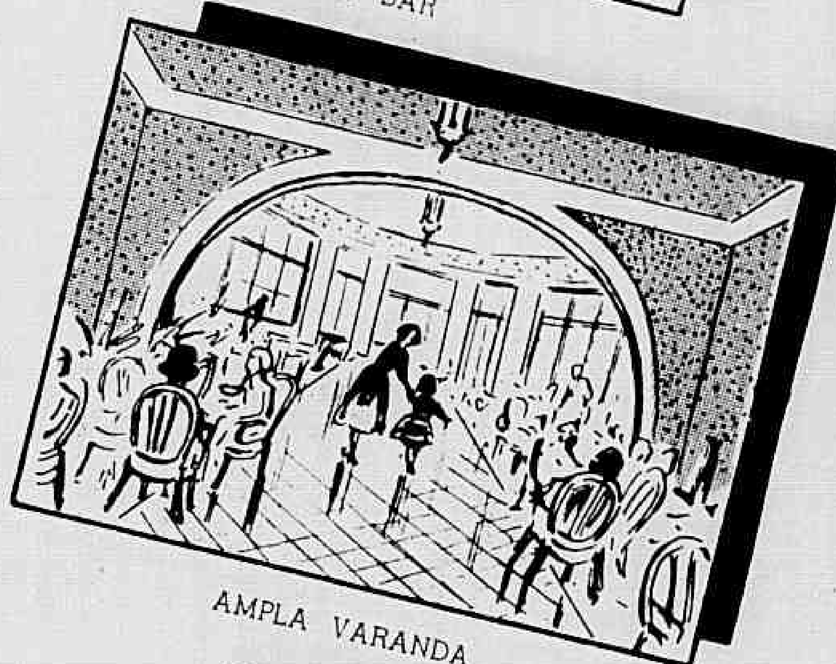
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



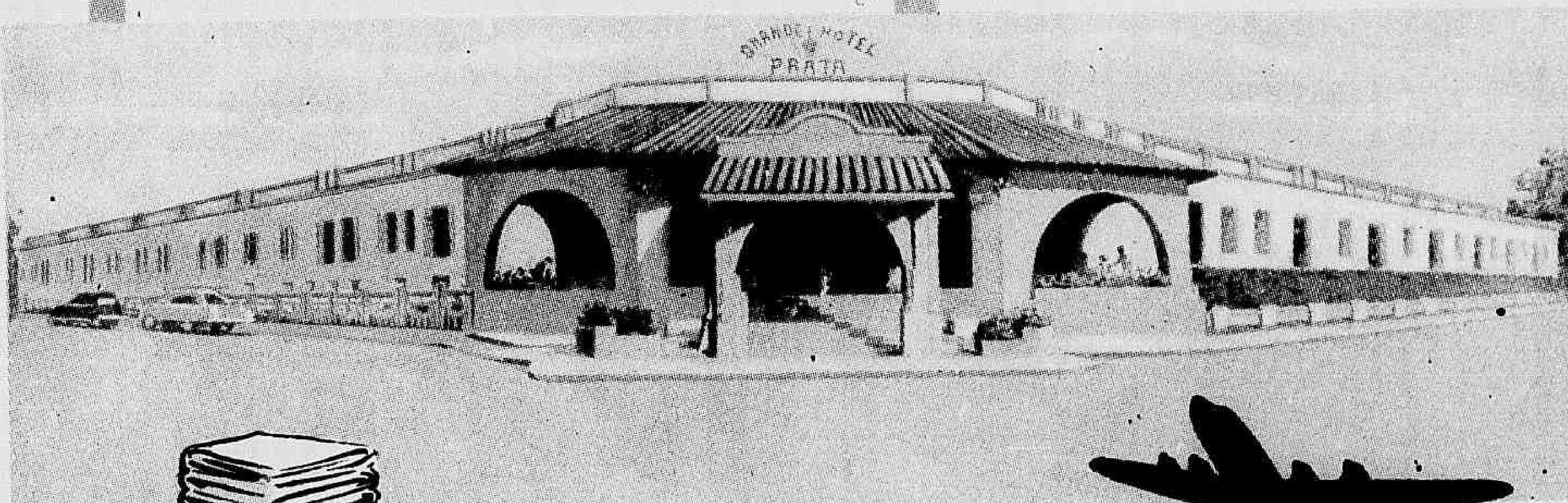
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

TODO MUNDO LÊ!

ROMANCES MARAVILHOSOS DA COLEÇÃO "AMOUR-AMOUR" — Cr$ 12,00 cada

F1 - M. DELLY - SONHO DE AMOR
F2 - WANDA BONTÀ - OLHOS SOMBREADOS
F3 - HENRI ARDEL - MULHER E NADA MAIS
F4 - C. BRAME - O SEGRÊDO DE SUA VIDA
F5 - C. BRAME - ROSA DE JUNHO
F6 - C. BRAME - O AMOR ENTRE AS FLORES
F7 - M. MARYAN - DO ODIO AO AMOR
F8 - CHANTEPLEURE - MEU GRANDE AMOR
F9 - M. DEZIT - O SEGRÊDO DE SONIA

SELEÇÃO "PARA A MULHER" — Cr$ 18,00 cada

272 - GUIA DE BÔLSO PARA CRIAR O BEBE
236 - METODO DE CORTE E COSTURA s/mestre
156 - ASSIM SE EMAGRECE COMENDO
149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL
161 - CONQUISTE AMIZADES p/SIMPATIA
193 - DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS
197 - HOROSCOPOS PARA TODOS
199 - HOMEOPATIA PARA TODOS
213 - O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES
220 - LIVRO DE BOLSO p/ENFERMEIROS
244 - TECNICA DE INJEÇÕES E CURATIVOS

LIVROS DE COZINHA — Cr$ 12,00 cada

83 - A COZINHA ITALIANA
85 - A ARTE DE FAZER DOCES
86 - A COZINHA NORTISTA
79 - A COZINHA FRANCÊSA
221 - PRATOS ECONÔMICOS E SABOROSOS

ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR.

CR$ 20,--

1 - O Nu Através da Arte
3 - Felicidade Sexual no Casamento
4 - Costumes Sexuais Estranhos
5 - Guia Intimo da Sexualidade
6 - Vigor Sexual
7 - Dicionário do Sexo e Amor
18 - Como Evitar a Solidão Amorosa
23 - Como se Fazer Amar
52 - Inglês para as Américas
66 - Problemas Sexuais dos Solteiros
67 - Estimulantes Sexuais
87 - Métodos para Limitar os Filhos
91 - Estudos sôbre o Amor e o Sexo
92 - A Conquista Amorosa e Sexual
93 - A Arte e a Técnica do Beijo
95 - Anormalidades Sexuais
97 - Sólidos Geométricos para Armar
124 - Para Conquistar as Mulheres
125 - Práticas Sexuais no Matrimônio
126 - Psicossexualidade
127 - Hábitos Sexuais do Homem
130 - Sexo e Psicanálise
131 - Sensualidade - 1.° volume
132 - Sensualidade - 2.° volume
133 - Sensualidade - 3.° volume
134 - Sensualidade - 4.° volume
136 - Para Conquistar os Homens
139 - Elimine Complexo Inferioridade
145 - Vença a Timidez Sexual
160 - Enfermidades Sexuais
164 - Testes de Mascul. e Feminilidade
166 - A Educação Sexual dos Filhos
174 - Manual da Vida Sexual
191 - A Cura da Impotência Sexual

OS MELHORES ROMANCES DO MUNDO — Cr$ 15,00 cada

179 - H. Sienkiewicz — QUO VADIS
181 - O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY
184 - Poe - DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE
195 - Gustave Flaubert — MADAME BOVARY
207 - Dostoiewski - CRIME E CASTIGO
245 - Dostoiewski - O JOGADOR
210 - Victor Hugo - O HOMEM QUE RI
218 - Leon Tolstoi - ANA KARENINA
229 - Dumas F.° - A DAMA DAS CAMÉLIAS
251 - Alexandre Dumas - A MAO DO FINADO
223 - A. Dumas - O CONDE DE MONTE CRISTO
248 - Feuillet - ROMANCE DE UM MOÇO POBRE
249 - George Ohnet - O GRANDE INDUSTRIAL
250 - Abade Prévost - MANON LESCAUT
252 - R. L. Stevenson - A ILHA DO TESOURO
254 - B. de Saint-Pierre - PAULO E VIRGINIA
255 - Charlotte Bronte - JANE EYRE
265 - Jane Austen - ORGULHO E PRECONCEITO
266 - Bronte - MORRO DOS VENTOS UIVANTES
269 - Emile Zola - TERESA RAQUIN
270 - Balzac - A MULHER DE TRINTA ANOS
275 - Merimée - AMÔRES DE CARMEN
285 - F. Spielhagen - A VIUVA ALEGRE
289 - R. de Warin - ROMEU E JULIETA
293 - Lamartine - GRAZIELA

LIVROS ÚTEIS PARA TODOS — Cr$ 18,00 cada

90 - CARTAS-MODÊLO p/TODOS OS FINS - 1.°
257 - CARTAS-MODÊLO p/TODOS OS FINS - 2.°
20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR
162 - FORMULARIO CORRESPONDÊNCIA Social
237 - GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL
36 - MANUAL DO MOTORISTA
138 - ENGUIÇOS DE AUTOMÓVEL
141 - APRENDA A DIRIGIR SEM MESTRE
188 - GUIA DO MECANICO DE AUTOMOVEL
192 - 1001 INFORMAÇÕES UTEIS - 1.° VOL.
147 - 1001 INFORMAÇÕES UTEIS - 2.° VOL.
233 - FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES
129 - JIU-JITSU SEM MESTRE
170 - APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE
27 - FALE E ESCREVA CORRETAMENTE
26 - ERROS DE PORTUGUÊS E S/CORREÇÕES
96 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE
122 - DISCURSOS PARA TODAS AS OCASIÕES
168 - A ORTOGRAFIA CORRETA
171 - APRENDA A FAZER VERSOS
183 - CONSTRÓI A TUA PERSONALIDADE
186 - VOCÊ SABE CONVERSAR?
209 - É FACIL GANHAR DINHEIRO
242 - DICIONARIO DE SINÔNIMOS
253 - LEIS TRABALHISTAS SIMPLIFICADAS
246 - APRENDA A FOTOGRAFAR
190 - REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL
182 - REGRAS PARA VENCER NA VIDA
150 - APRENDA A FAZER MAGICAS
219 - 500 TESTES DE PORTUGUÊS
51 - REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS
153 - FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO
214 - TENHA SANGUE FRIO
230 - COMO SE FIZERAM AS Grandes Fortunas
13 - COMO LER OS PENSAMENTOS
69 - TIRA DUVIDAS DE PORTUGUÊS
234 - MANUAL DO FOTOGRAFO AMADOR

VENDAS

RIO:
AV RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

E TAMBEM: em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" em todo o Brasil.

Nos Romances da Coleção "Amour-Amour", peça pelo Número, indicando a letra que o precede.

INTERIOR:
PEÇA PELO
REEMBÔLSO POSTAL
ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

1 LIVRO GRÁTIS

NOS PEDIDOS ACIMA DE 10 LIVROS ESCOLHA MAIS 1 GRÁTIS

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 8-B - RIO

Peço enviar, pelo Reembôlso Postal, os livros, cujos números indico abaixo:

....
....
....
....
....

BASTA INDICAR O NÚMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%.

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
MUNICÍPIO ....
ESTADO ....



Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia", "Canto Dado em XIV Lições", "Curso de Instrumentação", "Modulação Passageira", "Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 210,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Publicidade em S. Paulo: W. Farinello, Rua S. Bento, 220 — 3º andar — Telefone: 2-1512. Distribuição e venda em São Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



O Cisne Branco

Por
LUCY GODOLPHIN

A única solução para aquela briga era deixar a casa. E foi assim pensando que Joan caminhou, cautelosamente, e saiu, sem bater a porta. Tratou de se afastar da cabana de recreio o mais depressa que pôde, embora com a determinação inicial um tanto amolecida. Logo que venceu a primeira curva da estrada desatou a chorar. Consolava-se de não ter sido obrigada a fazer as despedidas. Dignidade. Oh, sim! Dignidade fôra a base principal de seu argumento, da véspera, e estava bem decidida a manter, tanto quanto possível, essa aparência. E eram êsses mesmos conceitos, tais como os direitos da mulher e a elementar consideração devida a uma espôsa, que lhe voltavam à mente e também aos lábios trêmulos, entre soluços e lágrimas

Caminhar, fugir assim, afastando-se dêle, segundo agora admitia, seguindo ao longo da estrada, não consolava o seu coração nem aumentava a fôrça do seu argumento. Mas era *a única maneira* de salvar a sua dignidade...

Por quê? Por que se sentia assim tão cheia de rancor? Sua única satisfação, no momento, era imaginar que Francis, por sua vez, estaria no mesmo estado de



indignação e temor. Ao fim de pouco tempo, ouviu vozes e risos, que vinham de uma secreta e deliciosa clareira, junto da margem do lago.

Lá embaixo, na rampa suave, um par de enamorados caminhava, muito unidos e enlaçando-se pela cintura. Ainda recentemente, há poucas semanas apenas, ela e Francis tinham caminhado assim, com as cabeças unidas, as mãos unidas e unidos também os lábios, cada dez passos ou mesmo cinco passos, totalmente esquecidos do resto do mundo; aquela cena era agora insuportável para ela, e Joan, com um soluço mais forte, desviou o olhar.

Sim, não fôra há tanto tempo assim... Ontem mesmo... Mas, por isso mesmo, por ter sido ontem a primeira briga, ela se sentia mais ferida esta manhã.

POR que, afinal, ela e Francis haviam brigado? Apenas, segundo agora refletia, porque algumas vêzes uma espôsa sente absoluta necessidade de ser mimada e se mostra muito carinhosa... *mais do que recebe, em troca.*

Por que misterioso e desgraçado motivo, Francis havia desprezado aquêle tempo maravilhoso, justamente quando o outono tudo transformava em ouro e perfume, para se dedicar a um trabalho inadiável e sério, esquecendo todos os planos de uma excursão seguida de piquenique e pescaria, todo entregue àquilo que invadira repentinamente a sua cabeça teimosa?

E fôsse só isso! Passara a queixar-se do barulho que fazia a máquina de tirar poeira; entrara a resmungar durante as refeições e acabara saindo, três noites seguidas, para ir beber qualquer coisa, no bar distante, *sòzinho*!

— Indiferente... Muito indiferente! — pensou Joan, tropeçando numa saliência da estrada. Estaria ela destinada a viver assim, relegada a um segundo plano na vida dêle, tendo que encher suas horas do dia e da noite apenas com a limpeza, a arrumação? Para o resto da vida?

Mais adiante parou um pouco, sob uma sombra convidativa. Para onde iria? Não queria voltar para a cabana e, na realidade, não queria ficar andando, assim... embora tivesse que continuar. O melhor, talvez, seria embarcar no pequenino bote, que ficava encostado nos fundos da cabana alugada.

Francis não gostava que ela saísse remando, sòzinha, naquela pequena embarcação. Dizia sempre que era perigoso e acrescentava que *"ela nadava tão mal..."* Porém, agora, ela não pensava nisso. Aproximou-se do pequeno e sumário cais de amarração, libertou o bote, saltou para o seu interior.

Com um repentino tremor de frio, voltou a cabeça para olhar uma última vez para a janela da cabana. Estava aberta e Francis justamente aparecia, com ar entre surpreendido e preocupado.

"Pois que fique!" — pensou ela, com ânimo vingativo.

Porém, minutos depois, sua natural timidez prevaleceu e, virando a prôa da embarcação, seguiu ao longo da margem.

A proporção que Joan remava, tôda a beleza da tarde ia morrendo e o grande brilho de pouco antes fugia do céu. Começou a remar mais devagar, procurando fazer o menor ruído possível, espreitando os pequenos pássaros da margem e procurando ouvir os claros sons que chegavam com o anoitecer.

Repentinamente, desejou, ardentemente, que Francis estivesse com ela. Quantos momentos assim tinham passado juntos, cheios de amor, de entusiasmo e de simpatia! E quantas vêzes êle havia apontado para ela, moça da cidade, tôdas essas maravilhas da natureza!

Com que paciência e também com que amor — por ela, por tôdas as criaturas, pelo variado mundo em que viviam — tinha êle ensinado como se devia usar todos os sentidos, quando juntos passeavam entre as árvores do bosque ou através das campinas alegres!

Joan deixou que a embarcação deslisasse por si mesma nas águas mansas.

Surpreendeu-se ao se ver assaltada por uma angustiante opressão, uma saudade imensa e pensando... quão magnífico era realmente Francis.

"Um amor de marido!" — concluiu, definitivamente.

E logo recordou uma certa noite de lua-cheia, quando os dois tinham ficado

até muito tarde, acordados e, finalmente, haviam saltado da cama, vestido suéteres e calças de lã para ir remar em redor do lago, não se distanciando, porém, da margem.

Poucas palavras haviam trocado, e mesmo assim em cochichos, para não perturbar a magia fascinante dessa viagem sôbre a água iluminada.

Mas tinham, sim, olhado muito um para o outro, num secreto entendimento e, com os seus braços, ela havia protegido as faces dêle contra o frio, como depois êle havia dado calor aos seus pés (onde sempre sentia mais frio!). E assim tinham ficado muito tempo, quietos e contentes, como costumavam ficar, longas horas, no leito amplo e todo brando.

"Oh, como fui tòla e infantil!" — pensou ela, num brusco sentimento de mêdo, recordando suas impensadas e irresponsáveis acusações contra êle, naquela manhã.

Deus! Que acontecera com ela, então? Tudo o que Francis desejava era poder trabalhar sossegado. Provàvelmente estaria, agora, sentado diante de sua mesa de trabalho, censurando-se por sua irritação ou torturando-se, pensando nela mesma e imaginando as coisas mais dramáticas.

Um ligeiro arrepio sacudiu seus ombros naquele total silêncio, que a cercava. Uma brisa brusca, soprando da margem oposta do lago feriu



suas carnes e sua suéter pareceu-lhe, repentinamente, muito fina. Todo o céu, sôbre sua cabeça, estava agora todo negro e a margem parecia mais distante.

Começou a remar em sentido contrário, com decisão, esforçadamente. Porém seus braços começaram a tremer e teve que parar. Examinou as bôlhas, grandes e dolorosas, que os remos tinham feito em suas mãos, sentindo aumentar o mêdo que lhe causava a certeza de estar distante de casa, no lago agora escuro.

FOI nesse instante, quando recomeçava a remar sôbre as águas paradas, que encontrou o cisne. Êle ali parecera ficar, parado e triste, junto de uma ponta de terreno, e quando ela contornou êsse ponto êle se afastou assustado, batendo as grandes asas e levantando muito o gracioso pescoço. Como ela própria, êle era um navegador solitário, que agora retornava para o lado da sua companheira...



Aquela companhia deixou Joan mais animada. Respirou profundamente, voltando a lamentar que Francis não estivesse ao seu lado.

Mas não deixaria de contar-lhe o que vira. E tinha a certeza de que também êle entenderia como ela entendera.

A quem mais poderia contar, senão a êle mesmo? A êle que era o seu m... o seu amor, contaria o que vira e ... só êle, compreenderia tôda a beleza do fato. Não olharia para ela, indiferente ou zangado. Compreenderia a sua emoção. Deveria estar ansioso para ouvir tudo o que dissesse e por certo que a receberia trêmulo de felicidade. Retomou os remos e voltou a remar com um sentido de urgência. Êle devia estar ainda zangado com ela, ou mais zangado por haver apanhado o bote e ido tão longe, ficando tanto tempo ausente...

Um repentino pensamento a encheu de terror:

"E se também êle tivesse partido, abandonando a cabana?"

Seu coração entrou a bater com agitação e remorso. Desejava apenas ser boa e gentil — e poder amá-lo muito... se realmente conseguisse voltar — pois, agora, tinha a impressão de haver remado muitas milhas.

Afinal! Reconhecia agora as casas da vizinhança e, com remadas ansiosas e precipitadas, pôde atingir o pequeno ancoradouro de onde partira, horas antes.

Ali, bem na ponta da tábua, de pé, estava Francis, procurando rasgar a sombra da noite, esperando-a ansiosamente. O coração de Joan saltou de gratidão e amor. Êle não a abandonara!

Sem uma palavra, ela encostou o barco ao longo do cais. Êle, ajoelhado, colheu a corda, que ela jogou para a margem, e tratou de amarrá-la no gancho de ferro, enquanto ela colhia os remos.

...disse êle; e recebeu os remos, que ela lhe estendia.

Um segundo depois estavam abraçados. Êle a apertava com fôrça, comprimindo seu rosto contra o próprio peito.

— Você demorou tanto — disse, finalmente...

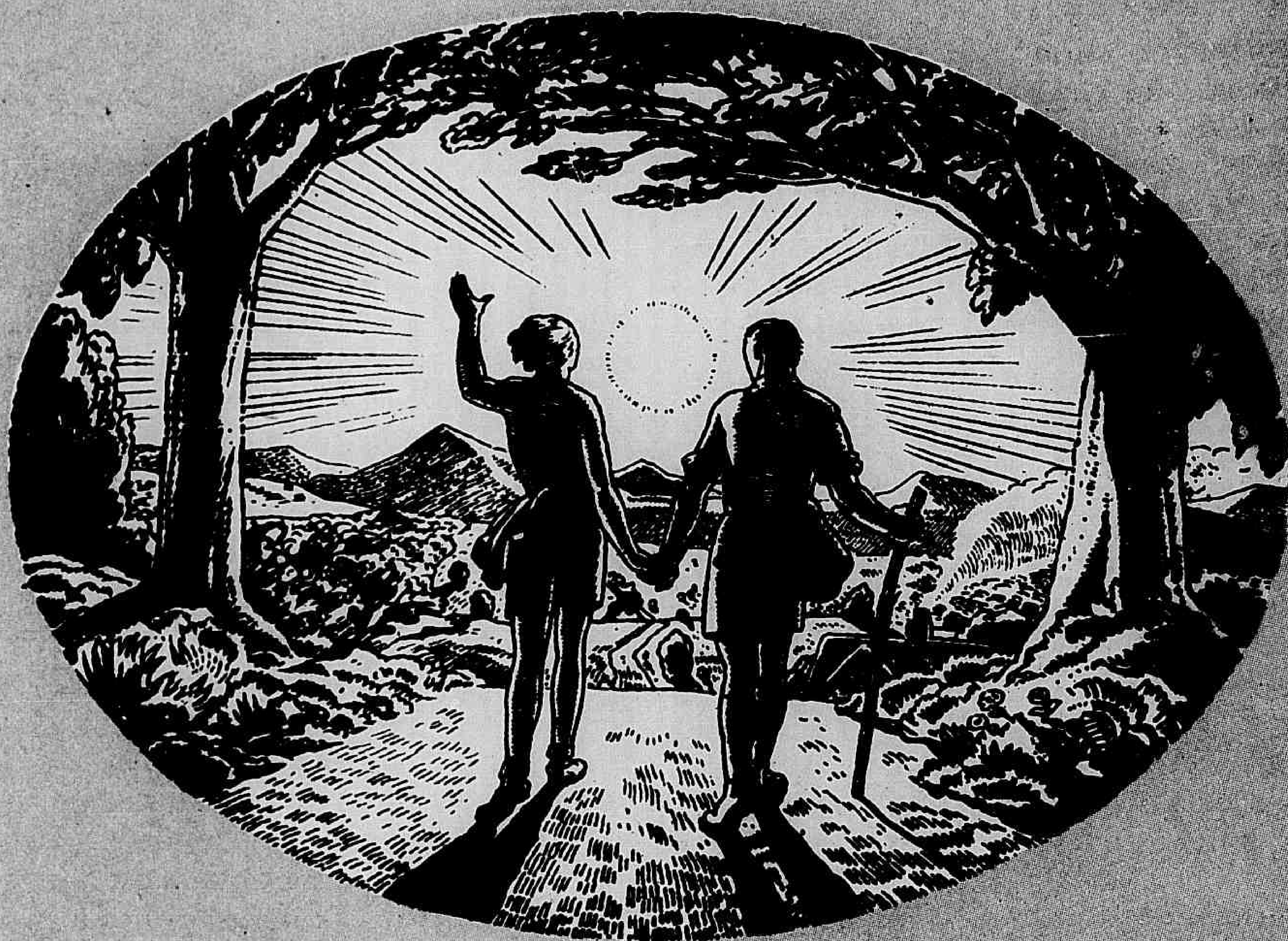
— Não pude voltar mais depressa... Tive câibras — explicou ela. Depois riu ner-...samente, olhando para cima, para o rosto dêle.

"— Vi um cisne — acrescentou. — Era lindo! Todo branco... Não sabia que havia, por êstes lados...

— Há uma granja de criação, a menos de duas milhas daqui. Creio que já contei isso a você.

— Mas êsse estava só... e triste — disse ela, muito séria. — *Mas, agora, já voltou para onde devia...* — concluiu.

Então, seus olhares se encontraram e logo desataram a rir. Beijaram-se apaixonadamente. E tudo voltou a ser lindo e perfeito outra vez.



Por *Dale* CARNEGIE

«Todos podem carregar suas aflições e encargos, por mais pasados que sejam, até que a noite chegue. Todos podem realizar seus trabalhos e obrigações, por mais difíceis que sejam, ao menos por um dia» — Robert Louis Stevenson.

LOCAL DE ENCONTRO

UM dos mais constantes comentários dos dias presentes, segundo a vida que o mundo tem impôsto à maioria, é realmente lamentável, porque refere-se a êsse fato espantoso e triste: nos hospitais, maior número de leitos está ocupado por indivíduos sofrendo de abalos nervosos e perturbações mentais. E a causa principal dessa alarmante situação é uma só: todos — ou quase todos — vivem repetindo que, absolutamente, *não podem suportar o ritmo da vida atual,* e por isso se entregam ao desespêro ou ao desânimo, temerosos dos dias que virão.

Êsse é o problema: todos nós estamos nesta fração de segundo entre o *local de encontro* de duas eternidades — o vasto passado, cheio de provações e desenganos — e o futuro. Não podemos viver nessas duas eternidades, porém podemos, ao menos, *tentar viver*; e nessa tentativa temos que empregar, num mesmo esfôrço, nosso corpo e nossa mente. A resposta, segundo Estevenson, é viver HOJE.

Naturalmente, o viver hoje, talvez signifique reviver o passado planejando o futuro. Mas não pode haver desculpa para o que faz isso em pânico e de má-vontade. Ao iontrário, temos que pensar nos fatos e dêles procurar tirar proveito.

Hoje, afinal, é o único tempo em que realmente podemos viver. Não devemos consentir, portanto, que se torne motivo para fazer da nossa vida física e mental um verdadeiro inferno, muito preocupados com o futuro. É preciso, também, esquecer os erros ou os reveses de ontem.

Pensemos em como um passeio a pé parece mais curto se nos concentramos apenas no que nos cerca, *no momento;* ou numa árvore ou encruzilhada, pouco além, em vez de pensarmos ùnicamente na meta verdadeira, muitas milhas distante. Da mesma maneira, devemos nos concentrar para a vida de hoje. Assim, inevitàvelmente, teremos melhores amanhãs...

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS:

A primeira coisa que há em tôda casa norte-americana que se respeite é um aspirador elétrico. A escôva, como o espanador, foi pràticamente abolida. Vem, a seguir, ou talvez antes, a frigideira. O tipo de comida norte-americana, a dificuldade de ir ao mercado, obrigada a conservação dos manjares.

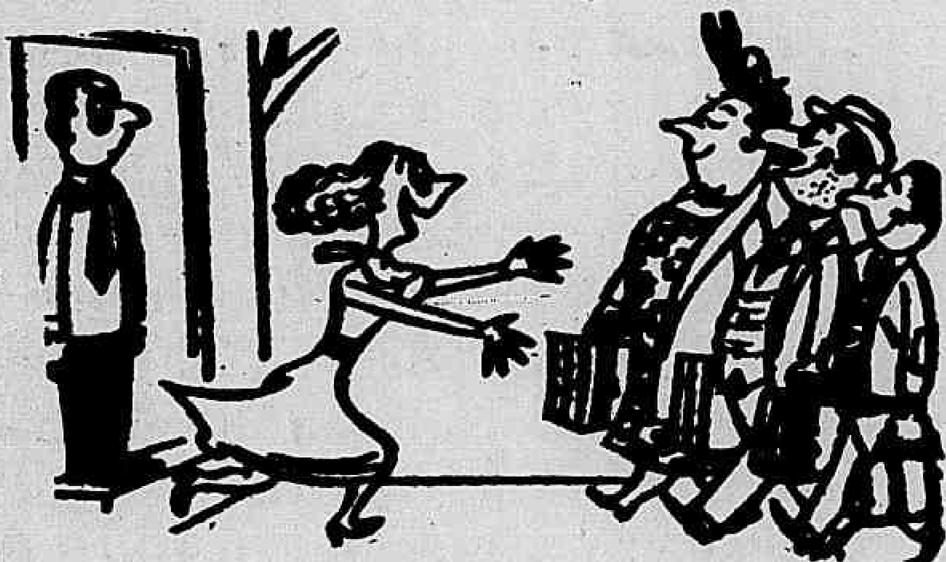
Dos demais elementos que a civilização permite ter, a mulher norte-americana média tem, desde logo, batedeiras auto-



(Preparando a visita de mamãe)
— Quando chega e quanto tempo pretende ficar?

máticas e máquina elétrica para o café. A outra máquina, a de lavar a roupa, é mais difícil, porque é mais cara e, quanto à de lavar os pratos, falta em muitas casas dos Estados Unidos.

A mulher norte-americana reina em sua cozinha, e por uma combinação de como-



(Êle havia dito)
— Não te preocupes, mamãe. Afinal, caso com Gladys e não com sua família...

lidade e prestígio do lugar onde se mantém, a cozinha norte-americana é a parte mais reluzente da casa. O gesto nato dos norte-americanos pelo brilho e o aspecto novo se aliam de bom grado em relação à cozinha. Daí que esta sirva senão de ponto de reunião, pelo menos de lugar onde se faz a primeira refeição e quase sempre se almoça.

Para o jantar é utilizada a parte do "living-room" destinada à principal refeição, separada dêste por uma arcada ou marco retangular, que divide sem separar. Da mesma forma que a norte-americana tem gôsto na escolha da casa, igualmente tem prazer em que a mesa esteja preparada com certo esmêro e, quando celebra alguma festa, é, infalìvelmente, adornada com as clássicas velas. A mulher norte-americana tem orgulho de seu lar e procura torná-lo o mais agradável possível.

Tudo isto, é claro, é questão de trabalho, muito trabalho. Insistimos em que a independência da mulher norte-americana não apenas se baseia nesse princípio atávico da imigração, que fazia de cada mulher um elemento precioso, mas, além disso, no respeito com que seus maridos as vêem lutar contra as circunstâncias adversas de um lar em ordem, de um jantar por fazer, pese a tôdas as conservas, dos filhos a vigiar, porque até aos seis anos não vão ao colégio. O marido, mesmo sabendo que seu trabalho no escritório é duro, reconhece que a espôsa trabalha muito mais. E quando esta lhe pede que fique com as crianças, numa tarde de têrça feira, por exemplo, porque ela tem que ir a uma reunião de amigas — só mulheres — atende ao pedido não só porque "ela" peça, mas porque reconhece que tem todo o direito de abandonar, por algumas horas, as obsessionantes preocupações do lar.

Quanto ao mais, a mulher norte-americana, pegada ao seu lar, encontra, como as outras mulheres, sua maior satisfação em comentar sôbre o que fazem os vizinhos. Se o frio não permite sair para o jardim, a fim de conversar com a senhora do lado, sempre há o recurso do telefone. Êste aparelho, que nas mãos dos homens representa um rápido meio de comunicação comercial, no qual jamais se perdem minutos para palavras de cortesia, representa nas mãos da norte-americana um sistema de fuga, por alguns

A CASA E O SERVIÇO...



minutos, da máquina de lavar roupa, do aspirador elétrico, da batedeira ou do ferro de engomar, que tem que ser olhado, vigiado, além de espreitar o que faz Johnny ou Margaret. O telefone é para ela o sal e a pimenta de uma vida enclausurada.

Há um sintoma que bem demonstra que as mulheres norte-americanas não gostam do lar, mesmo quando estão obrigadas a viver nêle. Referimo-nos ao avental. Quem não tenha estado nos Estados Unidos, talvez o tenha visto nos filmes. A norte-americana odeia o avental. É a insígnia de sua escravidão doméstica. Temos visto, por exemplo, uma mãe de família sair desesperada em busca do filho de dois anos que resolveu fazer

uma viagem experimental pelos arredores de casa, sem aviso prévio. A mãe sai para a rua, nervosíssima, porque há uma linha de bondes próxima e a rua está

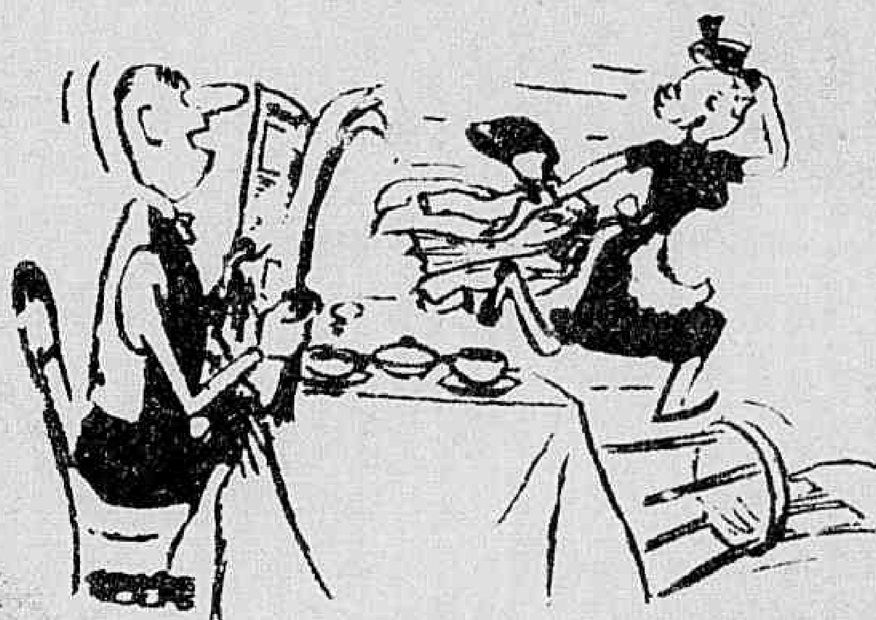


— Não, não me incomoda... Walter, traz a mamadeira... Realmente, foi uma boa surprêsa... Walter, não esqueça o babador...

esburacada, sofrendo reparos. Pois bem: nesse momento de angústia, não se esqueceu de tirar o avental, que usava no interior. Êsse é um costume enraizado e bastante significativo. Não se trata de esconder que estava cuidando de seus afazeres domésticos, por falta de uma criada, como poderia ocorrer aqui ou na Europa. Evidentemente, todos os vizinhos sabem que a criada não existe e, portanto, é lógico que o avental proteja o vestido de dona de casa em suas tarefas. Também não é a vergonha, que seria lógica, sôbre a qualidade de uma prenda caseira, porque nos Estados Unidos têm um gesto especial para tornar agradáveis à vista e ao tato os elementos caseiros. Não se trata disso, mas, apenas, que o avental é o símbolo de sua escravidão social. E a norte-americana não quer que se veja. (Embora se saiba.)

Uma nova dona de casa norte-americana tem que enfrentar uma situação com a qual está familiarizada desde menina, mas que, pela primeira vez, tem sob a sua responsabilidade direta. É o problema do serviço, isto é: do não serviço. Como é sabido, nos Estados Unidos ter uma criada é tão difícil como não ter automóvel. Na realidade, feitos os cálculos, verificamos que uma empregadinha, atendendo aos trabalhos domésticos três vêzes por semana, em horário normal, das oito e meia às dezessete e meia, e almoçando na casa dos patrões, cobrava uma quantia quase igual ao que se paga pela prestação de um automóvel modesto. Muita gente há que, tendo até dois automóveis, jamais pôde possuir uma criada doméstica.

O problema é gravíssimo no norte dos Estados Unidos, onde a industrialização é maior e permite às possíveis domésticas trabalhar por melhor salário e, principalmente, de forma mais independente. No fundo da resistência das norte-americanas a servir existe, implícito, um atavismo: o da humilhação de estar sob ordens alheias dentro de outra casa. Por melhor que seja tratada, é lógico que às empregadas caibam os trabalhos mais pesados que a família não deseja fazer. Dito de outra forma: existe uma tensão nas relações entre patroa e criada que não se encontra entre o dono de uma fábrica e suas operárias, entre um dono de loja e seus caixeiros. As poucas criadas que existem manifestam desde o primeiro momento suas reivindicações e seus desejos de que as relações se estabeleçam com absoluta clareza. Na primeira conversa com a futura patroa não são marcadas as exigências desta, mas sim a da nova fâmula. O horário tem que ser respeitado totalmente. Às seis



— Maria! Maria! A que foi mesmo que eu respondi que «sim»?

da tarde não há quem faça trabalhar uma criada a não ser pagando horas extraordinárias e os dois dias livres que tem por semana, podem ser para alguma recepção

íntima com amigos, ante os quais os donos da casa devem eclipsar-se. O detalhe de usar o abrigo de peles da patroa, em alguma noite que vá ao teatro, não entra, naturalmente, nas condições normais; mas é conveniente facilitar essas coisas, se se deseja conservar essa ave rara, que é uma criada em New York. Sôbre êsse empréstimo da capa de pele, temos uma referência autêntica e comprovada.

O tipo de criada que fala em terceira pessoa, é claro, não existe. Quem tenha dinheiro para isso e se julgue obrigado ou necessite urgentemente de uma empregada, terá que olhar para suas prerrogativas. Como mínimo deverá haver com ela a confiança revelada pelo tipo Hazel, que Ted Koy popularizou nas páginas do "Saturday Evening Post", e que se comporta, com respeito aos patrões, com uma segurança e camaradagem não isenta de afeto e proteção.

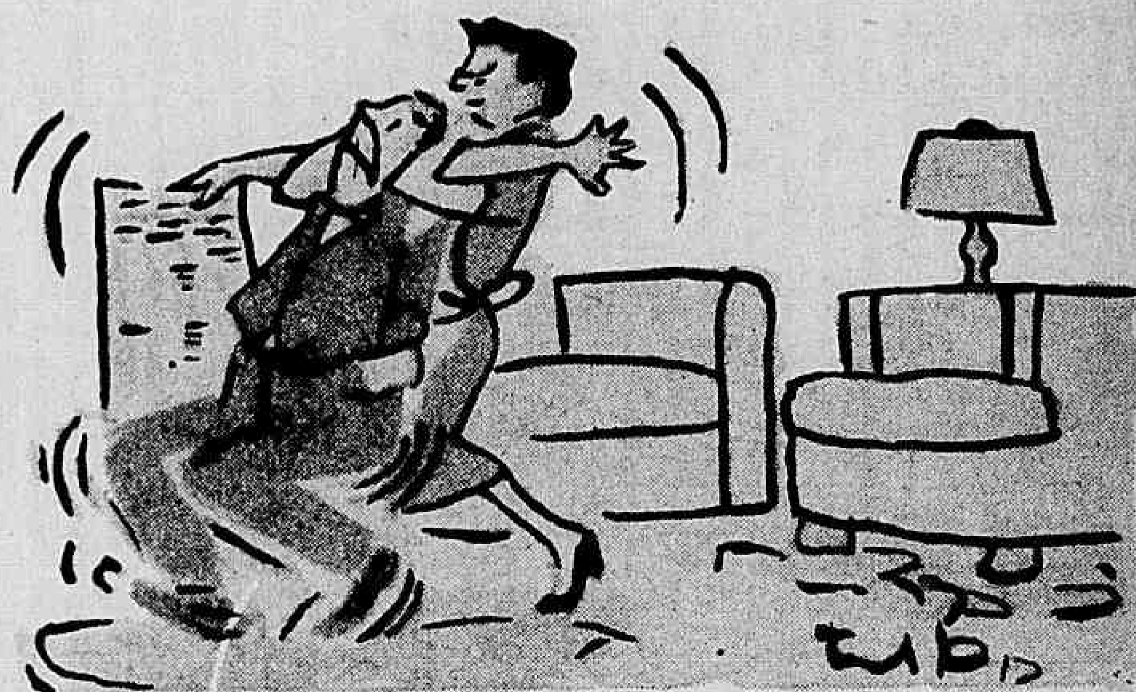
Às vêzes, a criada pode pôr o seu veto a determinadas pessoas que não apreciem como visita e que só poderão ser convidadas quando é seu dia de folga. Outra, porém, é claro que mais raramente, sua exigência é maior, como o caso da pobre senhora submetida a dura escolha entre



— Sim; acabamos de jantar agora, mamãe. Oh! Você sabe. Biscoitos e café. Não. Não tivemos vegetais. Eu sei. Mas não te preocupes. Hein? Oh, sim. Ela faz um doce. Por que está rindo, mamãe? Ha, ha, ha!

os afetos familiares e a dura realidade de prescindir de seu braço direito em casa.

Realmente. É muito difícil ter criadas nos Estados Unidos. Difícil, para não



— Já disse que o almôço está na mesa!

dizer impossível. E, sem elas, a vida é dura. Embora insistam os amantes dos inventos:

— Sim, sim... Mas lá existem máquinas para lavar, sejam pratos, roupas, etc., para aspirar pó, para liquidificar alimentos, para bater bolos...

Isto, porém, se diminui o trabalho, não o soluciona. O norte-americano médio tem uma dificuldade tremenda para resolver seu problema caseiro: é a sua ânsia de independência espacial. Queremos dizer que a máxima aspiração do empregado, grande ou pequeno, é abandonar o quarto de pensão e viver numa casa sua, com um pequeno jardim em redor. Nessa emprêsa é ajudado pelas condições vantajosas das agências vendedoras, que abrem longos prazos de pagamento e, depois da guerra, o próprio Estado muito tem ajudado os ex-combatentes a construir seu ninho. Como ocorre aqui, há indivíduos que compram uma casa que dizem ser sua, mas que, na realidade, está inteirinha por pagar. Segundo os cálculos mais otimistas faltam uns vinte anos para acabar de pagá-la, de forma que serão seus filhos, provàvelmente, os que se beneficiarão com essa compra. Apesar disso, mostram-se satisfeitíssimos com essa corda econômica enrolada no pescoço e que os obriga a diminuir seu trem de vida. Mas permite-

lhes ter uma perspectiva aberta em redor de suas paredes e promover o ruído que quiser.

Esta obsessão deixada isolada custa aos norte-americanos muitas dores físicas em troca de poucas vantagens morais. O tipo médio de mansão, nos Estados Unidos, tem dois andares e porão. (As casas de um só andar são mais caras, porque ocupam mais um terreno, que custa bom dinheiro.) No porão está a máquina de lavar roupa, a caldeira de calefação e a pequena oficina, que todo norte-americano tem em sua casa, para poder enfrentar, com êxito, as reparações caseiras, sem ter que chamar bombeiros, carpinteiros, soldadores, etc. São, assim, três andares que tem que varrer, arrastando de um lado para outro o aspirador; uma quantidade trêmenda de roupa que lavar (os norte-americanos são limpíssimos, como é sabido); roupa para estender fora, no jardim, se o tempo permite ou junto da caldeira; cuidar desta, dar de comer às crianças e ao marido, quando chega do trabalho, zelar pelas provisões...

Desde às sete da manhã até findar a tarde, a dona de casa não pára. Só a essa hora vespertina, quando as crianças vão dormir e já a família jantou, tem descanso. É, então, o "relax" diante da televisão ou com um livro.

Muitas vêzes o repórter se divertia descrevendo-lhe a vida de uma espanhola, italiana, etc., do tipo médio... Ouviam-me como se eu relatasse um conto de fadas, ao mencionar-lhes o café com leite, servido na cama, os meninos levados e acompanhados ao colégio... Outras vêzes, ao contrário, reagiam como norte-americanos, isto é: orgulhosamente. Porque o norte-americano não faz da necessidade virtude: converte-a em orgulho.

— O serviço doméstico é uma incongruência nos tempos modernos. A servidão: o homem servido pelo homem deve desaparecer. Não queremos ter alguém em quem mandar, em nossa casa. Podemos fazer tudo, nós mesmos, e nossa técnica nos ajuda a isso. Não existe exploração humana nos Estados Unidos.

— Belíssimas frases — respondia-lhe o repórter — se fôssem sinceras. O norte-americano não tem criadas porque não pode, não porque não queira. A prova é fácil. Quem pode pagar criados? Os muito ricos os têm. Os que visitam os residentes em Park Avenue são servidos regularmente por mordomos vestindo *fraque* ou *smoking*. E não se diga que êsses pouco privilegiados que têm serviço são *snobs* ansiosos por imitar os europeus e que não representam o espírito do norte-americano médio, porque também é fácil desmentir essa afirmativa.

Há, atualmente, uma situação em que o norte-americano se encontra na possibilidade de ter criados. Estamos fazendo referência aos norte-americanos de serviço na Europa e no resto do mundo, sejam diplomatas, militares, empregados de companhias internacionais, mecânicos, secretários, etc. Todos êles, encontrando um câmbio que permitia ao pequeno salário dos Estados Unidos converter-se em salário elevado, tomam a seu cargo indígenas que lavam, passam, cozinham para êles.

Não podemos encontrar pela Europa ou América do Sul nenhum norte-americano que tenha sustentado a inoportunidade de fazer-se servir. Todos acham normalíssimo êsse recurso. E mesmo multiplicaram êsse serviço pessoal. De tal forma que muitos senadores protestaram contra o "luxo esbanjador" que isso representa. Os atacados, por sua vez, defendem-se, dizendo que, encontrando-se em país estrangeiro e desconhecendo sua língua, necesitam de alguém que vá em seu lugar ao mercado, para evitar serem enganados.

A defesa é ingênua. Além de que o 99% de que os norte-americanos consomem fora de sua pátria procede dela e lhes chega através dos imensos armazéns P.O.X., não se sabe porque cabe imaginar que o alemão, o italiano, o sírio do armazém procurará enganá-lo e que, ao contrário, não o fará o empregado que tem a seu serviço para lidar com aquêles.

Não se trata disso. Trata-se do grande descobrimento do serviço doméstico, que permite afrouxar um pouco a tensão

(*Continua na página* 113)

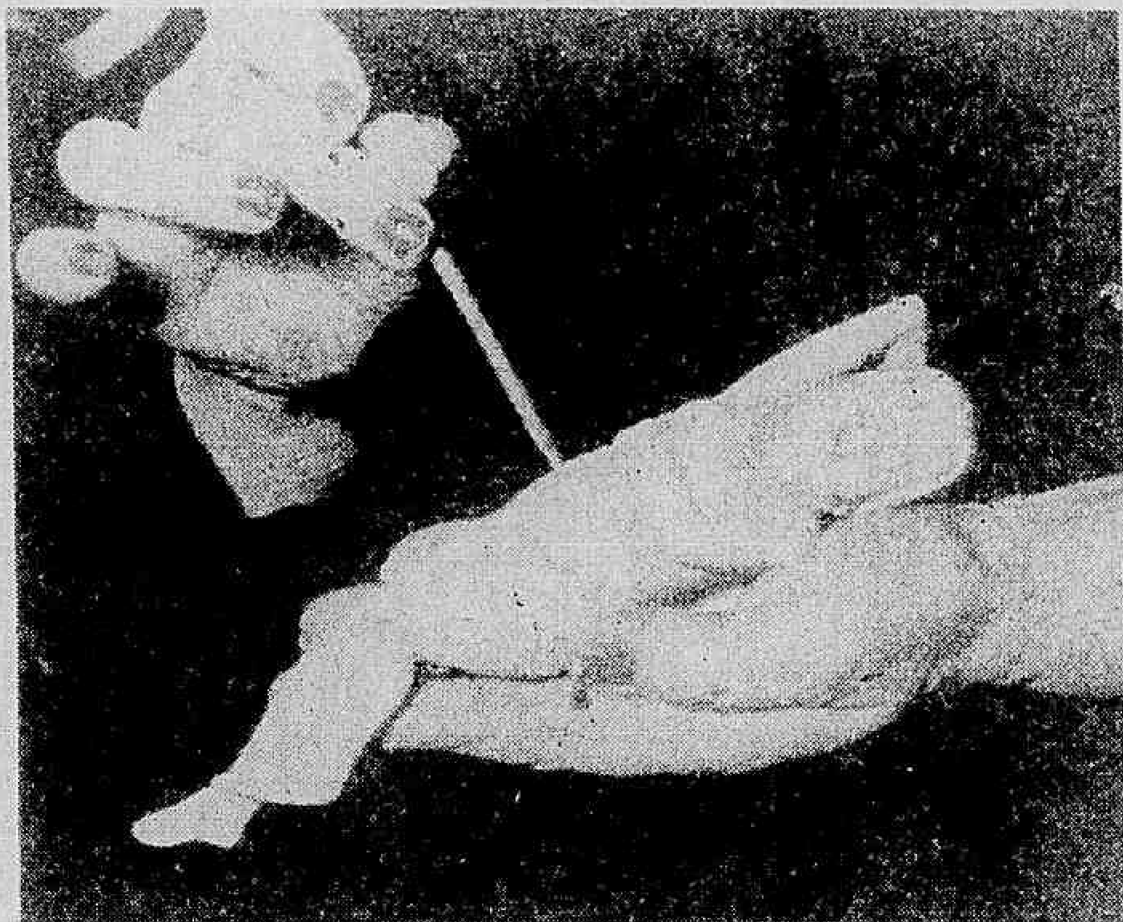


Êsse gesto resume tôda a arte do acupunctor. Enterra, superficialmente, a agulha na pele do paciente, em lugares justos. O efeito da picada é imediato e permite acalmar a dor sob tôdas as formas: ciáticas, enxaquecas, lumbagos e as dores menstruais.

O OCIDENTE ADOTA A ACUPUNCTURA

HÁ um ano, de 22 a 25 de agôsto, realizou-se, em Munich, Alemanha, o 7º Congresso Internacional de Acupunitura. Sob a presidência do dr. Füye, presidente das Sociedades Francesa e Internacional de Acupunctura, mais de cem sábios, representando quinze nações, discutiram sôbre os meios e os limites da acupunctura. Por muito tempo desprezada pela medicina oficial, essa terapêutica milenária alcança hoje sucessivos êxitos, com milhares de doentes. Todavia, a maneira pela qual é apresentada, confundida com alguma forma de ocultismo, arrisca o seu crédito nos meios científicos. A acupunctura não é uma prática misteriosa, nem uma panacéia universal; mas, se sua eficácia foi demonstrada contra um certo número de males, não deixa ela de constituir um assunto interessante e digno de estudo.

A acupunctura é a mais velha medicina do mundo. Há, pelo menos, cinco mil anos que chineses e japonêses a praticam. Apesar disso, aos ouvidos dos ocidentais, tem a ressonância de uma



Como não pode desnudar-se, — mesmo diante do médico — a enfêrma chinesa indica sôbre essa estatueta de marfim, o local onde sente dores.

terapêutica ultramoderna e ainda misteriosa.

Desdenhada por uns, batizada de "medicina miraculosa" por outros, ignorada pela maioria, a acupunctura chega, com dificuldade, a ganhar um caráter oficial na Europa. É, porém, muito eficaz, podendo curar milhares de doentes, conquistando diàriamente novos adeptos.

Podemos explicar essa desconfiança pela dificuldade para um Ocidental de decifrar os textos chineses e porque, para um médico oriental, são sempre estranhas as práticas de seus confrades do Extremo Oriente. Os chineses, por muitos anos, consideraram o missionário ou o médico dos países ocidentais como um ser grosseiro e indigno de estudar a acupunctura. Há apenas uns quarenta anos consentiram em comunicar os textos sagrados que regulam êsse método.

Os trabalhos dos drs. Soulié de Morant e De la Füye permitiram penetrar a fundo os princípios dessa terapêutica.

PICAR A PELE PARA EXPULSAR O MAU GÊNIO DA MOLÉSTIA — Tudo leva leva o médico europeu a opor-se à acupunctura e ao acupunctor oriental. O primeiro vê, acima de tudo, no enfêrmo a enfermidade, que logo procura circunscrever ràpidamente. O segundo, o médico chinês cuida primeiro do homem. Pálpa-o, víra-o para um e outro lado, interroga-o longamente, tenta encontrar a relação que pode existir entre uma dor de cabeça e um incômodo das vias urinárias. Seus remédios são diferentes: antibióticos, poções, pílulas, vacinas, são ordenados em profusão pelo médico ocidental, enquanto que seu confrade asiático faz duas ou três picadas (sem injeção) com finas agulhas metálicas sôbre pontos precisos do corpo do paciente.

A acupunctura tenta ocupar oficialmente seu lugar entre as diferentes terapêuticas modernas, praticadas na Europa e no resto do mundo ocidental. Na França, por exemplo, realizam-se, hoje, consultas regulares de acupunctura no Val-de-Grâce, e no Hospital Cochin. Uma cadeira de medicina chinesa foi criada na Faculdade de Medicina de Paris. O Instituto do Centro de Acupunctura de França dá regularmente cursos teóricos e práticos. O Congresso de Munich entra no quadro de propaganda. Por muito tempo considerada com desconfiança, a acupunctura ganha, dia a dia, mais importância e, dentro de pouco tempo, terá o lugar que parece merecer.

A acupunctura se caracteriza pela utilização diagnóstica e terapêutica dos pontos cutâneos dolorosos.

A utilização *diagnóstica* consiste em procurar os pontos dolorosos sôbre a pele do enfêrmo e cuja sensação penosa, provocada por uma pressão do dedo, é acompanhada por um mal-estar interno. Êsses pontos correspondem a um conjunto de sintomas mórbidos e cujas relações permitem o diagnóstico da enfermidade.

A utilização *terapêutica* consiste, como indica a significação latina da palavra acupunctura (*acus*: agulha; *punctura*: picada) em cravar superficialmente finas agulhas metálicas sôbre os pontos dolorosos encontrados pelo diagnóstico.

A ação dessas agulhas, cujo número varia entre três e dez, é quase imediata. Traduz-se, primeiro, pelo desapareci-

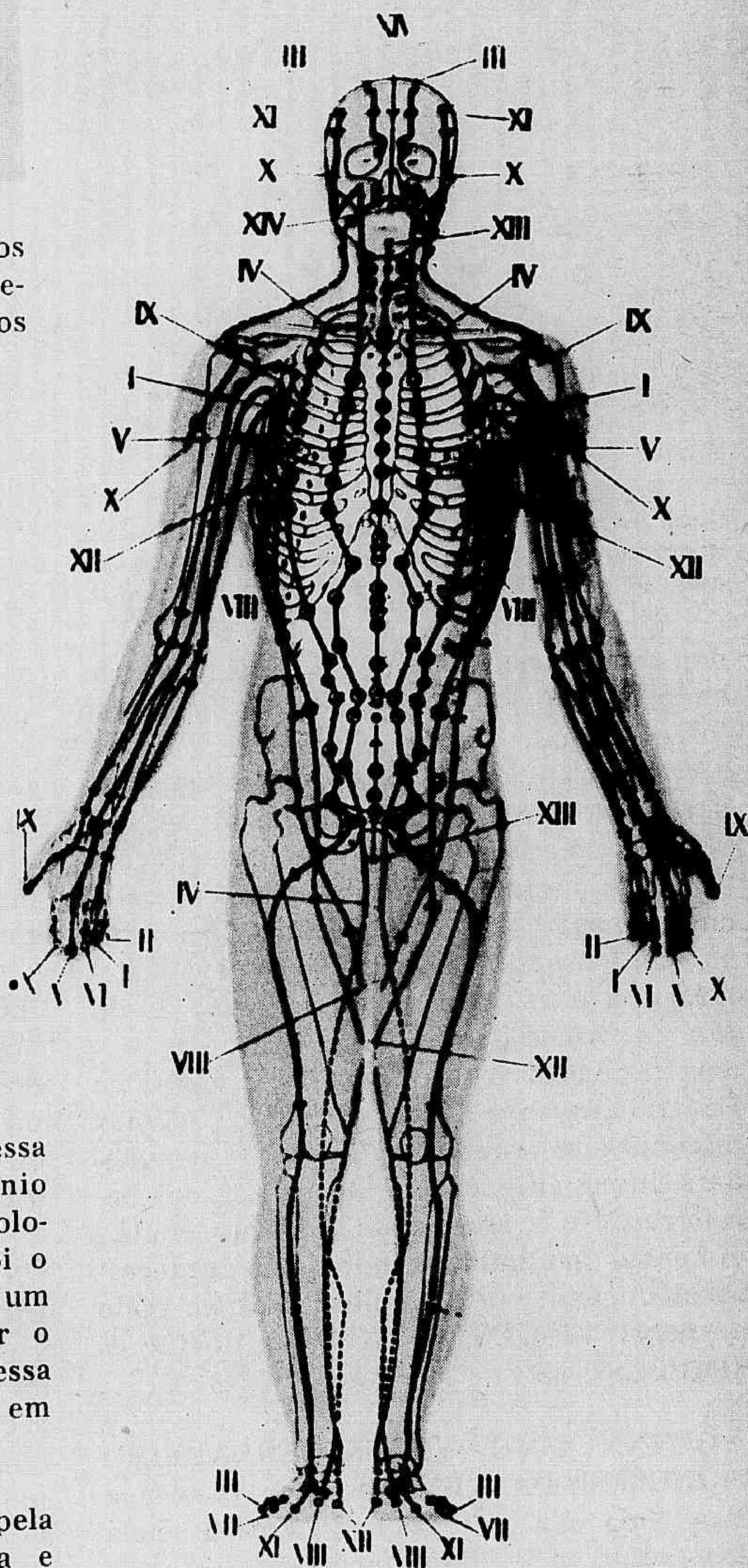
mento do mal-estar que dominava o enfêrmo e, em seguida, por um efeito tônico ou calmante, segundo a parte picada. Disso resulta um pronto retôrno ao bom funcionamento dos diversos órgãos enfermos.

Em suma, a acupunctura é uma medicina do equilíbrio. Tenta restabelecer a harmonia existente entre os diversos órgãos do corpo humano, que foi quebrada pela moléstia. Nos primeiros tempos, os chineses pensaram que essa perturbação era causada por um gênio maligno, que se escondia na parte dolorida do corpo. Seu primeiro gesto foi o de espetar êsse ponto da pele, com um pedaço de silex acerado, para forçar o gênio do mal a sair o mais depressa possível. A acupunctura foi, portanto, em seu início, *uma prática de feiticeiro!*

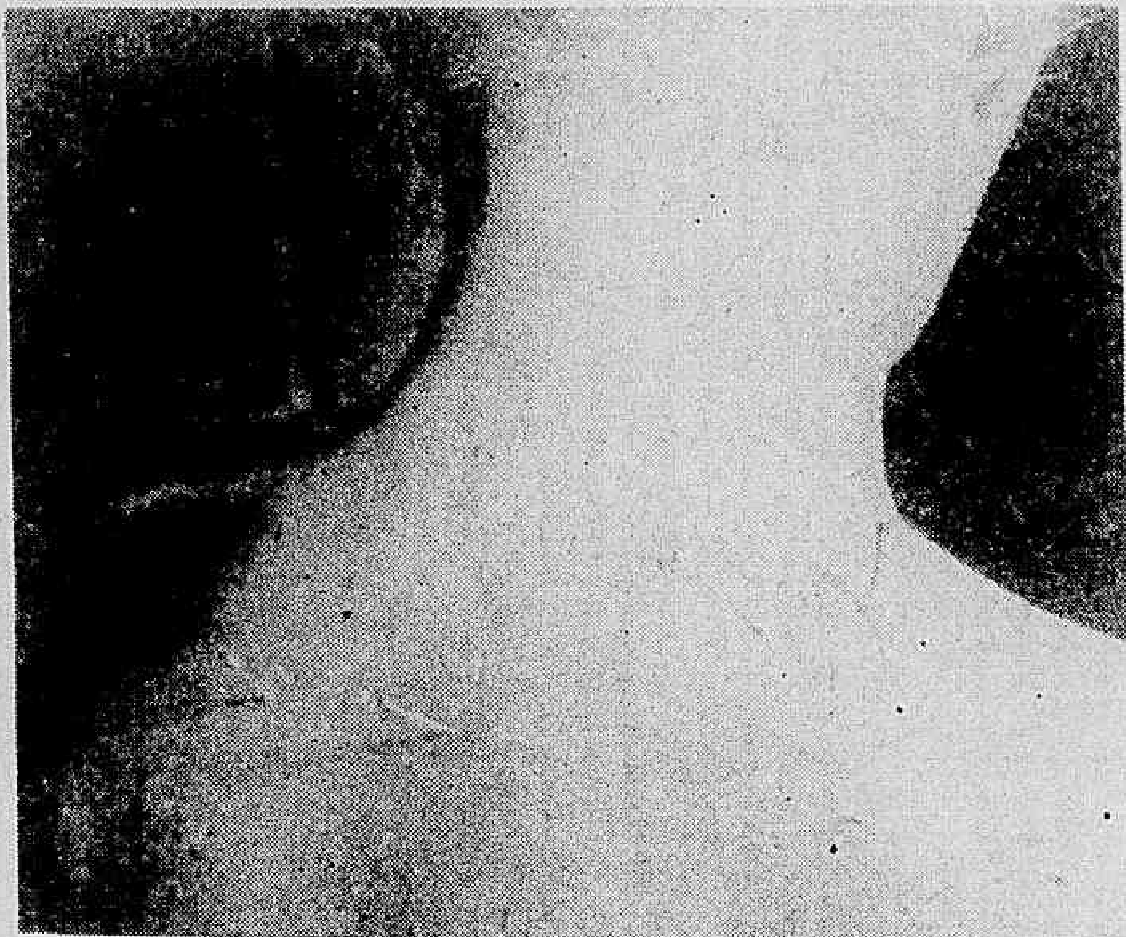
QUARENTA SÉCULOS SEPARAM OS DOIS SISTEMAS DE ACUPUNCTURA, QUE AQUI APRESENTAMOS



No entanto, êsse gesto, inspirado pela superstição, tem uma base científica e conhecida desde a antiguidade. Quando um ponto da pele dói, é suficiente picá-lo superficialmente com um objeto bem pontudo para que a dor desapareça ou diminua. Desde o célebre médico grego, Hipócrates, é sabido que quando duas dores se manifestam, a mais forte suprime a mais fraca. Mas — o que é mais curioso — quando essa dor da pele está ligada ao mal-estar de um órgão interno, seu desaparecimento provocado pela picada, provoca também a cura do órgão enfêrmo.



A picada dos pontos dolorosos de uma sinusite que supura tem por resultado — segundo afirmam os acupunctores — não apenas livrar o enfêrmo de suas dores terríveis, mas ainda deter a supuração



Aqui, o acupunctor trata da asma, pois colocou duas agulhas sôbre o ponto décimo terceiro, que é o Frei—«In» do meridiano da bexiga

dos *sinus* nasais. Há, pois, um corolário entre ponto doloroso cutâneo e mal-estar interno.

A superstição e a observação são, portanto, a base da acupunctura. E foi sòmente depois do abandono das punções de pedra, lá pelo ano 2950, antes de Cristo, em proveito das agulhas metálicas que os médicos chineses aplicaram as misteriosas teorias filosóficas do Yang e do Inn ao organismo humano.

O fundador dessa filosofia é o mestre Fu Hi, que viveu há mais de 30 séculos nas margens tranquilas do mar Vermelho, uma imponente coorte de sábios colaboradores, fêz a síntese de todos os conhecimentos acumulados por seus predecessores durante vinte séculos. E assim pôde descobrir a CAUSA ÚLTIMA, ÚNICA E SIMPLES.

O INN E O YANG, VERDADEIRO PRINCÍPIO DA VIDA — Para chegar a essa lei, Fu Hi se apaixonou pela geomancia, arte divinatória, que os asiáticos praticavam para escolher a localização de sua residência. O chinês vive no Imanente. O essencial a seus olhos é adaptar-se à natureza, orientar a casa que pretende construir no valão escolhido segundo os jogos *de luz e de sombra*.

Impressionado por encontrar em tôdas as coisas essa alternativa da luz e da sombra, Fu Hi deduziu que era o próprio princípio da vida. Suspeitou, então, de seu duplo caráter: um benéfico, outro maléfico. É o que explicou na mais velha escritura da terra, o "Ko-Theu", cujos caracteres são simples bastonetes dispostos de maneira complicada.

"Êsse vaivém regular, origem de tôda vibração que nos faz trabalhar, que faz crescer as fôlhas na primavera e as faz cair no outono, é, realmente, o fenômeno fundamental. O mesmo vaivém e a mesma oposição estão sempre presentes por tôda parte, na natureza. O dia morre. A noite cai. Antes de que a noite fuja, o dia já apareceu. O dia é o começo da noite. Nada, pois, termina; tôdas as coisas estão em perpétuas evoluções, dependentes e no entanto ligadas. O nascimento já é o germe da morte."

Fu-Hi, considerando então que nossa vida não passa de uma ilustração dessa perpétua oscilação universal, dedicou-se a anotar essas inumeráveis oposições em duas categorias. Na primeira, que batizou de Yang, colocou a Plenitude, o Positivo, o Princípio Masculino. No segundo, chamado Inn, o Vazio, o Negativo, o Princípio Feminino.

Concluiu, a seguir, que a natureza íntima do Universo se manifesta pelas atividades positivas do Yang e negativas do Inn. Mas como nada pode ser puramente Yang nem totalmente Inn, há, forçosamente, variadas combinações, numa oscilação das duas fôrças.

O FILÓSOFO CHINÊS CHEGOU À LEI ÚNICA VENERÁVEL — "O Universo é a oscilação das duas atividades do Inn e do Yang — e de suas vicissitudes".

Como o homem faz parte do Universo, está submetido às mesmas leis. Nêle encontramos as mesmas lutas entre Yang e Inn. O equilíbrio entre essas duas fôrças é a saúde. A medicina chinesa não tem outro fim senão o de restabelecer

essa harmonia, quando ela se mostra perturbada.

AS OFICINAS YANG E OS ARMAZÉNS INN DO CORPO HUMANO — Os médicos chineses transferiram essa filosofia cósmica para o plano humano e procuraram saber em que locais do corpo podiam estar escondidas as fôrças do Yang e do Inn. Descobriram, dessa forma, a existência de doze meridianos — série de linhas formadas por pontos — dos quais uns, à flor da pele, são Yang e outros, internos, são Inn. Cada meridiano corresponde a um órgão!

Aqui, comparada a uma usina, a imagem do organismo humano ganha todo seu valor. Numa usina há oficinas que se encarregam da fabricação, isto é, da conversão dos materiais em produtos manufaturados e as reservas onde tais produtos são estocados para, a seguir, ser feita a distribuição.

Mesma organização no corpo humano: oficinas são os órgãos — Yang, cujos meridianos são externos; são em número de seis: estômago, intestino delgado, intestino grosso, vesícula biliar, bexiga e o "triplo esquentador". Êsse sexto *atelier*, que tem a incumbência da "chauffage central" compreende as vias respiratórias, o aparelho digestivo e o sistema genito-urinário, cujas três atividades conjugadas são o calor. A função dos órgãos Yang é a de transformar os materiais tomados ao exterior em Energia Vital.

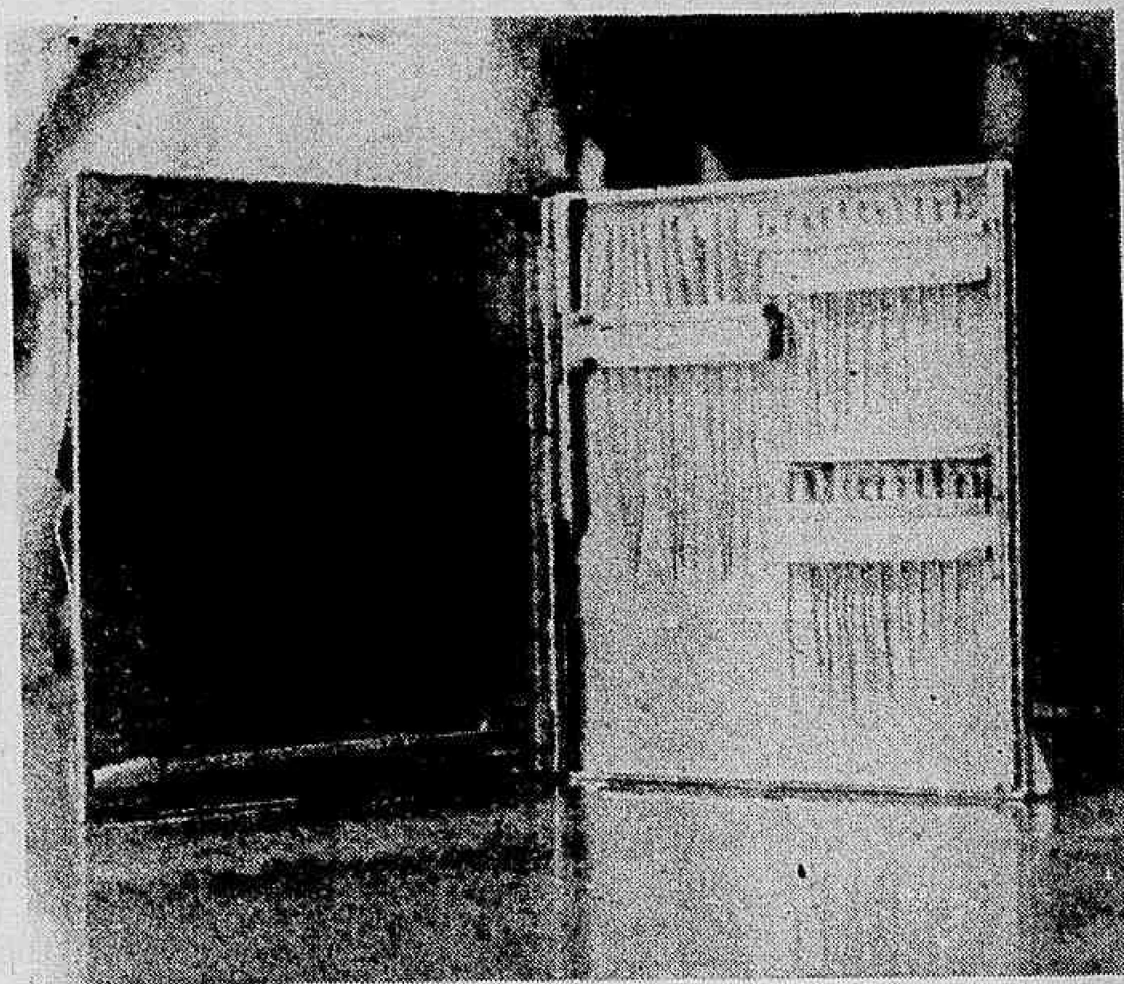
Quanto aos órgãos Inn, cujos meridianos são internos, são encarregados da purificação da Energia Vital de seus armazéns. São em número de seis: coração, pulmões, baço combinado ao pâncreas, o fígado, os rins e o sistema circulatório, ao qual estão ligados os órgãos sexuais. A Energia Vital circula ao longo dêsses meridianos, passando de um para outro, sem interrupção. Além dêsses doze meridianos, os médicos chineses contam a linha anterior ou a "Via da Concepção", que vai do púbis à ponta do queixo, e a linha posterior ou o "Vaso governador", que parte da última vértebra coccigiena até ao meio da gengiva superior.

As duas linhas não correspondem a órgãos, mas a funções: funções sexuais, digestivas e respiratórias, quanto à "Via da Concepção"; e funções nervosas, físicas e cerebrais, para o "Vaso governador".

A Energia Vital é criada e entretida pelos órgãos Yang e Inn. Ora, êsses órgãos são submetidos à lei do Equilíbrio Universal. Enquanto êsse equilíbrio subsiste, tudo funciona bem: estamos de boa saúde.

Mas logo que êsse equilíbrio é quebrado por um excesso de qualquer órgão Yang ou insuficiência de um órgão Inn, surge a moléstia. Ela se manifesta pela dor em certos pontos da pele. O acupunctor restabelecerá essa harmonia, picando êsses pontos com agulhas de ouro ou prata.

Como pode o médico chinês estabelecer o seu diagnóstico? Pelo exame geral do enfêrmo, dos olhos, da epiderme, da bôca, etc. Terá assim formada uma opinião sôbre o paciente. Pelo exame do pulso, entretanto, é que firma realmente o diagnóstico. Êsses "pulsos", em número de 14, foram descobertos há 2.300 anos por um dos maiores acupunctores chineses: Pen Ch'Iao. Pelo exame dêsses pulsos, que estão em relação com todos os órgãos, é que o médico chinês reconhece o desequilíbrio anunciador de uma



Eis a caixa de medicamentos de um acupunctor

enfermidade próxima ou indicador de uma enfermidade existente.

Êsses 14 pulsos se encontram espalhados entre os dois pulsos pròpriamente ditos.

a) punho direito:

— Entre a apófise radial e o punho: em superfície, o intestino delgado (Yang);

em profundidade, o coração (Inn).

— No nível da apófise radial: na superfície, a vesícula biliar (Yang); em profundidade, o fígado (Inn).

— Acima da apófise radial: na superfície, a bexiga (Yang); em profundidade, os rins (Inn).

b) Punho esquerdo:

— Entre a apófise radial e o punho: na superfície, o intestino grosso (Yang); em profundidade, os pulmões (Inn).

— No nível da apófise radial: na superfície, o estômago (Yang); no nível médio, o pâncreas; em profundidade, o baço (Inn, os dois últimos).

— Abaixo da apófise radial: na superfície, o triplo esquentador (Yang); no nível médio o sistema circulatório (Inn); em profundidade, os órgãos sexuais (Inn).

Examinando escrupulosamente êsses pulsos, o acupunctor determina o excesso ou a carência do órgão enfêrmo e espeta êsse ponto com uma agulha de ouro, para tonificá-lo, de prata, para acalmá-lo. Naturalmente que a palpação dêsses pulsos exige uma grande habilidade e muita prática.

Que se pode curar com a acupunctura? Devemos, antes de tudo, dizer que a acupunctura é empregada no Extremo Oriente como meio preventivo, dirigido contra uma moléstia futura e, a seguir, que as grandes enfermidades microbianas, além de outros (câncer, tuberculose), não podem ser tratadas com a acunpunctura, salvo no que se relaciona com o elemento doloroso ou psíquico, que pode ser em geral melhorado.

Ao contrário, a acunpunctura é eficaz para o tratamento da dor sob tôdas as formas (ciáticas, enxaquecas, lumbagos, dores menstruais, nevrálgicas, etc). Sua ação é decisiva contra os espasmos, as contrações e, em geral, contra as perturbações funcionais. Quanto a certas perturbações lesionais (úlceras do estômago, sinusites, certas formas de surdez), as agulhas agem indiretamente e favoràvelmente em grande número de casos.

A CIÊNCIA MODERNA EM BUSCA DE UMA MEDICINA MILENARIA — Em 1923, de fato, o iélebre fisiologista inglês Sir Mackenzie publicava uma obra, agora considerada clássica: "Os Sintomas e Sua Interpretação", fruto de seus vinte anos de trabalho sôbre a dor.

Estabelecia de maneira indiscutível a existência de uma relação entre um ponto dolorido da pele e uma lesão num órgão interno. E depois de uma série de experiências, provava que "os pontos cutâneos doloridos são a expressão terminal afastada de tal ou tal órgão. As zonas viscerais se projetam de alguma maneira sôbre a superfície cutânea pelo intermediário de seus pontos doloridos."

Por sua vez, 4.000 anos depois dos chineses, os ocidentais provavam, de maneira peremptória e científica, que sôbre a pele se lê o reflexo da dor dos órgãos internos. Assim é que uma angina do peito se manifesta por uma dor no ombro, irradiando ao longo do braço e do antebraço, até o dedo menor.

Então surgiu novo problema. Por que processo, a picada cutânea de uma agulha pode ter uma ação eficaz sôbre um órgão afastado? Porque uma picada sôbre o joelho age sôbre o fígado? A resposta é dada pela electroquímica e a embriologia.

Sabe-se que os metais, segundo sua natureza, são bons ou maus condutores de eletricidade e que, numa experiência de eletrólise, um anode de ouro exige mais corrente que um anode de metal branco (platina ou prata). Enterrada no corpo humano, que é percorrido por uma corrente electromagnética, uma agulha metálica tem, obrigatòriamente, uma ação que é tônica, se fôr de ouro, e calmante, se fôr de platina.

Por outro lado, admite-se, hoje, que a formação do embrião tem uma origem similar para as células cutâneas e as células nervosas da moela espinhal.

É provável que os outros órgãos internos tenham, todos, uma correspondência com uma zona precisa da pele, no estado embriológico.

Explicação discutível e um tanto confusa, certamente. Mas devemos aceitá-la assim mesmo, esperando que se conheça melhor o meio de ação da acupunctura.

MARAVILHAS DA CIÊNCIA:

DESAFIANDO A VELOCIDADE DA LUZ

O LIMITE DE TODOS OS MOVIMENTOS DO COSMOS

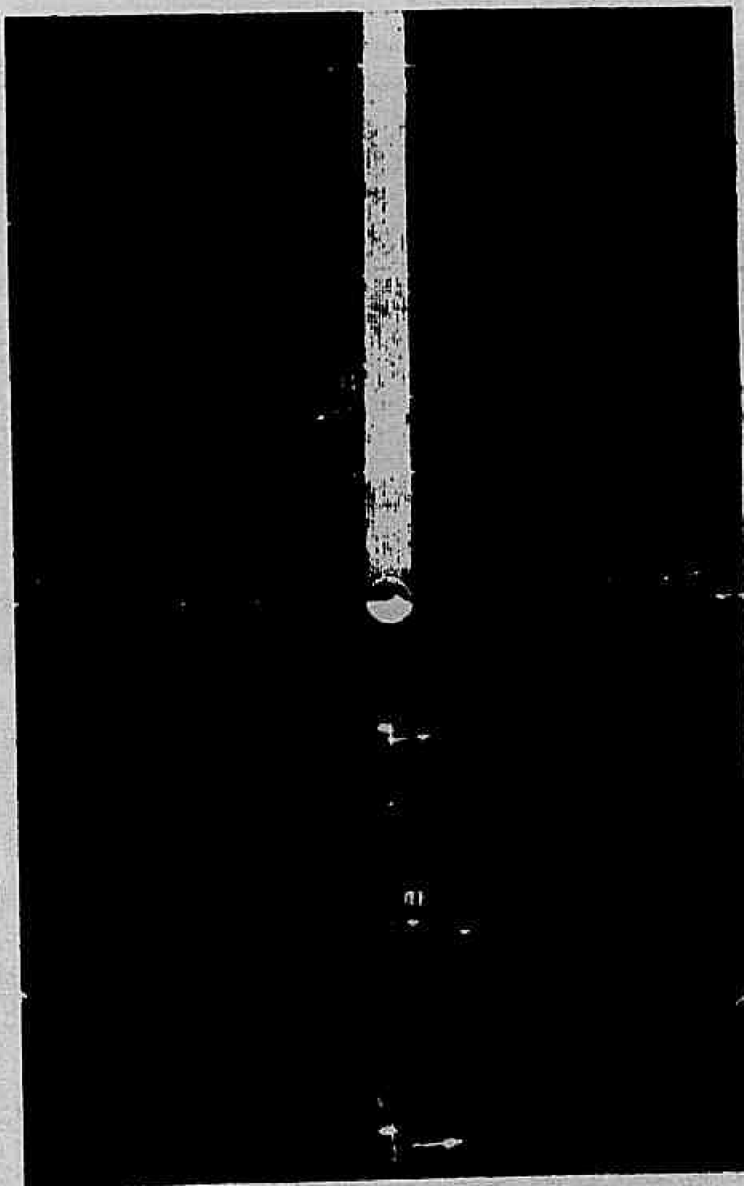
Por DE MATTOS PINTO

NUNCA se pode prever o alcance científico e filosófico de uma descoberta, no conjunto dos outros fenômenos dispersos do Cosmos, ou mesmo aparentemente isolada. Só o futuro revelará sua projeção no encadeamento das teorias e seu reflexo nas vindouras doutrinas da física, da química, da matemática e da geologia. O limite da velocidade da luz, que Ole Roemer estabeleceu no século XVII, graças aos eclipses dos satélites de Júpiter, adquiriu primordialmente importância e passou a constituir a base de várias pesquisas, como a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. A propagação das ondas luminosas, cujo estudo François Arago considerava o problema mais transcendente da física e da astronomia, oferece um aspecto todo especial na filosofia científica do século XX.

Ao seu vertiginoso poder de viajar, indo e regressando à Lua, em menos de três segundos, transpondo a distância entre o Sol e a Terra em 8 minutos e 13 segundos, deve a sabedoria humana ensinamentos preciosos, que Albert Einstein soube compreender e apreciar na concepção da sua matemática relativista. Fenômeno mais veloz do Universo, a luz encanta os olhos com os matizes das côres e ilustra o espírito com a variedade dos efeitos cósmicos.



O físico e matemático René Descartes supunha que a luz se propagava instantâneamente; mas, com a invenção do telescópio, ficou provado que a extraordinária velocidade da luz tem um limite.



Júpiter e a órbita dos seus quatro primeiros satélites. Quando os satélites entram no cone da sombra do planêta, ficam eclipsados para o observador terrestre. Pela diferença de tempo entre o intervalo de eclipse de um mesmo satélite, o astrônomo dinamarquês Ole Roemer calculou a velocidade da luz.

COMO SE PROCESSAM AS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

— Planêta observado por Galileo Gallilei, que lhe aplicou os seus legendários instrumentos óticos, com o diâmetro onze vêzes superior ao diâmetro da Terra, distando do Sol setecentos e setenta e sete milhões e duzentos e sessenta e oito quilômetros, Júpiter serviu para determinar pela primeira vez o limite da propagação da luz. Galileo Gallilei descobriu, em 7 de janeiro de 1610, os três primeiros satélites de Júpiter, conhecidos como Io, Europa e Ganymede, com telescópios de sua própria construção, satélites que hoje sobem ao total de nove.

Revelando-os aos astrônomos, Galileu notou que os mesmos mudavam sempre de posição, não apenas entre si, mas relativamente ao planêta, desaparecendo várias vêzes, para reaparecer periòdicamente. Os quatro satélites de Júpiter, designados pelos nomes de Io, Europa, Ganymede e Calisto, descrevem revoluções quase circulares, muito próximas do plano da órbita do planêta. Girando em tôrno de Júpiter, ocorre frequentemente, que penetram no cone da sombra projetada pelo planêta no espaço e ficam eclipsados.

Em 1666, meio século após a descoberta de Galileu, inesquecível na história da astronomia pelo uso dos seus telescópios, Jean-Dominique Cassini publicou as tábuas dos eclipses dos satélites jupiterianos, com dados bas-



O grande astrônomo Jean-Dominique Cassini preparou as tábuas dos eclipses dos satélites de Júpiter. Foi graças a êsses cálculos que o astrônomo dinamarquês Ole Roemer estabeleceu o limite da velocidade da luz no espaço interplanetário.

tante rigorosos. Durante o ano de Júpiter, equivalendo ao período de doze anos terrestres, sucedem quatro mil e quatrocentos eclipses. Na Terra, essa cifra indicaria trezentos e sessenta e seis fenômenos por ano, um fenômeno todos os dias. Os dois satélites mais vizinhos, Io e Europa, como também o quinto satélite descoberto por Edward Emerson Barnard, no Observatório de Lick, atravessam a sombra em cada revolução, que executam sôbre o planêta central. Há mesmo ocasiões em que tôdas as luas dêsse mundo celeste desaparecem e Júpiter fica sem satélite algum. Pela primeira vez, Galileu observou tal fenômeno em 15 de março de 1611.

Com a publicação das tábuas de Jean-Dominique Cassini, que corrigiram os dados anteriores do astrônomo italiano Vicente Renieri, a previsão dos eclipses se estabeleceu regularmente, permitindo obter resultados desconhecidos, até aquela época. Ora, a observação astronômica do fenômeno indicou uma curiosa anomalia, consistindo na diferença de tempo, no intervalo entre dois eclipses de um mesmo satélite. A duração dos intervalos aumentava e diminuía, quando Júpiter se afastava e quando se aproximava da Terra. Isso aturdia muito os filósofos do século XVII, porque admitiam a propagação instantânea das ondas luminosas.

O geômetra e filósofo René Descartes, que rejeitava a idéia do vácuo na natureza e almejava submeter tôda a ciência à matemática, patrocinava essa teoria, cuja veracidade vinha de ser desmentida pelos eclipses dos satélites de Júpiter. Se reconheciam a suposição cartesiana como autêntica, como explicar a diferença do intervalo entre os eclipses? A dúvida se fixou nos espíritos e com a certeza da contradição entre os fatos e a teoria, veio a perspectiva de uma nova verdade a descobrir.

Em 1675, contrariando a opinião de René Descartes, o astrônomo dinamarquês Ole Roemer atribuiu à velocidade da Luz a causa da irregularidade do fenômeno. Se quando se encontram em oposição a Terra e Júpiter, os eclipses transcorriam com o atraso de dezesseis minutos e vinte e seis segundos, sôbre a hora predita pelas tábuas de J. D. Cassini, isso se devia, justamente, porque a luz gastava êsse tempo, percorrendo o diâmetro da órbita terrestre, ou sejam três bilhões de quilômetros. Provaram os cálculos de Ole Roemer, astrônomo relacionado com Isaac Newton, Edmund Halley e John Flamsteed, lecionando na Universidade de Copenhague, que a propagação da luz não se opera instantâneamente, nem ilimitada se manifesta a sua velocidade no espaço interplanetário.

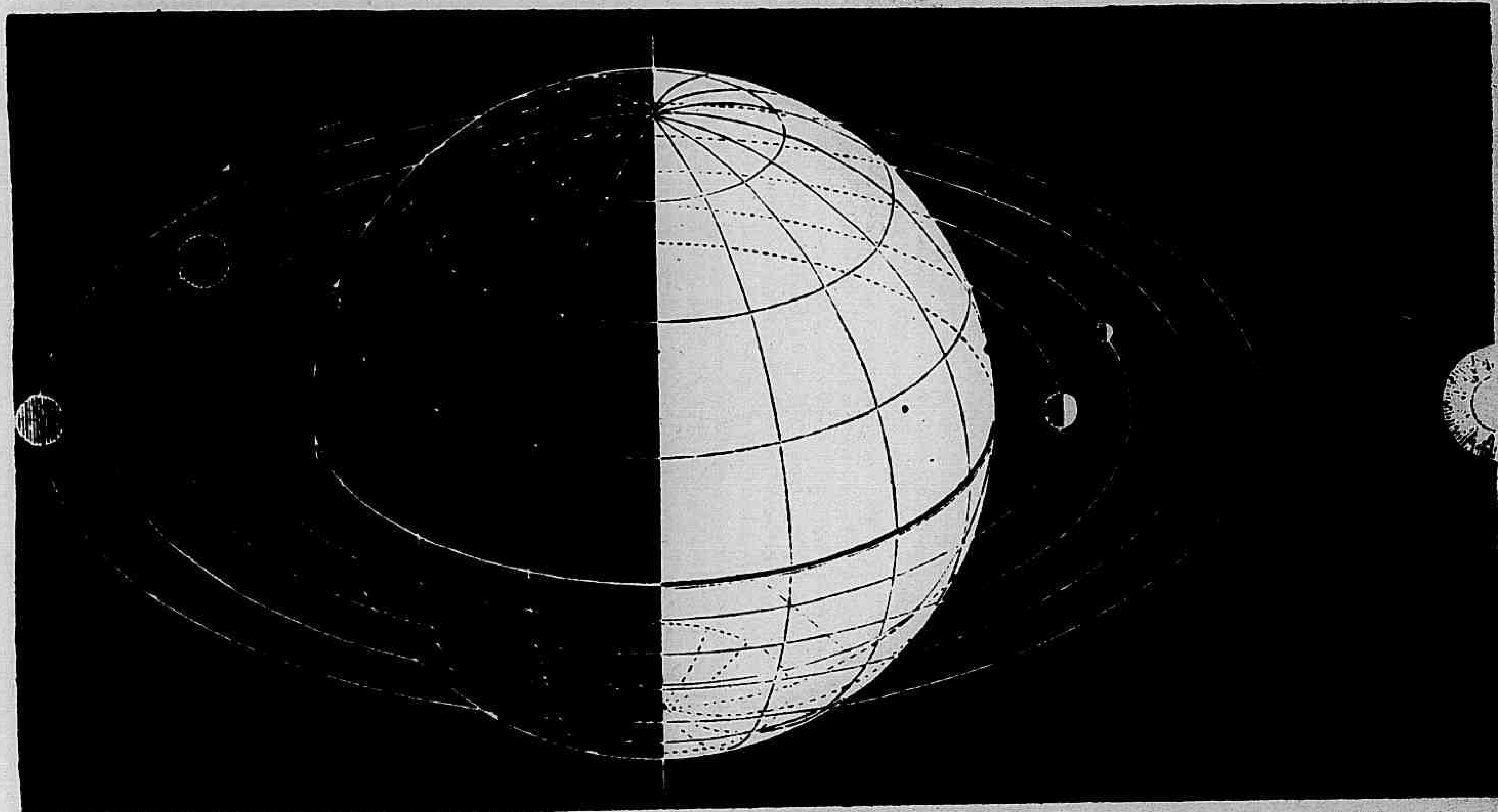
Leva oito minutos e treze segundos para transpor a distância, que separa o Sol da Terra. A velocidade da luz, verificada pelo astrônomo dinamarquês Ole Roemer, alcança a cifra de trezentos e vinte e sete mil quilômetros por segundo. Sempre incomparável e exata, a mecânica celeste fornecia a primeira determinação do limite da propagação das ondas luminosas.

O DESLOCAMENTO DOS ASTROS LONGÍNQUOS

O telescópio abrira novas possibilidades na ciência do céu, tornando visíveis astros e nebulosas, cuja existência mal

adivinhava. A evolução dos instrumentos óticos reservava à astronomia o privilégio de contribuir mais uma vez para fixar em algarismos rigorosos, a velocidade do fenômeno mais rápido e mais sutil do Universo.

A contemplação meticulosa do panorama sideral, onde os corpos celestes parecem imóveis, levou os astrônomos à descoberta do movimento das estrêlas, através das suas posições aparentes. Edmund Halley admitiu, em 1718, que as ascensões e delineações notadas nas



Io, Europa, Ganymede e Calisto, os quatro primeiros satélites de Júpiter, descobertos por Galileu, descrevem suas órbitas em volta do planêta. Pelos eclipses dos satélites de Júpiter, o astrônomo dinamarquês Ole Roemer pôde calcular — no século XVII — a velocidade da luz, de primordial importância.

estrêlas Aldebaran, Arcturus e Sírius, provinham dos seus deslocamentos.

Sabemos, agora, que a velocidade de Aldebaran, estrêla distante da Terra mais de trinta e dois anos-luz, eleva-se a quarenta e oito quilômetros por segundo. O nosso Sol, uma estrêla como outra qualquer da Via-Láctea, desloca-se com a velocidade de doze quilômetros por segundo, na direção da Constelação de Hércules, no Hemisfério Norte, arrastando consigo todo o sistema planetário.

Estudando a posição das estrêlas, meio século depois das observações de Ole Roemer, sôbre os eclipses dos satélites de Júpiter, o astrônomo inglês James Bradley formulou a lei do fenômeno da aberração da luz, pela qual se obteve novo conhecimento da velocidade dos raios luminosos. Na evolução da ciência, uma descoberta prepara outra e estende o campo dos conhecimentos humanos para outras novidades intelectuais. Durante vários anos, James Bradley meditava nas causas complexas do fenômeno, quando o acaso revelou a lei profunda, que tanto enriqueceu o domínio da astronomia.

Procurava descobrir o deslocamento dos astros em virtude da revolução anual da Terra. Com a atenção concentrada nesse alvo, veio a notar o desvio de tôdas as estrêlas, na mesma direção perpendicular da abóbada celeste. Sem poder elucidar a anomalia, refletiu muito tempo até que as circunstâncias inspiraram-no.

O fato passou-se às margens do Rio Tâmisa, observando a travessia dos barcos que saíam e entravam. Olhava as bandeirolas do navio e notou que as suas posições variavam muito, quando os barcos mudavam de rota e quando ficavam em repouso.

Essa simples circunstância, que passaria despercebida a outro espírito menos sagaz, conduziu James Bradley à descoberta do fenômeno da aberração das ondas luminosas. A bandeirola do navio volta-se para a pôpa se o navio marcha



COPÉRNICO — Retrato da Coleção Rapperswill, de propriedade da Biblioteca Nacional de Varsóvia.

e se não há vento, em virtude da resistência da atmosfera. O barco se encontrando em repouso e o vento soprando, a bandeirola se dirige em sentido contrário à corrente de ar.

No caso em que o vento sopra e o navio se desloca, a bandeira toma uma posição intermediária, determinada pela velocidade do vento. Daí, concluiu James Bradley que o movimento de translação do globo terrestre e o movimento da luz produziam, combinados, o fenômeno da aberração.

Assim se solucionou um dos mais sugestivos problemas da astronomia sideral, que hoje serve de elemento teórico na filosofia da relatividade, de Albert Einstein.

O observador examinando uma estrêla veria o astro na sua posição real e exata, se a Terra se mantivesse imóvel e com a mesma o astrônomo, que observa no telescópio do observatório. Sucede, porém, que o nosso planêta descreve a sua órbita em volta do Sol e arrasta consigo o observador, que deixa de receber o raio luminoso na fase primária. Eis o fenômeno descoberto por James Bradley, consistindo na mudança de posição real dos astros, por uma atitude aparente no panorama celeste.

A vida quotidiana oferece uma pitoresca comparação dêsse fenômeno, nos dias de chuva e de forte ventania, quando nos vemos obrigados a inclinar o guarda-chuva, em virtude do leslocamento do ar e da velocidade do nosso corpo. Em repouso, colocamos o guarda-chuva em sentido vertical e em movimento pomos em sentido lateral, com um desvio tanto mais sensível, quanto maior a resistência oposta pela atmosfera.

Compreenderemos melhor, sabendo que a velocidade do globo terrestre em volta do seu eixo atinge quinhentos metros por segundo' na linha do equador. A velocidade de translação da Terra sôbre a sua órbita excede muito êsse algarismo, marcando trinta quilômetros por segundo.

Mais rigorosamente, vinte e nove mil e setecentos e sessenta e três metros por segundo, ou sejam, cento e sete mil e cento e cinquenta metros por hora.

A velocidade de translação do nosso planêta engloba dois milhões e quinhentos e setenta e dois mil metros por dia, o que passa a ser novecentos e trinta e nove milhões e duzentos e cinquenta mil metros por ano. Verificou assim James Bradley, que posição aparente das estrêlas resulta da velocidade da luz, combinada com a velocidade da Terra, na sua revolução em tôrno do Sol. Por outra maneira, consiste o fenômeno da aberração da luz, em que o ôlho humano vê os astros em pontos diferentes da abóbada celeste, daqueles onde deveriam ser vistos, em virtude da propagação da luz e do movimento da Terra.

VAI NASCER UMA TEORIA REVOLUCIONÁRIA — Pelo fenômeno da aberração, concluiu James Bradley que o movimento anual da Terra, no seu giro em volta do Sol, manifesta-se dez mil vêzes menos veloz, do que a vertiginosa propagação das ondas luminosas.

Revelaram ainda os cálculos, que os raios da luz gastam oito minutos e treze segundos para atravessar a distância entre

o Sol e a Terra. Assim, por um método completamente diverso, o astrônomo inglês James Bradley obteve quase as mesmas cifras do astrônomo dinamarquês Ole Roemer, na observação dos eclipses dos satélites de Júpiter.

Os cálculos de Ole Roemer atribuem à luz a velocidade de trezentos e vinte e sete mil quilômetros por segundo e os cálculos de James Bradley fixam a velocidade em duzentos e noventa e oito mil quilômetros por segundo.

Há sempre diferenças de cifras nos algarismos atribuídos a Roemer e a Bradley, provenientes da incorreção dos instrumentos e de cálculo.

O físico francês Armand Hippolyte Louis Fizeau executou também medidas da velocidade da luz, por métodos puramente terrestres.

Supõe-se, com Boutaric, que no século XVII, não se conhecia perfeitamente o diâmetro da órbita terrestre. Depois dessas medidas astronômicas, muitas outras se executaram até à hora clássica do físico norte-americano Albert Abraham Michelson, a quem a física experimental deve os últimos conhecimentos sôbre a velocidade da luz e sôbre o vento do éter, que constituem os problemas palpitantes da ciência.



De tôdas as estrêlas que mudaram de brilho, a mais memorável foi a que, em 1572, adquiriu sùbitamente uma tal luz (fenômeno eruptivo) que eclipsou tôdas as suas irmãs do firmamento, tornando-se visível mesmo ao meio-dia. Foi observada por Tycho-Brahé.

Pelo fenômeno da interferência da luz, Albert Abraham Michelson determinou o diâmetro da "Estrela Beteljosa" em duzentos e sessenta e sete milhões de milhas.

O prof. Albert Einstein impôs a velocidade da luz como um dos princípios fundamentais da Teoria da Relatividade, estabelecendo que nenhum outro corpo pode superar a velocidade das ondas luminosas, que passa a ser considerada o limite de todos os movimentos do Cosmos.

O gênio universal recolhe as verdades isoladas, despoja as teorias dos seus erros, entralaça os fatos e impulsiona a marcha do espírito humano.

Sòmente êles dois, Chuck
quela estranha luta. — "Sim.
o campeão — embora pre

CHUCK Weaver tinha só 32 anos, mas parecia mais velho. Parecia tão mais velho que ninguém, nos arredores do *quartel-general* do jovem campeão prestou qualquer atenção quando êle passeou pela sala. Sabiam, é claro, que êle era um lutador, porque tinha a orelha deformada e o nariz achatado e torto, além de uma cicatriz no canto de um dos olhos.

Apesar disso sempre houve gente mais curiosa, indivíduos que ficam pelos

DESAFIO

De OCTAVUS

"ginásios", querendo saber *tudo sôbre tudo* e que o interrogaram.

O velho de trinta e dois anos disse-lhes que era Chuck Weaver e êles repetiram, intrigados: — "Chuck Weaver?". Uns tinham ouvido falar sôbre êle. Outros não. A verdade era que Chuck estivera três anos fora do ringue e outros três no Exército, antes disso — e seis anos quase significam "sempre", na vida de um lutador.

Ao contrário, eram todos interessados nos movimentos de Jimmy Wil-



Chuck receava que Jimmy tentasse «bombardeá-lo». Mas, afinal, aquilo era uma luta real.

Jimmy sabiam as razões da-
Lutarei com você — disse
ferisse morrer a fazer isso!"

son. Êste era um rapaz brilhante e simpático! Os cronistas o qualificavam num mesmo plano de Benny Leonard e Joe Gans, que eram a nata dos veteranos pesos-leves. Tudo estava em relativa calma, antes de que Jimmy em pessoa surgisse do vestiário. Era forte, elástico, atlético e louro e não adquirira ainda nenhuma das feias marcas de sua profissão.

Conversava com seu "manager", quando viu Chuck. Imediatamente,

ACEITO

ROY COHEN

com uma exclamação de surprêsa, atravessou a sala e foi bater vigorosamente uma palmada nas costas de Chuck, rodeando-o como um dançarino, a fim de observá-lo de todos os lados, como quem admira um velho automóvel, e acabou declarando que gostaria de ver Chuck outra vez. Os presentes, que tudo viam, pareceram interessados com essa repentina curiosidade de Jimmy.

Jimmy quis saber onde Chuck tinha andado todo êsse tempo e Chuck respondeu, displicentemente,





Uma voz feminina subiu, histérica, dominando tôdas as outras. «Acabe com êle! Acabe com êle!»

POR QUE NÃO FAZEM?

— Envólucros e protetores para pães de fôrma, sanduíches, etc., com dispositivo para abrir tão fácil como o empregado para certos maços de cigarro?

— Peças de cartolina, nos tamanhos «standards", go-



madas em três lados, para dobrar e prender em paredes e portas e assim servir de «bolsos» para negativos nos laboratórios fotográficos?

— Peças de papel de lixa, de diferentes formas e tamanhos, para colar na base dos pratos ornamentais, nos móveis da sala, e outros objetos que sempre estão escorregando do lugar devido?

— Tiras de espuma de borracha ou de lã de nylon, para substituir o fêltro que forra as teclas de um piano e que sempre estão sendo atacados pelo cupim?

— Discos gravados com



ruídos de chuva, queda dágua, riachos, etc., para tornar mais fácil e agradável o dormir?

que andara "aqui e ali". Jimmy afirmou que êle tinha boa aparência e Chuck disse que estava em boa forma. Porém, a maneira como disse isso, levou Jimmy a observá-lo outra vez e a abanar a cabeça.

Pouco depois, o jovem campeão declarava a seu "manager" que pretendia jantar com Chuck e, de fato, minutos depois estavam os dois sentados num restaurante diante de um bom prato, do qual Jimmy não deixou migalha. E, por sua vez, teve a impressão de que aquêle era o primeiro bife *de verdade* que Chuck comia nestes últimos anos.

Mas, já agora, Chuck terminava sua refeição. Atrasara-se um pouco, talvez para apreciar melhor. Depois, recostando-se na cadeira, perguntou:

— Você está abrindo caminho, eh? — disse isso com um sorriso paternal e depois concluiu. — Tem bom físico para isso.

— E a quem devo tudo? A você! A você, que sempre me animava. Todo aquêle ano em que servimos no mesmo batalhão, você me animou. Gostaria de fazer alguma coisa por você, agora...

— E bem que pode...

— Esplêndido! Pode dizer, que logo farei.

— Você talvez não goste...

— De que se trata?

CHUCK foi cauteloso: — Você está para iniciar uma "tournée", não é mesmo, Jimmy? Pretende visitar pequenas cidades, realizando lutas com indivíduos de qualquer pêso, sem título em jôgo... Não é isso? Não se arriscará e, ao mesmo tempo, treinará e ganhará bom dinheiro...

— Sim, sim... No momento, segundo você deve saber, não há nenhum real contendor para lutar comigo, e...

— Não precisa explicar — disse Chuck. Ficou algum tempo olhando Jimmy bem nos olhos, depois continuou:

— "Ouça, Jimmy. Sei que você lutará com qualquer um, nessa "tournée", desde que se trate de lutador bom e decente, não é mesmo?

— Claro.

— Pois bem. Quero que você me indique como adversário.

Os olhos azuis de Jimmy ficaram parados algum tempo, como se tentassem reconhecer o homem que fitavam. Depois perguntou, como alguém que tivesse ouvido mal:

— Quer que eu lute... contra você?

— Exatamente.

— Você está louco. Louco varrido! Sim... Com os demônios, Chuck... Eu sou *você*! Você foi quem me fêz entrar para o ringue... e quem fêz de mim o que hoje sou. Eu não lutaria contra você em qualquer hipótese. Preferia descalçar as luvas para sempre!

— Ouça, Jimmy. — A voz do homem que aparentava ter mais idade do que realmente tinha, não tremeu ao

falar. — Tenho trinta e dois anos sòmente. E estou em forma! Posso ainda calçar as luvas — e calçá-las bem! Seria maravilhoso para mim... e... e com isso ganharia algum dinheiro. Preciso de dinheiro!

— Naturalmente, Chuck... Sei que você precisa. Mas é só dizer quanto precisa, que eu darei a você.

— Não, Jimmy. Obrigado. Não estou ainda menpigando.

Jimmy protestou, afirmando que não se tratava de mendigar, nem de dar esmolas. Chamou Chuck de teimoso e de louco, além de outras coisas, que disse afetuosamente. Porém o outro ficou firme. Mas, por sua vez, Jimmy não queria lutar contra seu amigo e protetor. Nunca!

— Se não quer aceitar dinheiro, Chuck, por que não fazemos um negócio? — propôs.

— Que espécie de negócio?

— Será meu treinador. Preciso de um "manager"; mas de um *como você*!

O veterano moveu a cabeça, negativamente.

— Você sabe tudo o que eu poderia ensinar, Jimmy. Nessas condições, seria caridade e... não peço isso.

Chuck teimou com seus argumentos. Estivera treinando sempre. Corrida a pé, corda, etc. Talvez não estivesse lá muito moço e suas pernas não fôssem as mesmas, mas podia proporcionar bom espetáculo. Jimmy tornou a mover a cabeça, com desânimo, antes de dizer:

— Mas suponha... suponha...

— Que você me ponha a "*knock-out*? Já dormi algumas vêzes em minha carreira. Ouça, Jimmy. Quando eu entrar no ringue não serei o Chuck que você conhece, serei outro qualquer. O único favor que peço é que você me dê essa oportunidade.

Jimmy ainda tentou recusar, mas foi inútil. Na mesma noite, avisou ao seu "manager" que desejava de novo adversário para a excursão e três semanas depois, Jimmy Wilson, campeão pêso-leve mundial, subia para um ringue, em Baltimore e imediatamente olhava para o outro "corner". Ouviu alguém, junto das cordas, indagar quem era Chuck Weaver e teve um repentino desejo de gritar: "Êle é o mesmo que eu, idiota! O que sou devo a êle!"

Jimmy tinha ódio do que ia fazer. Bater num velho, num homem que não devia, não podia mais pisar a lona de um ringue... num homem, principalmente, a quem adorava e que fôra bastante orgulhoso para receber dinheiro sem ser... apanhando.

Encontraram-se no centro do ringue, para ouvir as instruções do árbitro. Chuck olhava-o bem nos olhos e quando o juiz se afastou, murmurou entre dentes.

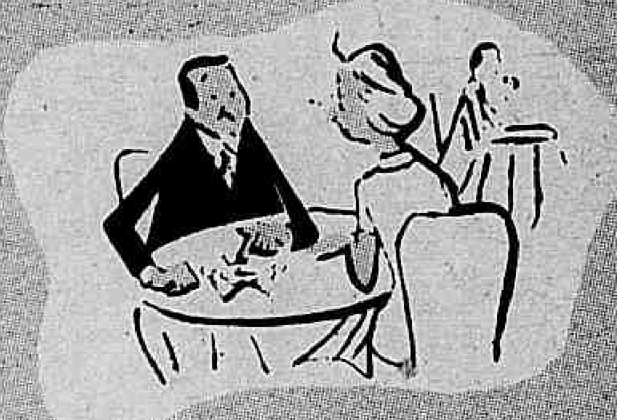
— Isto tem que ser de verdade, Jimmy!

Jimmy sentiu o coração pular dentro do peito, mas respondeu, afirmando:

— É como vou fazer. Mas preferia estar morto!

(*Continua na página* 114)

RESOLVAM SEUS PROBLEMAS



ENQUANTO esperava que me servissem, em um café da Inglaterra, comecei a brincar com o cinzeiro que estava sôbre a mesa. Notei que havia nêle cêrca de um centímetro de água. Achei que era boa idéia part apagar os cigarros. Quando o garção voltou disse-lhe minha impressão sôbre o fato

— Sim — disse êle, com um risinho malicioso. — E também serve para que os fregueses distraídos não os ponham no bôlso, antes de

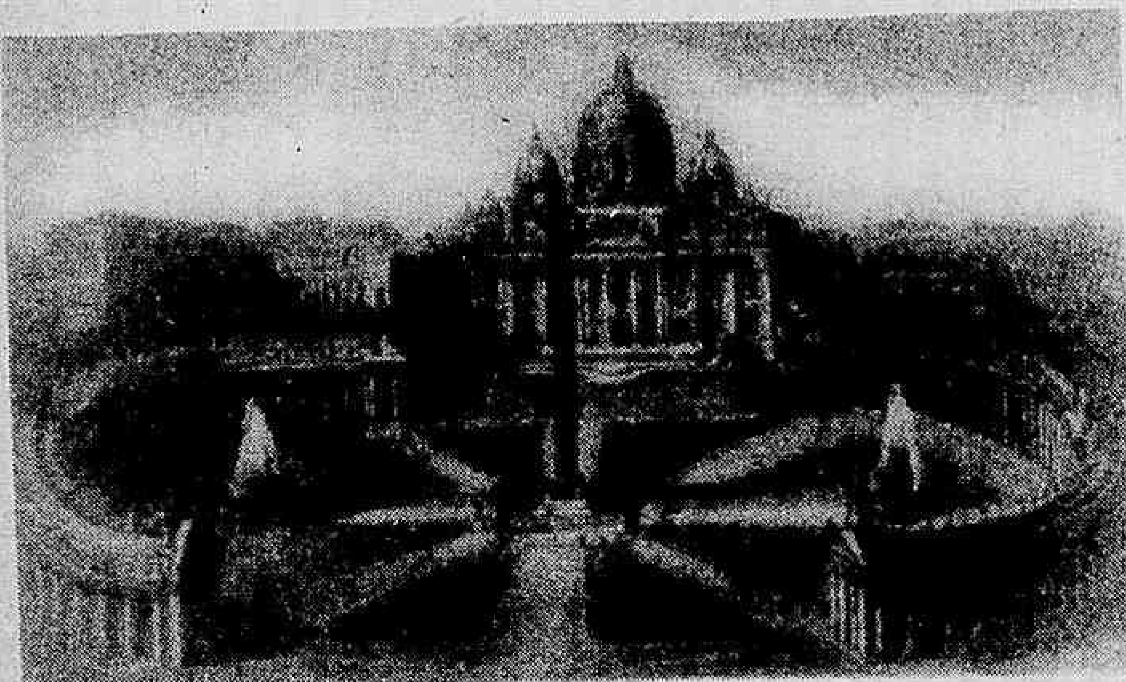


sair. — **Eric Wilson**. Newcastle. Inglaterra.

MINHA mãe jamais leu livro algum sôbre psicologia em sua vida, mas poderia ter escrito um. Eis o que fazia para combater nosso mêdo das tempestades: quando havia tormenta, sentava os cinco filhos, em círculo, no chão da cozinha, distribuía entre nós algumas de suas caçarolas, com as respectivas tampas.

— Tratem de fazer mais ruído que os trovões — dizia ela. — Tratem de assustar a tempestade, que ela acaba fugindo.

O que não sei é como podia suportar o estrépito resultante, mas sua tática dava resultado excelente. Distraídos por nosso próprio escândalo, esquecíamos a causa de nosso temor. — **Lilly Sandrof**. Gardner. Mass. Estados Unidos.



A IGREJA PE

EMBORA a Igreja não reconheça o divórcio, admite, em certos casos, e nos países em que o divórcio pode ser efetuado pelas leis civis, a necessidade de uma separação. Os cônjuges se dirigem, então, "à côrte de Roma", segundo a expressão popular. Mas o Tribunal Romano, ou *Rota*, só desfaz, na realidade, alguns dêsses casos extremos — e sempre em desespêro de causa, quando os Tribunais de Primeira Instância — os chamados *Oficiais do Arcebispado* — se declarem incompetentes. Para melhor explicar aos nossos leitores, temos que exemplificar com algum país em que o divórcio seja reconhecido por lei e, assim, falaremos sôbre a França:



Há um *Oficial* por diocese. É a êle que o pequeno cura de paróquia envia, antes de tudo, seus dois fiéis, decididos a colocar sua separação em regra com suas consciências.

No *Oficial* do arcebispado mais importante do país (no caso presente Paris), estão de serviço oito *padres-juízes*. Os solicitantes a êles têm acesso apenas uma vez por semana. Se sua causa merece ser considerada, é-lhes entregue a lista dos advogados acreditados, padres também, em número de oito naquela capital. São licenciados em direito canônico e em direito romano. Os autos são escritos e os efeitos de oratória são banidos do pretório.

A instrução é conduzida pelos juízes do *Oficial*, pessoalmente. Recebem as testemunhas apontadas pelos advogados, podendo chamar outras. Podem mesmo lançar uma "comissão rogatória" no interior do país ou no estrangeiro, como qualquer juiz civil, dirigindo-se aos Oficialatos locais. O advogado não aparece durante a instrução. Ùnicamente é recebido o advogado de *Laco*, que tem a seu cargo a defesa do casamento; opõe-se ao solicitante, como qualquer advogado faria, atacando todos os argumentos favoráveis à anulação. Por sua vez, pode apresentar testemunhas em favor da sua causa.

Terminada a instrução, o *dossier* é transmitido a cada um dos três juízes e aos dois defensores. Então é fixada a data do julgamento. Em Paris, o *Oficial* funciona tôdas as primeiras segundas-feiras de cada mês.

O direito canônico definiu estritamente os direitos recíprocos dos cônjuges. O homem ou a mulher que dêem êsses direitos um à sua amante, a outra à seu amante, serão culpados, em têrmos do direito canônico, de "tentativa de bigamia". Uma tal infidelidade, no sentido

RMITIU ÊSTES DIVÓRCIOS

em que a entende a Igreja, é um caso de nulidade, embora seja dificílimo provar al aspecto. No caso de um homem apreentar sua amante como se fôsse sua própria espôsa; que lhe compre um automóvel ou um apartamento em seu nome, não passaria, segundo o *Oficial*, "de elementos de prova".

Segundo a Igreja, o casamento tem por finalidade o nascimento dos filhos. Em 1940 um casamento foi declarado nulo perante o *Oficial* de Paris: porque, antes do casamento, os dois esposos se haviam ligado por um pacto escrito, pelo qual declaravam recusar, um e outro, ter filhos. O texto, por ambos assinado, foi apresentado e provada a sua autenticidade (apenas a data) chegou para a declaração de nulidade de casamento.

Num outro caso, a anulação foi obtida pelo depoimento da mulher de que os esposos sempre haviam cuidado de adotar tôdas as precauções anticoncepcionais em tôdas as suas relações de marido e mulher. Cinco anos após o casamento, o marido, que sentira remorsos e desistira de seus sentimentos egoístas, não conseguiu convencer a espôsa; solicitara então divórcio e, ao mesmo tempo, dirigira nesse sentido um requerimento ao *Oficial*.

Dentro dêsse mesmo espírito, a esterilidade ou a frieza podem ser causas para a invalidade de um casamento. Neste caso, o certificado do médico deve provar que a enfermidade é anterior ao casamento. O *Oficial* de Paris teve que julgar da não consumação do casamento em outro caso, bastante curioso. Ei-lo.

1939. Vésperas da declaração de guerra. Um jovem suboficial contrai casamento. Mal termina o jantar de núpcias, surge um telegrama do Quartel General. Era uma ordem para se apresentar imediatamente ao seu regimento! O casamento se realizara numa cidadezinha, perdida no interior e, justamente, o trem ronceiro, que por ali passava uma vez por dia, não demoraria mais que meia hora. Grande agitação. Lágrimas gerais, despedidas lascinantes. Na manhã seguinte estoura a guerra. O suboficial é aprisionado meses depois e, quando finalmente regressa, após a libertação da França, sua espôsa já o esquecera. O militar ganhou sua causa perante o Oficial, porque suas testemunhas puderam confirmar que, a partir da hora da cerimônia até à data da sua partida, não ficara êle, um instante sequer, a sós com sua espôsa.

Além dêsses casos de nulidade, aceitos pelo Direito Canônico, a Igreja admite três casos de impedimento automático do casamento. Um casamento contraído entre parentes, mesmo com uma falsa dispensa, é sempre anulado pelo *Oficial*, se os esposos fazem o pedido. Um casamento celebrado por um padre não habilitado é nulo. De fato, só está autorizado a celebrar os casamentos o cura da paróquia, mais (em Paris) seu primeiro vigário. Todos os outros padres, se celebram um casamento numa paróquia que não é a sua, devem solicitar uma dispensa.



Finalmente, o casamento religioso entre não batizado e batizado, se êste não solicitou dispensa, é automàticamente nulo.

Da mesma forma, é proibido a um católico esposar um protestante batizado.

Todavia, se o faz, o casamento é reconhecido válido. Quando um casamento é anulado por um *Oficial*, automàticamente o ad-

vogado do *Laço* apela e um outro *Oficial* toma o caso em mãos. O *Oficial* de Paris escolheu como tribunal de Apelação, o *Oficial* de Varsailles. Paris, por sua vez, é tribunal de Apelação para os Oficialatos de Blois, de Chartres, de Versailles, de Meaux e de Orleans.

O advogado do *Laço* pode escolher entre o tribunal de Apelação diocesano e a *Rota*, tribunal supremo junto do Quirinal, em Roma. Os auditores, os juízes da *Rota*, são em número de onze, e de tôdas as nacionalidades. Entre êles, o decano atual, monsenhor Julien, é um prelado francês.

A Apelação — não importa qual seja o caso — cessa automàticamente qualquer julgamento de primeira instância. A instrução tem que ser reiniciada. O solicitante pode conservar o mesmo advogado perante uma *Oficialidade* diocesana, mas para a *Rota*, deve escolher um dos advogados indicados por Roma. Em todo o caso o advogado do *Laço* é diferente do que haja debatido o assunto na primeira instância.

As despesas com o processo perante o *Oficialato* não chega a preços astronômicos. O *Oficialato*, antes de examinar um *dossier*, estabelece um preço: as despesas serão mais elevadas num processo que obrigue os juízes a lançar comissões rogatórias no estrangeiro. Mas, se todos os juízes estão reunidos numa mesma cidade, ou num mesmo departamento, a tarifa normal do processo se eleva a 15.000 francos (aproximadamente 2.000 cruzeiros). Some-se a isso 5.000 francos para o advogado, e chegaremos a um total que não atinge as despesas com o processo civil para o divórcio. Se o solicitante se dirige à *Rota*, as despesas são mais elevadas; mas, mesmo assim, não chegam ao dôbro. Além do mais, a Igreja previu para os solicitantes insolváveis, a assistência judiciária. Um atestado de desemprêgo pode servir para provar que o solicitante não tem recursos para pagar as despesas com o processo e o advogado. Então, o *Oficial* envia o cliente para o advogado que tenha a fama de mais hábil defensor.

Anula a Igreja um número importante de casamentos?

É impossível fixar uma cifra, porque os *Oficialatos* não têm contabilidade das causas discutidas, nem das sentenças. Atualmente, o *Oficial* de Paris está sobrecarregado, havendo sempre uns cinquenta processos na fila. A lista dos processos expedidos em apelação para a *Rota*, atinge uma média de 85.

Mas jamais a Igreja torna público os nomes dos solicitantes, acompanhados das sentenças. Uma lei severa conserva os solicitantes no mais estrito anonimato.



NO ENTANTO...

NOS ESTADOS UNIDOS, TUDO É MAIS FÁCIL. SENÃO VEJAM:

EM Washington, a sra. William Spilker queixou-se de que seu marido a embaraçava sèriamente, cobrando 1 dólar de seus convidados, quando ela oferecia uma recepção e cantava ao piano para distraí-los. Obteve o divórcio.

EM Miami, Flórida, a sra. Geldie Boggs obteve divórcio ao declarar e provar que era obrigada a carregar lenha para o fogão e retirar, depois, as cinzas da lareira, enquanto seu marido permanecia ocioso, espreguiçando-se numa poltrona.

EM Los Angeles, a sra. M. Doughty queixou-se de que imediatamente após o casamento seu espôso a levou para um bar e pediu ao gerente: «Vamos. Pague-me os cinco dólares. Casei com ela». O juiz concedeu o divórcio.

AINDA em Los Angeles, a sra. Ruth Littlejohn obteve divórcio, após contar ao juiz que seu marido lhe escrevera uma carta dizendo que, se consentisse que êle casasse com uma pequena que conhecera na Nova Zelândia, daria o seu nome à primeira filha que tivesse dêsse segundo casamento.

EM compensação, o sr. e a sra. George William Ettinger casaram um com o outro... e divorciaram nada menos de três vêzes. Quando se casavam pela quarta vez, a sra. Ettinger declarou:

— «Tenho a certeza de que isto vai dar certo, esta vez. Mas a verdade é que sempre tenho pensado o mesmo, nas vêzes anteriores.»

O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO NO BRASIL

A REVISTA DA SEMANA, a propósito do primeiro centenário da instituição da engenharia ferroviária no Brasil e da inauguração da nossa primeira ferrovia, lançou agora uma edição especial de grande luxo, tôda em papel couchê, fartamente ilustrada, contendo páginas a côres e importante matéria sôbre:

O trem de ferro **no Romance, na Anedota, nas Artes Plásticas, na Música clássica, na Música Popular, no Folclore, na Poesia, no Conto, na História, etc.** além de entrevistas com ferroviários e dados estatísticos atualizados, reportagens, etc.

Esta edição da REVISTA DA SEMANA constitui uma homenagem aos que se sacrificaram pelo progresso ferroviário do Brasil e exalta a obra dos pioneiros e dos mártires que deram a vida ou a saúde em prol da era do "trem de ferro".

Preço — Cr$ 20,00. A venda em todos os pontos de jornais e revistas do Brasil. Pedidos pelo reembôlso postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



O "PARTO NATURAL"

(Como é praticado nos hospitais parisienses)

Ensinam a mulher a contrair e a relaxar os músculos que trabalharão durante o parto. Numerosos movimentos são então

QUANDO o professor soviético Nicolaiev, da Universidade de Leningrado, subiu para o estrado, nas últimas Jornadas Médicas de Nice, para ler sua *comunicação*, a grande sala do Cassino Municipal estava repleta. Jamais se viu tantos auditores num congresso médico. E nem podia ser de outro modo, pois o assunto que ia abordar era sensacional: *Por que 80% das mulheres soviéticas dão à luz despreocupadamente e sem dor?* Muito simples: graças ao processo psicoterápico!

Êsse é, aliás, assunto antigo. Desde 1936, os ginecologistas russos e o inglês Read procuram desenvolver, cada um na sua parte do mundo, o "parto sem dor". Mas o problema continua atual e, desde



Movimentos especiais, ensinam a mulher a sentar como convém. São movimentos indispensáveis à futura mãe. A posição ideal sendo a sentada, as pacientes a aprendem com a maior das facilidades.

que um médico parisiense, dr. Lamaze, criou um serviço de parto psicoterápico, na Clínica dos Metalurgistas, as mulheres das classes mais elevadas trataram de juntar-se às operárias, para obter os benefícios dêsse método.

Há muito tempo que os mais célebres especialistas de Paris aplicam o método de "parto natural". Entre êles, citaremos o professor Maurice Mayer, do Hospital de Saint Antoine. Alguns cartazes, existentes nos corredores de seu serviço,

Eis alguns dos movimentos de ginástica que formam um dos pontos essenciais do preparo de um parto natural, segundo o usado hoje, nos hospitais de Paris, três vêzes por semana, em salas especiais. Ali, também, a futura mamãe aprende a respirar em ritmo variável, que vai desde a respiração lenta até à ofegante.

dizem às futuras mães que muito lucrarão com êsse processo. E muitas o aceitam.

Em que consiste, afinal, êsse parto psicoterápico?

Os soviétcos vêem nêle uma aplicação direta das doutrinas de Pavlov.

E afirmam que com êle conseguem eliminar pràticamente tôdas as dores do parto, criando na mulher novos reflexos de alegria, de calma, de espera feliz do filho.

Êsses reflexos substituem, no correr de um preparo psicológico minucioso, o reflexo ancestral do mêdo e da expec-

efetuados regularmente, cuja natureza e intensidade variam segundo o estado da gravidez e a fisiologia da paciente.

Efetuados ora na posição alongada, ora de pé, têm a máxima influência sôbre todos os músculos da cintura pelviana.



tativa de um sofrimento classificado como inevitável.

Mais simplesmente, os médicos franceses deixam de lado a doutrina e as explicações teóricas complexas.

Tratam, ao contrário, de realizar, com a ajuda de um pessoal cuidadosamente educado, uma preparação da futura mãe. Essa preparação, sensìvelmente igual, em suas grandes linhas, a do método soviético ou a do dr. Read, consiste primeiro em explicar à paciente os detalhes do parto. A seguir, explicam-lhe que as dores do parto não são nem inevitáveis nem forçosamente muito fortes, como pretende a lenda.

Finalmente, depois da futura parturiente ter compreendido que o parto é um "verdadeiro trabalho" — segundo diz o doutor Mayer — e que a parturiente deve dêle participar como a maior interessada e de plena consciência, ensinam-lhe a executar os movimentos que deverá efetuar — e notadamente as contrações. Sessões de cultura física especial são imediatamente organizadas. A paciente aprende a respirar, a distender-se, a ajudar, enfim, o filho a nascer.

Chegado o momento, são os mesmos médicos, parteiras, enfermeiras, etc., que ajudaram com seus conselhos durante os cinco ou seis meses de "preparação", que acolhem a paciente na maternidade. São êles, ainda, que a cercam durante o parto e ali continuam a ajudá-la e a guiá-la.

Dois terços das mulheres tendo recebido êsse treinamento para o *parto natural* recebem realmente os benefícios do método, segundo afirma o dr. Mayer, que acrescenta *e acentua* que "seria, apesar de tudo, absurdo considerar que êsse processo proporciona, com absoluta certeza, um "parto sem dor", como alguns propalam.

Trata-se, antes de tudo, de um meio natural, lógico e são de colocar as futuras mães nas melhores condições possíveis para lhes permitir dar à luz seus filhos mais fàcilmente e de uma maneira consciente — *humanamente*, em suma.

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



ENTRE a rapaziada de Baltimore, que jantava regularmente no Maryland Clube, havia um rapaz grandalhão e nada modesto, que se vestia um tanto escandalosamente. Seus paletós, sapatos e gravatas eram coisas realmente inimagináveis, embora êle se julgasse elegantíssimo e de um bom-gôsto acima do mediano.

Num dia de verão, êle apareceu no clube com um novo conjunto positivamente sensacional. Depois de caminhar por tôdas as salas, pavoneando-se, foi sentar numa poltrona onde, forçosamente, tinha que ser visto «e admirado» por todos os freqüentadores. De fato, sua maneira de vestir atraiu inúmeros olhares, embora os comentários, cochichados cautelosamente, não fôssem favoráveis. Estava êle assim, todo orgulhoso, quando um velho amigo seu, depois de observá-lo atentamente, ia voltar as costas, quando o espalhafatoso, levantando-se, chamou-o:

— Venha cá... Veja bem! É preciso ser homem, realmente, para usar roupas assim!

— Bem... — replicou o amigo. — Você **devia** ter pensado nisso... **antes**!

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Os cortesãos de Gonzaga agitavam-se e segredavam.

Isto ultrapassa todos os limites! — disse Oriol. — Êsse homem é um demônio!

Cocardasse tinha dificuldade em conter a febre que lhe fazia palpitar o coração.

— Meus senhores — disse o príncipe em voz ligeiramente alterada — há em tudo isto qualquer coisa incompreensivel... Com certeza fomos traídos por êstes homens...

— Ah! Monsenhor! — protestaram ao mesmo tempo Cocardasse e Passepoil.

— Silêncio! Aceito o desafio que me enviaram!

— Bravo! — disse Navailles dèbilmente.

— Bravo! Bravo! — repetiram os outros, pouco à vontade.

— Se Monsenhor me permitisse um conselho — disse Peyrolles — em vez da projetada ceia...

— Havemos de cear! — interrompeu Gonzaga, erguendo a cabeça.

— Então — insistiu Peyrolles — portas bem fechadas!

— Portas abertas!... Portas abertas de par em par!

— Muito bem! — apoiou Navailles,

Naquele grupo havia boas espadas: Navailles, Nocé, Choisy, Gironne, Montaubert e outros.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona. Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas

— Não esqueçam as espadas! — disse o príncipe.

— Nós também as levaremos! — murmurou Cocardasse piscando o ôlho a Passepoil.

— Saberão servir-se delas? — perguntou o príncipe.

— Se êle vier sòzinho... — principiou Navailles, sem se preocupar em esconder a sua repugnância.

— Monsenhor! — disse Peyrolles. — Isso é assunto para Gendry.

Gonzaga olhou para a sua côrte de sobrancelha carregada e lábios trêmulos.

Entretanto, os dois espadachins avançaram para o príncipe e colocaram-se diante dêle.

— Monsenhor — disse Cocardasse — trinta anos de conduta irrepreensível, creio que podem muito bem contar a favor de dois bravos a quem as aparências condenam. Não é num dia que se pode desfazer uma existência inteira! Olhe para nós e para o nosso acusador, o senhor de Peyrolles!...

Cocardasse estava soberbo ao pronunciar estas palavras. Quanto a Passepoil, não estava menos imponente com o seu ar modesto e cândido. O infeliz Peyrolles, entretanto, parecia estar ali de propósito para servir como têrmo de comparação.



Havia cêrca de vinte e quatro horas que a sua palidez parecia ter-se tornado verde-acinzentada. Era o protótipo dos poltrões audaciosos que ferem a tremer.

Gonzaga meditava e Cocardasse prosseguiu:

— Monsenhor, que é grande e poderoso, pode julgar! Não é de hoje que conhece os seus humildes e dedicados

---

liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muita pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até a liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o principe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o Corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia!

servos. Lembre-se dos fossos de Caylus, onde estivemos juntos...

— Cale-se! — gritou Peyrolles no auge do pavor.

Gonzaga, sem se comover, disse, olhando para os seus amigos:

— Êstes senhores já adivinharam tudo e se ainda ignoram qualquer coisa, mais tarde saberão. Contam conosco, como nós contamos com êles. Há entre nós uma reciprocidade de indulgência... conhecemo-nos uns aos outros...

E o príncipe sublinhou as últimas palavras. Haveria algum, dentro os presentes, que não tivesse o seu pecado na consciência?... Alguns já tinham utilizado a influência de Gonzaga nas suas contendas com a lei; além disso, o seu procedimento dessa noite, tornava-os cúmplices. Oriol sentia-se desfalecer; Navailles, Choisy e outros, conservavam os olhos baixos. Se um tivesse protestado, estava tudo dito: os outros segui-lo-iam, porém, ninguém protestou.

Gonzaga devia agradecer ao acaso que afastara o marquês de Chaverny... é que êste, apesar dos seus defeitos, não era homem para se calar. O príncipe pensava desembaraçar-se dêle nessa noite e... por muito tempo.

— Desejava apenas dizer a Monsenhor — prosseguiu Cocardasse — que dois leais servos, como nós, não podem ser condenados aèreamente. Passepoil e eu temos muitos inimigos, tal como acontece a pessoas de mérito. Ora, a opinião que vou submeter à apreciação de Monsenhor, com a minha habitual franqueza, é a seguinte: das duas uma! Ou o cavaleiro de Lagardère ressuscitou — o que me parece natural — ou então essa carta foi forjada por algum maroto, que pretende prejudicar dois homens honestos!

— Não necessito acrescentar uma só palavra ao que o meu amigo acaba de dizer, tal foi a eloquência com que êle traduziu o meu próprio pensamento! — acrescentou Passepoil.

— Não serão castigados — disse Gonzaga, com ar distraído. — Afastem-se!

Nenhum dêles se moveu.

— Monsenhor não nos compreendeu — disse Cocardasse, com dignidade.

O normando acrescentou, com a mão sôbre o peito:

— Parece que não merecemos uma coisa destas!...

— Pagar-lhes-ei — interrompeu o príncipe, com impaciência. — Que mais querem?

— O que queremos? — e Cocardasse falava com aquela voz trêmula de emoção.

— O que queremos?... A prova completa da nossa inocência! Creio que Monsenhor ainda não sabe com quem lida!

— Não! — confirmou Passepoil com as lágrimas nos olhos, o que lhe sucedia muito naturalmente e por doença. — Não sabe, não!

— O que desejamos é uma justificação ruidosa. Para isso eis o que proponho: essa carta diz que o cavaleiro de Lagardère virá esta noite desafiar Monsenhor; ora, nós afirmamos que Lagardère morreu. Que se julgue o caso! Consideramo-nos prisioneiros. Se tivermos mentido e Lagardère comparecer, consentimos em morrer! Não é isto, Passepoil?

— Sim!... — respondeu o normando.

— Se, pelo contrário — prosseguiu Cocardasse — Lagardère não aparecer,

★



— *É um homem que poderia ser considerado simpático se tivesse dinheiro.*

queremos uma reparação de honra! Monsenhor não recusará certamente que dois fiéis servidores continuem a dedicar-lhe a existência!

— Seja! — concordou o príncipe. — Irão conosco para o pavilhão e o tempo decidirá.

Ambos se precipitaram para as mãos de Gonzaga, beijando-as com efusão.

Naquele momento, porém, o príncipe já não lhes ligava grande importância. Contemplava, com piedade, o rosto desolado dos amigos.

— Ordenei-te que me trouxesses Chaverny! — disse para Peyrolles.

Êste saiu imediatamente.

— Senhores — disse o príncipe. — Que têm? Estão pálidos e mudos como fantasmas... Terão mêdo?...

Os fidalgos estremeceram e Navailles disse:

— Cuidado, Monsenhor!

— Então, se não têm mêdo, sentem repugnância em me seguir?

E como ninguém respondesse, continuou:

— Cuidado, meus amigos! Recordem-se do que ainda ontem lhes disse: obediência passiva! Eu sou a cabeça e os meus amigos o braço. Há entre nós um pacto...

— Que ninguém pensa em quebrar — disse Tarrane — mas...

— Não admito "mas"! Pensem bem no que lhes disse e no que vou dizer-lhes. Ontem, ainda se podiam separar de mim, hoje, não! Estão senhores do meu segrêdo. Hoje, quem não estiver comigo é contra mim. Se algum faltasse à chamada desta noite...

— Ninguém faltará! — interrompeu Navailles.

— Melhor! Estamos prestes a atingir a finalidade. Julgaram-me afundado, mas enganaram-se. Desde ontem dobrei de valor, e os meus amigos, sem o saberem, estão ricos. Quero, portanto, que a minha festa seja completa e alegre...

— Há de sê-lo! Há de sê-lo!... — repetiram de todos os lados.



Neste momento, regressou Peyrolles acompanhado de Chaverny.

— Meus senhores: nem uma só palavra acêrca do que acaba de se passar! — ordenou Gonzaga.

— Chaverny!... — exclamaram alguns, afetando a maior alegria. — Há muito que te esperávamos!

Ao ouvir êste nome, o corcunda, que se conservava imóvel no fundo do casinhoto, pareceu despertar. Meteu a cabeça pela clarabóia e olhou em volta. Cocardasse e Passepoil viram-no ao mesmo tempo.

— Lá está êle! — disse o gascão, com uma careta.

— Donde vens, Chaverny? — perguntou Navailles.

— De muito próximo... do outro lado da igreja. Ah! Primo! Então precisa de duas odaliscas ao mesmo tempo?

Gonzaga empalideceu. O rosto de Esopo iluminou-se; depois, desapareceu. Encostado à porta apertava o peito com as duas mãos. Aquelas palavras do marquês acabavam de o esclarecer.

— Doido! Doido incorrigível! — exclamou Gonzaga, quase com alegria.

A palidez deu lugar ao sorriso.

— Meu Deus! — prosseguiu Chaverny. — A indiscrição não é grande. Escalei o muro para dar um passeio no jardim de Armide, mas encontrei lá duas...

Todos estavam admirados por ver o príncipe tão calmo.

— E agradaram-te? — perguntou, sorrindo.

— Adoro-as... Mas que temos, primo? Por que me mandou chamar?

— Porque vai haver esta noite um noivado — replicou Gonzaga.

— Ah! — exclamou Chaverny. — Temos então noivado... E quem se casa?

— Um dote de cinquenta mil escudos...

— Mas... com quem?...

— Adivinha — replicou Gonzaga, sempre a sorrir.

— Não sei... há aqui muitas caras de casados... não sei! Ah! Talvez eu!

— Exatamente! — exclamou Gonzaga.

Todos deram uma gargalhada.

O corcunda abriu devagarinho a porta do casinhoto e deixou-se ficar no limiar. O rosto mudara de expressão. Já não mostrava aquêle ar pensativo, de olhar vivo e profundo... era Esopo, o sarcástico!

— E o dote? — perguntou Chaverny.

— Aqui está — respondeu Gonzaga, tirando um maço de ações da algibeira do casaco. — Às ordens!

Chaverny hesitou um momento. Os outros felicitavam-no a rir. O corcunda avançou lentamente e foi oferecer as costas a Gonzaga, depois de lhe ter dado a caneta.

— Aceitas? — perguntou o príncipe, antes de endossar as ações.

— Aceito — respondeu o marquês. — Não se pode rejeitar...

Gonzaga assinou e enquanto assinava perguntou ao corcunda se êle mantinha a sua fantasia.

— Mais do que nunca, Monsenhor!

— E por que "mais do que nunca"? — perguntou ainda o príncipe.

— Porque sei o nome do noivo, Monsenhor.

— E por que te interessa o nome?

— Não sei. Há coisas que não se explicam. Como poderia eu explicar, por exemplo, a minha convicção de que, sem mim, Lagardère não cumprirá a sua promessa fanfarrona?

— Então ouviste?

— O meu casinhoto está ali, Monsenhor! Já vos servi uma vez...

— Então serve-me duas e não te arrependerás.

— Depende de Monsenhor...

— Aqui tens, Chaverny — disse Gonzaga, estendendo-lhe as ações assinadas.

E, voltando-se para o corcunda, acrescentou:

— Convido-te... assistirás à ceia!

Cocardasse e Passepoil trocaram um rápido olhar de relance.

— O lôbo do curral — murmurou o primeiro. — Ah! Como vamos rir!...

V

O FESTIM

Era cêrca de oito horas. A ceia prometida decorria no meio da maior animação. A sala estava inundada de luz e flôres.

Dentre os convivas distiguia-se Chaverny pela sua embriaguês prematura. Ainda não se passara ao segundo prato e já êle perdera a razão. Os outros tinham a cabeça mais forte, porque se mantinham ainda muito direitos e com a consciência das loucuras que poderiam fazer. O barão de Batz parecia não ter bebido senão água.

Quanto ao elemento feminino pertencia quase todo à Ópera. Era a Fleury, a Nivelle, Cidalise, Desbois, Derbigny e mais cinco ou seis outras raparigas inimigas de cerimônias e de preconceitos. Eram tôdas novas e bonitas, alegres, loucas e prontas para rir, mesmo quando tinham vontade de chorar.

Gonzaga encontrava-se ausente. Acabavam de o chamar ao Palácio Real. Além da cadeira que o aguardava, havia três que estavam vazias também.

Primeiro, a de dona Cruz, que fugira logo que êle se ausentara. Dona Cruz enfeitiçara tôda a gente, embora tivesse impedido que a conversa atingisse o diapasão que costumava — segundo era voz corrente — logo ao primeiro prato, numa orgia no tempo da Regência.

Não se sabia bem ao certo se o príncipe de Gonzaga obrigava dona Cruz a comparecer ou se a encantadora louquinha obrigara o príncipe a dar-lhe o lugar à mesa. O certo é que estivera





— *Ela não está acostumada a jantar fora.*

deliciosa e todos a adoravam, à exceção de Oriol, que se conservava fielmente escravo da Nivelle.

O segundo lugar vazio ainda não fôra ocupado. O terceiro pertencia ao bom Esopo, que Chaverny acabava de vencer num combate singular de taças de champanha.

No momento de entrarmos na sala, Chaverny, abusando da sua vitória, amontoava agasalhos de senhora sôbre o corpo do infeliz corcunda, sepultado numa enorme poltrona. Esopo não se lamentava. Estava completamente oculto pelos casacos e em risco de asfixiar.

De resto, era bem feito. Êle não teimar em ir? Além disso, durante todo o tempo mostrara-se taciturno.

Antes de estar embriagado, Chaverny perguntara ao príncipe se dona Cruz era sua noiva, mas Gonzaga meneara a cabeça negativamente.

O príncipe, porém, não costumava deixar nada ao acaso. Até ali escondera dona Cruz com tanto cuidado como se fôsse seu tutor e agora fazia-a cear com uma dúzia de estúrdios, o que era muito estranho. Que vantagem poderia êle ter em tratar assim uma rapariga que queria apresentar na Côrte, sob o nome de *Mademoiselle* de Nevers? Isso era o seu segrêdo, mas Gonzaga apenas dizia o que queria... nada mais!

Tinham bebido razoàvelmente e todos estavam mais ou menos bem dispostos. Peyrolles era o único que conservava a sua cara de páscoa. Chaverny tornara a sentar-se no seu lugar.

— Se o maroto do Esopo desperta, afogo-o — disse.

Entretanto, passeou o olhar pela sala.

— Não vejo a divindade do nosso Olimpo! — exclamou. — Preciso dela para explicar a minha posição.

— Nada de explicações! — pediu Cidalise.

— Se não querem que eu fale digam onde está dona Cruz! — gritou o marquês.

— Quero dona Cruz!

— Era melhor dizerem *Mademoiselle* de Nevers! — pronunciou, sêcamente, Peyrolles.

Uma grande gargalhada cobriu a voz do *factotum* do príncipe, e todos repetiram:

— Isso mesmo! *Mademoiselle* de Nevers!...

Levantaram-se em tumulto.

— A minha posição... — principiou Chaverny.

Todos fugiram dêle e se precipitaram pela porta por onde a cigana saíra.

— Oriol! — chamou a Nivelle. — Venha cá imediatamente!

O interpelado não se fêz rogar. Estava radiante e queria que aquela familiaridade não escapasse a ninguém.

— Sente-se junto de mim — ordenou ela, bocejando — e conte-me a *história da Princesa Pele-de-burro*... estou cheia de sono!

— Era uma vez... — principiou logo o dócil Oriol.

— Dona Cruz... Dona Cruz! — gritavam todos ao mesmo tempo.

Chaverny bateu à porta do *boudoir*, para onde supunham que a formosa espanhola se havia retirado.

— Se não aparece — ameaçou Chaverny — fazemos um cêrco!

— Meus senhores!... Meus senhores! — exclamou Peyrolles.

Chaverny pegou-lhe pelo colête e exclamou:

— E se tu não te calas, vai-nos servir para meter a porta dentro!



Dona Cruz, porém, não se encontrava no *boudoir*, cuja porta fechara a chave, antes de se retirar. O *boudoir* comunicava com o rés-do-chão por uma escada secreta. Dona Cruz descera ao seu quarto de cama.

Em cima do sofá, a pobre Aurora tremia, chorando. Havia quinze horas que ali se encontrava. Se não fôsse dona Cruz teria morrido de desgôsto e de mêdo. Desde o comêço da ceia, a amiga fôra vê-la duas vêzes.

— Notícias? — perguntou Aurora, em voz débil.

— O príncipe de Gonzaga foi chamado ao palácio — respondeu dona Cruz. — Fazes mal em ter mêdo, minha querida irmãzinha. Lá em cima não se passa

coisa alguma de terrível e se não soubesse que estavas aqui, inquieta e triste, divertir-me-ia!

— Que estão a fazer? Ouve-se tanto barulho!

— Loucuras! Ri-se a bandeiras despregadas e o champanha corre. Aquêles fidalgos são alegres, espirituosos, encantadores... principalmente um, chamado Chaverny.

Aurora passou as costas da mão pela fronte, como quem procura avivar uma lembrança.

— Chaverny! — repetiu.

— Sim, um rapaz novo, muito interessante. Estou, porém, proibida de me preocupar muito com êle, porque está noivo.

— Ah! — disse Aurora, em ar distraído

— Adivinha de quem, irmãzinha.

— Não sei... nem me interessa!

— Interessa! É de ti que o marquês está noivo!

Aurora ergueu lentamente a cabeça e sorriu com tristeza.

— É a sério... — insistiu dona Cruz.

— Notícias *dêle* — murmurou Aurora. Notícias *dêle*, minha irmãzinha, é que eu gostaria que me trouxesses.

— Não sei absolutamente nada...

A linda cabeça de Aurora tornou a inclinar-se sôbre o peito, enquanto murmurava, chorando: — Ontem os homens estavam a dizer: "Morreu... Lagardère morreu!"

— Oh! Quanto a isso — disse dona Cruz — tenho a certeza que não, por duas razões: primeiro, os que estão lá em cima ainda têm mêdo dêle; segundo, a senhora que me queriam dar por mãe...

— A inimiga dêle? Aquela que eu vi na noite passada no Palácio Real?

— Sim, segundo a tua descrição, reconheci-a... Ora, a segunda razão, como estava a dizer, é que essa mulher continua a persegui-lo. Quando me fui queixar ao príncipe de singular atitude que tinham tido para comigo em tua casa, na rua Pierre-Lescot, vi essa mulher e ouvi-a dizer a um senhor de cabelos brancos que saía de casa dela: "Isso é o meu dever e o meu direito; tenho os olhos bem abertos e êle não me escapará. Quando soar a vigésima quarta hora, há de ser prêso! Nem que seja pela minha mão".

— Ah! — exclamou Aurora — É com certeza a mesma! Reconheço-a pelo seu ódio; no entanto, já não é a primeira vez que tenho esta idéia...

— Que idéia? — perguntou dona Cruz.

— Nada... não sei... sou pateta!

— Ainda tenho uma coisa a dizer-te — prosseguiu dona Cruz hesitante — é quase uma mensagem que te trago. O príncipe tem sido bondoso para comigo, mas já não tenho confiança nêle. Só a tenho em ti, minha querida Aurora, a quem estimo cada vez mais!...

E sentou-se no sofá junto da amiga, enquanto continuava:

— Estou certa de que Gonzaga me disse isto para te contar...

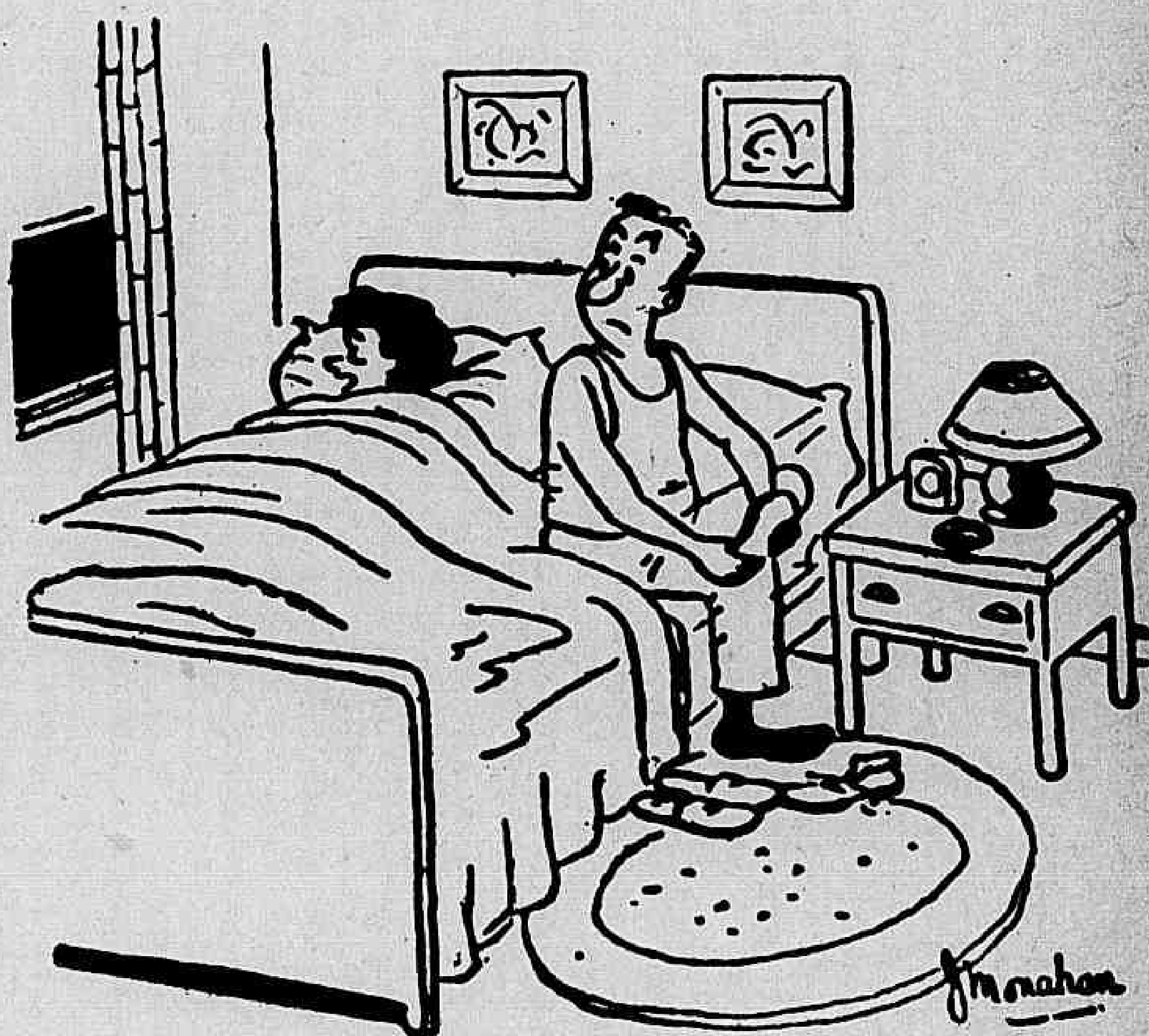
— Dize...

— Há bocadinho, quando me interrompeste para me perguntar pelo cavalheiro de Lagardère ia contar-te que queriam casar-te com o marquês de Chaverny.

— Mas com que direito?

— Ignoro, mas êle parece não se preocupar muito em saber se tem direito ou não. Gonzaga estêve a conversar comigo e, no decorrer da conversa, deixou escapar estas palavras: "Se ela obedecer,





— *É você, João?*

salvará de um perigo de morte tudo quanto tem de mais querido no mundo!"

— Lagardère! — exclamou Aurora, ocultando o rosto entre as mãos. — Parece que o meu pensamento está envôlto num verdadeiro nevoeiro. Deus não terá compaixão de mim?

Dona Cruz apertou-a de encontro ao coração e perguntou docemente:

— Então, não foi Deus que me colocou junto de ti? Sou mulher, mas uma mulher forte que não tem pena de morrer. Se êles te atacarem, Aurora, terás alguém para te defender!

Aurora retribuiu-lhe o abraço.



Começavam a ouvir-se as vozes dos que chamavam a cigana.

— É preciso ir-me embora! — disse ela.

E notando que Aurora principiava a tremer, acrescentou:

— Como estás pálida!

— Tenho mêdo quando não estás junto de mim!... Os criados e tôda esta gente me causam pavor...

— Nada receies — respondeu dona Cruz. — Todos sabem que te estimo e julgam que tenho um grande poder sôbre Gonzaga. — Interrompeu-se e pareceu refletir. Em seguida, continuou: — Há momentos em que parece que o príncipe precisa de mim...

No andar superior, o ruído redobrava. Dona Cruz ergueu-se e tornou a pegar na taça de champanha que colocara em cima da mesa.

— Aconselha-me... guia-me... — pediu Aurora.

— Nada está perdido se êle tem necessidade de mim! — exclamou dona Cruz. — O que é preciso é ganhar tempo...

— Mas êsse casamento?... Eu preferia mil vêzes a morte!

— Para morrer é sempre tempo, minha querida irmãzinha!

E como dona Cruz fizesse um movimento para se retirar, Aurora segurou-a pelo vestido.

— Vais abandonar-me já?

— Não os ouves? Estão a chamar-me! Ah! — disse de súbito, como quem se recorda de qualquer coisa — ainda não te falei do corcunda?

— Não — respondeu Aurora. — Qual corcunda?

— Aquêle que me fêz sair daqui, ontem, por caminhos que eu desconhecia e que me levou até tua casa, está cá!

— Na ceia?

— Sim. Lembrei-me que fôsse o mesmo que costumava entrar nos aposentos do teu Lagardère e por isso aproximei-me dêle para dizer que se precisasse de mim, estava às ordens...

— E depois?

— Depois, embora eu fôsse jurar que era o mesmo, fingiu não me reconhecer e todo êle era atenções para as senhoras que se divertiam a fazê-lo beber, de tal forma que acabou por cair para debaixo da mesa.

— Há senhoras lá em cima? — perguntou Aurora.

— Sim, damas da Côrte, que cantam, riem, bebem e praguejam como soldados; é um encanto!...

— E tens a certeza de que são damas da Côrte?

Dona Cruz quase se ofendeu.

— Gostava de as ver — disse Aurora — mas sem ser vista!

— Não quererás ver antes o lindo marquês de Chaverny? — perguntou dona Cruz, com certa ironia.

— Sim, de fato, gostaria de vê-lo!

Sem lhe dar tempo para refletir, a cigana pegou-lhe por um braço, a rir, e levou-a pela escada secreta. As duas raparigas encontravam-se apenas separadas da sala de festas, por uma porta. Ouviam-se vinte vozes a gritar, entre o choque de vidros e gargalhadas:

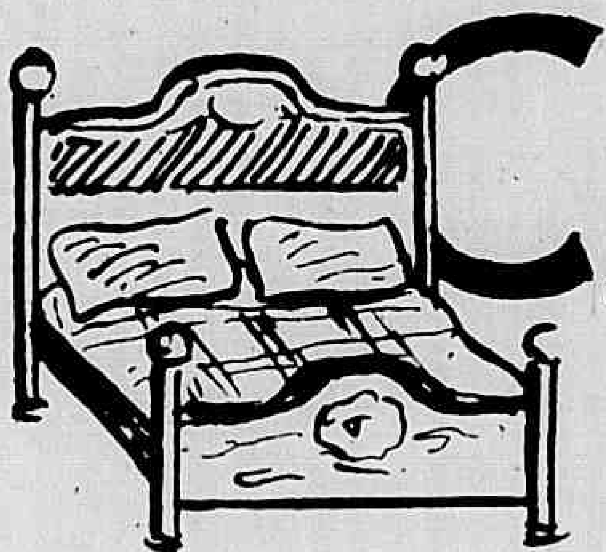
— Façamos um cêrco!... Ao assalto!... Ao assalto!...



Peyrolles, representante pouco acreditado de mestre-de-cerimônias, via a sua autoridade completamente perdida.

Chaverny e dois ou três outros já tinham pedido a Peyrolles que lhes desse notícias acêrca de sua orelha.

(*Continua no próximo número*)



CAMA ALHEIA

AQUELA não era a sua cama. Nem a cama que se usa em casa de uma amiga ou sequer a cama de um hotel, que se aluga e que, afinal, sempre tem alguma coisa de nosso, de propriedade temporária. Aquela cama pertencia a alguém que ela não conhecia, que jamais tinha visto em tôda a sua vida. Sentia-se, por isso mesmo, como se tivesse penetrado criminosamente na propriedade alheia, como uma intrusa ou uma ladra. Passou uma rápida revista nos últimos acontecimentos que tanto haviam transformado a sua vida:

Telefonara para Betty, de New York, na noite anterior, pouco antes de tomar o avião. Telegrafara, primeiro, para dois hotéis em Beverly Hills e a resposta fôra negativa: não havia vagas. Seria possível passar a noite em companhia de Betty, até encontrar um quarto?

— "Pois claro, querida! — respondeu Betty. — Mas tudo o que tenho *extra* é um sofá e tenho a certeza de que estaria perfeitamente nêle, eu mesma; mas o que receio de que a minha própria cama não seja bastante larga para vocês dois..."

— "Viajo sòzinha..."

— "Oh! Hein? — exclamara Betty. — Está de férias?

— "Quase isso. Depois contarei a você. Portanto, fico com o sofá?"

— "Havemos de arranjar de uma ou de outra maneira. O essencial é que você venha. Oh! estou tão contente com essa boa surprêsa!"

BETTY vivia num semicircular ninho de apartamentos, uma espécie de pombal florido, numa colina com vista esplêndida sôbre Hollwood e Los Angeles.

Quando Fran ali chegou, Betty foi logo dizendo que um homem, que morava no piso inferior, velho amigo de sua família, não estaria em casa, aquela noite, e, nessas



— «Fran — gemeu Tom. — Isto não acontecerá outra vez, se você ficar comigo. Você é a âncora...»



NO QUARTO, o telefone começou a chamar, insistentemente. A campainha a encheu de susto.. Voltou-se

condiçoes, ela poderia usar, sem acanhamento o apartamento dêle. Por certo que seria mais confortável que um simples sofá.

— Olha lá, Betty! Você está certa de que isso é direito? Êle não vai ficar aborrecido com isso?

— Não diga isso, querida! Êle quase nunca vem dormir... Está sempre fora de casa. Trabalha na Universal, onde escreve argumentos... e onde trabalha também Muriel Blythe. Você a conhece?

— Sim... Já vi o nome dela... e algumas fotografias. É uma loura, não é mesmo? Canta...?

— Isso mesmo. Pois bem, há uns oito meses que se namoram...

— Tanto tempo assim? Por que não se casam logo de uma vez?...

— É o que os jornais perguntam. Porém Billy ainda não conseguiu obter seu divórcio... Uma pena, realmente! Êle e a espôsa brigaram por uma coisa à-toa, caprichos, entende?

para consultar o relógio. Três e cinqüenta e cinco da madrugada. Quem poderia chamar a tal hora?

— Êle não vai aparecer, repentinamente, no meio da noite, hein? Olha lá!

— Não tenha mêdo, querida. Aliás, aqui estou eu, como censor, para não o deixar passar!

•

FRAN e Betty tinham cursado, juntas, a escola e, mais tarde, haviam ingressado na mesma Universidade. Depois que seus pais morreram, Fran foi trabalhar no escritório de uma firma comercial. Fran, a êsse tempo, havia casado e, em companhia de Tom, mudara-se para New York, onde sua agência resolvera dar-lhe a direção dos negócios. Betty era agora secretária do diretor de produção, o que significava bom salário e pouco que fazer.

TINHAM feito uma ligeira refeição no espaçoso *living*, apreciando o panorama através da larga janela, antes de que Fran descesse para o apartamento de Billy Talbot.

— Fran, querida — disse Betty. — Você, é claro... não tem obrigação de

contar o que possa ter acontecido... Mas entendi que qualquer coisa houve... entre você e Tom."

— Realmente — respondera Fran. — Qualquer coisa, sim... Mas, Betty, para ser franca, nada desejo falar *por enquanto*... Hoje, pelo menos! Não se zangue comigo...

— Tolinha!

Betty a envolvera, carinhosamente, pela cintura.

— Tolinha! Zangar, por quê? Eu, sim, fui indiscreta. Mas, você deve compreender. Eu sempre imaginei que tudo corria às mil maravilhas, entre você e Tom!

— Também eu pensava assim! Também eu! — dissera Fran, começando a descer a escada. — Mas durou pouco... Coisa de um ano, se tanto. Penso que poderei arranjar um emprêgo, aqui. Qualquer coisa, contanto que me permita ficar bem afastada dêle...

— Então, você acredita que tudo está acabado? Definitivamente acabado?

— Betty, meu bem... Creia que me sinto envergonhada. Contarei tudo a você, depois... Logo que puder! Pode ter a certeza! Amanhã mesmo, talvez... *Hoje, não !*

— Pois claro, querida... Quando quiser. Agora você vai descer. Precisa de repouso. depois da viagem.

Descera ainda alguns degraus, acompanhando a amiga, beijara-a, desejando-lhe boa-noite e tornara a subir.

FRAN ficou sentada algum tempo, fumando, junto da luz do *abat-jour* de cabeceira. Com tôda a calma que pôde reunir, começou a pensar na própria situação e a calcular se tudo, realmente, estaria *irremediàvelmente terminado*... ou se aquilo fôra apenas uma espécie de susto, de teimosia, *um acidente*. Todo homem pode errar uma vez. Uma reunião alegre, um pouco mais de *whisky*, um pouquinho só. Mas Tom visitara aquela pequena não uma, mas três vêzes, *pelo menos*...

Quando Fran descobriu essa falta (Oh! Como teria sido melhor que nunca descobrisse! Se tivesse ignorado, nada teria ocorrido; tinha a certeza de que uma centena de filósofos apoiaria esta sua idéia, idéia que só agora a assaltava, bastante tarde, desgraçadamente) quando descobriu a falta, sentiu como se um jato de lama a tivesse coberto da cabeça aos pés.

— Oh! Por quê? Por que, pelo amor de Deus, Tom, você foi fazer isso?

— Não sei... — murmurara êle, muito pálido e com voz sumida. — Eu podia mentir. Podia inventar uma história. Mas não sei fazer isso! Creio que... que, aconteceu... Não pude evitar!

— O que não perdôo foi o tentar enganar-me! Você podia ter sido franco. Esta época em que vivemos permite tudo... Você devia, para ser honesto, vir primeiro a mim e explicar a situação. Eu, certamente, compreenderia... E deixaria você livre... E tudo, então, teria sido mais decente...

— Não, não... Eu mesmo sinto, agora, que agi mal. E odeio-me mais do que você pode me odiar, Fran! Sei que você não acredita. Mas é a verdade! Eu... eu nunca deixei de gostar de você, *só de você*, querida!

— Oh! Por favor! Nunca mais torne a dizer isso, pois sinto que seria capaz de matá-lo!

Êle empalidecera mais ainda e deixara-se cair sentado numa poltrona.

— Não importa que você faça isso — disse, quase chorando. — Mas é a verdade!

Ela, porém, não se desarmara. Disseralhe que *podia ficar com suas fraquezas, sua sedutora Cynara e o resto*; ela não ficaria mais um só minuto na sua companhia!

Êle, abrindo muito os olhos, como se quisesse nêles conter o mundo inteiro, pedira, com voz enrouquecida, falando aos arrancos:

— Não... Não me abandone, Fran... Você é a minha âncora... Se você ficar, sei que nada disso poderá acontecer outra vez. Tenho a certeza! A lembrança dêste momento, evitará outro êrro. Se você me deixar... não sei! Por favor, Fran...

AGORA, sentada no *living-room* dêsse desconhecido *Mr. Talbot*, não se sentia envergonhada. Estava, sim, revoltada. Ou, talvez, as duas coisas. Tratou de refletir:

— Posso varrer tudo isso da minha mente, se quiser. Por hoje, vou banir Tom dos meus pensamentos...

Mas, logo, furiosamente, levantou-se e começou a caminhar pelo *living*.

Ali estava um telegrama, aberto, sôbre o armário da televisão. Pensou que não devia ler o que continha; mas leu. Vinha de New York e estava dirigido a Talbot, simplesmente, e dizia: — *"Querido, por favor, telefone imediatamente. Amo-o realmente. Telefone, sem falta. Lillian."* Sob o telegrama estavam quatro cartas aéreas, não abertas, sendo remetente *L. Stevens, 6 Charlton Street, New York.*

Aquêle telegrama era como um grito, e as cartas conservavam aquêle grito ecoando patèticamente. Essa impressão despertou Fran, como se a fizesse abrir os olhos para a sala onde se encontrava. *Quem era êsse homem, Talbot?*

Voltou-se para a estante próxima, a fim de examinar seus livros. Era uma coleção mais ou menos *standard* — imensos volumes de Van Gogh e Roualt, contendo as mais belas obras dêsses mestres;



alguns Freud, Proust, Henry James, as obras completas de Shakespeare... O único volume realmente inesperado era o de uma história de fadas, ilustradas por Arthur Reckham.

Sôbre a mesinha de trabalho a fotografia de um lindo menino, de cabelos escuros e anelados. (Batty falara num filho dêle e Lillian.)

— Êles nem pensam no menino... — murmurou Fran. — Ninguém pensa nos filhos! Têm responsabilidades... e só pensam em si mesmos. Assim é muito fácil. Ninguém se preocupa...

Ainda sôbre a mesa estava um envelope volumoso. Seria ainda a respeito dêle? Diria a Fran mais alguma coisa a respeito dêle? Retirou alguns papéis. Diziam a respeito dos negócios de Talbot. Eram anotações de um procurador, apontando despesas dos últimos dois meses, bastante sobrecarregadas em razão da dupla obrigação de moradias dêle e da espôsa e ainda os encargos de processo; mas não era coisa de alarmar porquanto o dinheiro estava bem colocado. E o procurador terminava com um *"Cordialmente — Bernard"*.

Fran observou o apartamento, a fim de descobrir o caráter de Talbot. Alugara-o mobilado (segundo Betty havia informado) e mudara-se poucos meses antes. O sofá, as poltronas, os *abat-jours*, eram, porém, coisas dêle mesmo e tudo parecia como se tivesse sido arrumado por etapas, e fôsse deslocado diàriamente. Havia um mundo de coisas fora do lugar (livro dos telefones, espelhos, escôvas); havia coisas abertas e não mais dobradas (jornais pastas com papelada, etc.). Tudo parecia em revolução, como se a arrumadeira, que ali comparecia, tôdas as tardes, nunca pudesse dar conta do serviço e o deixasse pelo meio...

Fran tratou de levar os copos usados para a cozinha; não porque fôsse maníaca pela arrumação, mas para justificar a sua passagem pelo apartamento. Havia um meia dúzia de garrafas de *Yhisky* sôbre um aparador. Abriu o refrigerador e viu, em tôda aquela fria caverna uma garrafa de leite. E ficou pensando o que poderia encontrar além do leite.

Agora, no fundo de sua imaginação, começava a ouvir passos rápidos e nervosos e, de vez em quando, dolorosamente, um "tampo", como se o ritmo da vida pudesse ser abstraído e causasse ansiedade. Começou a sentir como se aquêle homem estivesse presente... Como se tivesse o dom da invisibilidade e pudesse observá-la.

Ao retornar ao *living-room* começou a pensar. Conhecera muita gente de cinema (o que não é difícil quando se cresceu nos arredores de Beverly Hills) e sempre lhe causara arrepios o tipo de caçador que vive atrás de uma oportunidade valendo milhares de dólares; preferia o funcionário que trabalha suas horas certas do dia para receber o salário certo, embora modesto, semanalmnete.

Talbot... a que gênero pertencia? Aquêle Freud, na sua estante, revelava preocupação, distúrbios mais ou menos sérios. Agora começava a ver um pouco mais através de sua pele de homem comum. Deixou correr novamente o olhar pela sala, detendo-se um pouco mais no retrato do menino, nos envelopes aéreos, ainda fechados (pobre Lillian!). Sabia, agora, o que significava aquêle desalinho de todo o apartamento, a complicação das côres dos tapêtes, dos móveis, das cortinas. Aquilo significava tristeza, amargura, hipertensão... Um coração despedaçado, enfim!

ABRIU a porta do banheiro, aproximou-se do armário de medicamentos e teve confirmado o seu diagnóstico. O *recurso* principal ali estava: *"seconal"*.

A seguir, voltou para o dormitório, onde sabia que a arrumadeira mudava os lençóis e fronhas diàriamente e viu a gaveta aberta. Nela, cada camisa, dentro do envelope de celofane, com o carimbo da lavanderia; a roupa para lavar estava jogada atrás de uma volumosa mala de cabine; os paletós tipo esporte, num armário, cuja porta não fechava; no fundo do mesmo, uma fotografia de Muriel Blythe (sem moldura e bastante riscada e amarrotada) junto de uma pilha de lenços e de gravatas de côres vivas. Aquêle era o quarto de um homem moço, desordenado, rico e que perdera o rumo.

Olhou, então, para o leito: estremeceu ligeiramente, com uma pontinha de repug-



nância e então notou um: coisa em que não havi: pensado até então. *Aquel era a primeira vez que dor mia sòzinha, nestes doi últimos anos!*

Repentinamente, sentiu um friozinho desagradá vel... Fazia esforços tre mendos para não pensa em... no passado. Queri: pensar em Billy, Billy Talbot. Na mesinha d cabeceira estava um livr sôbre a guerra, dos mai: vendidos aliás.

— ***Mais um***... — pensou ela, com um repentino de sânimo e uma grande, ir reprimível vontade de ri e de chorar.

Sob o livro estava un exemplar do "Hollywoo Reporter". Na parte infe rior da mesinha estav uma pasta, um pouco poei renta. No seu interior, trê fôlhas datilografadas, cad uma num envelope de celo fane. Eram fôlhas de un bloco de receitas de un médico. E lá estava: *"Diet recomendada para Mr. Wi liam Talbot"*. Tinha a dat do mês anterior.

Leu e, tanto quanto pô compreender, o mal c Talbot era tensão e dispe sia, com risco de surg *complicação mais grave* —

"Deve evitar aborrec mentos e esforçar-se po ser alegre e gentil" — dizi: o médico..." (*Ora, vamos doutor!* — pensou Fran. — *Isso é lá possível? A vid só é alegre quando a alm também o é!*)

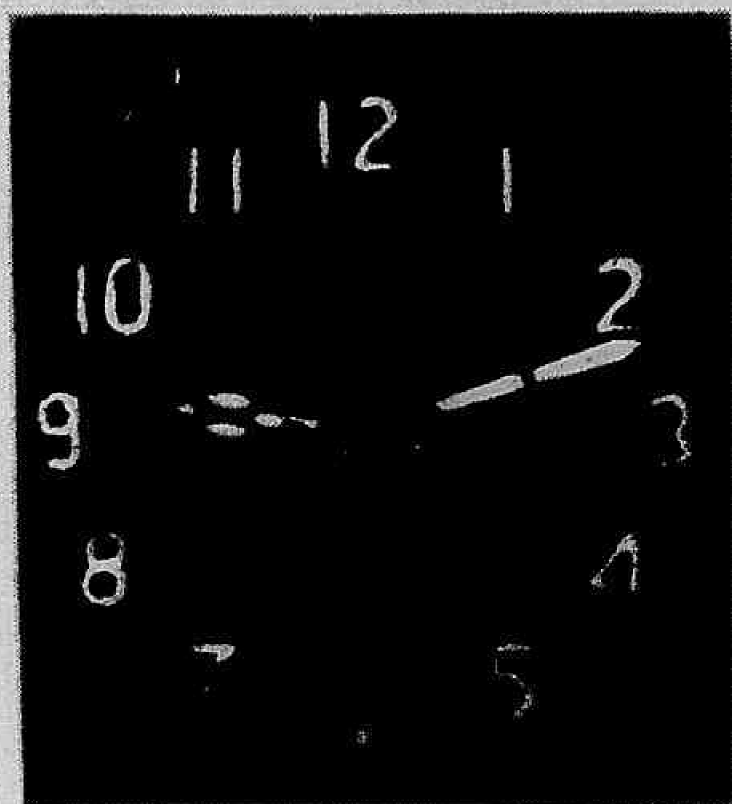
(Continua na página 116

O telegrama era como um gri patético, ecoando pelo quarto.


QUÍMICA

ENERGIA ATÔMICA NO SEU RELÓGIO

Se o leitor tem um relógio com mostrador luminoso, examine isso no escuro, sob uma lente. O que acontece é atômico.

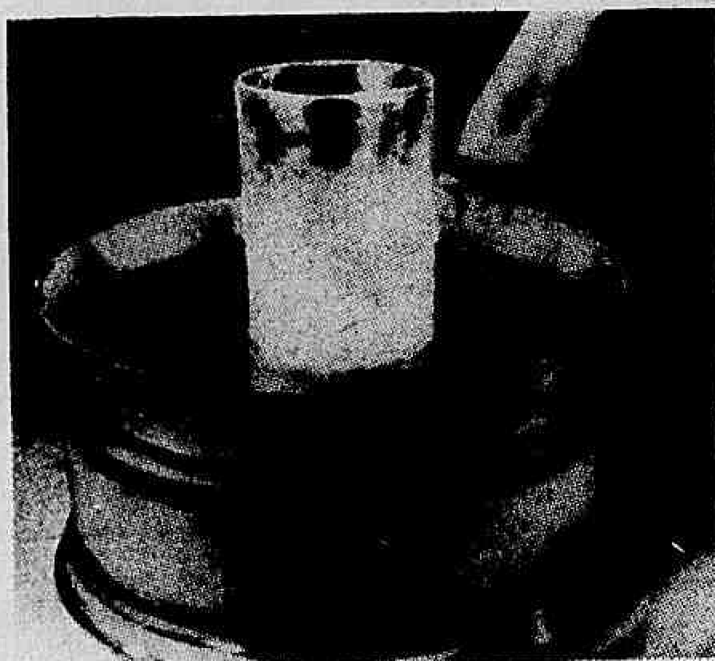


NINGUÉM precisa ter acesso a um laboratório para ter uma excitante introdução de energia atômica. Para observar uma barragem de explosão atômica, produzida com um elemento espontâneamente transformado em outros, examinem apenas a figura luminosa no seu relógio de pulso, com a ajuda de uma forte lente, num quarto escuro. Quanto mais poderosa a lente, melhor. Depois da vista se adaptar à escuridão, olhem para o mostrador atentamente, com a lente. Em vez de uma linha uniforme e brilhante, verão que as figuras numéricas aparecem como explosivos pontos de luz. O que vêem é, de fato, uma desintegração atômica.

Pintada com a composição especial, a superfície dos números é um minúsculo depósito de bromido de rádio e grande fonte de alguma substância fluorescente, como sulfito de zinco. Como cada átomo de rádio desintegra, lança para o exterior, em tremenda velocidade uma partícula alfa, que é, na realidade, um átomo de hélio. Cala vez que uma partícula atinge uma molécula de sulfito de zinco, ocorre uma chispa de luz.



Dissolvam a soda cáustica em água. (Mas só mesmo se o leitor tiver prática dessas operações.)



Depois de ficar límpida a água, fervam a mesma para, desta forma se evaporar a reter o sal.



O cristal branco no fundo do recipiente é sal comum, que poderá ser provado, numa pitadinha.

TRASFORMAR VENENO EM SAL

Embora não seja recomendado ao leitor fazer sal por êste processo, um veneno pode, realmente, sem assim convertido

FACILMENTE podemos verificar como ácidos e bases nautralizam um ao outro, para formar compostos que são, às vêzes, espantosamente diferentes dos originais ingredientes. Por exemplo, um veneno mortal, o ácido hipoclórico e a soda cáustica (hidróxido de sódio impuro) podem ser transformados, com clorido de sódio em sal de mesa. Ao mesmo tempo pode o leitor ter uma idéia de titração, usada para medir a acidez e alcalinidade. Disolvam meia colher de sopa de soda cáustica em meio copo de água. Num laboratório, algumas gôtas de fenoftaleína são acrescidas para que sirvam como indicador. A seguir diluam uma parte de ácido hipoclórico com 4 partes de água e juntem essa mistura, gôta a gôta, à solução de soda cáustica, mexendo constantemente. Aos poucos a solução vai branqueando até ficar límpida. Isto significa que o ácido hipoclórico e a soda caústica não mais existem como entidades individuais. O ácido neutralizou a base. O que resta da composição é chamado sal. Se quiserem provar isso, fervam a água e, no fundo do recipiente, restará apenas os cristais de sal comum. Provem com a língua (só a menor pitada!) e logo reconhecerão o sabor familiar.





A composição física do açúcar pode ser revelada deitando ácido sulfúrico numa pequena porção do mesmo. O açúcar ficará negro e crescerá, como uma esponja, vindo a transbordar do copo.

AÇÚCAR = CARVÃO + ÁGUA

APLIQUEM BASTANTE CALOR AO AÇÚCAR E ÊLE NÃO SE TRANSFORMARÁ EM CANDI, COMO SE ESPERA, MAS EM CARVÃO NEGRO, HIDROGÊNIO E OXIGÊNIO.

TÔDA a dona de casa, quituteira e que esteja habituada a fazer gostosos caramelos ou que conheça a desagradável fumaça que se desprende de açúcar queimado na panela, está sempre observando um processo químico de decomposição. O açúcar branco, bastante desigual, é composto simplesmente de carvão prêto, mais gases, hidrogênio e oxigênio, na mesma proporção em que isso ocorre com a água.

Aquecendo-se bastante o açúcar, verificaremos que uma porção de gases dêle escapa como vapor de água, restando o que se chama de caramelo. Aquecendo-se mais ainda e depressa... e alguma porção de carvão se junta aos gases expandidos para formar o dióxido de carvão, esponjoso e de cheiro acre, chegando a provocar lágrimas dos olhos.

O que resta, então, nada mais é que carvão, bastante áspero ao contacto.

Devido a que o ácido sulfúrico concentrado tem forte afinidade com a água, o ácido pode ser usado para uma espetacular explosão que também serve para revelar a composição básica do açúcar.

Deitem açúcar até encher um copo pela metade, segundo mostra a primeira gravura, e com um contagôtas, deitem sôbre êle bastante ácido para diluí-lo completamente. (Ter suficiente cuidado para não deixar cair ácido nos dedos ou sôbre a superfície envernizada dos móveis.)

A seguir, observem o que ocorre. O açúcar não tardará a ficar negro, começando a ferver e, finalmente, acompanhada de intensa fumarada de vapor, subirá como uma coluna esponjosa para fora do copo, até chegar a dimensões muitas vêzes superiores à da original quantidade de açúcar.

O OXIGÊNIO QUEIMA O FERRO E O AÇO

Não é necessário usar o maçarico de acetileno para queimar ferro ou aço. Isto pode ser feito, leitor, em sua própria casa, com oxigênio num tubo de vidro.

POR mais estranho que possa ser, um gás (oxigênio) é o mais amplamente distribuído e abundante de todos os elementos químicos. Olhem-se num espelho e estarão vendo uma criatura formada 65 por cento dêsse gás! As águas do mesmo e a água que bebemos estão formadas de 89 por cento de oxigênio.

O oxigênio forma o 21 por cento do ar que respiramos. A madeira, o papel, o vidro, o pão, tudo contém oxigênio e o oxigênio na crosta terrestre pesa quase tanto quanto todos os demais elementos reunidos, incluindo-se o ferro, o chumbo, o cobre e todos os restantes metais!

Por ser incolor, inodoro e sem qualquer sabor, só foi descoberto em 1774, quando Joseph Pristley, um religioso inglês, colocou óxido de mercúrio num tubo de vidro, concentrando sôbre êle os raios do sol, por intermédio de uma lente, e colheu o gás assim produzido. Deitou uma vela acesa e sua luz se tornou mais brilhante. Um rato, colocado nela, mostrou-se alegre e fogoso. Respirando êsse gás, êle próprio, sentiu-se mais forte. Não tardou a que êsse gás fôsse recomendado para uso da medicina e para dar ao fogo maior poder. Hoje, o oxigênio é usado amplamente nos hospitais e também nos maçaricos de oxiacetileno, para cortar o aço como se fôsse manteiga. Com peróxido de hidrogênio, encontrado nas farmácias, e dióxido de manganês, tirado de alguma pilha de lanterna elétrica, o leitor pode duplicar essa experiência, que tanto emocionou seu descobridor.

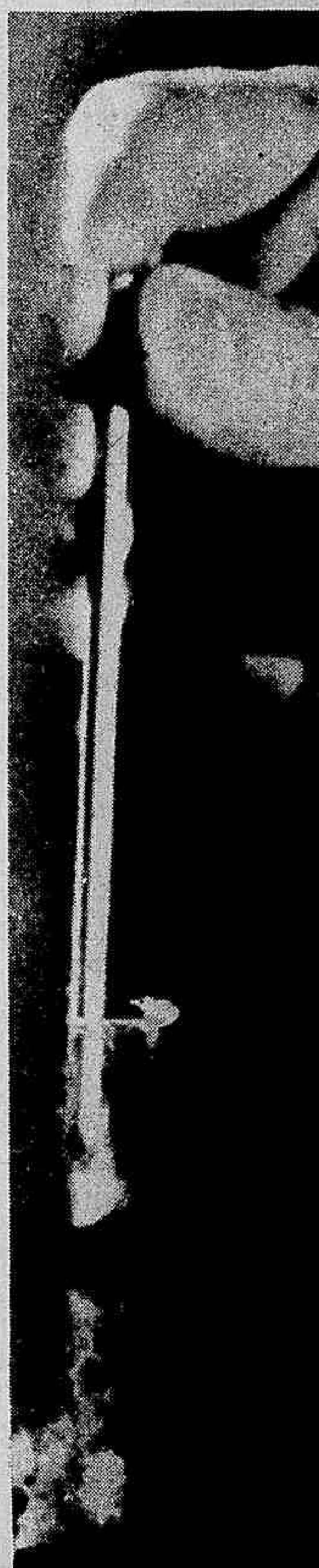
A caseira água oxigenada pode realizar 10 volumes de oxigênio para cada volume de líquido. O dióxido de manganês age como catalista. Deitem uns 3 centímetros da água oxigenada num tubo de ensaio e nela deitem alguns grãos de pó negro do interior de pilha velha.

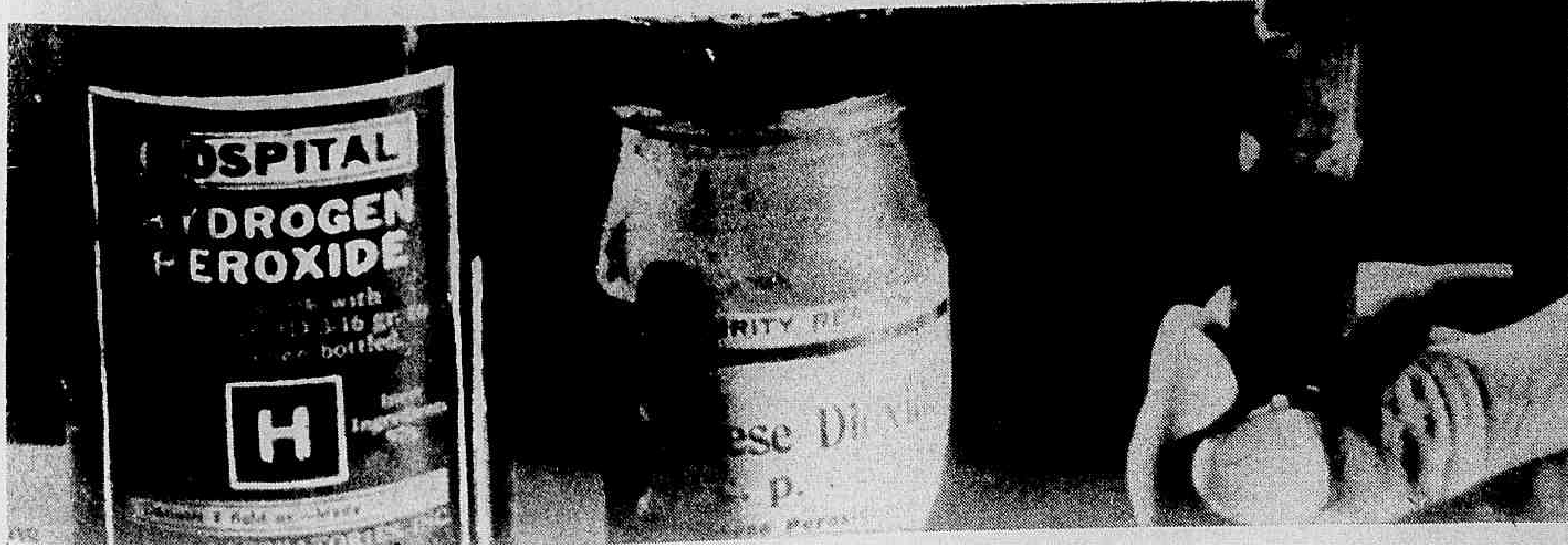
Bôlhas de oxigênio logo surgem e o gás não tarda a sair do tubo.

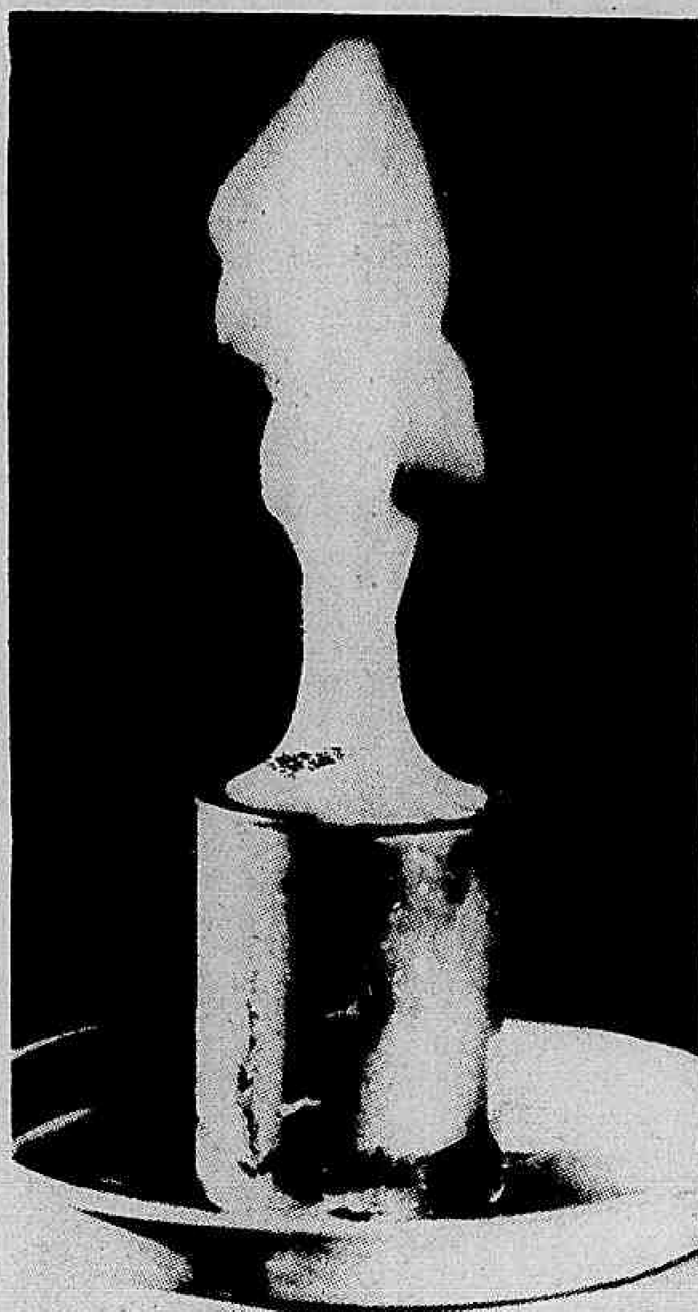
Ponham no tubo um pedaço de madeira ou cordão com uma brasa na ponta e logo queimarão.

Mesmo o ferro ou o aço queimarão nesse ativo gás.

Um pedacinho de palha de aço ficará rubra e desprenderá faíscas, quando colocado no tubo.



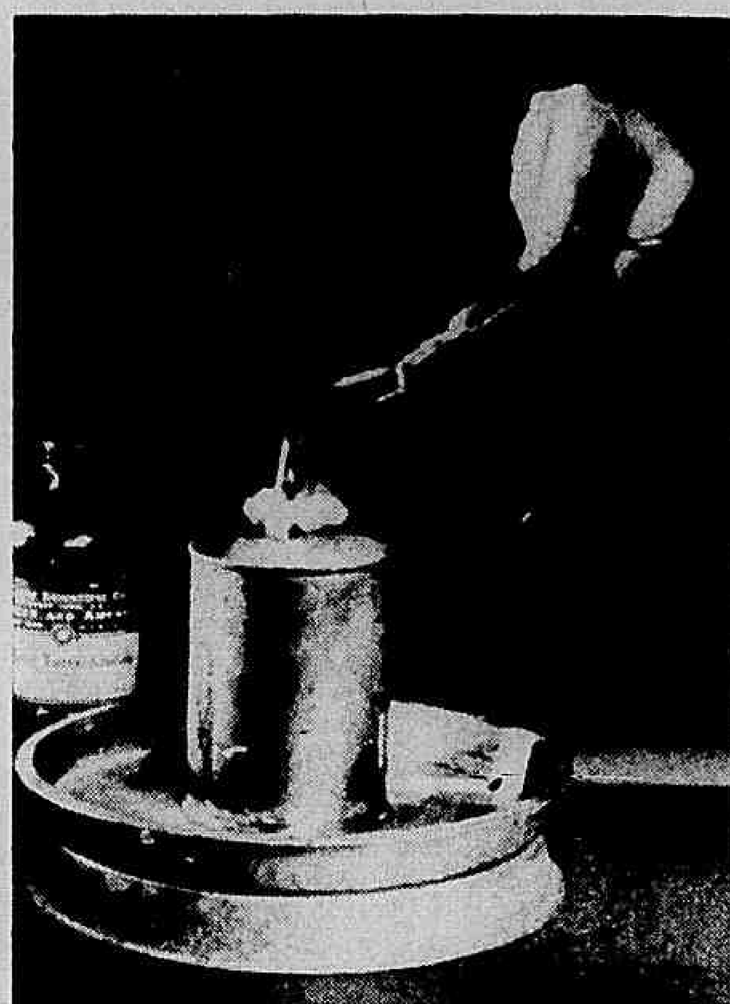




O fogo de gasolina, numa lata, como o que se vê ao alto pode ser extinto fàcilmente por sufocação das chamas.



Um pedaço de cartolina ou qualquer outro material semelhante, colocado sôbre a chama, apagará o fogo com grande facilidade.



Um pedaço de algodão, embebido em tetraclorito de carvão pode abafar o fogo se colocado sôbre o mesmo, porque cria C.C. l'.

COMO APAGAR O FOGO DE ÓLEO?

QUANDO a tinta de verniz, a gasolina ou o óleo de limpeza derrama no soalho e se incendeia ou o óleo no motor de automóvel começa a queimar, esqueçam tudo quanto aprenderam ou já ouviram falar sôbre as bondades da água como agente apagador de incêndios. A água não se mistura com o óleo. E por que é mais pesada do que êste, vai para a parte inferior, provocar o derrame e o espraiamento do óleo e aumenta o campo de incêndio e de perigo. O fogo causado pelo óleo pode ser apagado prontamente por meio de sufocação da fonte. Quando o óleo está confinado numa lata, cuia ou panela, será apagado depressa colocando-se sôbre o recipiente uma tampa qualquer, até mesmo um simples pedaço de cartão, tratando de cobrir muito bem a bôca do recipiente. O fogo mais ameaçador é, assim, extinto em segundos. Quando se trata de incêndios maiores, o dióxido de carvão e o bromidometil são agentes mais eficientes. Êstes gases existem em forma liquidificada em pequenos extintores manuais. Espalhado sôbre o fogo, êsse líquido se transforma em gás pesado e não combustível, que abafa as chamas, retirando-lhe todo o oxigênio.

Se o tetraclorito de carvão é usado em tais incêndios, o jato deve ser dirigido contra o foco mais distante, bem sôbre a chama. Imediatamente será espalhado e vaporizado num gás que tomba sôbre as labaredas.

A experiência que os clichês revelam, explicarão melhor ao leitor êste tipo de luta contra o fogo. Uma pequena lata, contendo gasolina, é colocada sôbre outra, mais larga, contendo água. Deita-se fogo ao óleo e, com um pedaço de cartolina, extingue-se o fogo, cobrindo a bôca da lata.

Embora o fogo pareça formidável, imediatamente se extinguirá, por falta de oxigênio. O vapor do tetraclorito de carvão também pode dominar um fogo confinado numa lata de óleo.

Embebido um pedaço de algodão com êsse produto químico e conservado o mesmo sôbre a chama, logo que o tetraclorito de carvão vaporiza, o fogo morrerá. Deitem, porém, água sôbre o mesmo fogo. O óleo transbordará, sempre queimando, criando um espetáculo realmente assustador. (Mas será extinto, por sua vez, ràpidamente, se usarmos qualquer dos dois métodos.)



Eis o que acontece com o fogo de óleo, se derramarmos água sôbre as chamas. A agua espalha as chamas, aumentando o perigo.

QUE DEVO FAZER...

Se Um Ladrão Entrar Em Minha Casa?



J. W. POLCYN chefe de Polici de Milwaukee

SE eu fôsse mulher e descobrisse um ladrão em meu quarto ou dentro de casa, na calada da noite, gritaria tanto quanto fôsse possível. Mas não me refiro a um simples grito de susto, logo abafado pelo terror. Refiro-me ao grito desesperado, lancinante, horroroso, capaz de gelar o sangue nas veias de quem o ouvisse. Um grito... *como se me esfolassem vivo!*"

Essa é a opinião de John W. Polcyn, chefe de Polícia do Estado de Milwaukee, em artigo escrito, segundo explicou, *com o intuito de bem orientar a população na defesa do lar, da própria vida e, ainda, no sentido de ajudar a polícia.*

Para êsse veterano do combate ao crime, não pode haver melhor defesa contra um ladrão do que um inesperado grito de desespêro, que o apanha de surprêsa e faz titubear, desarmando sua vontade. Êsse elemento surprêsa, tem poderoso efeito sôbre o meliante. Nove vêzes em dez, êle não terá tempo para pensar, preferindo simplesmente dar o fora, saltando por uma janela, atirando-se por uma escada, com um só desejo: *ganhar distância.*

Mesmo que o indivíduo seja bastante corajoso e calmo não é boa política procurar conversar com o ladrão, perguntando, por exmplo, o que está fazendo ou sugerindo que apanhe o que quiser e retire-se em calma, porque, se deixar escapar essa oportunidade de dominá-lo pela surprêsa, estará inteiramente à sua mercê. Êle poderá ameaçar sua vítima com a morte, caso faça um gesto ou abra a bôca, ou, quando menos, surrá-la para impor-se e obrigá-la a aceitar sua sordens.



O principal, para um ladrão, é garantir a própria pele e a própria liberdade. Por isso, trata de não fazer ruído, de entrar sem ser pressentido — *e sair da mesma forma.* Êsse é o seu plano. Fugirá logo que surgir alguma complicação. Gritando repentinamente, sem que êle espere por isso, seus reflexos dominarão seu raciocínio e seus músculos. Ao contrário, se lhe perguntarem o que está fazendo ou o que deseja, êle ficará apenas *alertado...* e mais hábil para procurar controlar a situação em seu favor. Um grito forte, prolongado, despertará pelo menos uma dúzia de pessoas nas proximidades ou atrairá o policial de ronda. Tudo pode acontecer — *e tudo contra êle!*

Algumas pessoas são tão medrosas que nem podem gritar ou fazer um gesto. Despertar e encontrar um ladrão curvado sôbre a própria cama, ou andando pelo quarto, é o bastante para gelar qualquer indivíduo *não preparado* para essa eventualidade. Mas se disser a si mesmo: "*Se alguma vez encontrar, despertando, um ladrão em meu quarto, tratarei de gritar tão alto quanto fôr possível*", sem dúvida achará tudo mais fácil, nessa hora indesejável, e assustará realmente o asaltante pondo-o em fuga. Preparar o espírito para essa contingência vale mais que possuir um revólver.

Também é boa idéia, ao gritar, rolar da cama, levando consigo os lençóis e cobertores, afastando-se tanto quanto possível do ladrão. Isto não apenas o surpreenderá como ainda o perturbará (se tiver a trágica idéia de apertar o gatilho do revólver que possa trazer em mão) fazendo-o errar o alvo..

Um revólver sob o travesseiro nem sempre é boa defesa contra um ladrão porque êle também poderá ter um revólver. E, neste caso, êle está preparado e pronto para usar a arma, enquanto o assaltado terá que procurar a arma, no quarto sombrio.

Gritem, pois! Gritem com fôrça! Pensem sempre nisso, com a certeza de que essa *é a melhor arma!*



Nem a menor sombra de um sorriso no rosto dessa viúva, no momento de oferecer o seu óbolo. Ninguém filho na guerra a espera ainda o retôrno do desaparecido? Seu gesto é o extremo limite da sua reserva

NA cidade santa de Nara, um cemitério coleciona estranhas estátuas de granito. São pedras com a altura de um metro e cujo cume termina com um rosto groseiramente esculpido. Todos êsses rostos, que olham para a entrada do templo, que se levanta a pouca distância e no qual há uma estátua do maior dos budas da Ásia, imortalizam os heróis da história militar japonêsa. Ao fundo do cemitério, que está totalmente interditado aos fotógrafos, essas pedras, vestidas de limo, representam samurais. Não se pode saber, ao certo, se existiram ou se a lenda apenas lhes deu nome e glória. No primeiro plano estão os almirantes e os generais da guerra russo-japonêsa, acompanhados pelos da primeira guerra mundial.

Recentemente, novos monumentos vieram aumentar a coleção dos soldados. Entre êles estão criminosos de guerra,

sabe por que ela dá.. Perdeu algum natural. O resto é impassibilidade.

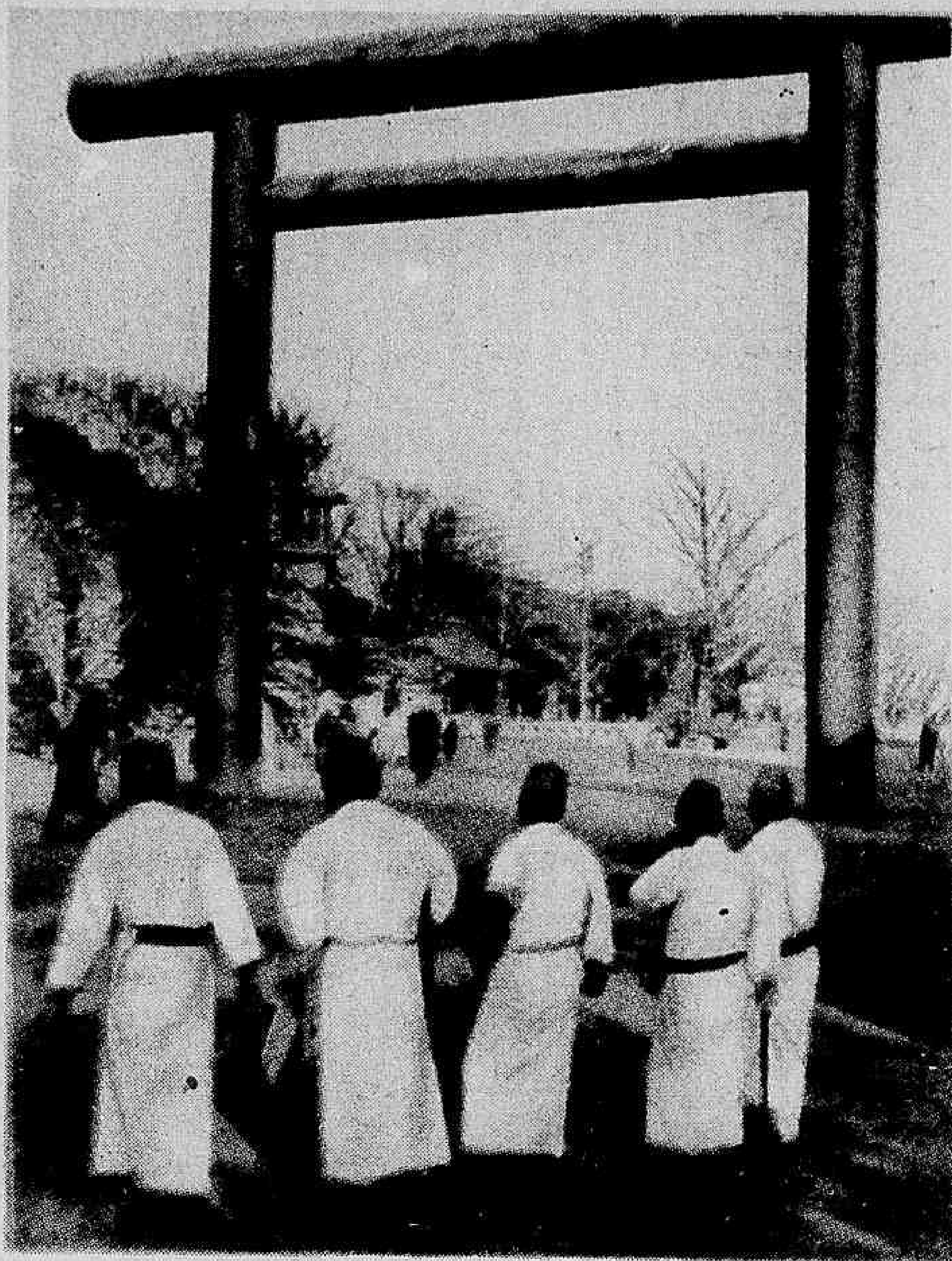
julgados e condenados como tais pelos Aliados. Houve, realmente, uma enérgica reclamação, por parte das autoridades norte-americanas, que fizeram pressão sôbre o govêrno japonês para que tais monumentos fôssem suprimidos. Porém o prefeito de Nata, ignorando as ordens recebidas, mandou fechar de



À vista do mendigo, a mãe incita o filho a afastar-se ràpidamente. O inválido, mudo, usa um quimono bizarro (côr de luto) e apresenta um cartaz implorando a piedade dos transeuntes. Simbolizando a derrota, êsses mendigos são evitados como se fôssem a peste.



Essa profunda reverência é a saudação dos vencidos aos soldados ainda não vencidos de hoje. Os jovens marinheiros da nova Armada são, em princípio, futuros heróis; mas os ex-combatentes personificam, antes de mais nada, a vergonha da derrota de seu país.



Diante do pórtico do templo de Jasukuni, cinco cantores das ruas mendigam um óbolo. Por nada neste mundo se arriscariam a penetrar no interior do templo, onde os peregrinos invocam a bênção dos deuses e dos antepassados, por que deuses e antepassados, sem dúvida alguma, se envergonhariam com a presença dos que foram derrotados.



Seu estado de ex-combatente é indicado pelo quépi de campanha. Assim, êle trabalha como engraxate. Seus clientes não lhe dirigem um olhar e; êle mesmo não ousa jamais olhar o freguês nos olhos; o soldado vencido perdeu até mesmo seu rosto.

grades o seu cemitério e anunciou às autoridades de Tóquio que as almas dos heróis japonêses, criminosos de guerra ou não, moravam naqueles terrenos e que ninguém, nem sequer o imperador, teria o poder de expulsá-las. Segundo a concepção japonêsa, oriunda do sintoísmo, essas almas encontraram asilo no paraíso.

As estátuas, em número de quatro, ainda lá se encontram, como verdadeiros símbolos de glória e de veneração. São os únicos combatentes da última guerra a merecer essa honra em todo o Japão. Os outros foram esquecidos pelos deuses e pelos homens. No Geimusho (Ministério dos Negócios Exteriores) que contabiliza os vivos e os mortos, não existe qualquer estatística dos soldados que lutaram na última guerra, nenhuma referência aos mortos e feridos ou inválidos.

A derrota marca todos êles, como costumam marcar os pestosos de Madras. Se perguntarmos a um camponês dos arrozais ou a um condutor de bonde em Iokohama, se foi soldado, êle não responde. Em seu espírito só se pode ser soldado quando se foi vencedor.

O ressentimento é tal com relação ao combatente — êsse vencido, êsse infeliz, êsse pestilento — que, mesmo os inválidos, são entregues à própria sorte. Formam pequenos grupos, vestidos de branco (côr do luto) e se imobilizam diante da entrada das grandes lojas comerciais. Seu uniforme conserva exatamente a linha e a forma de uniformes militares. O quépi continua equilibrado no alto da cabeça. Porém os mantos de campanha que os inválidos cortam, êles próprios, em tecido de algodão, caem em redor dos corpos como velas murchas de navio. Cantam com voz chorosa canções muito tristes, enquanto acompanham a própria voz com uma guitarra. Os transeuntes param, às vêzes, tiram da carteira alguns "yens", que deitam na comprida caixa forrada de papel pintado. Mas nunca olham, um segundo sequer para êsses vestígios humanos do exército imperial.

Êstes invadem os jardins que precedem os templos. Perto de Tóquio, o Templo de Yasukuni (Yasskuni) é um dos seus pontos favoritos. Cada domingo, nume-

rosas peregrinações ali chegam para homenagear os antepassados. Os inválidos, formando longas filas, guitarras em punho, aguardam a esmola. Tôda vez em que um níquel cai na urna de papel, os ex-combatentes agradecem inclinando-se até quase tocar com a fronte nos joelhos.

A receita assim obtida vai para uma caixa comum, como a dos cegos de Kamakura ou dos pernetas de Yokesuka. Graças a essas quantias, os inválidos podem comprar instrumentos de prótese que substituirão os braços perdidos, as pernas amputadas ou uma coluna vertebral abalada.

O único problema com o qual se ocupam os políticos, é o dos prisioneiros japonêses na Mandchúria. Tóquio calcula êsse número em 350.000. Moscou e Pequim falam de 25.000. Há sete anos, o diálogo entre as capitais é um diálogo de surdos. Cada um fica na sua posição. Moscou restituiu ao Japão, há três anos, 60.000 prisioneiros estacionados na Sibéria. Depois disso, nada mais. Finalmente, em março último, nove contingentes de 2.000 homens tocoram terra japonêsa, após nove anos de campos de concentração. Outros contingentes foram prometidos. Mas êsses homens causam mêdo às autoridades. Partiram japonêses e voltam... comunistas. O cavalo de Tróia abre seus flancos para a revolução.

O Japão deve à China a sua cultura e a sua maneira de orar. Mas no que o império do Sol Nascente difere do Celeste Império, é na sua classificação do soldado. Na China, êle ocupa o décimo quarto lugar. No Japão, o primeiro — mas, com a condição, todavia, de que seja o vencedor.

Nesse clima de desprêzo, de decepção, Tóquia procura reconstruir um Exército. Créditos são votados para armar duzentos mil homens, enquanto neste momento apenas cento e quinze mil estejam realmente sob instrução. E a disciplina é aguda.



Em pequenos grupos, os vencidos cantam e tocam nas ruas. O menor óbolo que lhes é atirado vai para uma caixa comum, que lhes permite comprar ou fabricar aparelhos de prótese ou instrumentos. Êsse fundo não é controlado, nem subsidiado pelos poderes públicos da nação. Pertence aos antigos combatentes, que o fundaram e organizaram sòzinhos.

SÃO COISAS DA VIDA

«DE TROP» — Um tribunal de New England aceitou a petição de Arnold de Ribbentrop, que solicitava licença para trocar de nome, alegando que o que lhe coubera, de nascença, era demasiadamente «repugnante».

DEMASIADO — O sargento Earl Jones, de Camp Custer, suportou cinqüenta testes de sangue, no ambulatório dos soldados, antes de que viesse a descobrir que haviam dezessete outros sargentos Jones em seu regimento... e que estava em vias de sofrer todos os testes pelos mesmos.

DECRETOS — O leitor poderá ser prêso, na cidade de Clinten (Connecticut) se fôr apanhado na rua passeando com um tigre prêso por uma corrente... na cidade de Reading (Pensylvania) se pisar na roupa lavada que as mulheres espalham pelos terrenos vazios... em Tyde Bare (Vermont) se der mais de dez beijos na pequena, numa praça pública... se andar descalço na via pública de qualquer cidade de Minnesota e, finalmente, em Massachussets todo mendigo que se recusar a tomar banho em qualquer delegacia distrital, na noite de sábado de cada semana, será prêso.

DESTRUIÇAO — Na papeleta médica, prêsa aos pés da cama de um paciente, num hospital de Salt Lake City lia-se: «Automóvel fechado. Chaves dentro. Paciente perdeu a paciência, quebrou a vidraça a pontapés. Graves ferimentos nos tornozelos.»

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«A evolução ortográfica segue a evolução da língua, de que deve ser a imagem; tem, pois, raízes profundas na história do povo, cujo desenvolvimento acompanha, no tempo e no espaço" — JOSÉ RICARDO NETO

CORRESPONDÊNCIA

M. A. (Rio) — O sistema ortográfico vigente tem base etimológica. Nem por isso se retrocede no tempo e no espaço, eis que, conhecido o étimo do vocábulo, estuda-se, através das formas arcaicas, ou intermediárias, a sua evolução. Não se trata de sistema fonético, como supõe, mas de sistema fonético-histórico, com base científica.

Quanto ao emprêgo do *h*, é bem de ver que a supressão total, como sugere, viria alterar grandemente, o aspecto da grafia, sendo desaconselhável.

Atendendo ao seu pedido, esclarecemos que o *h* é empregado:

a) no início dos vocábulos, quando existe fundamento etimológico: *homem, honra, hoje;*

b) nas palavras formadas por prefixação do seguinte tipo: *pré-história, sôbre-humano, anti-higiênico.*

Obs.: cai o *h* quando o prefixo, terminado em consoante, se justapõe ao substantivo: *desonra, desumano;*

c) nos grupos molhados *lh, nh* e no grupo ch (= x): *malha, manhã, chave;*

d) nas interjeições: *oh!, ih!*

e) no topônimo *Bahia.*

É certo que já se não escreve o *h* inicial em certos vocábulos que o possuíam na origem: *erva, Espanha,* etc. Trata-se, contudo, de formas populares, consagradas pelo uso.

Algumas palavras, que erradamente se escreviam com *h*, tiveram a grafia corrigida: *ontem, ombro, umbral*. Caiu o *h* médio, sem valor fonético: *proibir, anelo, exibir*.

O emprêgo do *s* e do *z* está igualmente subordinado à etimologia.

Emprega-se s nas palavras que originàriamente se escreviam com *s* ou *ns* (*rosa* ⟶ *rosa; mensa* ⟶ *mesa*); *z*, nas que se escreviam com *z, te, ti, ce, ci* (*dicere* ⟶ *dizer, justitia* ⟶ *justeza*); Em conseqüência, todos os tempos dos verbos *pôr* e *querer*, que se escreviam com *z*, pasaram a ser escritos com *s*: *pus* (do *posui*), *pusesse* (de *posuisse*), *quis* (de *quoesivi*), etc.

Como vê, os problemas ortográficos são delicados, e a solução dos mesmos há de ser encontrada na história da língua, através da reconstituição da origem e evolução de cada palavra.

Impraticável será qualquer sistema que fuja às normas acima, em suas linhas gerais. É que a evolução ortográfica segue a evolução da língua, de que deve, tanto quanto possível, ser a imagem; tem, pois, raízes profundas na história do povo, cujo desenvolvimento acompanha, no tempo e no espaço.

Augusto Elysio — Publicamos, em o número de julho desta revista, notícia a respeito do livro "Saudades", de Augusto Elysio. O poeta, levado pela gentileza, eis que agradecimento não cabe (fomos justos nos conceitos emitidos), lavrou mais esta jóia, que nos ofertou, e que transcrevemos, para o álbum de nossos leitores:

R E C O R D A Ç Õ E S

Ao dr. José Ricardo Neto

Vemos, às vêzes, no correr da vida,
Ao revolvermos velha papelada,
Uma simples florzinha emurchecida,
Uma cartinha antiga amarelada.

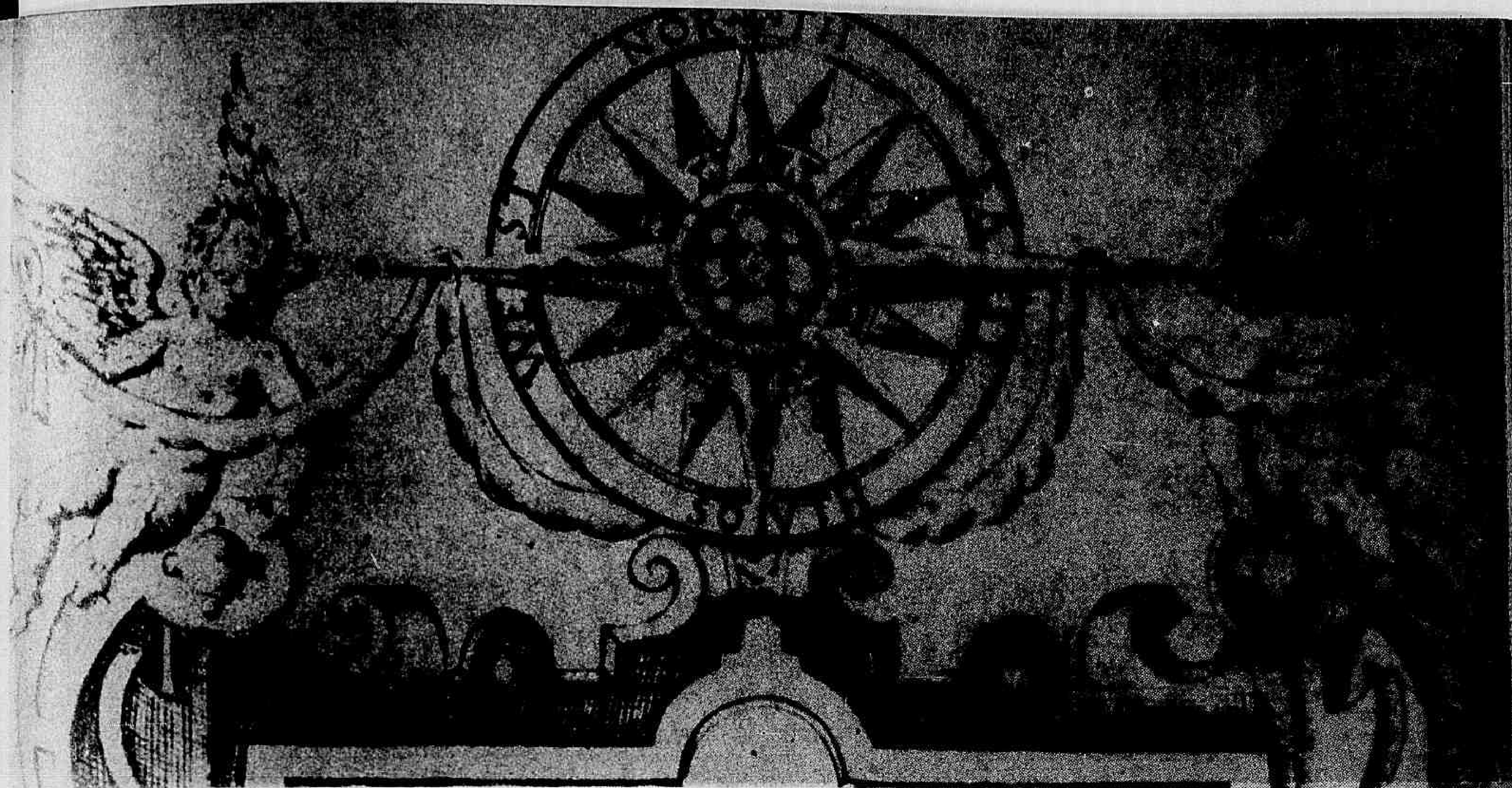
No entanto quanto amor e quantas cenas
Vêm trazendo à memória adormecida,
Fazendo-a relembrar horas amenas
De tanta coisa há tanto fenecida!

Nossa'alma vai então devagarinho
Deixando que se forme agudo espinho,
Ao reviver um sonho tão fugace.

E o coração recebe a aguilhoada,
E a pérola da lágrima formada
Vai doida correndo pela face.

Muito obrigado.

JOSÉ RICARDO NETO



DURMAM CÒSMICAMENTE!

DURANTE a maior parte de sua vida de **adulto, Schopenhauer**, o grande filósofo alemão se viu sèriamente perturbado pela insônia.

Mesmo quando, finalmente, podia adormecer, vencido pelo extremo cansaço, seus sonhos eram agitados por pesadelos desagradáveis, e, por isso, sempre acabava despertando, meia hora depois, insatisfeito, irritado e de tal forma desesperado que estêve a ponto de ser assaltado por uma melancolia com tendências para o suicídio.

Sendo um estudioso dos místicos hindus, Schopenhauer começou a experimentar o tão renomado sono "magnético" ou "cósmico", no qual a posição do corpo em relação às correntes magnéticas (que incessantemente cruzam a terra) é a parte essencial.

Regulando a posição de sua cama relativamente aos pontos do compasso, e mantendo estrita disciplina relativamente às melhores regras para o bem dormir e sabendo como um sono pode ser insuficiente e até mesmo prejudicial, segundo as diferentes orientações do corpo, acabou convencido plenamente de que, na direção leste-oeste, podia dormir muito bem, recuperando mais fàcilmente as fôrças, com um repouso total e revigorante.

Outras experiências convenceram o grande filósofo de que quando sua cabeça estava voltada para o leste, seu sono era o melhor de todos, e quando seus pés, ao contrário, estavam voltados para êste ponto, tudo era o contrário.

Eis porque, a partir de então passou a dormir, invariàvelmente, com a cabeça voltada para o leste e os pés na direção oeste. Seu nervosismo habitual cessou completamente e sua saúde melhorou, *embora a sua básica filosofia pessimista não sofresse alteração*.

Para os céticos, afirmava constantemente, que o dormir atravessado nas linhas da fôrça magnética, que passam do Pólo Norte para o Pólo Sul, carregava o seu velho corpo com "energia cósmica" e proporcionava um repouso mais completo e refrescante do que o do sono ordinário.

E declarava, com sua franqueza rude, que os indivíduos que recusavam aceitar essa evidência em favor do "sono magnético" eram *pouco inteligentes ou de uma teimosia de asno*.

Muitos outros grandes ocidentais adotaram essa idéia de que a orientação do corpo, relativamente ao campo magnético

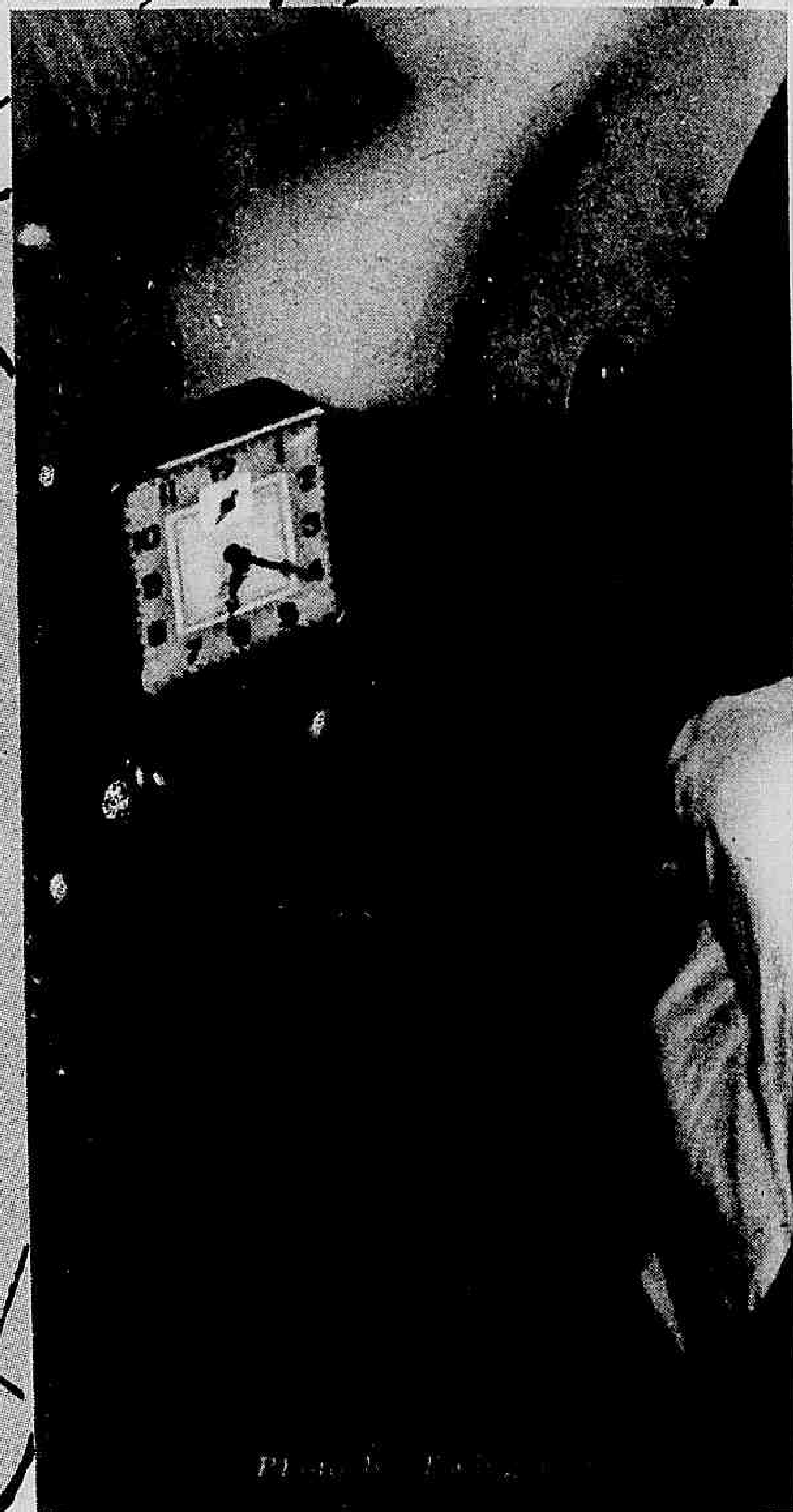
QUEM DORME DE ACÔRDO COM A BÚSSOLA É BENEFICIADO COM AS GRANDES FÔRÇAS MAGNÉTICAS QUE EXISTEM NA TERRA...

da Terra, durante o sono, ainda o revigoramento dos milhões de células (cada uma delas um minúsculo magneto) que compõem o nosso corpo. Napoleão Bonaparte era um dêles. Embora pudesse dormir em qualquer tempo ou lugar e muitíssimas vêzes ao ar livre, sob um tempo inclemente e tendo a protegê-lo tão sòmente seu capotão militar, sempre teve a preocupação de orientar sua posição segundo a bússola lhe indicava, pois a cabeceira tinha que estar, invariàvelmente, na direção do leste. Os grandes estadistas britânicos Disraeli e Gladstone eram assim também cautelosos quanto à posição da cama, sempre consultando rigorosamente a bússola, quando trocavam de residência ou dormiam em locais estranhos, mesmo que fôsse por uma só noite. Na América do Norte um dos nomes mais gloriosos, entre os cientistas norte-americanos, o inventor Thomas Edison — que estava absolutamente convencido do poder das fôrças cósmicas — sempre dormia melhor num vão para isso preparado no seu próprio laboratório, e que estava orientado na direção leste-oeste, o que lhe valia — segundo afirmava — um breve, mas total repouso, que *refrescava vantajosamente suas energias físicas e mentais*.

Edison, segundo o relatório de seus familiares e mais íntimos colaboradores, dormiu apenas quatro horas, durante a noite, tôda a sua vida de adulto.

Apesar da literatura científica relativa ao "sono magnético" ser ainda rara, em nossos dias — o assunto tem sido mesmo menos explorado que o da telepatia ou da previsão dos fatos — sempre tem aparecido algumas autoridades assinando artigos sôbre êsse fenômeno. E servem, mesmo de base suficiente para que possamos entender a ação dessa fôrça magnética e experimentá-la em nós mesmos, sem risco de qualquer espécie e sem nenhuma despesa.

Segundo o dr. George Starr White, em sua obra "Lecture Course for Physicians": "*Durante o sono as radiações psicomagnéticas do corpo ficam grandemente reduzidas — o que prova que são simplesmente uma manifestação de energia...*"



Para aumentar a vitalidade, coloquem a

E prossegue: "*Não será isso prova de que durante o sono o dínamo humano, o sistema vital, recarrega-se, acumulando outro suplemento de vitalidade? Durante o sono a média de vibrações é igualada ou, mais justamente, normalizada pelo desenvolvimento no interior do corpo e a absorção de uma soma definida de fôrça vital. Essa fôrça vital não parece vir de acôrdo com uma lei natural de conservação, mas — talvez — com maior propriedade, deva ser classificada como uma forma de energia cósmica.*"

O dr. White se mostra, entretanto, mais cauteloso, em suas observações, com respeito à fôrça cujos efeitos foram ligeiramente estudados. Limita-se a "*entregar os fatos a cada indivíduo, particularmente*".

Assim, com respeito à orientação do corpo durante o sono, sugere apenas o seguinte: "*Algumas pessoas podem dormir muito bem com a cabeça voltada para o norte ou para o sul, enquanto outras se sentirão melhor com a cabeça voltada para o leste ou o oeste. Eu mesmo mudei a direção da cabeceira das camas de várias crianças, curando-as dessa forma de má nutrição, sem recorrer a nenhuma outra*

alteração em seus hábitos". Essa referência à *má nutrição* é extremamente significativa, dado que a *má nutrição é uma deficiência básica!*

Se a energia magnética — ou cósmica — é um alimento básico (talvez o alimento básico da fôrça vital), então as possibilidades para experiência surgem ilimitadas. Por exemplo, é sabido que certas pessoas têm a capacidade para extrair, literalmente, a energia de outras.

Êsse é um fenômeno muito conhecido e que, não há muito tempo, era relacionado com feitiçaria e feiticeiros.

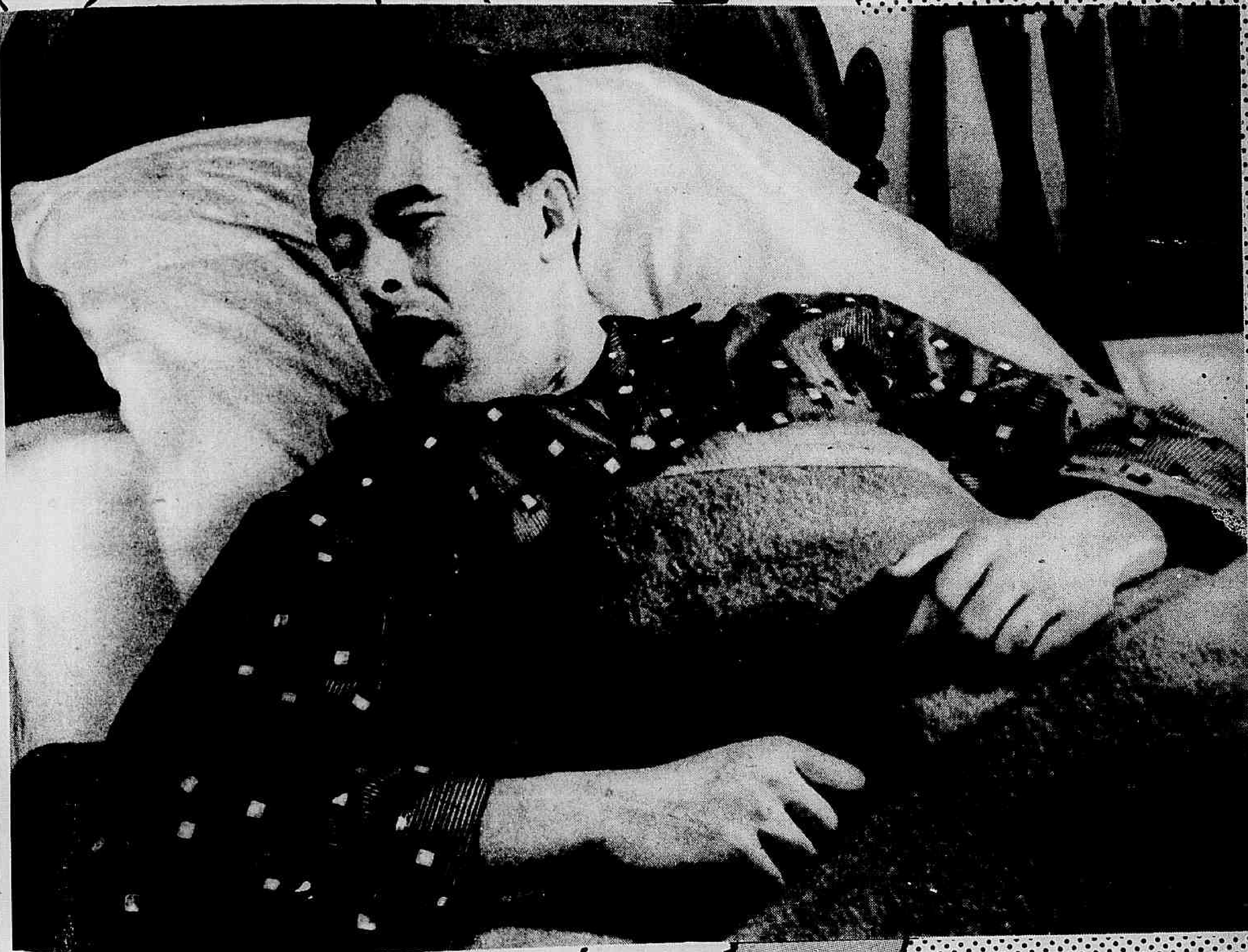
Através dos séculos, incontáveis pessoas, possuidoras dêsse estranho poder de "desmagnetizar" as outras, roubando-lhes a vitalidade e a saúde, foram levadas à fogueira, como "aliadas de Satanás".

Sabemos, hoje, que todo o corpo — e de fato todo o universo — representa apenas a manifestação das fôrças electromagnéticas, que apenas começamos a entender.

A electricidade e o magnetismo representam nada mais que *diferentes manifestações da mesma energia básica*. Por exemplo: uma pode ser convertida em outra, e vice-versa. Mais ainda, segundo sir James Jeans, tão inspiradoramente, apontou em sua obra "The Universe Around Us", *essa energia básica é a criação da própria Divindade!*

"... *podemos imaginar o dedo de Deus agitando o éter*" — disse, humildemente, referindo-se à Criação, que, segundo entende, ocorreu numa simples explosão de "energia radiante", há uns 200 milhões de milhões de anos.

Cada célula humana possui polaridade como qualquer minúsculo magneto de bateria. Numa porção de sua superfície



cama de modo que a cabeceira fique voltada para o leste, formando cruz com as linhas das fôrças magnéticas.

está ela imersa numa solução ácida, e em outra parte numa solução alcalina, permitindo o fluxo normal da corrente.

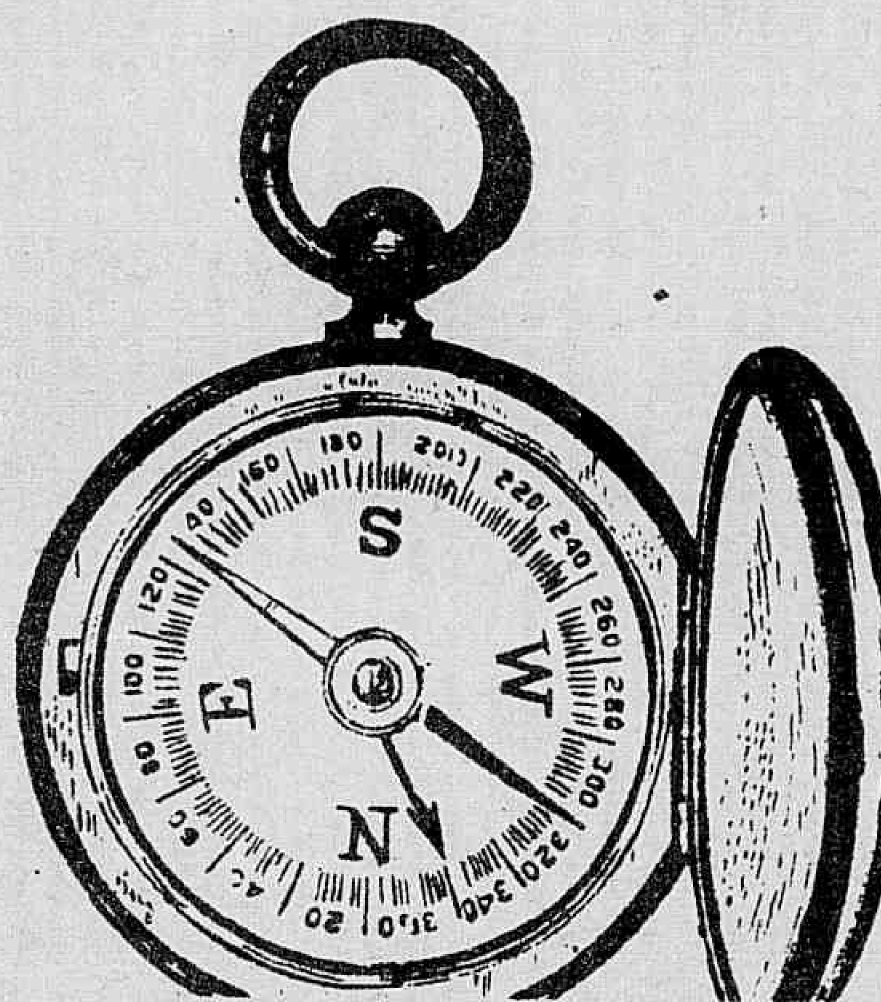
O próprio cérebro contém suficientes células que lhe permitem, se necessário, pensar independentemente de cada proton e electron individuais que constituem todo o universo!

JÁ é sabido que o sono é o resultado da deterioração da capacidade do cérebro consciente — o *córtex* — de receber e transmitir impulsos.

Houve tempo em que se pensava que uma vez que dormimos, todo o cérebro também dormia. Hoje, entretanto, sabemos que isso não ocorre. A subconsciente porção do nosso cérebro — ou medula oblongata — jamais dorme, como não dormem também as células cerebrais na coluna espinhal.

Se isso acontecer, estaremos, òbviamente, mortos, pôsto que nosso coração cessará de bater. Os animais que tenham sido privados de córtex cerebral jamais poderão dormir.

A porção consciente do cérebro foi destinada, deliberadamente, a despertar dêsse sono, em intervalos regulares, a fim de permitir ao resto do organismo repousar e refazer tôda a sua energia magnética.



Usem sempre a bússola, a fim de colocar a cama na posição mais favorável.

Naturalmente, a delicadeza dêsse ajustamento é extrema. Segundo declara o dr. D. F. raser-Harris, em sua obra "Morpheus":

"Durante as horas que passamos acordados, certas substâncias solúveis produzidas pelos músculos, pelo sistema nervoso e pelos tecidos entram no sistema circulatório e, cruzando a matéria cinzenta do cérebro, causam profunda redução de sua atividade.

"Certas drogas químicas têm como papel principal despertar a resistência a êsse fluxo de impulsos contra as células cinzentas do córtex cerebral (cérebro consciente).

A origem electromagnética do sono é revelada pelo fato de ser quase totalmente independente de acúmulo de alimento dado ao corpo. As pessoas bem alimentadas e que, deliberadamente, se abstenham de fazer exercícios, poderão dormir. E o animal — segundo mencionamos acima — ao qual falte um "cérebro consciente" não dormirá, apesar do acúmulo de toxinas lançadas em seu cérebro subconsciente pelo exercício.

A importância de um sono perfeito pode ser comprovada quando acontece, por uma ou outra razão, passarmos algumas noites sem dormir e normal.

O *record* conhecido para um homem resistir com vida sem ingerir alimento é de sessenta e três dias, enquanto que uma só semana sem água é o limite para sua resistência. Mas ninguém, até hoje, pôde passar dez dias sem dormir, sem pagar êsse *record* com a morte ou a loucura irremediável.

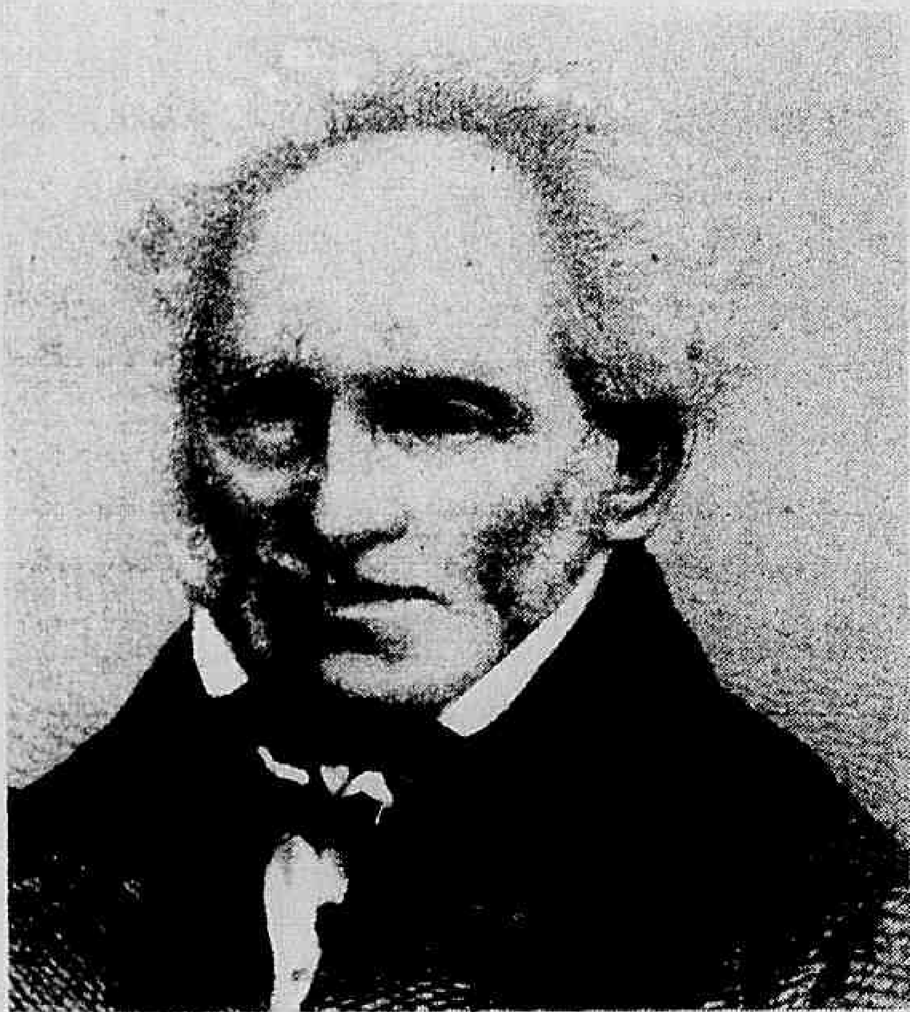
QUAIS as vantagens do método magnético para dormir? Segundo já dissemos acima, há considerável razão para acreditar que êsse método aproveita no mais alto grau uma forma de recuperação da energia básica, de origem electromagnética, essencial à sobrevivência e que, em certas circunstâncias, assume o papel de precioso alimento para o corpo, na forma de fonte de energias.

Como exemplo, citaremos os adeptos hindus, muitos dos quais recorrem a êsse sono cósmico para realizar atos realmente fenomenais, como o da "completa imobilidade", durante os quais, embora acordados, repousam e se revigoram.

A total suspensão do movimento e do ânimo é a única forma de dormir em que as leis da caloria interna ficam parcialmente anuladas. Assim podem êles per-

manecer até trinta dias, comumente, enquanto que já foram controlados rigorosamente *records* (raros, embora) de cinco meses e nove dias, em total imobilidade!

O processo é sempre o mesmo. O praticante é colocado num cofre, que é cuidadosamente orientado segundo as linhas de fôrça magnética da Terra. Isso é observado mesmo nos casos do cofre ser enterrado no solo, suspenso no ar ou pousado no palco de um teatro ou, mesmo, num laboratório, para direta observação dos cientistas.



Quase sempre, essa orientação é no sentido leste-oeste. A êsse respeito é interessante dizer que os antigos egípcios (pelo menos seus governantes) experimentaram o sono magnético. Mesmo nos túmulos, os sarcófagos eram orientados de leste para o oeste. Êsse detalhe, naturalmente, não pode ser considerado como uma simples coincidência.

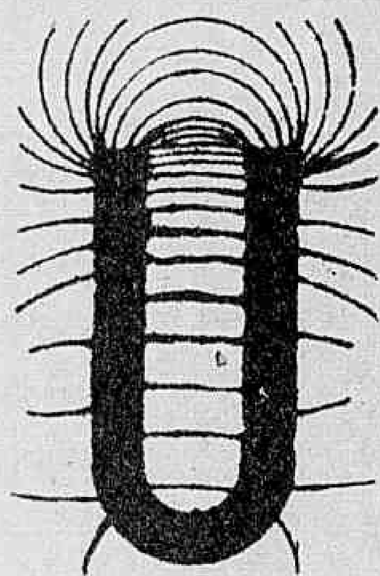
O faquir escolhe cuidadosamente a posição do leito que lhe parece mais eficiente. Entra, então, num estado de transe voluntário, que, gradualmente, se torna mais profundo. A temperatura do seu corpo cai, a respiração se espaça de maneira assustadora e, aparentemente, cessa de todo, ficando seu pulso quase imperceptível.

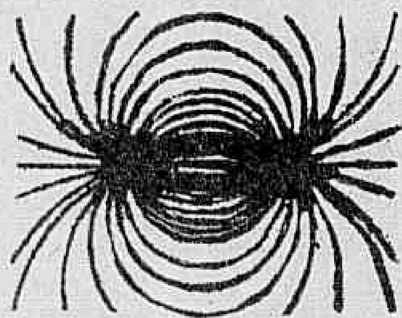
Após vinte e quatro horas ou pouco mais, depois que cessaram tôdas as aparentes indicações de vida, suas narinas e ouvidos são selados com uma substância igual à cêra por um auxiliar experimentado nessa operação.

O faquir é então deixado a sós — e algumas vêzes enterrado sob sete palmos de terra — a fim de dormir o tempo prèviamente combinado. Para "ressuscitá-lo" é suficiente abrir o caixão, retirar a espécie de cêra de seus ouvidos e das narinas. Em geral, o faquir aparenta estar extraordinàriamente "refrescado" mentalmente, enquanto o único efeito notado em seu físico é a perda de pêso. A sensação física é a de regozijo. A ciência nunca explicou devidamente êsses prolongados casos de animação suspensa, na qual até mesmo o suprimento de oxigênio é cortado, a não ser para alegar que *o faquir recebe os elementos vitais essenciais à vida de alguma fonte que se esconde além de tôda e qualquer explicação convencional.*

Essa fonte é, indiscutìvelmente, magnética ou cósmica.

As maiores autoridades médicas reconhecem a suprema importância do sono para o bem-estar físico e mental. Segundo o dr. Richard C. Cabot, médico-chefe de *equipe* do famoso Massachussetts General Hospital *"a maior parte das doenças menores é devida mais à insônia ou à má quilidade do sono que a quaisquer outras causas conhecidas."*





As linhas de fôrça em redor do magneto (ao alto) e as da Terra, são semelhantes.

Quanto à transferência do magnetismo pessoal — algumas vêzes chamada de aposição das mãos — é coisa praticada há milhares de anos. Está mesmo mencionado na Bíblia, estando ainda associado com o ritual de certas escolas religiosas baseadas na fôrça do pensamento.

Há alguns anos, o dr. John Elliot declarava que êsse processo podia curar uma multiplicidade de moléstias, entre as quais a epilepsia, enfermidades da espinha, bexiga, rim e sistema glandular, além da asma, abcessos, paralisia, etc.

É presumível que essas foram — e serão sempre — em sua maior parte "curas da fé". Acredita o paciente que está *realmente* sendo amparado e

realmente fica curado. Entretanto, o campo magnético da Terra é fixo. Não exige fé nem sequer — talvez — contato de alguém com um abundante suplemento de magnetismo pessoal para alcançar resultado. Embora quase nada se saiba da natureza básica do magnetismo, podemos senti-la e mesmo experimentá-la com reais benefícios. Algumas pessoas encontraram grandes benefícios no uso de camas de metal e não de outro material. E, realmente, o leito de metal, particularmente tendo as cabeceiras em semicírculo (que assim cercam o corpo do indivíduo) foram sempre preferidos pelos povos antigos, particularmente assírios e egípcios, como, também, os mandarins chineses até aos últimos dias do Celeste Império.

O dr. White também declara que qualquer pessoa dormirá melhor se estiver cercado, em seu leito, por metal; será mesmo preferível cercar a cama com um fio de arame, passando da cabeceira para os pés do leito e dali, ligado a algum metal que tenha contacto com a terra, como encanamentos de água ou gás.

Outras pessoas dormem melhor em leito rente ao chão ou o mais próximo possível do solo.

O problema da orientação varia com o indivíduo, precisando (aparentemente) de mais magnetismo do que outros.

Convém observar e verificar qual a melhor direção.

Em última análise, segundo Mueller observa em sua "Physiology III"... somos tão ignorantes quanto a natureza do magnetismo como sempre temos sido à da luz e da eletricidade.

Por que o letor não experimenta, também, o sono magnético?

Nenhum mal poderá advir disso e, talvez, possa daí nascer um grande benefício.



UMA BOA IDÉIA! — Em New York, um cavalheiro teve a feliz idéia de despedir todos os empregados masculinos e substituí-los por moças bonitas, a fim de atender a sua freguesia masculina. Trata-se do chefe de uma grande firma, proprietária de uma dúzia de lojas de roupas para homens, espalhadas pela grande cidade. Os homens, a princípio, mostravam-se embaraçados ao ter que trocar uma camisa, por exemplo, ajudados por uma garôta bonita. Mas logo se acostumaram e gostaram. Por sua vez, na opinião do idealizador dessa modalidade, as mocinhas vão adquirindo prática e, mais tarde, serão espôsas prestativas e muito úteis aos seus respectivos maridos. Parece mesmo que a razão está com êsse inovador porque os seus clientes quase triplicaram em meses.



DEZ MANDAMENTOS

UM velho cabo, no Campo Shelby, no Missouri, fôra encarregado de anotar e controlar a passagem dos militares pelo portão principal. Interrogava um por um e já estava danado da vida de tanto ouvir pronunciar apelidos em vez de nomes, quando interrogava os soldados. Sua paciência acabou quando um dos que passavam respondeu dizendo ser o major Moisés.

— Venha cá, Moisés — gritou êle, furioso. — Recite-me, se pode fazer, os dez mandamentos.

O outro, muito sério, recitou todos êles sem pestanejar. Era, realmente, o **major** Moisés J. Burk.

NOTAVEL! O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado

Cr$ 20,00











1951

1952

1953

1954

A VENDA EM TODO O BRASIL

O mistério do SONAMBULISMO

À MEDIDA QUE A CIÊNCIA DESCOBRE SUAS CAUSAS, A CURA SE TORNA CADA VEZ MAIS FÁCIL.



O sonambulismo é um dos atos mais misteriosos do ser humano. Entretanto, todos conhecem *algum caso*, às vêzes na própria família.

É um pouco aterradora a idéia de que uma pessoa se levante da cama, quando está profundamente adormecida, para caminhar ao longo de uma perigosa beirada de telhado ou atravessar uma rua de denso tráfego.

Qual a causa do sonambulismo? Pode ocorrer, sùbitamente com qualquer pessoa? São perigosos os sonâmbulos? Podem encontrar a cura?

Aqui estão algumas das perguntas de vital importância, feitas sôbre o sonambulismo, às quais a ciência pode responder negativamente.

É frequente o sonambulismo?

Não é possível fazer um cálculo quanto ao número de sonâmbulos, pois êstes, raras vêzes procuram o médico, talvez devido à errada crença de que não devemos ligar importância ao sonambulismo. Entretanto, trata-se de assunto que pode ser muito sério e o sonâmbulo deve consultar o médico.

Qual o estado físico do sonâmbulo?

Seus olhos podem estar abertos ou semicerrados, *mas não enxergam.* É possível que o seu olfato não reaja, nem mesmo diante de odores fortes, como o da amônia. Em geral, a picada de um alfinête, não o afeta. Pode ter a audição tão insensibilizada, que não se assuste com o disparo de um revólver. Entretanto, quase sempre, a coordenação muscular do sonâmbulo é admirável. Alguns chegam a resolver intrincados problemas matemáticos, escrever cartas e pintar obras de arte. Um médico alemão descreveu o caso da srta. Riechel, que costumava caminhar, adormecida, pelas ruas de Viena e fazer tôdas as suas compras com os olhos fechados. Nunca sofreu um acidente!

São perigosos os sonâmbulos?

Em geral, são inofensivos. São raros os casos de violências cometidas durante acessos de sonambulismo.

Qual a causa dessa estranha doença?

O dr. J. I. Sadger, de Viena, em seu famoso estudo sôbre o sonambulismo, diz que "o caminhar adormecido é um meio de realizar os desejos insatisfeitos". *É quase uma vida imaginária.*

O dr. M. N. Pai, de Dartford, Grã-Bretanha, descobriu que quase todos os sonâmbulos adultos também caminharam, durante o sono, quando crianças. Dos 117 sonâmbulos que estudou, todos tinham sido afetados pelo sonambulismo, durante a infância.

A moléstia predomina durante a adolescência. O adolescente caminha adormecido, *porque não pode dominar os seus sonhos, como faz o adulto.*

Existem etapas determinadas para levar ao sonambulismo?

O indivíduo sonha, começa a falar em voz alta, move os braços e acaba por se movimentar da cama. Por fim, levanta-se e começa a andar.

Mediante um truque fotográfico, foi reconstituído nesta página o percurso percorrido pela srta. [illegible] (Oklahoma), numa sua [illegible] aventura noturna, que ela própria narrou, emocionando o público e o mundo médico.





Do telhado da varanda a jovem senhora norte-americana saltou, certa vez, para o teto do automóvel do marido. Não se feriu gravemente. Hoje espera que seu filhinho não venha a sofrer dos mesmos fenômenos.

É verdade que os sonâmbulos podem realizar atos sobrenaturais?

Sem dúvida, é verdade! O dr. G. Richardson deu parte do caso de um oficial do exército que caminhou, apoiando-se apenas nas palmas das mãos, ao longo da beirada de um teto de zinco e estilhaçou grandes vigas de madeira. Conhecem-se, também, notáveis trabalhos mnemotécnicos realizados por sonâmbulos.

Em seu tratado "Mistérios do Elemento Vital", o dr. Robert Collyer descreve o caso de uma jovem que, embora não tivesse instrução, podia recitar passagens inteiras de Homero, em grego antigo, ao caminhar adormecida. Por fim, o dr. Collyer solveu o mistério, ao descobrir que a moça trabalhara, em certa ocasião, na casa de um sacerdote que lia, em voz alta, trechos de Homero. Aparentemente, o subconsciente da menina absorvera as palavras gregas!

Que sonham os sonâmbulos?

O dr. Samuel A. Sandler realizou um estudo sôbre vinte e dois soldados sonâmbulos, destacados para o "Campo Lee", na Virgínia. Descobriu que a maioria dêles tinha pesadelos durante os quais sonhavam que eram mordidos por serpentes, perseguidos por homens armados de faca ou mordidos por cães hidrófobos. Às vêzes, no decurso dos referidos pesadelos, imaginavam o aparecimento de seus pais, que os salvavam. Alguns caíam, ao caminharem adormecidos e se queixavam, ao passo que outros faziam longas caminhadas sem que lhes acontecesse qualquer contratempo.

Como pode um sonâmbulo voltar à realidade?

Chamando-o pelo próprio nome. Ordinàriamente, porém, é difícil despertá-lo e não se lembrará do que aconteceu. Alguns sonâmbulos sentem um grande bem-estar, como depois de um sono reparador. Outros, ao contrário, sentem-se cansados.

É hereditário o sonambulismo?

Não. O sonambulismo provém de conflitos subconscientes. No entanto, fre-

quentemente se repete em famílias de temperamento nervoso. "Ao contrário de muitos neuróticos — diz o dr. Sandler — os sonâmbulos não vêm de lares destruídos. Com frequência, não eram afins a suas mães, porém, nas respectivas existências, os pais ocuparam sempre lugar de destaque, sendo temidos, respeitados ou convertidos em ídolos."

Os soldados observados pelo dr. Sandler tinham, em média, cinco irmãos. Geralmente, êstes sonâmbulos eram os mais jovens de seus lares e em suas famílias tinham ocorrido casos de doença mental.

Como são os sonâmbulos quando despertam?

Dizem os psiquiatras que êles tendem a procurar excessiva proteção e carecem de madureza mental. Descobriu o dr. Sandler que os soldados por êle observados tinham personalidade amável, durante o dia, mas tornavam-se rixentos e hostis, à noite.

Existe alguma cura para o sonambulismo?

Embora difíceis de tratar, muitos sonâmbulos melhoraram através da psiquatria. O dr. Pai constatou que os sonâmbulos a seu cargo careciam de estabilidade emocional. Em geral, tinham problemas escolares, domésticos ou econômicos ainda sem solução. Acredita o dr. Pai que uma ansiedade de qualquer tipo explica a maioria dos casos do sonambulismo. Por meio do hipnotismo, descobriu a origem da referida ansiedade e pôde eliminá-la.



Quando alguém na família é vítima de ataques de sonambulismo é bom tomar certas precauções, conforme fêz o marido de uma norte-americana, sra. Wier, que à noite era prêsa pelos pés ao seu espôso.



O sr. Wesley Wier, marido da sonâmbula, teve que segurá-la e isto acontecia muitas e muitas vêzes, no correr de uma só noite

É preciso dar atenção imediata aos meninos que caminham adormecidos, pois, quanto mais depressa forem tratados, mais fácil será a cura. Como exemplo, cita-se um menino de doze anos de idade que havia começado a caminhar durante o sono, sendo submetido a tratamento. O médico comprovou que o menino tinha excesso de trabalhos escolares e sua pouca saúde o impedia de brincar com outras crianças. Um reajustamento em seu programa de estudo eliminou a pressão a que estava submetido e êle deixou de caminhar dormindo.

Embora o sonambulismo continue sendo um dos males mais misteriosos da natureza humana, a ciência vai descobrindo seus caminhos e aproximando-se da cura.

OS "ROBOTS" MUSICAIS

O «robot» se familiariza cada vez mais com o homem do século XX. Não é preciso chegar ao ano 2054, para encontrarmos o «robot» discretamente metido em nossa vida diária. Já hoje partilham de nossos prazeres, como ocorre com essa orquestra de «robots», apresentada recentemente num programa musical parisiense. Os pares dançam alegremente aos compassos malucos de um fox executado por êsse trio de músicos artificiais, equipados com guitarra, saxofone e bateria.



Três anos levou Zenon Specht, construtor dêsses «robots» musicais para realizar essa original orquestra mecânica. E os músicos de verdade?

Não vão protestar contra essa concorrência?



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

EU acabara de preparar uma colossal gelatina de limão, para a nossa festa no Clube Beneficente e estava orgulhosa com a minha obra, quando notei, de repente, que havia perdido o brilhante do meu anel de noivado.

Como se tratava de pedra caríssima e a ela me apegara com entusiasmo, tratei de virar a cozinha pelo avêsso, sem encontrá-la.

Finalmente, concluí que a mesma havia soltado do aro e caído... no interior da gelatina.

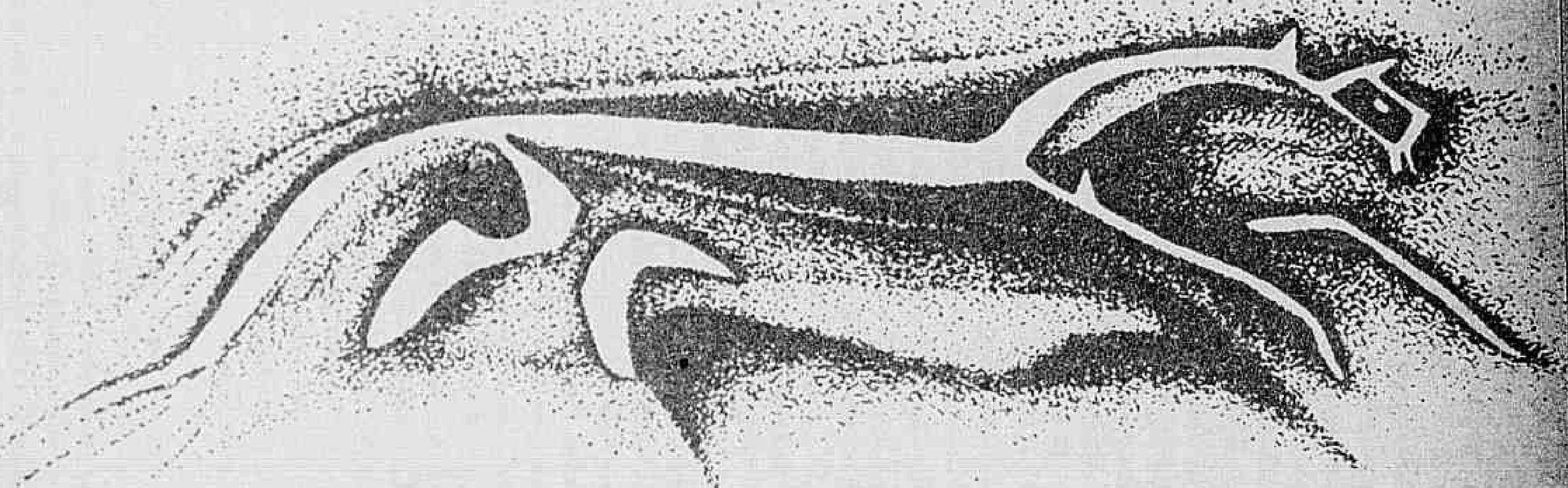
Mas, como a encontraria, sem estragar a minha obra prima?

Só dispunha de utensílios caseiros e, depois de muito pensar, tive uma idéia que me restituiu o brilhante, sem arruinar a gelatina.

Pode o leitor dizer como resolvi o problema? (Resposta á página 86).

O CAVALO BRANCO DE UFFINGTON

Os agricultores inglêses culpam o govêrno de suas desditas, afirmando que todo o mal vem da não conservação do Cavalo Branco, alvo como a neve.



DESDE tempos imemoriais, o Cavalo Branco de Uffington se desenha sôbre a branca rocha caliça de uma colina da região de Oxford. À distância, aparece como um cavalo, lançado em trote largo e que tivesse sido esculpido na rocha; de perto são apenas rachaduras, abertas na colina, como trincheiras.

Algum aritsta o desenhou, talvez, há mil ou dois mil anos. Estava escavado na rocha até uns sessenta centímetros de profundidade e estende-se a mais de cem metros. O pescoço, a cauda e as patas são longas e delgadas fendas brancas. O longo pescoço tem, apenas, três metros, em sua maior largura. Os olhos são formados por pequenas "ilhas" de pasto.

Muito se tem discutido sôbre sua origem e significação. O monje Godrich, há cêrca de 900 anos, o denominou de Cavalo Branco e essa figura dá seu nome ao vale. Porém, mais tarde, chegaram cartas ao "Times", de Londres, afirmando que se tratava de um ictiosáurio ou um cão de raça alemã. Os camponeses do lugar afirmam que é o descomunal dragão que o padroeiro da Inglaterra, São Jorge, matou e sepultou nessa colina.

Em 1738, um pastor protestante escreveu "para defendê-lo de uma geração de incrédulos". E tanto se deixou levar por seu entusiasmo que chegou a jurar que nunca havia existido um cavalo tão que nunca havia existido um cavalo tão cavalo como o Cavalo Branco de Uffington!

Hoje, o povo parece estar de acôrdo com êle. Desde que foi aceito o impressionismo, o Cavalo Branco é considerado uma obra de arte. Também foi admirado durante a era do desenho estilizado. Na Idade-Média, um autor o catalogou como a segunda maravilha da Inglaterra, depois de Stonehenge, o famoso monumento dos druidas.

Não sabemos como foi feito o Cavalo Branco de Uffington, nem como foram lavradas as fendas, a fim de que a figura aparecesse à distância. Hoje teria sido possível traçar planos a escala e empregar a ajuda importantíssima do rádio; porém séculos atrás o artista foi obrigado a colocar-se bastante longe, falando por meio de sinais para os operários. Talvez tenha usado bandeiras ou uma espécie de megafone.

A tradição de que o cavalo deve ser conservado sempre branco ampara a teoria de que fôsse êle um sinal. Conta-se que o rei saxão Alfredo ordenou que cada sete anos fôssem cortados os ramos e o pasto que cresciam sôbre a falda da colina, ocultando a alvura do animal.

Através dos séculos, persiste a lenda de que má sorte cairá sôbre a Inglaterra no dia em que não se fizer essa limpeza. No século XVIII, Thomas Chatterton escreveu na Balada do Cavalo Branco "que o pasto crescerá nas ruas de Deus... surgirão a traição e o escândalo, o terror, o roubo e a heresia, se o Cavalo não fôr conservado alvo como a neve."

A cerimônia da limpeza do Cavalo teve sempre grande importância na vida de Uffington. Cada sete anos, com êste motivo, celebra-se uma grande festa, a expensas do senhor do castelo, com banquetes e torneios. Os camponeses ouviram contar que seus avós, nas provas de campo, destinadas à plebe, ganharam e suas avós bonitos peças de fazenda e suas avós bonitos chapéus.

As coisas mudaram, porém. Os impostos desalojaram o "lord" do seu

castelo. As filhas dos agricultores modernos preferem ir ao teatro em Londres a disputar corridas femininas, a fim de conquistar um chapéu. Um comitê para os monumentos históricos se encarrega da conservação do Cavalo Branco.

Outras figuras pré-históricas, ao contrário, mantiveram seu favor entre os jovens camponeses da Inglaterra. O Gigante de Cerne e o Homem Comprido de Wilmington, ambos escavados na rocha caliça no mesmo período em que foi feito o Cavalo Branco, continuam sob o cuidado popular. Cada ano, no mês de maio, reúnem-se os lavradores da região para dançar o tradicional *maypole*.

Porém persiste a idéia de que o Cavalo Branco deve ser mantido muito alvo. Durante a última guerra, o Cavalo Branco serviu realmente de sinal — mas para a Luftwaffe! Churchill ordenou que esta e as demais figuras fôssem dissimuladas.

"— E começou o desastre — afirmam os camponeses. — Choveram bombas sôbre Londres e houve luto em muitas famílias... por que o atual govêrno esqueceu a ordem do rei Alfredo."

— Mas os inglêses ganharam a guerra — objetam as autoridades.

— Sim. Mas ninguém limpou imediatamente o Cavalo e, no inverno de 1947, morreram tôdas as ovelhas sob a nevasca. E como não foi ainda cumprido o decreto do rei Alfredo, continuaram as calamidades.

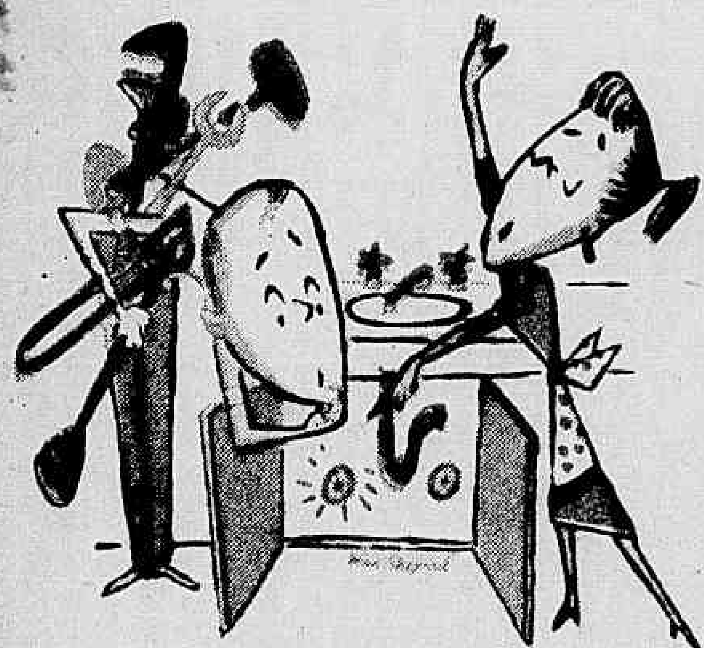
— Quais?

— O Partido Trabalhista estêve no poder! — dizem os camponeses (há séculos fiéis ao Partido Conservador).

E assim persiste a lenda, com sua côr de superstição. Só em certas épocas de realismo quase forçado se zombou do cavalo Branco. No século XVIII e no comêço do XIX, foram escavados outros cavalos mais normais, nas colinas de Cherhill e Wiltshire. Os quadros que serviram de modelos existem ainda. Êstes, sim, parecem realmente cavalos. Mas não inflamam a imaginação como o Cavalo Branco de Uffington.

Em 1937, um arqueólogo, que se dedicara a estudar as figuras caliças, escavou um novo cavalo em Wiltshire. É um animal pequeno, com pouco mais de 20 metros de comprimento. Dizem que os planos para a sua execução eram mais complicados que os de uma catedral ou um estádio. Êste cavalo benjamim não tem beleza. Parece que o criador do Cavalo Branco de Uffington levou para o túmulo o segrêdo de sua arte.

★ ★



ANTES

DE SE METER A BOMBEIRO...

HÁ muita coisa que um chefe de família pode realmente fazer, sem ter que recorrer a um bombeiro profissional, assim economizando e cortando pequeninas dores de cabeça no lar. Entretanto, é preciso pensar, antes de agir, e, por isso, aqui fazemos algumas sugestões:

ANTES de tentar fazer qualquer reparo, com solda ou substituição da peça, num encanamento, tenha o cuidado de fechar o registro de entrada da água ou de saída da caixa. Êsses registros sempre existem nas proximidades das pias, banheiras, etc.

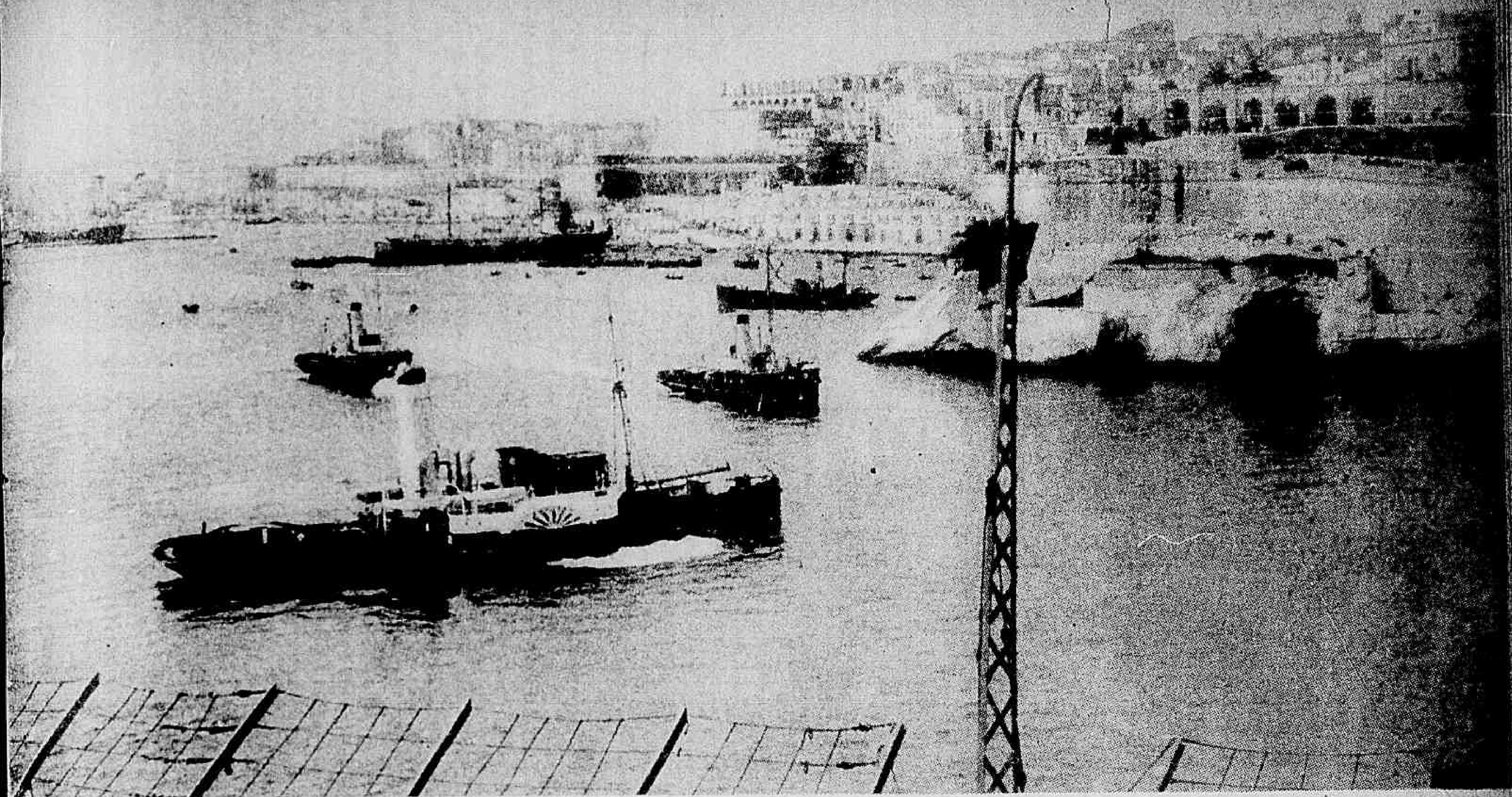
ANTES de usar o alicate ou a torquez numa junta niquelada, trate de protegê-la, primeiro, com alguma fita adesiva, a fim de que os dentes do alicate não arruinem o metal.

ANTES de perder tempo, apertando cada vez mais uma torneira que pinga, trate logo de substituir a arruela interna que, sem sombra de dúvida, precisa de aposentadoria.

ANTES de se intitular «O Bombeiro da Casa», trate de organizar um mapa dos serviços de água da casa, pois assim compreenderá melhor o funcionamento de cada caixa e respectivas torneiras, bóias, etc.

ANTES de procurar consertar qualquer encanamento que obrigue a abrir paredes ou quebrar os ladrilhos do solo, procure, primeiro, ouvir a opinião de um profissional.

ANTES de encetar qualquer mudança básica no seu sistema de encanamento de água, procure informar-se, primeiro junto ao Departamento Municipal competente, para saber se o Regulamento o permite.



A baía de La Valetta, na ilha de Malta. Antes de desembarcar no Egito, Napoleão assaltou e tomou Malta e Bonaparte, sem qualquer formalismo, confiscou para o Exército do Egito o ouro e prata e as pedrarias que encontrou nas igrejas, palácios e também das residências da Ordem de Malta.

O FABULOSO TESOURO DA BAÍA DE ABUKIR

A poucos quilômetros de Alexandria, uma baía de águas tranquilas recorta a costa do Egito. Durante a última conflagração universal, a Real Fôrça Aérea, da Grã-Bretanha, ali instalou, em meio das dunas, uma de suas principais bases no Oriente. Ao voar, a fim de realizar o patrulhamento diário das ilhas gregas, os pilotos podiam ver o fundo do mar, dentro da baía, as colunas derrubadas de um templo, vestígios de um antiquissimo litoral coberto pelas águas.

Muito próximo, os pilotos podiam reconhecer, também, do alto, moles escuras, cujas formas as ondas respeitaram e que são os cascos dos navios franceses da esquadra napoleônica afundada pelos canhões de Nelson, em 1° de agôsto de 1798. A baía conserva o nome de então: Abukir.

A lenda napoleônica ali deixou um de seus mais fascinantes mistérios: o desaparecimento do tesouro de guerra da expedição ao Egito. A dez ou doze metros de profundidade, no interior de grandes e pesadas caixas com fortes cadeados de ferro, está o tesouro, vigiado pelas vorazes "morenas", que os pescadores temem mais que aos tubarões.

Pela vigésima vez, foi formado um sindicato para tentar fazer flutuar os gloriosos restos. Italianos, gregos e egípcios disputavam ainda nas vésperas da última guerra, o direito de dragar êsse cemitério de marinheiros franceses.

Madeiramentos viscosos pelo efeito das algas, canhões cobertos de conchas, âncoras, correntes e balas enferrujadas, não obstante seu valor material e histórico, interessava a todos êles menos que o tesouro, menos que os lingotes de ouro, as caixas repletas de pedras preciosas e as moedas submergidas há mais de cento e cinquenta anos.

FOI USADO POR NAPOLEÃO OU ESTÁ NO CASCO DO "L'ORIENT"?

Eis como é contada a história:

No dia 7 do mês de Pradial, no ano VI da Revolução Francesa, correspondente ao 26 de maio de 1798, ao cair da noite, a frota de Bonaparte se afasta das costas da França. Quatrocentos navios mercantes, divididos em três comboios, transportam para o Egito 40 mil homens de tropa. O vice-almirante Brueys deve proteger êsse exército contra um ataque quase certo da esquadra britânica de Nelson. Aos 400 navios de transporte se reúnem 13 navios de guerra, 8 fragatas, 2 bergantins, cúteres diversos, avisos, chalupas canhoneiras e 72 pequenas naves mais. Em total, 10 mil marinheiros e mais de mil canhões. Antes de desembarcar no Egito, Napoleão assesta um golpe contra a ilha de Malta. Depois de uma tentativa de combate, os defensores da ilha, superados pela invasão dos ousados e bigodudos soldados, que, de improviso, saíam do mar, entregam-se, rendendo-se incondicionalmente.



O almirante Villeneuve, que se salvou, com três navios, em Abukir, mas foi totalmente vencido pelo almirante Nelson em Trafalgar.

Senhor da ilha, Napoleão, sem qualquer formalismo, confisca em proveito do exército do Egito, o ouro, a prata e as pedras preciosas que se encontravam nas igrejas, nos palácios e nas residências da Ordem de Malta. O ouro, fundido, é imediatamente pôsto em caixas e levado para bordo da nave capitânea, "L'Orient". Em outros cofres, reforçados com ferro, são guardadas as pedras preciosas.

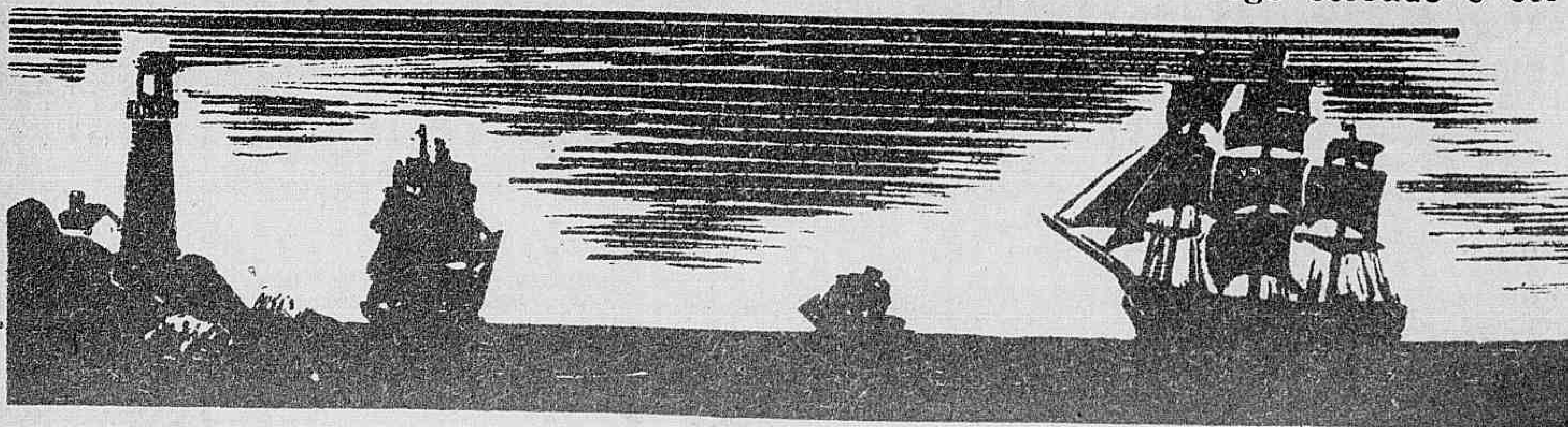
Na noite de 23 chega, finalmente, diante de Alexandria, sem ter avistado um só inglês. O desembarque é realizado imediatamente e, enquanto Bonaparte se interna, através do Delta, com rumo a El Cairo, o almirante Brueys esconde sua frota na vizinha enseada de Abukir.

O generalíssimo, dedicado completamente à sua própria conquista, teria esquecido de todo as naves que o haviam transportado?

Esta é uma pergunta a que a História ainda não pode dar resposta. De sua prisão em Santa Helena, Napoleão pronunciou severa condenação contra o vencido de Abukir, a quem acusou de criminoso, por haver teimado em esperar Nelson nas cercanias de Alexandria, apesar de suas formais instruções de partir ao encontro do almirante inglês.

De fato, ali, quase encurralado, Brueys e a maioria dos seus oficiais, responsáveis pelas naves de guerra que cercavam, o capitânea jamais poderiam ter liberdade de movimento para enfrentar o temível adversário.

E foi isso, justamente, o que aconteceu. Brueys e muitos de seus comandados morreram na explosão da nave capitânea e na fogueira em que se haviam transformados os principais navios de sua esquadra, expostos ao fogo cerrado e cer-



teiro dos canhões inglêses. Entre os nomes franceses que ainda hoje podem ser lidos, profundamente gravados nas muralhas que serviram de defesa aos Mamelucos de El Cairo (e que correspondem aos oficiais superiores mortos durante a primeira parte da campanha do Egito), destaca-se o nome do capitão Thomas, Prosper de Julien de Bidon, um dos ajudantes-de-campo de Napoleão.

Também êle poderia ter prestado seu valioso testemunho para esclarecer o mistério do desastre de Abukir. No dia 14, Termidor (décimo primeiro mês do calendário republicano francês) o general Bonaparte enviou Julien, desde El Cairo, com uma escolta e dois guias, para transmitir ao almirante Brueys a ordem de levantar âncoras urgentemente. No dia seguinte, Julien e tôda a sua escolta foram aniquilados em uma emboscada.

A morte do capitão selou a sorte da esquadra francesa.

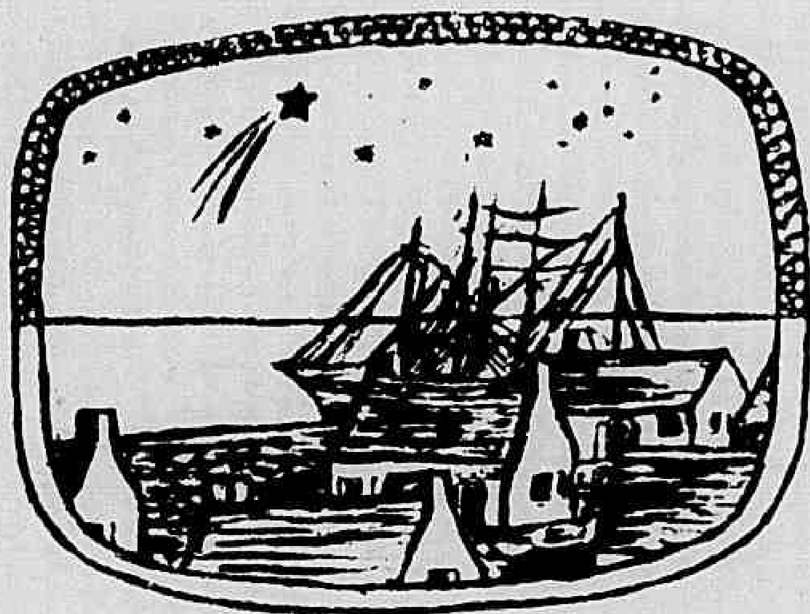
No dia 1º de agôsto, uma embarcação ligeira inglêsa descobriu, de longa distância, os mastros dos navios ancorados na baía de Abukir; ao entardecer dêsse mesmo dia, Nelson se apresenta com tôda a sua frota e ataca imediatamente a esquadra francesa.

Encerradas entre o fogo inimigo e a costa africana, as naves do almirante Brueys sucubem no épico combate. Ferido na cabeça e na mão direita, Brueys recusa ser tratado. Pouco depois, uma nova granada lhe arranca a face direita. Brueys morre pouco depois, sempre ditando ordens de combate. O capitão-de-fragata Louis de Casabianca — segundo almirante da esquadra — assume o comando e o combate continua, obrigando três naves inglêsas a arriar pavilhão. Um filho do novo chefe — um menino de dez anos de idade — está a seu lado, no tombadilho. Irrompe incêndio a bordo da nave capitânea; "L'Orient", que já não passa de uma imensa carcaça ardendo infer-



Teria usado Napoleão o tesouro roubado à Ordem de Malta, em sua campanha do Egito? Ou teria tudo naufragado com a fragata «L'Orient»? Um membro daquela expedição, em suas «Memórias», faz alusão «ao tesouro que, embora chegado a Alexandria, não foi desembarcado.»

nalmente, é dirigida para a costa, numa suprema tentativa para ser encalhada. Isso é feito e a tripulação consegue desembarcar, menos o capitão Casabianca e seu filho, que permanecem na ponte de comando. O paiol repentinamente explode e "L'Orient" salta com uma explosão ensurdecedora. (O heroísmo dêsse menino francês foi assunto para um dos poemas inglêses mais difundidos: : Casabianca, por Felícia Doroheia Helmans — 1793-1835.)



Aquêle gigantesco fogo de artifício em plena noite foi tão espantoso que durante quase meia hora as duas frotas, paralisadas pelo estupor, interromperam o combate. Outros marinheiros franceses não se comportaram com menos heroísmo: no "Tonnant", o capitão - de - fragata Dupetit-Thouars perde os dois braços, primeiro, e depois uma perna. Ordena a seus comandados que o coloquem, enterrado até à cintura, dentro de uma barrica de cereais, para tentar deter a hemorragia. Assim morreu, sempre dirigindo o fogo dos canhões do seu navio.

Avançava a noite, só restavam dois navios de linha da frota francesa, "Le Guillaume Tell" e "Le Généreux", além de duas fragatas, "La Diane" e "La Justice". Estas embarcações, sob as ordens do almirante Villeneuve (o que comandou a esquadra francesa derrotada por Nelson em Trafalgar), lograram cruzar, sob o fogo terrível, as linhas inimigas e, escapando da perseguição, refugiaram-se em Malta. Seis navios caíram em mãos dos inglêses, os quais, reparados, rebatizados, tempos depois, voltaram ao mar, com seus novos donos. Outros seis arderam e afundaram. Seus restos se encontram, agora, no fundo da baía, juntamente com a nave capitânea.

Aquêle madeiramento, lambido pelo fogo e destruído pelas águas e o conjunto de canhões, correntes e âncoras, tudo isso é o que agora os exploradores tratam de recuperar. Mas, o que todos buscam, principalmente, é o tesouro dos Cavalheiros de Malta.

Encontrava-se, realmente, a bordo do "L'Orient" o tesouro fabuloso?

As opiniões estão muito divididas. Alguns afirmam que tinha sido transportado para bordo do navio "Courageuse", e que êste não estêve no combate de Abukir. Outros, porém, afirmam que alguns dias antes do desastre, Jaubert — comissário-pagador da frota — queixava-se da falta de fundos e os reclamava. Daí deduzem que não tinha à sua disposição os valores tomados em La Valetta.

Finalmente, nas "Memórias" de um dos membros da expedição, encontra-se uma alusão "ao tesouro que, chegado a Alexandria, não foi desembarcado".

Nessas condições, o tesouro pode estar ainda no fundo da enseada de Abukir, afundado com Brueys, Casabianca e seu jovem filho.

Essa é a secreta esperança dos que tentam extrair do fundo do mar os heróicos despojos da frota de Napoleão Bonaparte.



ESQUECI MINHAS LINHAS

EXISTEM poucos membros da profissão teatral, se de fato existem, que não sofram as torturas de um pavor e nervosismo verdadeiramente infernais, cada vez que têm que se defrontar com o público que lota as dependências do teatro, em noites de estréia.

Mesmo uma veteraníssima do palco, como a famosa atora dos Estados Unidos, Ethel Barrymore, confessa que sente um "nó" na garganta, antes de cada uma de suas "premières".. Uma coisa é lembrar as palavras: *"Henry, que vai fazer com êsse revólver?"* E outra, *bem outra,* é lembrar que as palavras têm que ser ditas exatamente no momento em que Mildred senta no sofá amarelo.



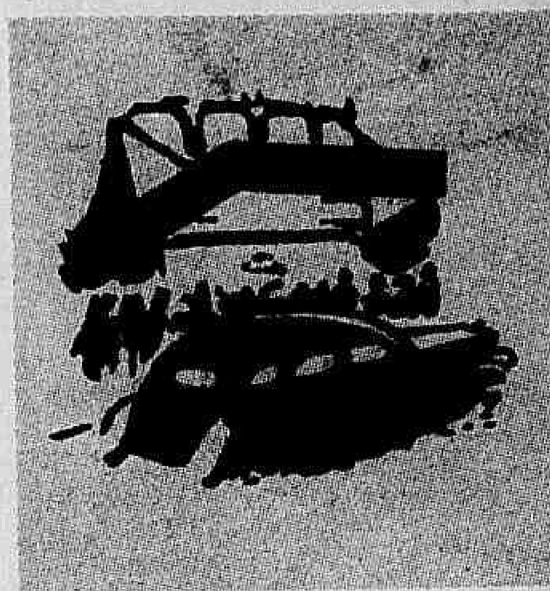
AS PALAVRAS MAIS TRÁGICAS, NUMA REPRESENTAÇÃO TEATRAL, SÃO AQUELAS QUE NÃO SÃO DITAS, EM VIRTUDE DE ALGUM ATOR HAVER ESQUECIDO SUA «DEIXA»

Êsse *momento exato,* em que um ator deve pronunciar suas "linhas", é denominado a *deixa.* É constituído, geralmente, pelas últimas palavras pronunciadas por um dos atores no palco, mas, às vêzes, pode ser indicado também por um tiro de espingarda, ou por um insignificante ato da heroína.

Quando falha a memória, e uma *deixa* fica suspensa no ar, um personagem colocado nos bastidores costuma "soprar" as palavras esquecidas. Êle é chamado "o ponto", e fica, em posição estratégica, escondido em qualquer local próximo ao palco, fora dos olhos do público.

Um dos costumes peculiares do teatro é que os atores, acalentados pela presença do "ponto", procuram utilizar-se de todos os artifícios, quando se esquecem de alguma parte do diálogo, a fim de evitar a intervenção daquele.

Algumas vêzes, mesmo, as situações criadas são cheias de ingenuidade.



O DESASTROSO SUBSTITUTO — O comediante Phil Baker, muito querido na Broadway, costuma contar o ocorrido com um ator, que, destinado a presentar o papel de "pai", na peça "O Filho Pródigo", adoeceu. Seu substituto, que não teve tempo de aprender convenientemente o papel, entrou em cena, ficando o "ponto" bem próximo dêle, fornecendo-lhe as "deixas".

Durante essa representação, o ator substituto, vestido como um velho, e com uma longa e alva barba, fêz sua entrada em cena, colocou-se próximo ao local em que estava escondido o "ponto", apanhou um jornal, e começou a ler. Após alguns momentos, o "Filho Pródigo" apareceu.

— *Pai, aqui estou novamente, em meu feliz retôrno ao lar!* — anunciou.

O "velho" se manteve em silêncio, completamente embaraçado, pois não recebera a "deixa", por parte do *ponto.*

O motivo disto, foi que, tendo ficado colocado junto à saída de incêndio, próxima do palco, o "ponto" não pudera entrar por ali, pois a porta da mesma estava bloqueada por um enorme caminhão.

Após esperar um tempo razoável, o "filho" repetiu sua linha. Não obtendo resposta novamente, o ator, sem perder a presença de espírito, voltou-se para a audiência, falando, com voz emocionada:

— *Meu querido e velho pai está tão atacado pela surdez, que não pode ouvir uma palavra sequer, do que digo!*

IMPLORANDO POR UMA "DEIXA" — Em outra ocasião, um dos atores de uma



peça de Marlowe, intitulada "Dr. Fausto", teve que pensar com rapidez, quando não conseguiu lembrar sua "deixa", não tendo o "ponto", por sua vez, sussurrando a mesma. Então o ator, assumindo uma pose imponente, proclamou, no mais belo estilo da época de Elizabeth de Inglaterra:

— *Gostei do que vós me contastes até agora, "milord"; mas, pelo amor dos deuses imortais, contai-me algo mais!*

Robert Glecker surpreendeu, certa vez, os demais atores do elenco, modificando todos os seus movimentos, para um quadro inteiro, e obrigando, automàticamente, que seus companheiros fizessem o mesmo. A metade direita de seu bigode havia caído e o único modo pelo qual pôde evitar que a audiência notasse esta falha na "maquillage", foi manter o lado esquerdo do rosto voltado para as luzes do palco.

A atriz Peggy Ryan resolveu, de uma feita, trabalhar numa peça, sem o auxílio de "ponto". Escreveu suas "deixas" em um vasto pedaço de papel, prendendo-o num arco grandioso que guarnecia o palco.

Peggy não teve dificuldade em ler as "deixas", até que veio à cena pela segunda vez, quando notou que, durante o intervalo de um ato para outro, haviam removido o cenário, levando suas "deixas", com o mesmo. O arco ao qual fôra prêso o papel, estava, agora, sus-

Jimmy Savo, aterrorizado com a idéia de ficar sòzinho diante do público, acrescentou, com voz quase imperceptível: — «Acho melhor eu ir com êle.»

penso acima do palco, entre as cortinas! Algumas vêzes, quando nada parece poder auxiliar ao ator, êste sente ímpeto de se retirar, fugir dali, desaparecer da vista do público! Foi assim que Teddy Hart se sentiu, certa ocasião, quando contracenava com Jimmy Savo na peça "Os Rapazes de Siracusa". Sem conseguir relembrar sua "deixa", Hart veio até à borda do palco, dizendo:

— Creio que vou dar uma volta no jardim.

Savo, aterrorizado com a idéia de ficar sòzinho diante do público, acrescentou, com voz sumida:

— Acho melhor que eu vá com êle.

Um ator que se mantenha teimosamente em seu pôsto, pode conseguir um triunfo pessoal. Mas, para o ator e autor-dramático Howard Lindsay, o esquecimento de suas linhas, na noite de estréia da peça "Os Melhores Anos de Nossa Vida", talvez tenha dado início a uma das mais longas carreiras na história do teatro. Numa cena importante, Lindsay, no papel do "pai", tinha que aparecer num patamar de escada e ser saudado por dois dos seus filhos.

No intervalo da representação, porém, os dois atores juvenis ficaram tão excitados com os presentes e telegramas que receberam, que esqueceram a cena que tinham a representar. Assim, quando Lindsay fêz sua entrada em cena, defrontou-se com o palco vazio.

Sua confusão foi enorme, porém, apenas momentânea. Quando as crianças fizeram sua atrasada aparição, êle passou a contar-lhes tudo que lhe deviam ter dito, até aquêle momento. Isto se afigurava fácil para êle, naturalmente; como co-autor da peça, conhecia tôdas as linhas dos diálogos da mesma, da frente para trás e de trás para diante.

Os "pontos" profissionais levam muito a sério seu trabalho. A ingenuidade representa, frequentemente, papel importante em seu sucesso. Um dêles, simplificou um difícil problema, para o famoso monologuista, James J. Morton, escrevendo as "deixas" em giz branco, sôbre um enorme quadro negro, que foi, em seguida, pendurado nos bastidores laterais, de modo que o ator pudesse divisá-las, sem que a assistência disso se apercebesse.

O "Metropolitan Opera House" também tem seus problemas, quanto às "deixas" para os seus artistas. A entrada do cisne, na ópera "Lohengrin", por exemplo, causa, muito frequentemente, dores de cabeça, nos bastidores.

O marido da prima-dona Johanna Gadski, numa noite de representação, ofereceu-se para servir de indicador ao gerente dos bastidores, agitando um lenço, ao lado do palco, no momento em que fôsse necessária a entrada do pássaro em cena.

A responsabilidade, porém, o deixou nervoso, e, ainda no meio de um dos atos, êle retirou o lenço do bôlso, para enxugar o suor que lhe cobria o rosto. O encarregado dos bastidores, tomando êsse gesto como o sinal convencional, ordenou aos



seus ajudantes que lançassem o cisne no palco.

A representação da ópera foi, assim, acelerada para cinco minutos em adiantamento à música, fazendo a cortina descer diante dos olhos da espantada assistência, enquanto os solistas, o côro e a orquestra continuavam em seu mister de interpretação.

O defrontar-se com o inesperado é, muitas vêzes, o responsável pela tensão que se apodera daqueles que exercem a importante função de indicar as "deixas" aos atores. Apenas, raras vêzes, um "ponto" perde a paciência, durante uma representação. Um dêles foi Robert Burton, que serviu como auxiliar de John Golden durante 16 anos. Sobrepujar a má-sorte e falta de memória dos atores era a sua função.

Durante uma representação da peça "Boa Gente", notou êle que, não apenas um dos atores havia "gelado", mas que, os cinco outros que tomavam parte no quadro, estavam também sinalizando, como a pedir auxílio. Desgostoso com tão "eficiente" demonstração de nervosismo e má memória, Burton simplesmente fechou o livro que tinha na mão, atirando-o no palco, enquanto exclamava:

— Descubram as *deixas* vocês mesmos!

PRESENÇA DE ESPÍRITO NUMA "DISCUSSÃO" — **Os atores, ocasionalmente, substituem o "ponto" com sucesso, vindo em auxílio dos que com êles contracenam.**

Tal foi o caso ocorrido na representação de uma das primeiras cenas da peça "Luxo". Dois dos atores, o sr. e a sra. Tiffany, tinham uma discussão. Claire James, como "a sra. Tiffany", *gelou* repentinamente, mas, Romaine Benjamin, que fazia o papel de seu marido, agiu com muita presença de espírito, falando:

— Você está desamparada, minha querida; sim, desamparada! Não pode nem ao menos responder a êste meu insulto. Se estivesse com a mente bem clara, poderia ter respondido à minha injuriosa observação.

Desta forma, êle supriu as linhas que faltaram à sua co-atriz, e o quadro continuou, tendo a sra. Tiffany se recuperado ràpidamente.

O Teatro "Yidish" de New York, como qualquer outro, depende grandemente do "ponto". No entanto, em certa ocasião, êste não foi necessário. Aquela companhia é como uma família unida. Quando a doença impediu que uma veterana artista, Mollie Picon, atuasse, esta sugeriu que sua mãe a substituísse. Jacob Kalisch, o marido de Mollie, o qual era também o gerente da companhia, protestou, temeroso de que a idosa senhora não pudesse lembrar as linhas que teria que pronunciar.

— Posso, sim! — declarou a sra. Picon.

E, de fato, assim foi. Quando ela veio ao palco, estava perfeitamnte calma, lembrando-se de tudo que era necessário dizer. E estava tão perfeita em seu papel, que recitou, em rápida sucessão, cada linha e cada "deixa" de todos os três atos! Isto feito, abandonou calmamente o palco, deixando o resto dos atores em palpos de aranha, perante o público.

REPRESENTAR COM UMA CORDA AO PESCOÇO — Nas cidades universitárias dos Estados Unidos, existem épocas em que a assistência em pêso se torna o "ponto", e o ator desempenha seu papel, como se tivesse uma corda amarrada ao pescoço, pronta para ser apertada, ao menor êrro seu.

Quando as companhias em "tournée" apresentam Shakespeare, por exemplo, pràticamente cada um dos assistentes vem com uma cópia do texto da famosa obra, e fica ali sentado, como uma águia a espreitar um indefeso animalzinho, esperando que um dos atores cometa um engano. E, quando chega o momento de virar a página, ouve-se um ruído quase uníssono, com centenas de páginas sendo viradas com diferenças de décimos de segundo.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO? (Resposta da página 83) — Coloquei a fôrma de pirex sôbre dois copos, separados de uns vinte centímetros e sôbre êle coloquei uma lâmpada elétrica muito forte. Não tardei a descobrir no interior da gelatina um pontinho escuro, revelando que ali estava a minha pedra. Com habilidade e a ajuda de uma longa pinça, pude recuperar o brilhante, sem arruinar a gelatina.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

Primeira Parte

(The Beast Must Die)

Romance de NICHOLAS BLACKE, traduzido para o português por NICOLE PACHIER.

INICIAMOS com a presente edição um novo romance policial. O autor, Nicholas Blake, foge ao comum dos escritores dêsse gênero de ficção. Sua obra é sempre baseada num profundo estudo da natureza humana e seu espírito de observação, revelador de um elevado sentido descritivo é próprio de um psicólogo formado no variado panorama que o mundo nos oferece com suas paixões devastadoras e indomáveis. O DIÁRIO DE FELIX LANE é um drama que subjuga o interêsse do leitor e o conduz prisioneiro, desde as primeiras linhas até ao seu desfecho emocionante.

PERSONAGENS

Frank Cairnes, autor de romances policiais, conhecido pelo pseudônimo de Felix Lane; Lena Lawson, atriz cinematográfica; George Rattery, gerente de uma garagem; Violet Rattery, sua espôsa; Ethel Rattery, sua mãe; Philip Rattery, seu filho; Harrison Carfax, associado de George Rattery; Rhoda Carfaz; General Shrivenham; Nigel Strangeways, brilhante detetive amador; Inspetor Bliunt, da Scotland Yard.

O drama decorre no Gloucestershire, Inglaterra.

O DIÁRIO

20 DE JUNHO DE 1937

VOU matar um homem. Não conheço o seu nome, nem seu enderêço, nem seu aspecto físico. Mas vou encontrá-lo e matá-lo.

Perdoem-me êste preâmbulo melodramático. Hão de pensar, talvez, que o extraí de meus próprios romances policiais.

Mas estas linhas não serão jamais publicadas e é por um velho hábito de escritor que início êste Diário. Estou disposto a cometer o que o mundo chama de crime e mesmo os matadores sem cúmplices necessitam de um confidente. Um homem é incapaz de carregar sòzinho o pêso de certos atos; seu segrêdo escapará, mais cedo ou mais tarde, involuntàriamente, se fôr bastante senhor de si mesmo para fechar os lábios, pois sempre precisamos contar com o moralista rigoroso que mora dentro de cada um de nós, o mais firme ou o mais tímido. A consciência, verdadeiro agente provocador, é o pior inimigo do criminoso. É ela quem arranca do mesmo as palavras imprudentes; que o adormece numa segurança enganadora para que mais depressa se perca; que o faz voltar ao local de seu crime; que o obriga a trair-se por suas ações, se sua bôca permanece obstinadamente fechada. Tôdas as fôrças da lei seriam impotentes contra um indivíduo totalmente desprovido de consciência; mas êsse monstro não existe. Eis porque escrevo êste Diário.

Você, meu leitor imaginário, meu igual, meu irmão, será meu confessor. Prometo nada esconder. E pretendo livrar-me da fôrca, se puder fugir ao meu destino.

É relativamente fácil imaginar um assassinato neste "bungalow", que James me cedeu para que acabe de me refazer de uma forte crise de depressão nervosa. (Não. Não estou louco. Afastem de uma vez por tôdas esta suspeita, pois estou em pleno gôzo de minhas faculdades mentais.)

É relativamente fácil imaginar um assassinato, olhando da janela o Cabo Dourado, luzente de sol, as ondas prateadas da baía, onde repousam inumeráveis embarcações, a mais de trinta metros sob meus pés. Tudo aqui me fala de Martie. Se Martie não estivesse morto, iríamos juntos fazer piquenique no Cabo Dourado. Êle brincaria na água, com o seu calção vermelho vivo, seu favorito, e celebraríamos, hoje mesmo, o seu sétimo aniversário... Eu lhe havia prometido ensinar a manobrar a canoa a vela, quando completasse sete anos.

Martie era meu filho. Uma noite, há seis meses, Martie atravessava a rua, diante da casa, voltando da aldeia, aonde fôra comprar *tablettes* de chocolate. Só pôde ver o brilho paralisante dos faróis, surgindo de uma esquina, um instante de pesadelo, seguido do choque que o lançou na noite eterna. O corpo foi projetado no fôsso. A morte foi instantânea... Já deixara de respirar, alguns minutos antes, quando cheguei ao local do atropelamento. Os chocolates estavam espalhados pela estrada. Comecei a apanhá-los maquinalmente — que outra coisa podia fazer? — até que encontrei sangue. Sangue de meu filho. Passei várias semanas doente.

Os médicos diagnosticaram febre cerebral uma crise de depressão nervosa, sei lá mais quê!... Na realidade, não desejava sobreviver a meu filho. Só tinha Martie no mundo. Tessa morrera ao dar-me êsse filho.

Não posso mais escrever, hoje.

21 DE JUNHO

Eu me propunha a nada esconder, leitor imaginário, e já ia falhando em minha intenção. Mas devo ter afastado de mim o pensamento que agora vou confessar... Afastado porque jamais tive fôrças suficientes para o suportar: *Sou responsável pelo acidente? Devia ter permitido a Martie ir sòzinho à aldeia?*

A confissão está feita, graças a Deus. Minha pena quase varou o papel, ao traçar estas palavras terríveis. Sinto-me fraco como o ferido ao qual acabam de arrancar uma flecha envenenada, mas a dor chega como uma espécie de alívio. Examinemos juntos êsse dardo que me matava a fogo lento.

Se eu não tivesse dado duas moedinhas a Martie, se o tivesse acompanhado ou simplesmente confiado à sra. Teague, não o estaria chorando hoje. Vogaríamos, juntos, na baía ou pescaríamos camarões ou passearíamos, de mãos dadas, entre essas estranhas árvores de gigantescas flores amarelas — como se chamam não sei — e que Martie adorava acima de tôdas as outras. Que adianta, agora, saber-lhes o nome?

Eu desejava criar Martie no sentimento de sua independência, receando que o excesso de minha ternura, concentrada sôbre ela, desde a morte de Teresa, não o transformasse num menino sem vontade, bom para ser mandado. Queria que aprendesse desde cedo a resolver seus próprios problemas, o que obrigava forçosamente a um certo risco. Mas êle já tinha ido sòzinho uma dúzia de vêzes à aldeia. Ali brincara com outros garotos, na parte da manhã, enquanto eu trabalhava. Sempre se mostrava prudente ao cruzar a estrada, embora fôsse ela pouco freqüentada. Quem poderia imaginar que um automóvel surgisse, tão veloz, de uma curva? O condutor talvez procurasse impressionar uma companheira de viagem tão insensata como êle próprio. A menos que estivesse bêbedo. De qualquer forma, não teve a coragem necessária para parar e assumir sua responsabilidade.

Tessa querida, tenho alguma culpa? Você não tera gostado se nosso filho fôsse um tímido, hein? Você não gostaria que êle fôsse muito mimado... Você dava tão alto preço à liberdade e à independência! Não. Minha consciência me inocenta. Mas não posso expulsar de meu espírito a imagem da mãozinha crispada sôbre o pacotinho de chocolate estourado; sei que ela não me acusa, mas não me permite qualquer repouso, tal um suave fantasma teimoso. Minha vingança será para mim sòmente.

O *coroner* comentou pùblicamente minha "negligência"? Eu estava no hospital, por ocasião do inquérito, e não me deixaram ler o processo. Pude conhecer apenas o veredito: *"Homicídio por imprudência"* — pronunciado contra *"pessoa desconhecida"*. Homicídio por imprudência! Massacre de um inocente, isto sim! Mesmo que a polícia o tivesse encontrado, o miserável teria escapado com um pequeno tempo de prisão, depois do que estaria livre para recomeçar... A menos que lhe tivessem tirado sua carteira de motorista; mas, em que dia foi alguma vez aplicada essa medida? Tenho que encontrá-lo e encerrar sua trágica carreira de *chauffeur* irresponsável. Seu matador mereceria ser considerado como um benfeitor público e até coroado de flôres! (De onde me vem esta reminiscência?) Não; não minta a ti mesmo! O que projetas não tem qualquer relação com a justiça abstrata...

Que disse o *coroner* a meu respeito? Será o rspeito que me retém aqui, quando estou suficientemente restabelecido para voltar para casa? Fico por temor da opinião dos vizinhos. *"O mau pai voltou! Êle deixou o filho morrer esmagado por negligência!* Foi o que disse o *coroner!"* Êles terão, breve, a ocasião de afirmar que sou eu o assassino. Mas, que importa, agora, o que possam pensar ou dizer?

Voltarei para casa depois de amanhã. Está decidido. Escreverei ainda hoje à sra. Teague, para que ponha tudo em

condições. Sinto que nada tenho a me censurar pela morte de Martie. Minha cura está terminada; posso, de agora em diante, dedicar-me de corpo e alma à tarefa que me resta cumprir.

22 DE JUNHO

James me visitou, ligeiramente, há pouco. Entrou *"só para saber notícias.. de passagem, meu velho"*. A atenção de James me encheu de gratidão. Pareceu surpreendido com a salutar transformação que se operara em minha fisionomia, que tratei de atribuir ao confôrto da casa. Impossível dizer-se-lhe que eu havia dado uma finalidade à minha existência, sem atrair sua curiosidade e suas perguntas embaraçosas. Que teria podido responder, se êle me perguntasse, por exemplo: *"Quando você decidiu assassinar X?"*. Nada sabendo, eu próprio, eu me teria achado na situação de um homem ao qual uma mulher pergunta: *"Quando você começou a me amar?"*. Seriam necessários volumes inteiros para responder de uma maneira adequada a perguntas dêsse gênero e, contràriamente aos enamorados, os assassinos intencionais não gostam de falar de si mesmos... a despeito do testemunho contraditório dêste *Diário*. Suas línguas logo ficam sôltas... e pagam caro por essa imprudência, os pobres diabos!

À hora de dar certos detalhes sôbre a minha pessoa me parece chegada, meu confessor fantasma. Eis o principal: — trinta e cinco anos, olhos morenos. Altura: 1 metro e oitenta e um. Expressão de fisionomia habitual: uma espécie de sombria benevolência, que levou Teresa a me chamar, algumas vêzes, risonhamente, de "Coruja". Por mais estranho que possa ser, meus cabelos ainda não encaneceram. Chamo-me, realmente, Frank Cairnes. Ocupei um pôsto no Ministério do Trabalho até coisa de uns cinco anos, data em que uma herança e minha natural preguiça me decidiram a solicitar demissão e a retirar-me para o campo, para o *bungalow*, em que Teresa e eu sempre havíamos desejado viver. A jardinagem e a canoagem não tendo chegado para encher todo o meu tempo, comecei a escrever romances policiais, sob o pseudônimo de Felix Lane. Meus livros são bons, segundo parece, e sou o primeira a me surpreender com os direitos de autor que me proporcionam. Só os meus editôres conhecem a minha verdadeira identidade e juraram disso guardar segrêdo, a contragôsto, a princípio, a seguir exploraram, com fim publicitário, essa minha fantasia de querer conservar o anonimato e o sucesso coroou essa manobra. Quem, entre "meus leitores cada dia mais numerosos" (para citar a frase de meus editôres) estaria interessado por conhecer o verdadeiro nome de Felix Lane? Eu gostaria de saber...

Mas, eu seria um ingrato falando mal de Felix Lane, que tanto vai servir-me em futuro próximo. Um último detalhe: quando os vizinhos perguntam o que escrevo *o dia todo*, respondo-lhes, para satisfazer sua curiosidade, que preparo uma *vida de Wordsworth*.

Quais são minhas aptidões para o papel de assassino? São bem magras. "Felix





— Oh! É muito econômico quanto à gasolina. Quase nunca funciona...

Lane" adquiriu certas ações médicas, jurídicas e policiais; mas jamais calcei o gatilho de um revólver ou envenenei um rato. Tirei da leitura dos criminalistas a conclusão de que só os generais, os especialistas de Harley Street e os proprietários das minas podem cometer impunemente tais crimes. Se sou injusto com os assassinos amadores, que êstes me perdoem!

Enfim, meu caráter será revelado neste Diário. Gosto de pensar que exagero meus defeitos. Mas êsse descontentamento comigo mesmo talvez seja o fruto de um espírito sofista.

Desculpe esta pomposa prolixidade, hipotético confessor, que jamais lerá estas linhas. Um homem é obrigado a falar a si próprio, quando está só, perdido na noite, sôbre um simples destroço que o mar vai levando para longe. Voltarei para casa, amanhã. Queira Deus que a sra. Teague tenha dado todos os brinquedos dêle, segundo minhas instruções.

23 DE JUNHO

O *bungalow* tem seu aspecto habitual. E por que não? Podia eu esperar ver lágrimas escorrendo por suas paredes? É mais uma vaidade humana, essa pretensão inconsciente e sempre desapontada de que *uma dor pessoal obscureça a natureza!* Nada mudou no *bungalow*... a não ser a vida que dêle se retirou. A municipalidade mandou colocar um poste de sinal na curva perigosa, bem sôbre o ponto fatal; bem atrasada, como sempre!

Encontrei a sra. Teague muito abatida. A morte de Martie a abalou profundamente, a menos que seus ares desolados não sejam uma pequenina comédia, representada para *me agradar*. A maldade desta última frase só foi compreendida por mim, quando a reli... Foi-me ditada por um vil sentimento de ciúme. Eu desejaria ser o único a chorar a perda de Martie; dói-me pensar que uma estranha tomou uma parte da vida de meu filho. Céus! Estaria eu em vias de tornar-me um pai ciumento? Em caso afirmativo, darei um bom assassino.

A sra. Teague surgiu neste momento. Entrou com um ar de desculpa espalhado por tôda a sua fisionomia corada, tal uma pessoa tímida que se encheu de coragem para formular uma reclamação. *"Não pude, senhor... Foi superior às minhas fôrças!"* — balbuciou. Horror! A senhora Teague desatou a chorar convulsamente. *"Que foi o que não pôde fazer?"* — gritei-lhe. *"Dar... Dar todos os brinquedos..."* — respondeu ela, sem retirar o avental dos olhos. E, deixando sôbre a mesa uma pequena chave, retirou-se quase correndo. Era a chave do armário de brinquedos de Martie!

Subi para o quarto de meu filho e abri o armário. Se não o tivesse feito imediatamente, nunca teria encontrado coragem para tanto. Fiquei um instante em contemplação diante da garagem-modêlo, do trem mecânico, do velho ursinho perneta, que eram os seus três favoritos.

A sra. Teague tivera muita razão. Eu precisava de tudo aquilo, para que a ferida continuasse bem aberta. Melhor que uma pedra tumular, no cemitério local, aquêles brinquedos não me deixariam em repouso. Êles causariam a morte de um homem.

24 DE JUNHO

Falei, esta manhã, com o sargento Elder: 86 quilos de músculos e de ossos contra um miligrama de cérebro. O olhar arrogante e torvo de imbecil investido de autoridade. Impossível conversar livremente com um policial. Por quê? Porque o temor é comunicativo, sem dúvida. O policial está sempre na defensiva, receando o comentário dos superiores, que podem dispensá-lo ou rebaixá-lo, no caso de praticar algum êrro grave, como ocorre com as pessoas de condição humilde para as quais a polícia é, necessàriamente, uma inimiga. Pouco importa.

Elder se entrincheirou por trás da habitual reticência oficial. O inquérito prosseguia, segundo afirmou. Numerosas informações tinham sido verificadas, sem que alguma pista fôsse encontrada até agora. Tradução livre: a polícia falhara completamente e custava-lhe reconhecer

êsse fracasso. Tenho o campo livre. Tanto melhor!

Ofereci um copo de "chopp" a Elder, o que o deixou ligeiramente mais à vontade e permitiu-me arrancar-lhe outros detalhes sôbre o inquérito oficial. A polícia é conscienciosa, justiça se lhe faça. Além dos anúncios pedindo às testemunhas eventuais do acidente seu comparecimento à delegacia, tôdas as garagens da região receberam a visita de um representante da lei, encarregado de interrogar os proprietários sôbre os consertos de pára-lamas e pára-choques danificados; todos os proprietários de automóveis, várias milhas em redor, foram interrogados com certa habilidade, com o fim de descobrir se possuíam um alibi relativamente ao seu automóvel e à hora do acidente; o inquérito da polícia foi conduzido de porta em porta, até aos limites da aldeia, entre os proprietários de bombas de gasolina e os agentes de automóveis e motocicletas, todos interrogados longamente. Nada!

Espero obter essas diversas informações, sem despertar as suspeitas de Elder. Será natural essa curiosidade de um pai desesperado? Ora! O sargento não é bastante sagaz para colhêr essas *nuances* da psicologia mórbida. Mas, o problema, realmente, parece insolúvel. Conseguirei vencer onde a polícia, com todos os seus poderosos recursos, fracassou? Tarefa árdua, a de procurar uma agulha em palheiro!

Hein? Se eu quisesse esconder uma agulha não a colocaria num monte de feno... mas, numa caixinha de agulhas! Parece que Elder acredita mesmo ter havido amolgamento do pára-choque ou do pára-lamas, no atropelamento, embora Martie fôsse um pêso-pluma. O melhor meio de esconder um ligeiro amolgamento é, evidentemente, o de provocar outro, maior, no mesmo lugar. Que faria eu para dissimular as consequências de um acidente, caso tivese atropelado uma criança e fugido? Simularia um acidente pouco além. Bateria contra um muro, uma árvore ou outro obstáculo qualquer, para que essa segunda colisão apagasse os traços da primeira.

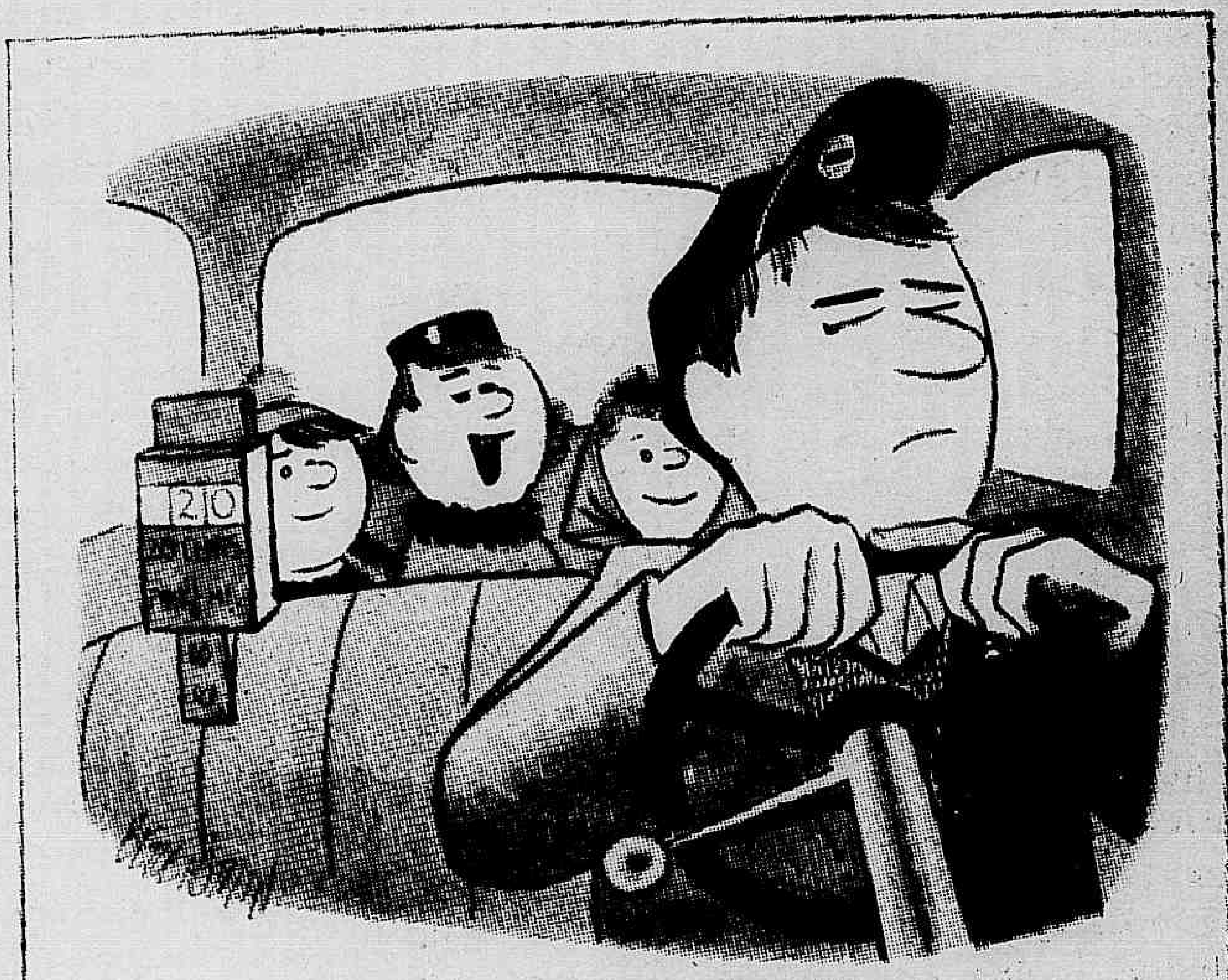
Conclusão: devo tentar descobrir se houve algum acidente dêsse gênero, nos arredores, na mesma noite. Telefonarei a Elder, amanhã, para indagar.

25 DE JUNHO

A polícia já tivera a mesma idéia. Elder informou a respeito — dando-me a entender, polidamente, que os policiais conheciam seu ofício melhor que os profanos. Todos os acidentes ocorridos naquelas paragens foram objeto de um inquérito severo, a fim de estabelecer sua *"bona fides"* — segundo os têrmos pomposos do imbecil.

Não sei por onde começar. É de enlouquecer. Como pude alimentar a esperança insensata de ter apenas que estender a mão para agarrar o culpado? O primeiro sintoma de megalomania criminal, sem dúvida. Minha conversa telefônica com





— *Um quarto de quilômetro, por favor!*

Elder serviu apenas para me deixar irritado e desanimado. Completamente desorientado, permaneço no jardim, onde tudo me recorda Martie, mesmo o ridículo incidente das rosas.

Logo que pôde caminhar, Martie me acompanhou ao jardim, onde eu ia, cada manhã, colhêr as flôres para a mesa. Descobri, um belo dia, que Martie decapitara doze rosas admiráveis e destinadas a uma exposição; rosas de um vermelho sombrio e que eram o meu orgulho de cultivador. Fiquei furioso contra o pequeno vândalo, embora sabendo que êle apenas pretendera ajudar-me. Envergonho-me da minha brutalidade naquela ocasião. Êle recusou qualquer consôlo durante horas... É assim que destruímos a inocência e a confiança infantis. Quanto lamento, hoje, êsse gesto de cólera! O pobrezinho deve ter pensado que aquilo era o fim do mundo. Inferno! Estou mergulhando num sentimentalismo ridículo!

Tenho uma desculpa, entretanto; esta manhã, passeando pelo jardim, descobri que tôdas as minhas rosas, sem exceção, tinham sido cortadas. Meu coração cessou de bater (uma frase dos meus romances policiais!). Acreditei, durante um segundo, que os seis meses que haviam decorrido não tinham sido mais que um pesadelo e que Martie vivia ainda. Aquilo devia ter sido, provàvelmente, obra de algum vagabundo da aldeia. Mas êsse pequeno incidente me indignou e fêz-me pensar que tudo e todos se ligavam contra mim. *Para me torturar!* Uma Providência justa e clemente teria podido, quando menos, deixar algumas rosas. Deveria, talvez, assinalar êsse ato de vandalismo a Elder. Mas, com que fim?

O ruído de nossos próprios soluços é intolerável e teatral. Queira Deus que a sra. Teague não os tenha ouvido!

Farei uma ronda pelos bares, amanhã, à noite, com a esperança de colhêr algumas informações. Impossível ficar eternamente raciocinando em casa, sem risco de enlouquecer. A propósito, vou beber alguma coisa em casa de Peters, antes de me deitar.

26 DE JUNHO

A dissimulação cria no indivíduo uma embriaguês sem igual. Onde terei lido a história de um homem que levava uma bomba no bôlso do paletó e um detonador no bôlso da calça? Uma ligeira pressão sôbre a "pêra" do detonador e êle saltaria com tudo o que se encontrasse em seu redor, num raio de trinta metros. Êsse homem devia sentir o mesmo que eu, ontem à noite, no correr da minha palestra com Peters. Eu já conhecia essa impressão, por haver sentido o mesmo durante meu noivado secreto com Teresa... O segrêdo maravilhoso, carregado de dinamite e que nos sufoca! Peters é um ótimo rapaz; mas os partos, as gripes e as crises de artritismo enchiam totalmente a sua pacata existência de médico de província. Enquanto bebia o seu *whisky*, sentado diante dêle, imaginava que cara assumiria se pudesse ler os meus pensamentos criminosos. Meu segrêdo quase escapou dos meus lábios. Tenho que ter a maior cautela. Afinal, isto não é uma brincadeira. Naturalmente, Peters não teria acreditado no que lhe dissesse a êsse respeito. Mas, não quero absolutamente, que êle entre a me observar com seu ôlho clínico.

Fiquei satisfeito por saber por Peters que o *coroner* não fizera qualquer alusão à minha responsabilidade na morte de Martie. Ninguém saberá, jamais, quanto êsse detalhe me fêz sofrer e também a pergunta. A pergunta de Peters, aliás, não me sossegou inteiramente o espírito. Estudo as fisionomias dos habitantes da aldeia, com a esperança de ler sua verdadeira opinião a meu respeito. Por que a sra. Anderson, a viúva de nosso antigo organista, atravessou bruscamente a rua, para evitar passar junto de mim, esta manhã? Ela adorava Martie e até o mimava demais, na minha opinião. Enchia seus bolsos de balas e bombons e cobria-o de beijos furtivos logo que voltava as costas... O menino detestava essas efusões, tanto quanto eu próprio. Coitada. Ela nunca tivera filhos e a morte de Anderson foi um golpe cruel. **Prefiro** que ela me ignore a ter que ouvi-la

pronunciar palavras de simpatia e solidariedade.

Como a maior parte das pessoas que vivem isoladas moralmente, dou grande importância à opinião dos meus semelhantes. Preciso de uma atmosfera cordial, embora mantendo meus vizinhos à distância. Êsse traço de caráter não me é favorável, reconheço, mas tenho ao menos o mérito de não fingir de pessoa amável.

Irei diretamente ao Saddler's Arms, a fim de sondar o dono do restaurante e seus clientes. Talvez possa encontrar uma pista. É pouco provável, bem sei, dado que Elder já fêz isso antes de mim...

(MAIS TARDE)

Bebi uma dúzia de chopes no correr de minhas três últimas horas, sem que isso perturbasse a lucidez de meu espírito. A anestesia local não atinge, sem dúvida, a ferida muito profunda. Todos testemunharam uma viva simpatia por mim. Meus receios eram vãos. Não passo por um miserável aos olhos de tôda essa gente.

— Que desgraça — disseram. — A fôrca é morte suave para miseráveis dessa espécie.

Barnett, o velho pastor, resumiu a opinião geral nestes têrmos.

— Bem que nos faz falta, o menino. Êsses malditos motoristas são a praga das estradas. Se dependesse de mim, ditaria uma lei contra todos êles.

Bert Cozens, o sabichão da aldeia, declarou, gravemente:

— É o impôsto que pagamos pelo progresso, Senhor. Hum! Nas estradas, como em tôda parte, os mais fortes devoram os mais fracos, seja dito sem ofender a quem quer que seja. A lei de seleção natural... Mas pode ter a certeza da nossa profunda simpatia nessa cruel fatalidade, Senhor.

Boa gente! Sua concepção da morte, como é de uma grandeza impressionante, como de simplicidade e de realismo. Seus próprios filhos devem afundar ou aprender a nadar sòzinhos... Não podem arranjar-lhes *nurses*, vitaminas e pratinhos especiais. Como, então, poderiam censurar-me por haver deixado Martie gozar tôda a sua independência, a mesma que sua progenitora gozava por necessidade. Eu devia ter pensado nisso. Mas, infelizmente, nenhuma informação puderam dar. Ted Barnett foi, mais uma vez, o porta-voz de todos:

— Bem que daríamos os cinco dedos da mão direita para descobrir êsse bandido! Um ou dois automóveis atravessaram a aldeia, após o acidente, mas não foram notados... porque ignorávamos o que havia ocorrido. E agora pergunto: para que serve pagar êsses policiais, se são incapazes de cumprir com suas obrigações. Se Elder não passasse o dia todo a...

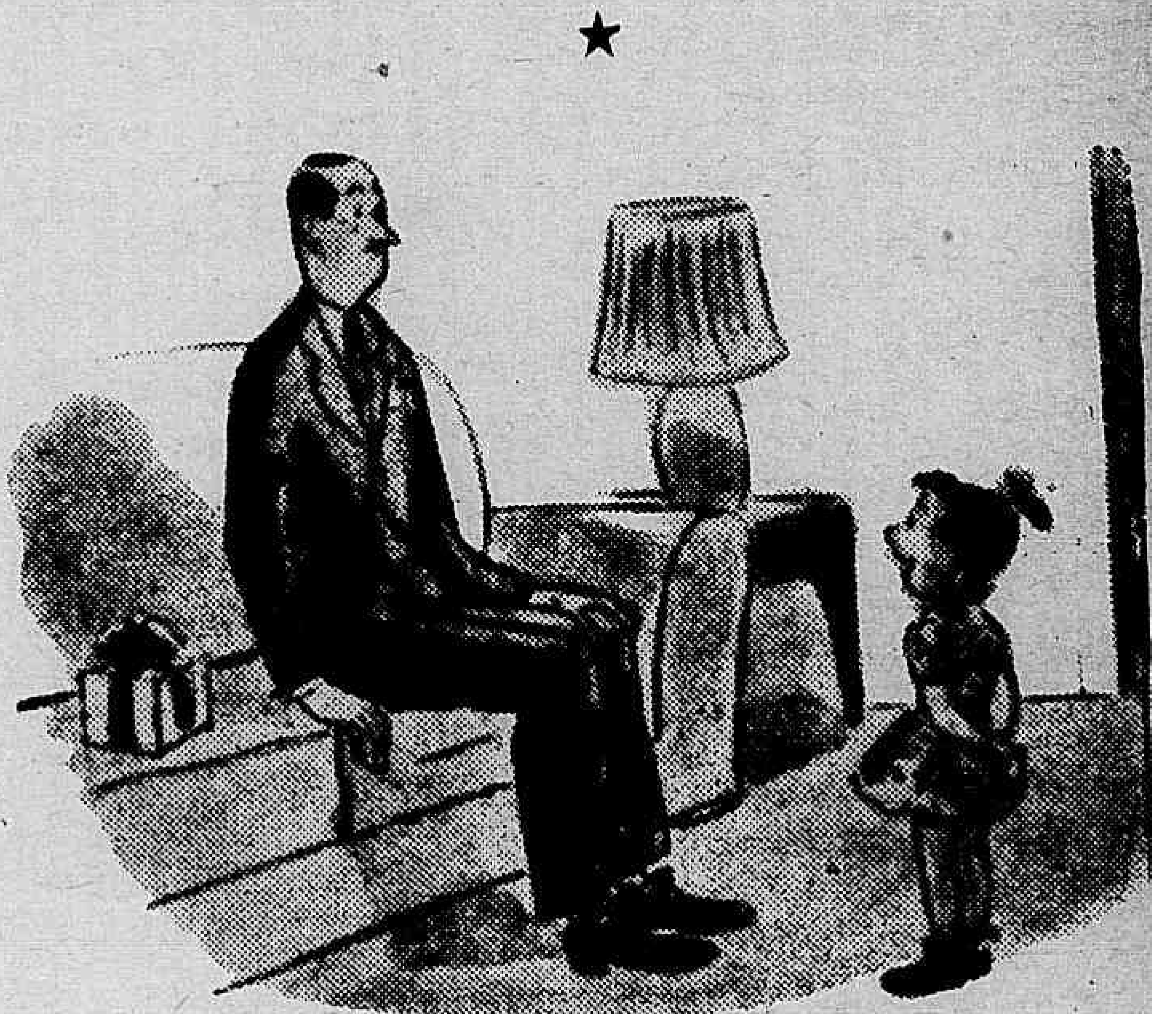
A palestra degenerou. Nosso digno sargento seria um indivíduo escandaloso, segundo as afirmativas de Barnett e dos outros frequentadores do Saddlers Arms.

Mesmo resultado no Lion and Lamb e no Crown. Nêles recolhi bom testemunho de solidariedade, mas nenhuma informação. Nem uma pista. Tenho que deixar êsses locais completamente desiludido. De que lado poderia esperar melhor ajuda? Estou muito cansado para pensar, esta noite.

27 DE JUNHO

Longo passeio na direção de Cirencester. Passei, no cume de uma colina, diante do local onde havíamos lançado

★



— Posso ver todo o dinheiro que minha irmã disse que o senhor tem?

planadores de brinquedo, Martie e eu. Ainda o vejo, seguindo os brinquedos com os olhinhos acesos, como se os quisesse sustentar indefinidamente no ar, por algum milagre da vontade. A aviação o atraía, como um ímã. Com certeza morreria dentro de um avião se o automóvel não se antecipasse. Encontro uma recordação dêle quase a cada passo. A ferida continuará aberta enquanto eu viver. É o que desejo.

Alguém parece desejoso de se livrar de mim. Encontrei a cêsta de lírios totalmente devastada, esta manhã, sob minha janela. As flôres cortadas juncavam a alamêda. Um vadio da aldeia não renovaria a selvagem proeza. Essa teimosia contra minhas flôres revelava uma maldade que me perturbou, apesar de procurar reagir. Mas não me deixarei intimidar.

Uma idéia extraordinária acaba de brotar em meu espírito. Terei um inimigo desconhecido e mortal, que matou Martie de propósito e que destrói sistemàticamente tudo aquilo que me causa prazer? Fantástico! Êsse pensamento prova quão perigoso é o isolamento para o cérebro. Mas, se essa perseguição se prolonga, vou começar a tremer, antes de olhar pela janela, cada amanhecer.

Caminhei muito, hoje. O exercício me fêz bem. Aproveitemos para refletir. Estou com a pena em mão e com a permissão do meu hipotético leitor começo por perguntar: Que novo método devo adotar? Estabeleçamos séries de proposições e de deduções e veremos onde isso me conduzirá.

1º — Inútil recomeçar os métodos da polícia, mil vêzes mais fortemente aparelhada do que eu e que, no entanto, falhou.

Conclusão: devo explorar meu melhor trunfo, a faculdade que consiste em identificar-se com o criminoso. Todos os autores dos romances policiais o possuem.

2º — Se eu tivesse amolgado meu automóvel, atropelando uma criança, meu instinto me aconselharia a evitar as grandes estradas e a atingir o mais depressa possível o local onde fôsse possível efetuar o consêrto. Mas, segundo as palavras de Elder, tôdas as garagens da região foram visitadas e todos os serviços executados nos dias que se seguiram ao acidente foram justificados plenamente. Se a polícia foi enganada, inútil esperar descobrir como o foi.

E... daí? Primeira hipótese: o veículo não sofreu dano, embora seja pouco provável. Segunda hipótese: o atropelador conduziu o veículo diretamente para uma garagem particular, onde o mesmo ficou fechado desde então: possível, embora pouco provável também. Terceira hipótese: o assassino fêz pessoalmente o reparo, o que é uma explicação plausível.

3º — Admitamos, provisòriamente, que o assassino fêz os reparos. Isto indica alguma coisa sôbre êle?

Sim. Êle deve conhecer o ofício e dispor dos utensílios necessários. Mas um pára-lama amassado — embora ligeiramente — é corrigido a marteladas e a operação é muito ruidosa para despertar até um morto. Despertar! O têrmo é exato. O reparo deveria ser feito durante a noite, para que nenhum vestígio comprometedor restasse na manhã seguinte. Mas um martelar prolongado, à noite, despertaria forçosamente os vizinhos e também a desconfiança dêles.

4º — O atropelador não deu sequer uma única martelada, aquela noite. Mas, quer seu veículo estivesse numa garagem particular ou pública, a martelada teria atraído a atenção sôbre êle, na manhã seguinte, admitindo que êle tivesse esperado até essa hora para iniciar o reparo.

5º — O consêrto foi feito sem pancadas de martelo.

Mas... Como sou imbecil! É preciso desmontar o pára-lamas para corrigir o menor amolgamento. Se — como tudo me leva a acreditar — o assassino se via obrigado a agir silenciosamente, que fêz êle? Desmontou as partes amolgadas e trocou-as por outras, novas.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JULHO DE 1954

1 — QUINTA-FEIRA — O sr. Mendes France, "premier" francês, promete alcançar a paz para a Indo-China dentro de uma semana, sem o que renunciará à chefia do govêrno. ★ Os rebeldes guatemaltecos senhores absolutos da situação, concordam em discutir um acôrdo com os representantes do govêrno comunista. ★ Agrava-se a situação em Gôa, onde as autoridades portuguêsas receiam um repentino assalto dos nacionalistas indianos orientados por comunistas. ★ O Marechal Tito anuncia a sincera vontade da Iugoslávia de chegar a um acôrdo pacífico com a Itália, que satisfaça as duas nações.

2 — SEXTA-FEIRA — Terminada a revolução de 14 dias na Guatemala, mediante acôrdo entre as duas facções e domínio dos rebeldes. ★ Se a França não assinar o Tratado do Exército Europeu, ver-se-á diante de um Exército Nacional Alemão, declara o chanceler Adenauer, com advertência ao govêrno francês. ★ Os Estados Unidos renovam sua oposição à entrada da China Comunista na ONU. ★ Tremor de terra em Sersegnon, Filipinas. ★ Novo e gravíssimo incidente na fronteira de Israel com a Jordânia. ★ Renuncia o deputado Mendonça Júnior, do P.S.D. de Alagoas. ★ Exonerado o sr. Antônio Balbino de Carvalho Filho, do cargo de Ministro da Educação e Cultura. ★ O Brasil salda definitivamente sua dívida de guerra.

3 — SÁBADO — Continua a retirada dos franceses no Delta do Rio Vermelho, para encurtar sua linha de defesa. ★ Chega à capital guatemalteca o chefe rebelde vitorioso, cel. Carlos Castillo Armas. ★ O govêrno norteamericano processa a companhia United Fruit, que foi um dos pomos de discórdia na Guatemala, acusando-a de ser um "trust" intolerável. ★ Escolhido para a pasta da Saúde, o prof. Mário Pinotti.

4 — DOMINGO — O presidente da nova Junta Governativa da Guatemala declara que seu país nada quer com os países da Cortina Soviética. ★ Três cidadãos russos expulsos dos Estados Unidos, acusados de espionagem. ★ Chega a Londres a sra. Pandit, presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas.

5 — SEGUNDA-FEIRA — Numerosas prisões na Guatemala, onde o govêrno

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-9

revolucionário se apresta para assinar a resolução anti-comunista de Caracas. ★ Washington anuncia que vai cuidar mais de perto do desenvolvimento econômico dos países latino-americanos. ★ O govêrno da região oriental do Paquistão declara ilegal o Partido Comunista. Tal medida será estendida, breve, a todo o país. ★ Nomeado Ministro da Saúde, o sr. Mário Pinotti.

6 — TÊRÇA-FEIRA — A França disposta a enviar grandes reforços para a Indo China, caso fracassem as atuais conversações de paz. ★ Aprovada nos Estados Unidos a venda de 12 navios mercantes do Brasil. ★ O National City Bank, de New York, em publicação especial elogia o desenvolvimento industrial brasileiro. ★ Pede a Grécia uma política comum para enfrentar o perigo comunista. ★ Falece, nesta capital o jornalista Costa Rêgo, redator-chefe do "Correio da Manhã", figura tradicional e brilhantíssima da imprensa brasileira. ★ Nomeado Ministro da Educação e Cultura, o prof. Edgard Rêgo Santos.

7 — QUARTA-FEIRA — O presidente Eisenhower responsabiliza Pequim pela agressão na Coréia. ★ A Comissão de Justiça da Assembléia Nac. Francesa rejeita a ratificação do Tratado da Comunidade Européia. ★ Prosseguem em Londres os estudos para a projetada concessão de soberania à Alemanha Ocidental. ★ Nesta capital a delegação parlamentar britânica. ★ Ratificação no Itamarati de Acôrdo sôbre Transportes Aéreos entre o Brasil e Portugal.

8 — QUINTA-FEIRA — Eleito Presidente da Junta do Govêrno de Guatemala o coronel Castillo Armas, que comandou a invasão dos revoltosos. ★ Condenados os 4 terroristas portorriquenhos que dispararam tiros de revólver contra os congressistas norte-americanos a penas que de 15 anos e 9 meses a 50 anos de prisão. ★ Nomeado diretor da E. F. Bahia-Minas. o sr. José Benedito de Morais Lacerda.

9 — SEXTA-FEIRA — Realiza-se a última sessão sôbre a Indo-China, que deverá ser decisiva para a paz e para a permanência do sr. Mendes Franco no pôsto de "premier" francês. ★ Confusão na política internacional sôbre Trieste, prevendo-se a imediata entrada das autoridades italianas naquela zona. ★ Os Estados Unidos ameaçam abandonar a ONU, caso seja aprovado o ingresso da China Comunista. ★ Nomeado presidente do Inst. Brasileiro do Café, o sr. Raul Diericson.

10 — SÁBADO — Mendes Franco pede ao chanceler Molotov que ajude a conseguir uma paz honrosa para a Indochina. antes de 20 do corrente. ★ Melhora a posição francesa em Norte de Hanoi, onde se aguarda assalto geral dos comunistas. ★ Londres esperançosa de um breve acôrdo ítalo-iugoslavo sôbre Trieste antes da assinatura do Pacto Militar Balcânico Tripartite, a 21 de julho. ★ Os Estados Unidos suspenderão ajuda à França e à Itália em dezembro, a menos que os dois países, até aquela data, tenham assinado o plano de defesa da Europa. ★ Sobem as águas do Danúbio provocando a maior inundação de 50 localidades na Áustria.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaume, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



11 — DOMINGO — Círculos egípcios revelam que são satisfatórias as novas propostas britânicas sôbre Suez. ★ Troca de tiros no consulado dominicano em Londres, entre o Primeiro Secretário da Embaixada e o Adido do Ar, falecendo o primeiro e ficando o segundo gravemente ferido.

12 — SEGUNDA-FEIRA — Cêrca de três mil comunistas iniciam o assalto contra as defesas francesas de Hanoi. ★ Considerada certa a próxima solução do problema de Trieste, com a partilha do Território Livre, entre a Itália e a Iugoslávia. ★ Nomeado o sr. José do Nascimento Ceccato presidente interino do Instituto Nacional do Pinho.



13 — TÊRÇA-FEIRA — OS EE. UU. dispotos a não assinar o acôrdo que se negocia em Genebra, sob o patrocínio da Rússia, entre êste país, a França e a China Comunista, para estabelecimento da paz na Indo-China. ★ Protesta a Noruega, junto de Moscou, contra a espionagem soviética dentro de suas fronteiras. ★ Três devastadores desmoronamentos de terra, ocorridos nas cercanias de Medelin, Colômbia, causam a morte de cêrca de 50 pessoas. ★ Adquiridos mais 50 aviões de treinamento, nos Estados Unidos, para a F.A.B. ★ Estados Unidos e Chile reconheceu o novo govêrno da Guatemala. ★ No Rio de Janeiro, o General Mac Clark, que comandou a FEB, na Itália.

14 — QUARTA-FEIRA — Concordam os Estados Unidos em colaborar com a França nas negociações de paz para a Indo-China. ★ A Inglaterra se declara contrária ao ingresso — no momento — da China Comunista na O.N.U. ★ Os Estados Unidos enviam aviões a jato e outros engenhos bélicos para a Tailândia e a China Nacionalista.

15 — QUINTA-FEIRA — Avançam os rebeldes de Vietminh ao norte de Hanoi, ocupando Chi Kuan e Trung Ha, apesar da ação ininterrupta da aviação francesa. ★ Confiante, também, o "premier" Mário Scelba quanto ao êxito das negociações sôbre Trieste. ★ A França oficialmente avisada de que Inglaterra e Estados Unidos ultimam os planos para concessão de autonomia à Alemanha Ocidental. ★ Au-




A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT


TÔNICO DAS GERAÇÕES

menta a área devastada pela inundação do Danúbio, que já ameaça também a Tchecoslováquia. ★ Designada a Delegação do Brasil ao XIV Congresso Internacional de História da Medicina.

16 — SEXTA-FEIRA — Oito mil soldados franceses empenhados na batalha de Hanoi, passando o acampamento de Wrulin várias vêzes para as mãos de um e outro exército. ★ Na Áustria, 30 mil pessoas ficam desabrigadas. ★ Os Estados Unidos reforçam de 3 bilhões e 100 milhões de dólares o seu orçamento de ajuda ao exterior.

17 — SÁBADO — Prosseguem as discussões em tôrno do projeto de paz para a Indo-China, melhorando sensìvelmente a expectativa geral. ★ Reagem os franceses, no delta do Rio Vermelho, depois da recaptura de vários pontos chaves em furiosos combates de tanques. ★ Ameaça de tifo sôbre as regiões assoladas pelas águas do Danúbio, na Áustria, Hungria e Tchecoslováquia. ★ O professor Teodor Heuss é reeleito presidente da República Federal Alemã do Oeste.

18 — DOMINGO — Anunciado para "qualquer hora" o acôrdo para a cessação das hostilidades na Indo-China. ★ O govêrno persa responde enèrgicamente à nota russa pretendendo interferir na política externa iraniana. ★ O New York Times comenta a atitude do Senado brasileiro rejeitando o Convênio cultural celebrado em Madrid entre o Brasil e a Espanha.

19 — SEGUNDA-FEIRA — Bastante ativo o "premier" Mendes-France, que procura obter uma solução para a Indo-China, antes que expire o prazo que anunciou para sua confirmação no pôsto de "premier" Ministro francês. ★ A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos opõe-se ao projeto do Senado daquêle país, que institui fiscalização federal no comércio de café. ★ Nesta capital, falecem o poeta e magistrado Raul Machado e o sr. Edson Keith Hartzell, diretor do "Ponto IV" do Brasil.

20 — TÊRÇA-FEIRA — Finalmente concluído o acôrdo sôbre a Indo-China,

pelo qual um têrço do Vietnam, inclusive Hanoi, ficará com os Comunistas. ★ O Govêrno do Vietnam já declarou, porém, que não assinará o acôrdo, por considerá-lo contrário aos interêsses do seu país. ★ Os jornais de New York declaram que com seus preços altos o Brasil e a América Latina perderão o predomínio no mercado do café. ★ Inaugurado o VII Congresso Nacional de Tuberculose. ★ Inaugurado o I Congresso Latino Americano de Saúde Mental. ★ Instalado no Recife o I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia. ★ Nesta capital falece o almirante de esquadra Cârlos Lavigne. ★ Inaugurado em São Paulo o IV Congresso Pan-Americano de Gastro Enterologia.

21 — QUARTA-FEIRA — Terminada virtualmente a guerra na Indo-China. ★ Aumentam as dívidas comerciais em dólares dos países latino-americanos. ★ Visita a Holanda o presidente da França. ★ Inaugurado em São Paulo o VI Congresso Internacional do Câncer.

22 — QUINTA-FEIRA — O Banco de Importação e Exportação concede empréstimo de 5 milhões de dólares ao Estado de Minas Gerais. ★ Grave incidente luso-indiano na aldeia de Dadra, em Gôa. ★ A Áustria pede aos 4 Grandes que estudem a possibilidade de diminuir os pesados encargos austríacos com a ocupação. ★ Chega a esta capital o 2.º Esquadrão de contratorpedeiros da Esquadra do Atlântico, norteamericana. ★ Inaugurada a X Exposição Agro-Pecuária de Carangola.

23 — SEXTA-FEIRA — Apoteótica recepção ao "premier" Mendes France pelo povo francês, logo repetida quando o chefe do govêrno comparece à Assembléia Nacional, onde obtém maioria esmagadora de 501 contra 93 votos. ★ Troca de notas de protesto, logo rejeitadas pelos dois países, entre Portugal e Índia, responsabilizando um ao outro pelos gravíssimos incidentes na região de Gôa. ★ Numeroso grupo de indianos marcha contra Dadra, para capturar a aldeia. ★ Instalada em Salvador a II Reunião Brasileira de Antropologia. ★ Chove torrencialmente no R. G. do Sul, provocando interrupção do tráfego entre Pôrto Alegre e Caxias do Sul.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

24 — SÁBADO — Derrubado um avião de passageiros da Cathay Pacific por dois "Mig" da China Comunista, sôbre a ilha de Hainan. ★ Londres protesta enèrgicamente. ★ Morto num atentado terrorista o coronel La Paillone, chefe da guarda do "bey" de Tunis. ★ Eleita Miss Universo, Mirian Stevenson, representante dos Estados Unidos. Coube o 2.º lugar à srta. Marta Rocha, "Miss Brasil".

25 — DOMINGO — Segue para o Cairo o sr. Anthony Eden, para discutir com o govêrno egípcio a questão de Suez. ★ Instalado em São Paulo o IV Congresso interamericano de Engenharia Sanitária. ★ Afunda o vapor Guaratinga, do Lóide Brasileiro, que estava encalhado a 20 milhas ao sul do Cabo de Santa Marta.

26 — SEGUNDA-FEIRA — O delegado russo na ONU propõe conferência quadripartite para resolver os problemas europeus. ★ O seu objetivo, segundo fontes ocidentais, é o de retardar a ratificação do Tratado de Defesa da Europa. ★ O delegado do Brasil declara-se contrário à proposta soviética proibindo a fabricação de armas atômicas. ★ Portugal anuncia ao

mundo que defenderá seus interêsses na Índia. ★ Singhman Rhee, presidente da Coréia do Sul, deplora o acôrdo na Indo China afirmando que a Tailândia será a próxima vítima.

27 — TÊRÇA-FEIRA — Assinado acôrdo anglo-egípcio objetivando a evacuação das tropas britânicas do Canal de Suez dentro de vinte meses. ★ Entra em vigor o Tratado assinado em Genebra para cessação das hostilidades na Indo-China. ★ Os aviões norte-americanos, segundo revela Washington, continuarão a proteger o tráfego aéreo comercial na região dos recentes incidentes. ★ Nomeado para a direção da Caixa Econômica Federal o sr. João Batista Luzardo. ★ Agraciada a A. B. I. com a Medalha de Pacificador.

28 — QUARTA-FEIRA — O presidente Synghman Rhee prega a necessidade do reinício da guerra na Coréia, para que "sejam expulsos os comunistas da Ásia". ★ Aumentam as desinteligências luso-indianas sôbre Gôa. ★ Designado o sr. João Gonçalves de Souza para responder pela Presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

29 — QUINTA-FEIRA — Naroli, povoação portuguêsa na Índia é invadida e capturada por voluntários nativos procedentes de Azad, Gôa e Dal. ★ Aumenta a tensão sino-norteamericana. ★ Nesta capital é realizado grande comício de protesto contra a agressão indiana às cidades e aldeias portuguesas na Índia. ★ O Papa Pio XII deixa o Vaticano para um período de férias em Castelgandolfo.

30 — SEXTA-FEIRA — O Senado norteamericano aprova, por unanimidade, resolução autorizando o presidente Eisenhower (se as circunstâncias e o interêsse nacional o justificarem) a restabelecer a soberania da Alemanha Ocidental. ★ Cancelada a visita do Ministro do Exterior de Portugal ao Brasil, em vista da situação portuguêsa na Índia. ★ Nomeados Secretário Geral de Viação da Prefeitura e Presidente do Banco da Prefeitura, os srs. Lauro Antunes Paes de Andrade e Armando Vidal Leite Ribeiro, respectivamente.

31 — SÁBADO — Mendes-France, "premier" francês, propõe à Assembléia Nacional a imediata concessão de independência para a Tunísia. ★ O chefe do govêrno de Vietminh diz que "nunca aceitará o tratado de paz recém-assinado com os comunistas e que seu povo lutará até a morte pela unidade e pela independência". ★ A Índia ameaça Portugal de "sérias represálias" caso as tropas portuguêsas "empreguem a fôrça contra os "pacíficos" Satvabrahis (nacionalistas)". ★ Nomeado comandante da 5.ª Região Militar, o General José Daudt Fabrício. ★ Nomeado Superintendente da Fundação da Casa Popular o sr. Saulo Brant.

★



— *Veja só o que estava buzinando tanto.*

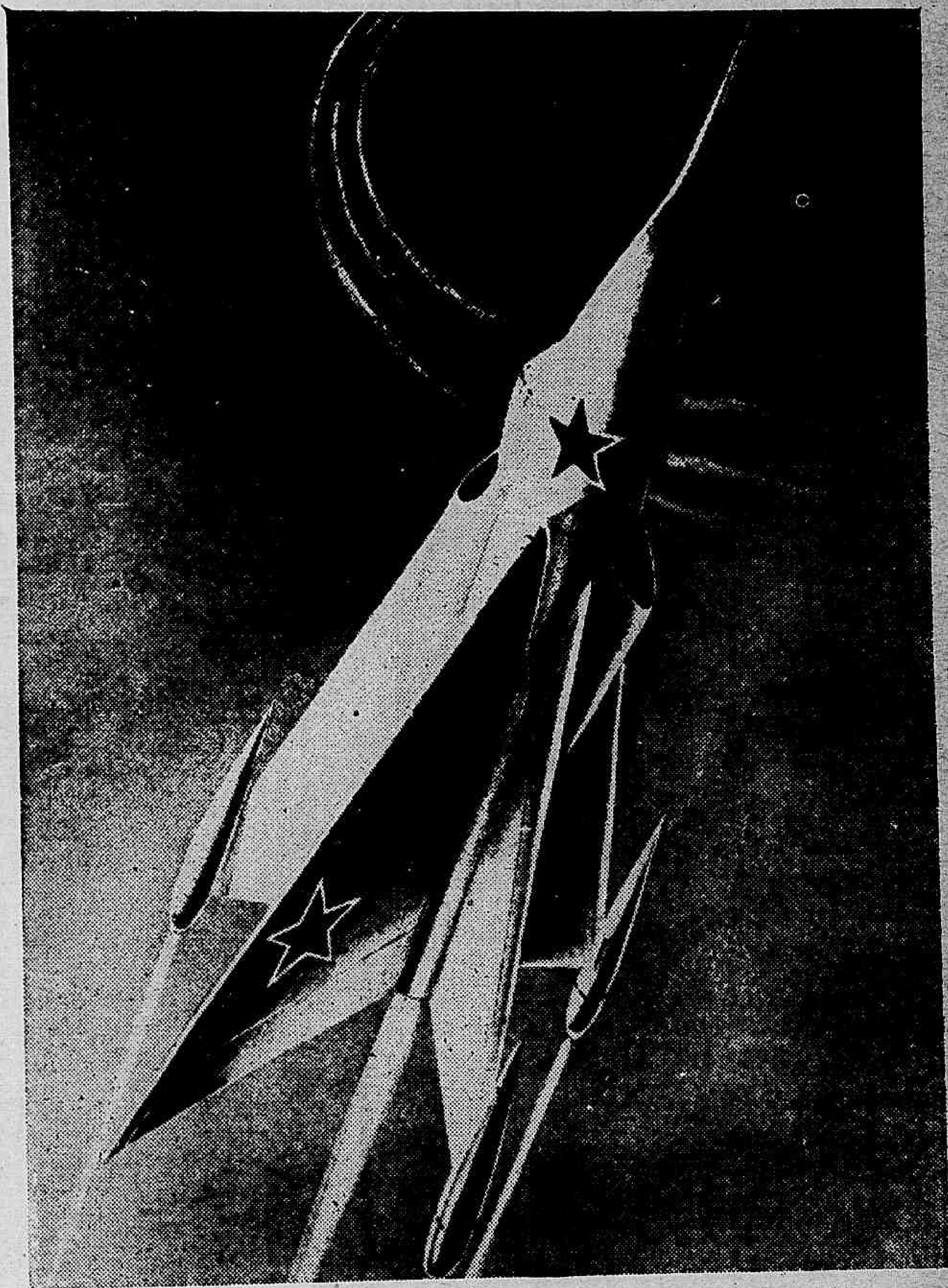
★

DECLARAÇÃO — Um habitante de Kodiak, Alaska, escreveu ao Departamento de Recrutamento do Govêrno Americano, que lhe enviara memorando indagando se preferia servir na Marinha, no Exército ou como Guarda-Costa, declarando que preferia ser enviado como secretário de embaixador americano na Suíça. Mas escreveu tanto que acabou esquecendo de assinar a carta. O funcionário do departamento citado, escreveu outro memorando, insistindo por uma resposta. O homenzinho, simplesmente respondeu: «Não quero prestar esrviço. Se quiserem, venham pegar-me aqui mesmo». Está agora descascando batatas no Exército. Foi pegado mesmo.

DUELO VERTICAL RUSSO-AMERICANO

LOGO após o lançamento da primeira bomba-atômica sôbre o Japão, o alto-comando soviético determinou estudos por vários técnicos militares, sôbre planos para defesa do território nacional na eventualidade de qualquer ataque de bombardeiros munidos de bomba-atômica. Foi então construído, entre outros, o caça "MIG. 15", que, por sua notável velocidade ascensional e manejo fácil, teria atuação magnífica no serviço de interceptação do terrível inimigo.

Aquela época os aviões que podiam conduzir bombas atômicas eram os bombardeiros americanos "Boeing B-29", superfortalezas, enquanto estavam já em vias de realização o "Boeing B-50" e o "Convair B-36". Os novos bombardeiros podiam atuar de 12 a 14 mil metros, altura esta dificilmente atingida pelos normais caças de reação a jato. Em seguida, foram aperfeiçoados os caças interceptadores, segundo recentes notícias filtradas da Alemanha Oriental, tipos "MIG. 15", atualmente adotados nas esquadrilhas russas, munidos de especiais dispositivos técnicos, além de lhes permitir a mais rápida decolagem e uma maior velocidade ascensional.



Avião foguete russo «CZ-2B», para decolagem vertical, num desenho obtido de uma fotografia tomada durante recentes experiências «em algum lugar da Rússia» e passado para o lado ocidental. O projeto foi elaborado em 1947. É provido de motor a reação, sendo que as menores das três aletas servem, apenas, para a decolagem do aparelho.

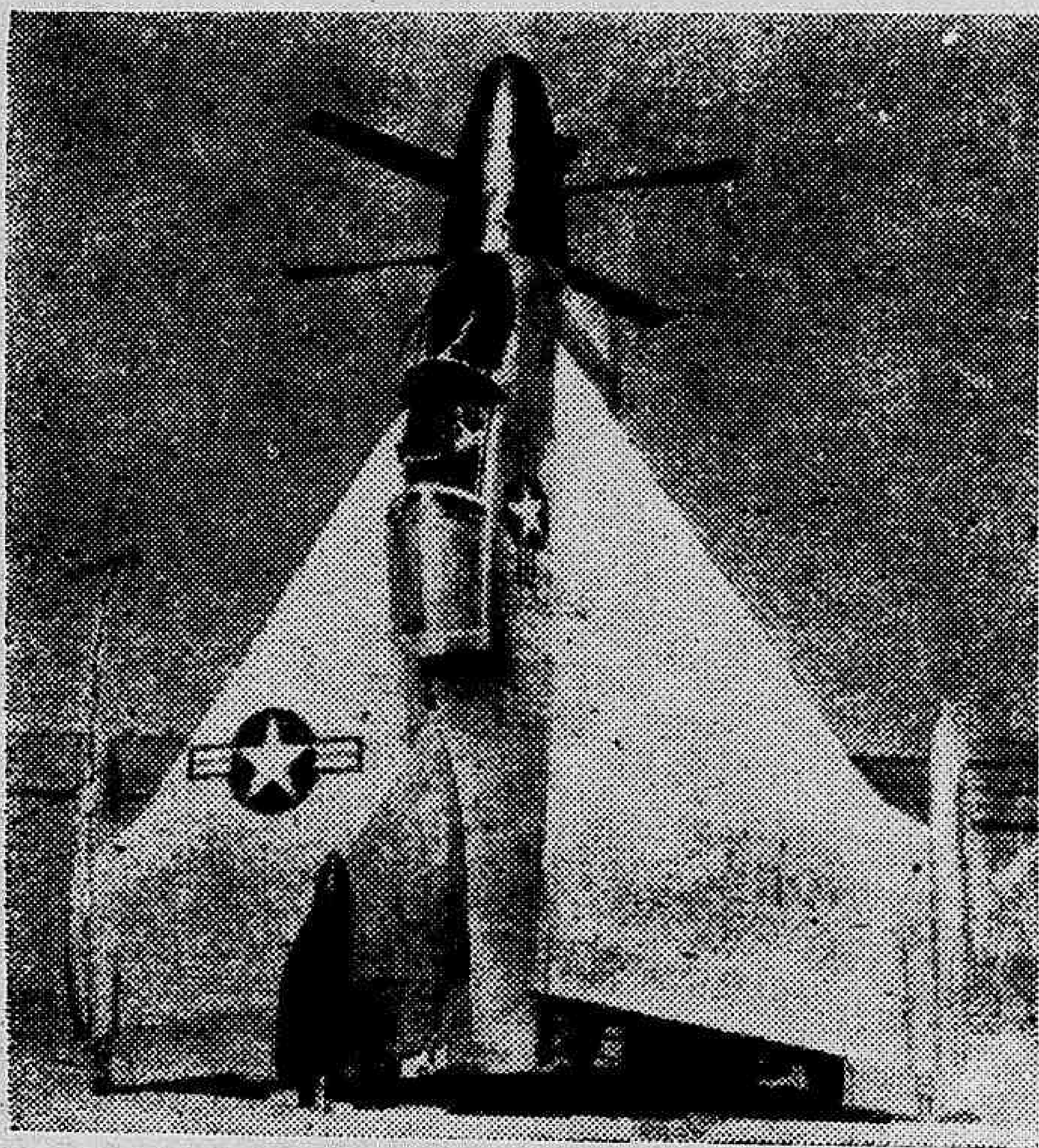
Por outro lado os técnicos americanos estavam ultimando os projetos de gigantescos bombardeiros, capazes de notáveis velocidades a quotas superiores a 16 mil metros; mas os soviéticos pensaram então que deviam construir qualquer coisa de maior eficácia ainda; mas, como conseguir aquelas alturas em brevíssimo tempo e interceptar, graças aos aparelhos de radar, a formação inimiga? Os técnicos puseram mãos à obra e selecionaram os vários sistemas que proporcionaram obter os resultados desejados: *a*) o emprêgo de um avião-mãe que reboque outro em altura interceptadora; *b*) rampa especial para lançamento orientável; *c*) potente motor-foguete; *d*) um aparelho que fôsse capaz de decolar verticalmente.

Escolheram êste último sistema e decidiram juntá-lo aos estudos acêrca dos aviões com asas triangulares, com o que foram obtidos excelentes resultados, provando-se que eram os únicos aparelhos capazes de atingir a quota dos bombardeiros.

Na realidade, os aviões capazes de decolar verticalmente não são uma novidade. Os alemães, em 1944, já haviam construído o "Bachem Natter", lançado de uma rampa de 25 metros. O "BA-349A" — assim fôra denominado o novo velívolo — tinha uma velocidade inicial de cêrca de 10.500 metros por minuto, graças ao

impulso do motor-foguete "Heinkel-Jenbach HWK-509A" e de quatro outros aúxiliares que funcionavam apenas por sòmente seis segundos, fornecendo, cada um, um impulso de 500 quilogramas.

Outro avião do mesmo gênero experimentado pelos alemães nos últimos meses de guerra, foi o caça com asas rotativas



O «Convair XFY-1» pronto para decolar. Sua construção foi inciada em 1951 pela «Consolidated Vulter Aircraft Co.», de San Diego, Califórnia. É possível ao pilôto adaptar-se a qualquer posição, assim como pode o avião pousar no horizontal ou «sentado».

a reação "Focke Wulf". O aparelho pousava no chão, verticalmente, sôbre um especial dispositivo colocado na extremidade dos planos de cauda que formavam uma cruz perfeita. A energia motriz era fornecida por três auto-reatores colocados no extremo de gigantesca hélice tríplice instalada sôbre o eixo da fuselagem, ao centro desta, avivada inicialmente mediante um jato auxiliar. O lugar do pilôto era sistemàticamente sôbre o nariz do avião ligado a poderoso armamento à base de canhõezinhos de 30 milímetros e projéteis-foguetes. Asseguram que nas provas efetuadas, êste original avião demonstrou ótima obediência aos manejos e estabilidade. Sua máxima velocidade em vôo horizontal era de cêrca de 900 quilômetros horários, enquanto a ascensional regulava uns duzentos. Além disso, em 1945, na Alemanha, dos famosos aparelhos a jato "V-2", foi aperfeiçoado o "Triebflugel flugzeug", incluído na lista das "novas armas secretas". Sôbre tais gêneros de jatos, são discordantes os pareceres, dada a ausência de protótipos e documentação relativa. Assegura-se, porém, que foi construído, aprovado com aplausos e depois destruído ao se aproximarem os exércitos aliados.

Tinha uma fuselagem de projétil munida de um trem de aterrissagem cruciforme, sôbre o qual se apoiava no terreno, e de insignificante superfície podia alar-se a 120 graus. A fuselagem acomodava, além do pilôto, dois observadores e comportava 12 toneladas de combustível líquido, enquanto as três câmaras de combustão se instalavam nas extremidades das asas. O avião atingia os 20 quilômetros da quota, mas sua autonomia era reduzidíssima, não superior a dez minutos de vôo. Em compensação, durante o breve vôo horizontal atingia velocidade superior a 2 mil quilômetros por hora.

Tornemos, porém, aos russos. Como já havíamos dito, os técnicos soviéticos, no curso das experiências, muito breve se convenceram que a técnica de uma decolagem vertical combinada com a grande eficiência de uma asa em delta, tinha permitido obter ótimos resultados para os fins a que se propunham. Segundo o que foi recentemente publicado na revista aeronáutica norte-americana, "Air Force", os comandos ocidentais estariam de posse de um filme no qual apareciam várias provas efetuadas pelos russos com o novo avião; sob as bases de tais fotografias é possível construir, ao menos em suas linhas gerais, um aparelho interceptador com asa em delta capaz de decolar e aterrar verticalmente, como se fôsse um gigantesco helicóptero. O original projeto do velívolo, sucessivamente designado como "CZ-2B", foi elaborado no fim de 1947, no Instituto Técnico Polonês. O responsável pela construção de tôda a estrutura é o engenheiro polonês professor Zarankiewicz, enquanto ao russo, dr. J. V. Stepanchev e ao polonês professor M. Wojciechowski, coube, particularmente a instalação do conjunto para a propulsão a jato.

O projeto da asa em delta do "CZ-2B" segue a linha, já agora convencional, se se acentuam os três estabilizadores dispostos entre êles a 120 graus e munidos nas extremidades de foguetes especiais. São as seguintes as dimensões hipotéticas: comprimento: 16,50 m; largura: 12,80; altura: 6,50; superfície quadrada: 41,80. O pêso deve ser muito reduzido, podendo-se estimar em menos de duas toneladas, menos da metade do pêso do caça inglês a reação, "Gloster Meteor". O carburante é instalado em tôrno da fuselagem, em virtude de não ser possível a sistematização na asa por sua baixa espessura. A aeração para o motor segue o mesmo sistema ainda em uso nos modernos caças a reação. Os três estabilizadores têm espessura muito maior do que a da asa, pois é sôbre êsses que o avião se mantém

quando está em terra, além de suportarem as manobras ao aterrissar. Os estabilizadores em vôo dão ao "CZ-2B" uma excepcional estabilidade, mas dificultam, notàvelmente, as evoluções acrobáticas. À extremidade dos estabilizadores estão os dispositivos para o contrôle do vôo vertical e amortizadores especiais para a aterrissagem. Imaginemos agora a decolagem do "CZ-2B" sôbre sua diminuta plataforma de cimento: o pilôto, firmemente acomodado na cabina, fixado no pequenino acento, com os pés para o alto. O motor a reação é pôsto em movimento e dispara com um ruído assustador num impulso igual ao pêso do aparelho. Imediatamente depois, entram em funcionamento os jatos auxiliares e o avião começa a sair lentamente, como o famoso "V-2". Nesta delicada fase do vôo, o pilôto controla a saída do aparelho e mantém perfeitamente a vertical, agindo sôbre os três jatos em meio da aparelhagem, a fim de que a elevada velocidade não venha a perturbar o equilíbrio geral. Uma vez atingida a quota desejada — e a ascensão é muito rápida, sob o impulso combinado com os vários motores — é mantido em ação apenas o motor a reação, o avião inicia o vôo horizontal e é pilotado como qualquer avião comum.

Para efetuar a aterrissagem, diminui o pilôto, gradativamente, a velocidade, de maneira que não haja o risco de "queda de velocidade", e é então que o pilôto faz funcionar os motores que dão perfeita manobra vertical ao "CZ-2B". Então pára repentinamente e desce protegido por enormes pára-quedas de "nylon".

Na realidade, houve quem pusesse em dúvida os resultados dêsse aparelho, especialmente pelo sistema de aterrissagem às avessas, mas foi considerada satisfatória a maneira de decolar. Entretanto, pensa-se que os técnicos russos deram agora ao "CZ-2B", uma forma definitiva.

O importantíssimo valor dos caças interceptadores, capazes de decolar e aterrissar verticalmente, está no poderem ser empregados em qualquer lugar, sem exigir a construção de custosíssimos aeroportos, e, o que é pior, vulneráveis as suas pistas de vôo, em caso de ataque inimigo. Bases dêste aparelho podem ser construídas com excelentes e incomparáveis camuflagens, verdadeira "mimetização", nos pontos mais densos das florestas e pensamos que os russos haviam obtido notável número de tais engenhos, instalados em suas bases subterrâneas, sôbre cuja existência muitos a confirmam.

Logo após a existência do "CZ-2B", que pode ser considerado a resposta soviética ao bombardeiro atômico americano, tipo "Boeing B-52", conhecida, através de informações clandestinas, foi anunciada a réplica americana ao bombardeiro atômico russo, tipo "TuG-75", a 17 de março passado, pelo U.S. Department. O órgão americano anunciou que a construção de dois aviões experimentais, capazes de aterrar e decolar verticalmente e de voar horizontalmente, foi ultimado com sucesso e as provas foram satisfatórias. Trata-se



I. F. Skeets Coleman, pilôto do «Convair XFY-1», declarou que seu avião, pela facilidade de manobra, será dificilmente superado por outro qualquer. «Em segundos atinge seu alvo... e o liquida», concluiu.

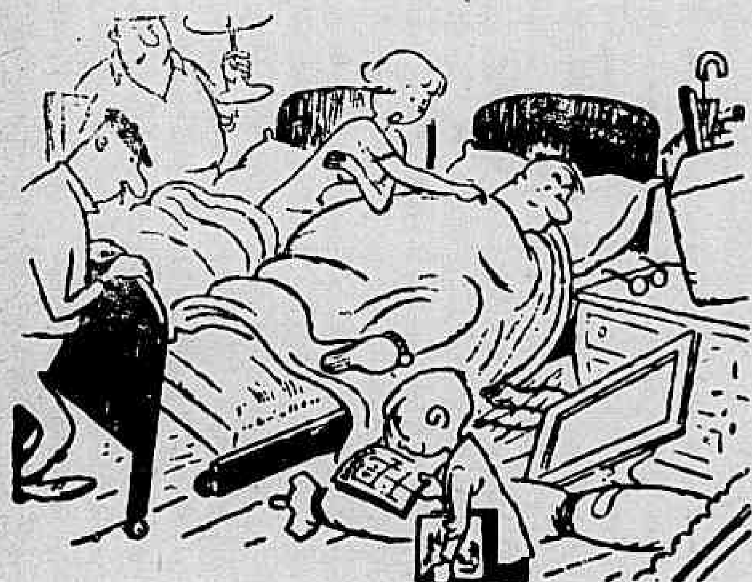
do "Convair XFY-1", construído pela "Consolidated Vultee Aircraft Co.", de San Diego, Califórnia, e pela "Lockheed Aircrafet Co.", de Burbank, também na Califórnia. Sua construção se iniciou em 1951.

Êstes aparelhos experimentais, normalmente, ficam pousados em terra em posição vertical, mantidos por dispositivos especiais situados nas extremidades dos estabilizadores. A diferença do "CZ-2B" russo, em relação aos dois americanos, está em que êstes são munidos de dispositivos contra-rotantes especialmente projetados pela "Curtiss-Wright", bem como o assento do pilôto adapta-se, ràpidamente, a qualquer situação de vôo do avião.

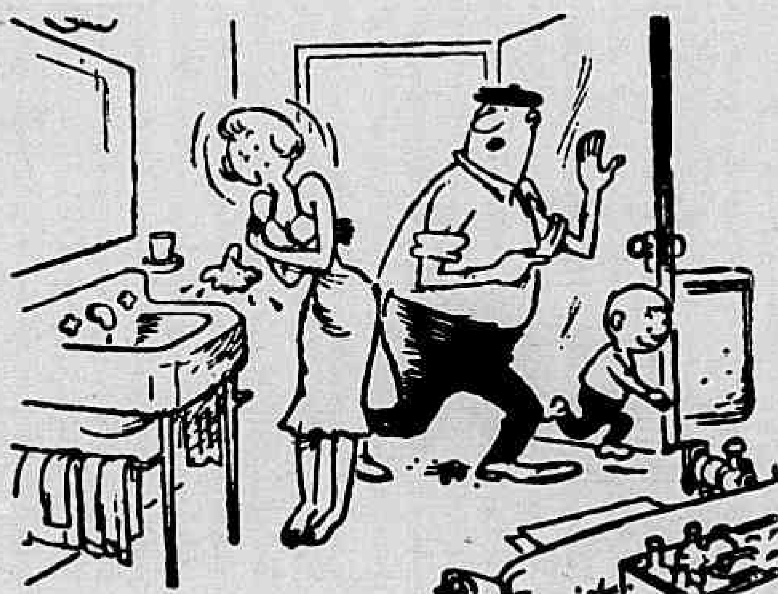
A 22 de março passado, a "Consolidated Vultee Aircraft Co.", comunicou que as primeiras provas do novo caça *U. S. Navy* "XFY-1" resultaram em grande sucesso, nos céus de uma base aerea da Califórnia setentrional. O pilôto que o dirigiu, J. F. Skeets Coleman, declarou que o "Convair XFY-1" voará, aterrissará e decolará como um beija-flor, e que

DIA DE MUDANÇA

Por GEORGE WOLFE



— Acorda! Estão aí os carregadores, para a mudança!



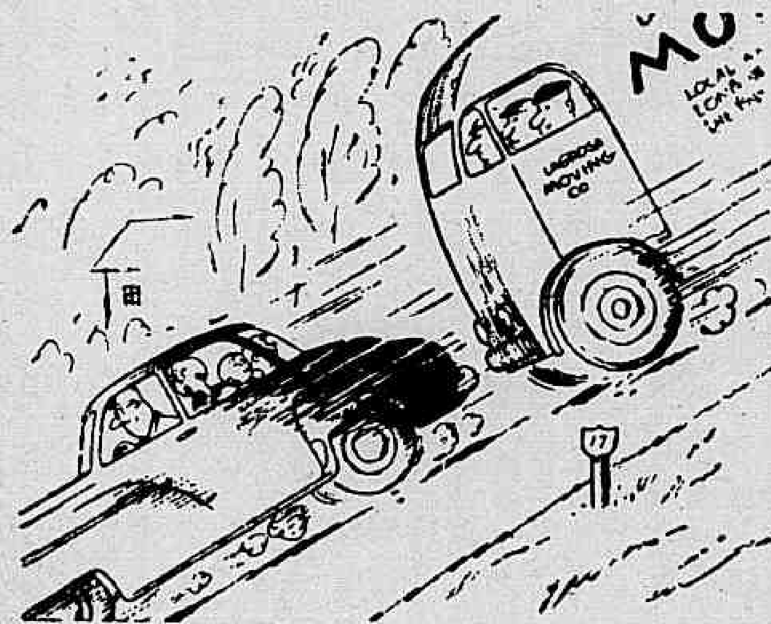
— Como é madama? Posso levar êstes trastes?



— Você não pode esperar que eu acabe de comer?



— Você tem que limpar a casa hoje, quando vamos deixá-la?



— Por que você não deu o novo endereço a êles? Era melhor do que ter o caminhão atrás de nós!



— Eu era capaz de jurar que tinha as chaves comigo, em um dos bolsos...



— Por que não se lembrou de mandar ligar a luz elétrica?



— Podia ter arrumado as camas antes da lanterna ter queimado!

nenhum avião até hoje construído pode aproximar-se de sua maneabilidade.

Imediatamente após a decolagem, o aparelho sobe com grande rapidez e uma vez atingida a quota desejada, se mantém como um avião normal. A aterrissagem, depois de haver perdido altura velozmente, se obtém com suavidade sôbre a cauda.

A asa é do tipo delta, recentemente aperfeiçoada pelos técnicos da "Convair".

O trem de aterrissagem é constituído por quatro pequenas roldanas montadas na extremidade das asas e dos dois planos da cauda.

Tal sistema confere ao aparelho uma base extremamente estável e se adapta particularmente a unidades navais em movimento.

Com efeito, além de outros empregos de caças interceptadores, a esquadra americana destinará o novo aparelho à escolta de comboios.

A LONGITUDE DE ONDA DA LUZ

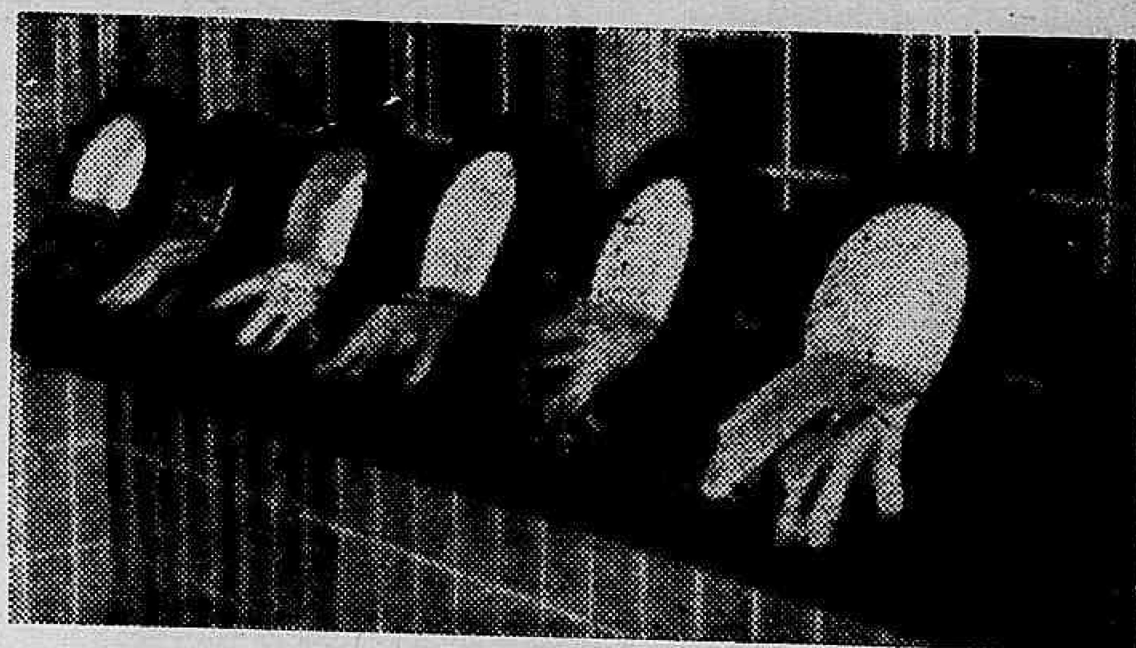
A longitude de onda da luz visível pode ser representada por dez mil milionésimos de metro, unidade que se chama "angstrom".

Medida nessa unidade, a luz visível abrange desde aproximadamente 4.000 "angstroms" para o violeta, até 6.500 para o vermelho. Em frequências, correspondem a 750.000.000.000.000 de vibrações por segundo para o violeta e ..... para o vermelho, aproximadamente.



DUAS FAMÍLIAS - SEIS CASAMENTOS

DOZE vêzes o "sim", que concretiza o enlace nupcial, foi ouvido na igreja de Oisterwijk, Holanda, quando o sr Bertens casou seus cinco filhos e mais uma filha, com... as cinco filhas e mais um filho do sr. De Kort, numa mesmíssima cerimônia. O fato, talvez único em todo o mundo, foi festejado por tôda a pequenina cidade, que lá compareceu, em massa, para ver os seis pares de nubentes e apreciar os seis belos vestidos nupciais e as outras tantas brilhantes cartolas. O bôlo foi um só, porém com seis andares!



As gravuras mostram o momento da consumação dos seis enlaces. Os noivos ajoelhados diante do altar, as cartolas dos noivos, na sacristia, e, finalmente, após a cerimônia, à porta da igreja, entre os parentes.





APETITE E BOA EDUCAÇÃO

UM interessante concurso se realizou, recentemente, na Austrália: o Campeonato Anual de Comedores de Ostras.

A Austrália é famosa pelas suas suculentas ostras, que abundam ao longo de seu litoral. O Estado de Nova Gales do Sul se mostra, em particular, orgulhoso de seus moluscos e o concurso que ali se realiza desperta sempre grande interêsse.

O último vencedor foi o sr. Charles Derwent, que devorou nada menos de 312 ostras em meia hora, ou sejam: dez ostras por minuto, ou uma ostra para cada seis segundos...

O que é mais extraordinário, porém, é a fina educação do sr. Derwent. Quando seu adversário se confessou vencido, após vê-lo devorar a 312ª ostra, o vencedor empurrou o prato, dizendo:

— Então, não vou comer mais. Afinal de contas, não sou um glutão.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEDRO, o Justiceiro, rei de Portugal, nascido em Coimbra, em 1320, morto em Estremoz, em 1367. Sucedeu, em 1357, a seu pai Afonso IV e logo tratou de vingar o assassinato de Dona Inês de Castro, cujo cadáver mandou exumar, a fim de lhe conceder as honras de rainha; ergueu-lhe um túmulo de mármore na igreja da Alcobaça. Satisfeita sua vingança, reinou sôbre seus Estados de maneira justa.

PEDRO de Alcântara (santo), fundador da reforma chamada da mais estreita observância. Nascido em Alcântara, em 1499, morto em Las Arenas, em 1562. Filho do governador de Múrcia, Afonso Garabito, tomou o hábito de irmão menor (1524). Suas mortificações, seus êxtases lhe valeram grande renome e o rei de Portugal, João III, o chamou a Lisboa para o consultar. Sta. Teresa ouviu seus conselhos na reforma das Carmelitas. Tendo sido eleito provincial de sua ordem, reformou vários mosteiros de Espanha e obteve que essa nova ramificação da ordem de S. Francisco fôsse reconhecida, em 1562, pelo Papa Paulo IV, sob o nome de Congregação «da mais estreita observância» ou «dos Franciscanos Descalços». Beatificado por Gregório XV (1622), foi canonizado por Clemente IX, em 1669.

PEDRO, o Grande, imperador da Rússia, nascido em Moscou em 1672, morto em S. Petersburgo em 1725. Era o terceiro filho do tzar Alex Michailovitch. Após a morte de Fedor Alexiovitch (1622), os boiardos chamaram para lhe suceder seus dois irmãos, Ivan e Pedro, sob a regência de sua irmã Sofia. Esta relegou Pedro para o campo e ali recebeu uma educação rústica e viril, habituando-se com a vida de soldado e construiu, com suas próprias mãos, uma flotilha de embarcações, sendo por isso chamado «o avô da esquadra russa». Chegado aos dezessete anos, desbaratou as intrigas da irmã, que tramava roubar-lhe o poder e talvez a vida, conjurou uma revolta dos «strelitz» e fechou a ambiciosa Sofia num mosteiro. Ivan, que viveu ainda alguns anos, apagou-se completamente e Pedro reinou sòzinho. Tratou logo de criar um exército e uma esquadra. Precisava de um pôrto no mar Negro e assim tomou Azov aos Turcos, em 1696. Servira na expedição na qualidade de simples capitão. O mar Negro estava aberto aos russos. Para estudar as artes da Europa, Pedro empreendeu numerosas viagens, residiu em Saardam, Holanda, onde vestiu o blusão de carpinteiro e trabalhou na construção de navios. Uma revolta dos «strelitz» o chamou a Moscou, onde castigou os culpados com excessivo rigor, servindo algumas vêzes, êle próprio, de carrasco. Levara da Europa a idéia de reformas em seu império e a inflexível vontade de impô-las por qualquer preço. Obrigou seu povo a adotar os costumes ocidentais, obrigou as mulheres a renunciar à vida claustral, que levavam, deu aos moços a liberdade de casar quando bem quisessem e com quem desejassem, reorganizou a administração, obrigou a nobreza a ingressar no serviço do Estado e, como a Igreja Ortodoxa se mostrasse rebelde às inovações, Pedro suprimiu o patriarca, confiando o govêrno eclesiástico ao santo-sinodo.

Ivan, o Terrível, tentara em vão abrir o acesso ao Báltico. Pedro retomou seus projetos, organizou seu exército à européia e declarou guerra à Suécia. Falhou, primeiro, no cêrco de Narva (1700), mas logo depois pôde firmar pé na embocadura do Neva e fundou S. Petersburgo (1703). A Vitória de Poltava (1709) obrigou Carlos XII a refugiar-se na Turquia. Menos feliz, desta vez, contra os turcos Pedro se deixou cercar sôbre o Pruth (1711) e teve que abandonar Azov. Em compensação, o Tratado de Nystadt lhe valeu a posse da Livônia, da Estônia, da Ingria e de uma parte da Finlândia (1721). Celebrou seu triunfo magnificamente e tomou o título de Imperador. A êsse tempo visitou novamente a Europa e principalmente a França, onde a violência de seus modos, a simplicidade um tanto bárbara de sua aparência, sem desprêzo pelas etiquêtas, escandalizaram a côrte de Luís XV, menino que se maravilhou, apesar de tudo, com a atividade prodigiosa do monarca, da extensão dos seus conhecimentos e a grandeza, em certas ocasiões, de suas ações, como de sua linguagem. É conhecida sua frase diante do túmulo de Richelieu: «Ó grande homem, eu te daria a metade dos meus Estados para aprender contigo a governar a outra!». Fundou a Academia das Ciências, a Academia Naval, o Corpo de Engenheiros. Desposara em primeiras núpcias Eudoxia Lopukhino, da qual teve um filho que foi o infortunado tzarevitch Alexis e, em segundas núpcias, a sueca Catarina, que lhe sucedeu e da qual teve vários filhos e filhas, uma das quais, foi a imperatriz Elizabeth. Atribuem a Pedro, o Grande, um Testamento Político, onde realça a necessidade, para a Rússia, de conquistar o império turco e Constantinopla.

PEDRO, o Bom, da Lombardia, alquimista do comêço do século XIV. Também chamado Pedro, o Físico. Era físico em Ferrara, onde compôs sua principal obra, Margarita Pretiosa Nevella Correctissima, em 1330, em Pola, na Istria.

PÉGASO (Pegasus), jurisconsulto proculiano. Acredita-se que tenha sido cônsul suffectus com Pusio no reinado de Vespasiano, no ano em que foi dado o senatus-consulto Pegasiano, pelo qual a Lei Falcida foi estendida aos fidei-comissos. Pégaso foi, em seguida, prefeito da cidade, tanto sob Vespasiano quanto sob o reinado de Domiciano

QUEBRA CABEÇAS

Diretor Dr. LAVRUD — Secretário Dr. Lavrudinho — Ano XXXVIII — N.º 4 — Setembro — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

Morreu DABLIÚ — Waldemar Vicente de Sant'Ana, secretário desta seção desde abril de 1925, quase repentinamente, não havendo, portanto, tempo para participar aos amigos e confrades.

DABLIÚ faleceu no dia 14 de julho último.

Pela sua inteligência e modés-



tia logo conquistou a simpatia de todos os confrades e colegas da Repartição Geral dos Telégrafos, pois era telegrafista.

Com a morte de DABLIÚ perdemos um auxiliar exemplar e o charadismo um grande lutador.

Era cunhado do DR. LAVRUD.

3.º TORNEIO
JULHO A SETEMBRO

LOGOGRIFOS

— 110 —

Para Luís e Elihu Flud

Zé Cachaça rompera o seu na-
[môro — 3-2-1-7
Com a filha do Tibúrcio, uma
[riqueza — 7-5-6-4
Grande trabalho deu parar-lhe o
[chôro. — 3-5-7-6
Não saía de um bar da redon-
[deza. — 4-6-1-2
Motivo do apelido mencionado.
Um dia lhe puseram, e isso es-
[panta,
No copo um grão. Ficou o Zé
[asfixiado
Com o grão da mamona na gar-
[ganta.

R. Kurban (T.B.) - (S. Paulo)

— 111 —

Preste bastante sentido — ...
[11-2-7-5-4
Ao entrar no golfo persa —
[5-10-7-4
Porque, a fúria do vento —
[8-10-7-6
Pode estragar nossa festa
Sei que és experiente —
[11-6-1-9-7-6-3-4
Ou melhor, bom timoneiro,
Mas é que temos à bordo
Certo indivíduo agoureiro.

Uedaht - (Niterói)

CHARADAS CASAIS

112 — Três — Com a idade avelhantada o homem, quase sempre fica sem fôrças.

Bisilva - (Manaus)

113 — Três — Suponho que a educação tem grande importância social.

Bereco - (Recife)

114 — Três — Torna-se grosseiro todo aquêle que faz com imperfeição um favor.

Cysneirense Jr. (Muriaé)

115 — Três — Há um dossel no santuário.

Cysneirense

116 — Três — Nem todo castigo tortura uma pessoa.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

117 — Três — A rinofaringite mutilante deixa o indivíduo fanhoso.

Dr. Legnar (Urujes)



INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pilulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

118 — Três — Mesmo sendo **novato** um médico sabe distinguir uma **ferida cancerosa** duma comum.

Edu G. Monteiro

---

119 — Três — Ando muito **adoentado**; diz o Dr. Sam que é **amarelão**.

El Príncipe (Uberaba)

---

120 — Duas — Com que **desembaraço** você **toca, a viola, o rasgado!**

Fiote (Cuiabá)

---

121 — **Ao Sertanejo II, dono da linda "Burrinha".**

Quatro — Sertanejo II que és **perito** em **alguma coisa**, sabes **expor** de maneira **elegante** a **tua** opinião sôbre o charadismo.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

122 — Duas — Darei **combate** a indolência até a **morte**.

Marlene (Rio)

---

123 — Três — **É manifesto que** a charada casal é de **fácil solução**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

---

124 — Três — O dono daquele **cavalo ordinário** sabe fazer **bruxaria**.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

125 — Quatro — Continua **firme** a campanha contra o **comércio** da maconha ou **diamba.**

Uedath (Niterói)

---

126 — Duas — Aquela mulher é **excelente**, mas o **essencial é que** seja bondosa.

Zenon (Ouro Fino)

ENIGMAS

— 127 —

O mar, o salso elemento,
Foi pelo homem vencido,
Quando, cego de ambições
Busca o desconhecido
Onde?

Sotnas (Rio Grande)

— 128 —

Em sujeito de côr preta
Puseram nota no peito
Por ter roubado a maleta
E o presunto de prefeito.

Hiron Silpes (Canavieiras)



JUVENTUDE
ALEXANDRE


— 129 —

Filino perdeu um ponto
E ganhou-o, logo após.
A façanha aqui estampa,
Da trama nada mais conto,
Mas o conceito feroz
Segura que nem um **grampo.**

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

— 130 —

Ao R. Kurbon, retribuindo

Quem ri com o abismo à frente.
Essa **mulher tentadora**
Que de amor é professôra,
É um bravo ou está demente.

Anchieta R. P. (São Paulo)

— 131 —

Tome a palavra que indique
O problema a resolver,
Prepare, em seguida, o enigma.
Que, enfim, a resposta fique
No conceito e creia: ser
Sem graça não é estigma.

Jovaniro (Rio)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

132 — Uma — três — Tem muita **"fôrça"** e depois de ter se **divertido** comendo, sai sempre **de barriga bem cheia**.

Segon (Rio)

---

133 — Três — uma — A grande **porção de gado vacum que um vaqueiro tem sob sua guarda**, causa-me enorme **aflição** vendo-a ser entregue a um **pérfido** boiadeiro.

Cysneirense Jr. (Muriaé)

---

134 — Duas — duas — **Homem vivo** inteligente e **versado** nas lides tribunicias jamais **será subvertido** na política.

Cysneirense (Muriaé)

---

135 — Duas — uma — A **compra** não foi boa, é **pena**, mas foi no **centro do comércio.**

Datatila Borba (Creciúma)

---

136 — Duas — duas — Esta **mulher** mais **pálida** se torna quando é tempo de **geada.**

Farani - ACCB (Salvador)

Ao Mavícaro que livrou-se do "Inferno".

137 — Duas — três — Quem soube **livrar-se** de **dificuldade** não se meterá mais em **complicação**.

Heron Silpes (Canavieiras)

138 — Duas — uma — Se volta com **rapidez**, numa audácia assaz ferina, **lança fora** com altivez essa **impressão repentina**.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

139 — Três — uma — **Perfeita** de corpo, caia-lhe bem o **vestido de luto** adornado com **lavores antigos**.

Malba Tantan - P.S. (Santos)

140 — Duas — três — O **aio** mais moço da Santa Casa está **atenuado** e **vexado**.

R A C H A (Rio)

141 — Dois — três — Vi o **filho de Abu-Taleb** na **taberna do arraial**, a mais linda do mundo, agindo com **astúcia**.

Naná (Rio)

142 — Duas — duas — O **diabo** trocista sempre **fareja** onde há **grande troça**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

143 — Duas — duas — Por um **prego para ferradura o ladrão do mar trocou** um **cravo da roça**.

Marcimento (S. Paulo)

144 — Duas — uma — Após a **surra** foi atacado de estranho **mal**, o temível **desordeiro**.

Gil Vírio (Andradina)

145 — Duas — duas — Não se **apaga** tão fàcilmente os **vestígios** que deixa um **mau profissional**.

Laranjeirense (Sergipe)

146 — Três — duas — Joguei a **esfera** com **ímpeto** por cima de uma **espécie de tecido antigo**.

José Coelho Vieira (Maceió)

147 — Uma — uma — **Não** vejo inconveniente em aplicar os raios **X** de vez em vez a pessoa **muito delicada**.

Roama (Guapiaçu)

CHARADA ANTIGA

Se a **troça** é bem conduzida, - 2
De mal não **ocorre** nada - 1
E a folia divertida
Sempre acaba em **gargalhada**.

J. D. Mingo (S. do Bomfim)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME:...
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO:...
CIDADE .... ESTADO ....

CHARADAS SINCOPADAS

Ao grande Dopasso

149 — Três (duas) — Se você desmentir aquêle **boato** eu lhe **dou** um prêmio.

Bereco - G. C. N. (Recife)

150 — Três (duas) — Derrube êste **trecho de mato** e plante **café**.

Cysneirense

151 — Três (duas) — **A enxada** está dentro da **banheira**.

Donatila Borba (Creciúma)

152 — Três (duas) — Sou homem **sincero** e de **ação definida**.

Emidlej (Pôrto Alegre)

153 — Três (duas) — Nem **depósito de ferro velho** encontrei esta **espécie de esquadro de peças móveis para traçar ângulos**.

Farani (Salvador)

154 — Três (duas) — **É prejudicial** à saúde qualquer **giro** tortuoso.

Fiote (Cuiabá)

155 — Três (duas) — A felicidade é um parêntesi na **cadeia da vida**.

Gomes Júnior C. E. C. (Maceió)

156 — Três (duas) — Como és **linda**! Que **mulher encantadora**!

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

157 — Três (duas) — Quem sai de casa num dia de sol metido em **capa** de borracha, não pode ter boa **bola** e só serve de **joguete**.

José Coelho Vieira (Maceió)

158 — Três (duas) — O **quadrúpede** tem **insensibilidade na** pata traseira.

Nomísio Nuno (F. de Santana)

159 — Três (duas) — Não faças **contrato fraudulento**, muito menos com **pessoa maçadora**.

P. Del Debbio (São Paulo)

160 — Três (duas) — O **desajustado** ou **indigno** só se recupera **com grande trabalho ou sacrifício**.

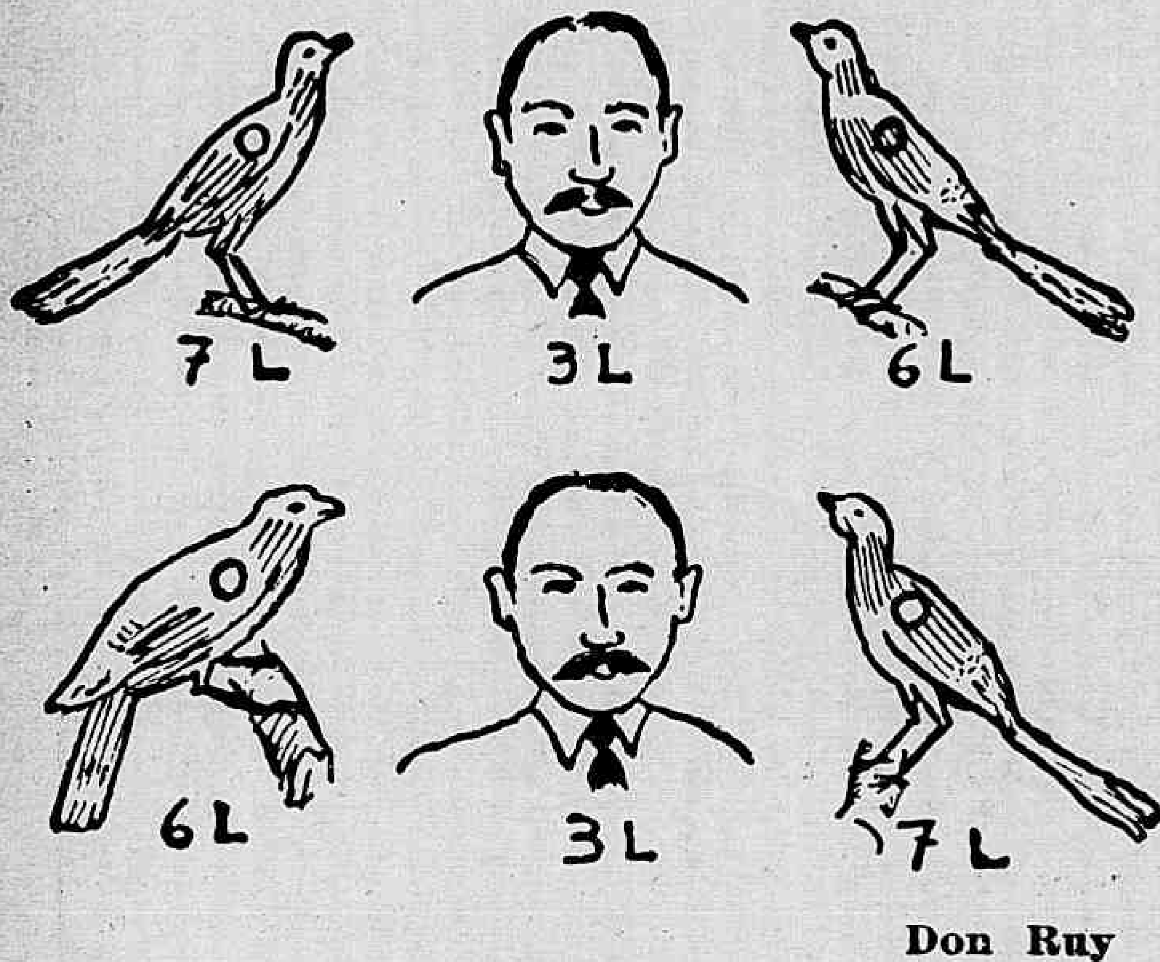
Tonnew (Niterói)

161 — Três (duas) — **Batata doce** é comida de **caipira**.

Uedath (Niterói)

— 162 —

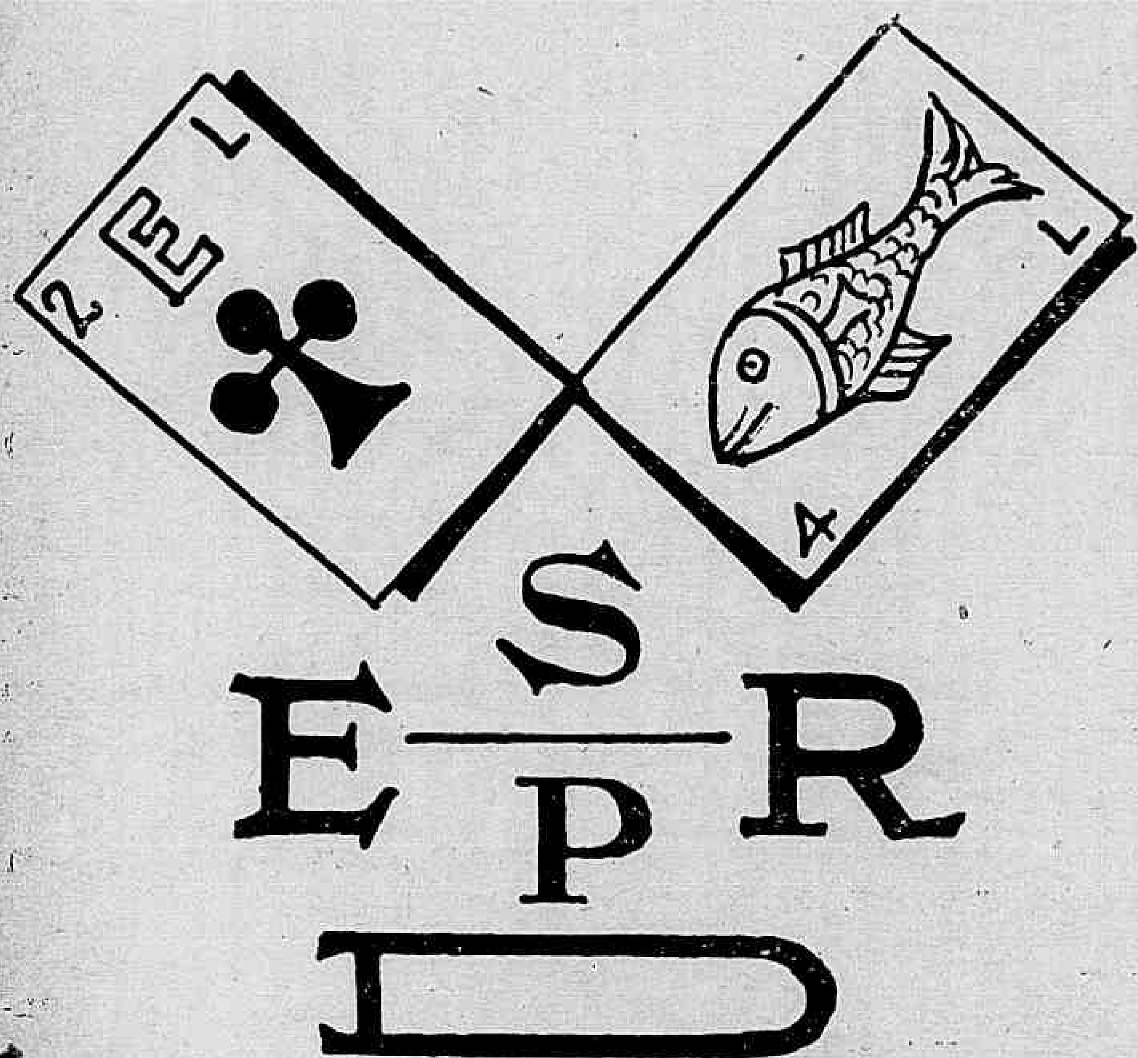
ENIGMA PITORESCO



Don Ruy

— 163 —

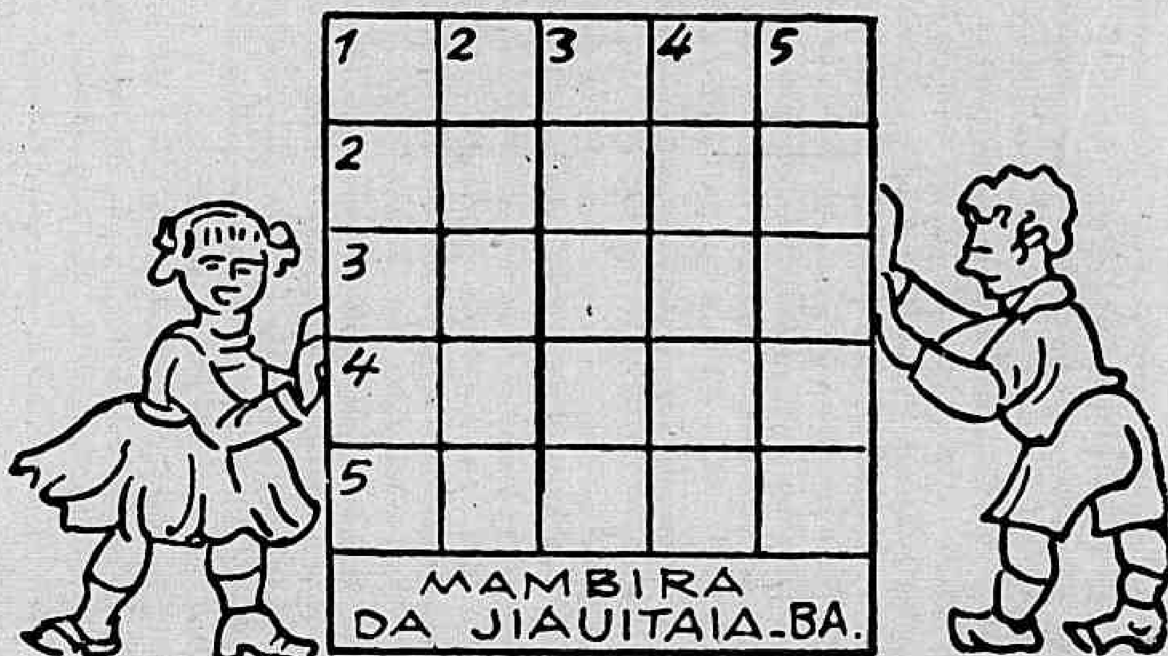
ENIGMA PITORESCO



Guilherme Tell (Rio)

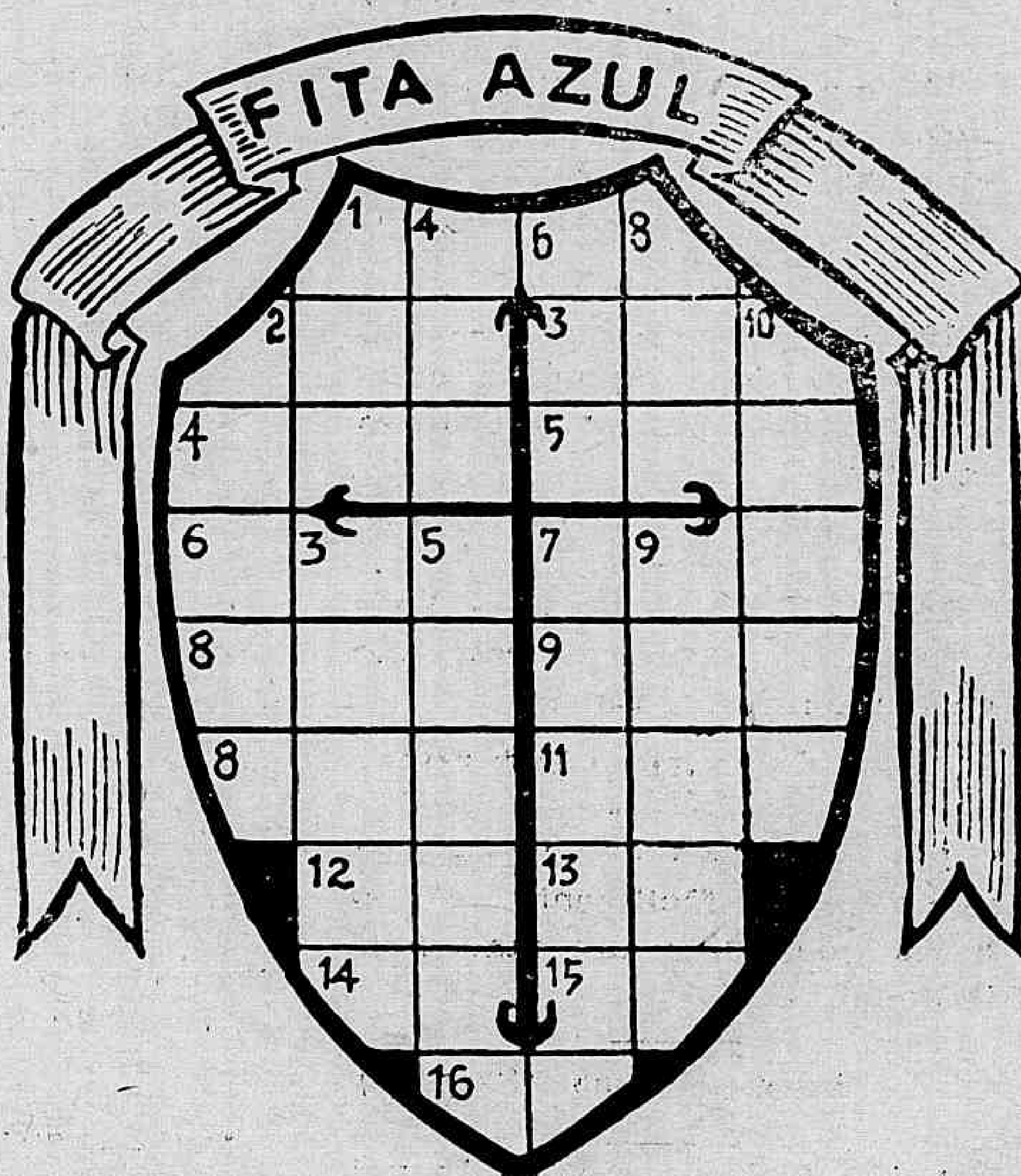
PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 5



Horizontais 1 — Escassa; 2 — Combinar; 3 — Linguagem de malandros; 4 — Irradiar; 5 — Tolc **Verticais** 1 — A morte; 2 — Confederar; 3 — Intérprete; 4 — Radiar; 5 — Mentira.

Problema n.º 6



Nelson Bernardo (São Paulo.

Horizontais — 1 — Buracc feito pelos meninos para o jôgc do pião; 2 — Rio da Suíça; 3 — Cidade de São Paulo; 4 — Colera; 5 — Ficar; 6 — Instrumentos agrícolas; 7 — Cesto de palha de carnaúba, provido de alça; 8 — Filho de Tros, rei de Tróia; 9 — Medida para líquidos e sólidos, no Egito; 10 — Pronome possessivo; 11 — (Amazonas) Guruva; 12 — Destinção; 13 — Int. de dor; 14 — Contração; 15 — Língua negrc africana falada nas margens dc Niger; 16 — Sobrenome de família.

Alívio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.

Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.

Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

Verticais — 1 — Pêso indiano, que valia conforme as regiões, entre 141 e 330 k; 2 — Planta da família das euforbiáceas; 3 — Renque ou fileira de arbustos ou de árvores; 4 — Raiva; 5 — Castanheiral (pl); 6 — Medida japonêsa de extensão, igual a 3.927 metros (pl); 7 — Árvore da família das miristicáceas; 8 — Atrele; 9 — Elemento químico; 10 — Gênero de abutres da família dos catartídeos.

4.º TORNEIO DE 1953

DECIFRADORES

Totalistas — Seamva, El Príncipe, Segon, P. Del Debbio, Lutércio, **Nilva,** Plá, Jayreis, Ronega, Buridan, Alvasco, Dopasso, **Anchieta,** Sertanejo II, Malba Tantan, Pompeu Júnior, R. Saide, **Asil, Sérgio Patrício,** Ziul, Toberal Farani, Emidlej, Milon Debrito, **Alguem,** Edipo, Envergonhado, Jocati, Ordisi, Lujoca, Varetas, Sefton, Dr. Zinho, Olin, Tarcísio, Nostradamus, Cantagalo, Breque, O Sineiro, Pati, Bigi Neto, Mr. Trinquesse, Pacha, Nomísio Nuno, Agabe, Arpetra, Katia, Lerocha, Oidaleh, Lupe, Thelma, Gil Vírio, Oarcim, Donatila Borba, Cartos, De Souza, Lidaci, Paraná, Marcimento, Nelmos, Sinhô, Mardel, Yvelise, Tony, Cysneirense, Cysneirense Júnior, Bisilva, Dr. Barreto Cardoso, Ecebê, Gomes Júnior, Marcus, Alô Tropina, Jasbar, Zigomar, Malheiros, Jota, D'Avila, Eva Dio, Paulistinha, Almiro Lessa, Bael, Dr. Anquinhas, Rubem, Ralvo Ilvas, Lotomio, Valério Vasco, Conde de la Fere, Bereco, Botucarahy, Juca Pirolito, O. Jang, Acobar, Isa Abel, Violeta; 154 pontos; Heron Silpes; 150 Nomísio Nuno; 144 Mavicaro, Ismênia; Roama; 111 — **Iris.**

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de julho.

Rafinha (Pôrto Alegre) — Gratos pela sua gentileza.

De Souza (Rio) — Falta colaboração.

Dr. Zinho (São Paulo) — Parte da colaboração que enviou para o Almanaque foi aproveitada para esta seção.

Zica (Rio) — Inscrita para todos os efeitos. Recebemos as listas, mande colaboração.

Mister Ioso (Niterói) — Bem aparecido.

Humberto Correia de Araújo (Recife) — Inscrito com muito prazer.

Florentino (João Pessoa) — A ausência do ilustre confrade estava sendo notada; as listas chegaram a tempo, aguardamos a colaboração prometida.

Indiscreto (Rio) — O assunto não nos interessa.

Manduca (Salvador-Bahia) — Inscrito com muito prazer.

Tartarin (Itajubá) — Idem, idem na mesma data.

PRAZO

Para as soluções de cada mês Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

CARTOMANCIA

LIANA (22 anos, solteira — Distrito Federal) — A disposição das cartas em seu mapa revela: um choque emotivo lhe abalará a saúde. Por intermédio de um amigo ficará a par do bom andamento de um negócio importante Vejo que um casamento alegrará sua casa. Tome cautela com os tóxicos. Terá existência longa e bastante venturosa.

CRAVINA (20 anos, solteira — Leme) — Em primeiro plano noto a próxima realização de uma viagem há muito projetada Uma criança de sua família sofrerá sério acidente. Encontro um homem da lei tentando auxiliar uma jovem que lhe dedica afeição. Seu nome será incluído numa intriga. Suas côres preferidas devem ser o verde e o azul. Vida longa.

MANINHA (21 anos, solteira — Distrito Federal) — Suas cartas deixam ver que a consulente, muito breve, verá realizado um sonho. Uma de suas amigas lhe dará provas de sinceridade. Devido a uma enfermidade, alguém de sua família se ausentará temporàriamente. Um senhor de estatura mediana, lhe dará ótimos conselhos num caso de amor. Vejo que há perigo de ser vítima de inflamáveis.

CACILDA (28 anos, solteira — Distrito Federal) — Em uma solenidade, ouvirá palavras que a tornarão vaidosa. A caminhos vagarosos vem uma carta, trazendo notícias de uma herança há muito tempo esperada. Por motivos de ciúme, uma de suas amigas se afastará de seu convívio. Noto um homem de boas intenções lhe dedicando amizade. Futuro promissor.

INTA (19 anos, solteira — Belo Horizonte) — Noto a seu lado um homem fardado que procura chamar sua atenção. Durante uma festa religiosa, seu nome será elogiado. Vejo uma mulher de má formação moral, que está tentando prejudicar alguém qòue lhe é caro. Seus dias propícios serão os pares. Será convidada para uma emprêsa onde obterá lucros. Terá no futuro, dias felizes.

SINHÁ (20 anos, solteira — Belo Horizonte) — Em horas de refeições receberá uma carta contendo agradáveis notícias. Alguém que o estima sinceramente, se ausentará por motivos de negócios. Noto que será prêsa de ligeira enfermidade, que causará aborrecimentos. Para novos empreendimentos, procure sempre os dias ímpares. Vida longa.

SUZY (25 anos, casada — R. de Janeiro) — Por intermédio do mapa enviado, noto que sua vida passará por sensível melhora. Uma das pessoas de sua amizade, sofrerá sério abalo nervoso. Uma criança desta casa, será recompensada em seus estudos. Os dias ímpares lhe serão mais propícios. Sua vida futura se apresenta calma e com indícios de abastança. Use sempre roupas claras.

SENHORITA X (21 anos, solteira — Rio de Janeiro) — Uma intriga, tramada por uma pessoa que lhe tem inveja, atingirá seu nome. Durante um passeio perderá um objeto de grande valor estimativo. Em horas de alegrias chegará uma carta com notícias de quem há muito se ausentou. Será vítima de pequeno acidente doméstico.

MARPÊ (30 anos, solteiro — S. Paulo) — Agradável a combinação de cartas em seu mapa. De início noto a pronta realização de um negócio que lhe interessa muito. Uma jovem de cabelos claros procura lhe demonstrar sua afeição. Vejo pequeno desentendimento com um velho amigo. Procure novas amizades sòmente em dias pares. Uma viagem marítima lhe trará ótimos proventos. Sua vida será longa e bastante calma.

CAÇULA (21 anos, solteiro — S. Paulo) — Estudando seu mapa encontro: haverá uma divergência entre sua família e uma outra, por causa de uma jovem leviana. Um homem de posição social elevada, o ajudará num transe difícil que surgirá breve. Será convidado para fazer parte de uma emprêsa onde obterá lucros. Terá no porvir, alguma abastança e ventura.

BORBOLETA (25 anos, casada — Distrito Federal) — Nesta casa haverá pequena desinteligência, motivada por um animal doméstico. Pela porta da rua chegará alviçareira notícia. Noto uma criança clara, sendo vítima de intoxicação. Procure os dias pares para novos empreendimentos. No porvir alcançará abastança junto com os entes que lhe são queridos.

JUNIA (18 anos, solteira — Minas Gerais) — A seu lado encontro um jovem que lhe dedica sincera afeição, embora sendo um tanto tímido. Uma de suas amigas lhe dará provas de ingratidão. Vejo que uma pequena viagem marcará o início de mudança em sua vida. Durante uma festa, ouvirá palavras de sincero elogio.

CAPRICHO AZUL (19 anos, solteira — Distrito Federal) — Noto pequena desinteligência entre dois jovens por sua causa. Assistirá a um ato religioso que a impressionará bastante. Vejo enfermidade em pessôa idosa e muito sua amiga. Breve reaverá um objeto há muito dado como perdido. Noto uma grande alegria, motivada por uma festa de casamento. Uma viagem será realizada e lhe trará bons momentos.

FACEIRA (19 anos, solteira — Distrito Federal) — Em primeiro plano, vejo uma mulher invejosa tentando difamar alguém de sua família. Haverá uma sensível melhoria em sua vida, depois da realização de pequena viagem. Tenha muito cuidado com os tóxicos. Um homem da lei dará excelentes conselhos a um jovem de sua amizade. Em horas de alegria receberá uma carta com uma notícia de morte. Vida longa.

MARIA LÚCIA (22 anos, solteira — Rio de Janeiro) — Seu mapa revela a feliz conclusão de um empreendimento lucrativo. Um jovem de farda lhe fará sincera declaração de amizade. Vejo pequena rusga em membros de sua família, devido a uma carta anônima. Uma criança será alvo de merecido prêmio. Um senhor amigo da casa se afastará por motivo de doença. No futuro verá seus sonhos realizados, e terá vida abastada.

FORNARINA (20 anos, solteira — São Paulo) — Para novas amizades procure sempre dias pares. Receberá uma quantia que há muito era dada como perdida Noto que uma de suas amigas se afastará por ciúmes. Uma mulher de bom coração ficará a seu lado, quando surgir um caso de difamação. Procure usar roupas de côres claras. Noto que no porvir será bem venturosa.

FRANCISCO M. (20 anos, solteiro — Rio de Janeiro) — Bastante favorável a disposição das suas cartas. Vejo a próxima realização de um sonho há muito alimentado. Por intermédio de uma carta ficará a par da conclusão de um negócio lucrativo. Seus dias propícios serão os ímpares. Uma mulher de estatura mediana procura envolver seu nome num escândalo. Pela porta da rua chegarão boas novas. Noto que no futuro alcançará merecidos êxitos.

AMBICIOSA (18 anos, solteira — Distrito Federal) — Em primeiro lugar aconselho cautela com inflamáveis. Uma criança de sua família sofrerá ligeiro acidente caseiro, que no entanto causará cuidados. Brevemente uma pessoa amiga lhe dará inequívocas provas de sinceridade. Receberá um mimo muito significativo. Durante um passeio será alvo de lisonjeiros comentários. Terá existência longa e bastante calma.

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS:
A CASA E O SERVIÇO

(*Conclusão da página* 16)

diária da dona de casa. James Michener, o autor dos famosos "Tales of Pacific", que, convertido na revista teatral "South Pacific", triunfou vários anos na Broadway, fêz uma viagem de exploração político-social-econômica pela Ásia, que foi descrita em seu livro "The Voice of Asia", New York, 1951. Nesse se queixava de que as senhoras norte-americanas naquelas terras (espôsas, filhas, etc., de funcionários militares, etc.) considerassem natural servir-se de criados. Traduzimos literalmente como resumo dêsse capítulo:

"Muitas mulheres norte-americanas, recentemente chegadas de casas de dois cômodos, adquiriram ràpidamente o conceito de "men-sahib" (sona, senhora colonial), exatamente o haviam abandonado as mulheres inglêsas que as precederam nestas terras."

Michener estava de passagem, como os senadores que antes mencionamos. Se tivesse ficado uma temporada teria achado naturalíssimo chamar o "boy" *colored* e mandar que lhe enchesse o cachimbo, enquanto êle se refestelava numa poltrona.

Porque pode ser injusto, do ponto de vista social, mas é tão humano que não pode haver resistência duradoura.

Recentemente, em New York, um negociante anunciou sua venda de Natal, simulando uma carta de um marido para sua espôsa e desta para o marido, na qual lhe explicava as razões porque lhe oferecia, como presente, um relógio. As condições necessárias para ser um bom marido ou uma boa espôsa, segundo o *standard* norte-americano, estavam tão claramente espelhadas nas duas cartas, que o anúncio logo adquiriu uma grande popularidade. Vamos reproduzi-las por que ambas representam um "desideratum", e também uma ternura (incompreensível para muitos europeus ou sul-americanos) da vida conjugal nos Estados Unidos.

Segundo êle, ela merecia o presente:

1 — Por haver casado com êle, primeiro.

2 — Por educar os filhos, que êle apenas castigava.

3 — Pelos dois mil pares de meias que lhe havia costurado.

4 — Por encontrar o seu guarda-chuva e o par de chinelos "sabe Deus quantas vêzes".

5 — Por limpar e passar inumeráveis gravatas.

6 — Por ser quem cuidava de entreter o fogo da lareira.

7 — Por não ficar aborrecida se êle se negava a jogar canastra com ela.

8 — Por planejar mil pratos diferentes, por ano — e todos bons.

9 — Pela constante ternura, da qual êle mal se recorda, porém sem a qual ela nao poderia viver.

Vejamos, agora, o que encontra ela "perfeito", no marido. Merece êle o presente:

1 — Por apertar minha mãe no dia em que nos casamos.

2 — Pelas poucas vêzes que disse: "Já comi isto no almôço".

3 — Por poupar-me o frio da garrafa de leite, pela manhã.

4 — Por não abrir jamais minha correspondência, embora eu abra a sua.

5 — Pelo que não disseste quando queimei sua gravata favorita.

6 — Por "acertar" minha conta-corrente, sem resmungar.

7 — Por não queixar-se quando esqueço de mandar passar um terno.

8 — Pela maneira como brilham seus olhos, quando nos encontramos numa festa.

9 — Por ser sempre o refúgio onde pouso minha cabeça.



N O   M U N D O   D A S   A S A S

Os passageiros da Canadian Pacific Air Lines, ao chegarem ao aeroporto da Cidade do México, ficam sabendo que devem se sentir como abaixo do nível da terra, e não no ar. Com efeito, os pilôtos da CPAL salientam que a Cidade do México está a 2.425 metros de aitude sôbre o nível do mar, ao passo que a pressão da cabina é equivalente a 2.296 metros. Assim sendo, os passageiros deveriam sentir-se a 129 metros... **abaixo da terra**, embora não percebam isso, senão quando são informados, pelo sistema de altofalantes.

DESAFIO ACEITO

(*Continuação na página 31*)

DE fato. Foi uma verdadeira luta. Chuck se manteve muito bem nos dois primeiros "rounds". Cobria-se bem e manobrava tàticamente, de maneira a agradar ao público. Suas pernas estavam firmes, embora notasse, com satisfação, que Jimmy usava com habilidade todos os truques que lhe havia ensinado. Rápido, batendo bem com os dois punhos, perfeitamente equilibrado e agilíssimo com as pernas.

Chuck temia que Jimmy o poupasse. Isso o desgostaria. Afinal, Jimmy tinha sua obrigação com o público e devia respeito a si mesmo.

O terceiro "round" foi um pouco mais pesado e Chuck compreendeu que nesse andar, não poderia aguentar muito mais. Isso acontece, no ringue. O pelejador está muito bem e, de um minuto para outro, tudo muda e sente-se exausto. Chuck sentiu-se extenuado, depois dêsse "round". O minuto de intervalo pareceu-lhe durar apenas um segundo.

Saiu de seu "corner", para iniciar o quarto "round" e plantou-se sòlidamente no meio do ringue, sabendo que nada mais podia fazer senão aparar os golpes e procurar afastar o adversário.

Notou indecisão e piedade nos olhos de Jimmy. Entraram em "clinch" e aproveitou para dizer:

— Vamos, Jimmy. Acabe comigo.

— Oh! Vá para o inferno! — respondeu Jimmy, furioso. Logo a seguir desvencilhou-se e recomeçou a dançar em redor de Chuck. Porém Chuck sentia-se melhor, agora. Sabia, agora, que Jimmy o estava querendo poupar, apenas um pouco mais, mas certamente o liquidaria.

No final dêsse "round" compreendeu. Jimmy estava procurando uma brecha perfeita para encaixar o golpe final. Desejou que tudo fôsse rápido e sem dor. Em todo o caso, não parou de lutar, de se defender.

Quando Chuck saiu para o quinto "round", sabia que aquêle era o último combate. Mas fazia questão que tudo fôsse direito. Era infalìvelmente honesto — e orgulhoso também. Sentiu qualquer coisa dentro do peito, a mesma coisa que o impedira de receber a generosa oferta de Jimmy, por saber que era por caridade...

Jimmy continuava dançando, em busca da oportunidade. Oh! O garôto era bom mesmo. Muito bom. Batia de leve, com a esquerda, no nariz de Chuck, procurando levantar a cabeça do contendor, a fim de que ficasse bem exposta... Mas Chuck estava vigilante. Havia uma coisa que êle sabia. A esquerda e, depois... a esquerda outra vez. Chuck moveu a cabeça apenas ligeiramente, sabendo o que ia acontecer. E aconteceu...

Jimmy pensou que tinha conseguido a brecha. Encolheu o braço direito e foi nesse instante que Chuck disparou o seu golpe. Disparou-o com tôdas as fôrças que lhe restavam. Foi um reflexo, um gesto instintivo, nascido nos muitos anos de experiência nos ringues. É uma coisa que se faz, automàticamente, como o último gesto brioso, antes de cair...

Sentiu que a pancada pegou em cheio. Viu que os joelhos de Jimmy dobravam. Ouviu o clamor de uma multidão estupefata e entusiasmada. Compreendeu que Jimmy estava no chão, que o "referee" conduzia êle próprio para o "corner" neutro. Ouviu quando começou a contar... "Um... Dois... Três..."

Apoiando nas cordas, contemplando a jovem figura estirada na lona, Chuck sentiu-se invadido por náuseas. Uma coisa era pedir a Jimmy para lutar de verdade... outra coisa, muito diversa, era vê-lo deitado, abatido...

— "Seis... — pronunciava o árbitro — Sete... Oito..."

O campeão se ergueu. Ficou de pé no meio do ringue, cambaleando. O "referee" chamou Chuck para a luta. A multidão estava gritando como louca pedindo um "knock-out". A voz de uma mulher, subiu histèricamente, dominando tôdas as outras, pedindo: "Acabe com êle! Acabe com êle!"

Jimmy movimentava os braços, agora. Porém, suas pernas estavam bambas e seus olhos quase vidrados. Fazia esforços tremendos para cobrir-se. Mas sua guarda

estava lamentàvelmente aberta... Havia inúmeros buracos em sua defesa.

Chuck avançou. Sentia-se novamente forte e seguro. Jimmy se encostou a êle, desesperadamente. Um só "punch"... Um só, e...

Chuck pousou a cabeça num dos ombros do campeão. Mas não golpeou, embora lhe fôsse fácil. Queria dar tempo ao garôto, para se refazer.

Empurraram-se alguns passos pelo ringue. Chuck ouviu a voz do outro, num cochicho. "Você me acabou, Chuck... Você sabe que me acabou... Termine logo o serviço!"

O "referee" os separou. Chuck raciocinava ràpidamente. Jimmy pedia o golpe. Era tão orgulhoso como êle próprio... Tinha perfeito senso de honra. Queria tudo às direitas! A mão direita de Chuck subiu com calma e certeza, atingindo a ponta do queixo do campeão. Golpe sêco e justo. Sabia que com isso terminaria o combate... Sabia mesmo antes do "referee" recomeçar a contar.

Os espectadores, de pé, gritavam como loucos. Depois que o "referee" levantou-lhe o braço, Chuck foi para o seu canto. Sentia-se doente e tinha mêdo de começar a gritar, de repente... Sabia que tinha mais pêso que Jimmy, e isso o confortava. Nunca poderiam realizar uma luta para valer nada... Nem o título estava em jôgo, pois êle era um meio pesado. O garôto não sofreria, sequer, qualquer arranhão em seu prestígio.

Nesse momento, viu que Jimmy estava de pé e consciente outra vez. Não atravessou o ringue para cumprimentá-lo. Tratou de descer do ringue e passar entre uma multidão delirante, seguido de perto por Jimmy.

Cinco minutos depois, entrava no camarim de Jimmy, que estava na mesa de massagens. Ajudou a retirar as luvas do vencido. Jimmy se recuperava depressa. Sentou-se na mesa e mandou todos para fora, com exceção de Chuck.

Logo que se viu a sós com o veterano, foi logo dizendo:

— Que cara é essa, Chuck. Deixa disso... Até parece mulher velha!

Chuck quis dizer alguma coisa, mas não pôde. Apenas conseguiu levantar as duas mãos e pousá-las nos ombros de Jimmy. O campeão também parecia emocionado. Finalmente, perguntou:

— Você não vai continuar no ringue?

O veterano moveu a cabeça, sem levantá-la.

— Como poderia, Jimmy? Descobri isso, esta noite. Não aguentaria outra luta de seis "rounds"...

— Que vai fazer, então?

— Oh! Não estou preocupado — disse Chuck; e havia orgulho em sua voz. — O dinheiro que ganhei esta noite me dará tempo para pensar em outra coisa.

Jimmy desatou a rir.

— Eu sei o que você vai fazer, Chuck. Vai ser meu treinador! Sim, Chuck! É inútil argumentar... Nós dois descobrimos, esta noite, que ainda há muita coisa que você pode me ensinar.

Chuck olhou para o jovem lutador. Começava a sentir-se melhor. E o garôto tinha razão...

— Podemos tentar, Jimmy... E você quer saber? É uma maravilha saber que você ainda precisa de mim... Precisa de mim outra vez!





— Então você está esperando um bebê? Oh! que horror!

CAMA ALHEIA

(*Continuação da página* 53)

Por baixo de tudo — não empoeirado — estava um manuscrito, com capa de cartolina côr-de-laranja. "*Desfecho Feliz*", uma história original de Billy Talbot.

Fran folheou algumas páginas. Era a história de um rapaz que teimava em tornar-se veterinário. Após formar-se abria um consultório em Wyoming. Surgia uma sêca, uma epidemia e um amor.

Mais adiante, uma linha chamou sua atenção.

"— *Sim, Rocky* — disse Penny, sorrindo. — *Aprendi isso aqui mesmo, em Sweetgrass Valley. Creio que a base principal do amor é a responsabilidade!*"

— Por que fôra achar aquilo em Sweetgrass Valley?

Fran apagou o *abat-jour* e mergulhou em completa escuridão. Só havia uma ligeira claridade junto da janela. Quando se achou no leito, sentiu que dominava a última trincheira daquela cidadela de Billy Talbot. Agora, com a cabeça no travesseiro, era como se sentasse no trono do seu reino. A seus pés estavam espalhados seus troféus: sua saúde abalada, sua instabilidade, sua fúria, seu desespêro. Fran era, agora, a imperatriz de secretos horrores...

Alguma sombra parecia ondular em seu redor, no quarto escuro. Quase podia ouvir seus gemidos.

"*Amo-a... Amo-a ainda. Amo-a cada vez mais...*"

E outra voz, que afirmava, pelas linhas de um telegrama:

"*Amo-a, realmente. Telefone sem falta! Lillian.*"

E depois, a voz de Talbot iniciava:

"... *a base principal do amor é...*"

E, juntas, as duas vozes concluíam:

"... *responsabilidade!*"

Qualquer coisa baralhou os pensamentos de Fran. Quase sem sentir, murmurou:

— Pobre, pobre Tom.

Pobre *quem*?

"— *Você é minha âncora...* — dissera êle. — *Se você me deixar, não sei o que pode acontecer...*"

Agora, Fran sabia! E sabia, também por que aquêle quarto tanto a havia horrorizado, àquela noite. O drama de Billy... Uma história nova hoje... Outra amanhã... Uma nova *estrêla* também...

A campainha do telefone a encheu de susto. Voltou-se para consultar o relógio. Três e cinquenta e cinco.

Quem poderia chamar àquela hora? Então lembrou-se de que eram sete horas em New York. Hora indesejável, se alguém passa a noite sem poder dormir, tentando alcançar o inatingível...

Positivamente, não podia atender ao chamado. *Lillian jamais acreditaria no que lhe contasse sôbre sua presença naquele apartamento.*

Deixou que a campainha agonizasse até morrer.

Por que, afinal, preocupar-se? Tom era culpado, não era? Tornára-a infeliz e miserável. Por culpa dêle estava refugiada naquele quarto... E, no entanto, também êle era responsável pela sorte dela... Então?

Mas, agora, via... via claramente o que havia diante dos passos dêle. Não tinha que se zangar por êle a ter chamado de "âncora". Era uma condição, não uma *condenação!* E, em suma, que é mais importante? Ser correto ou ser feliz?

Aquela personagem de "*Desfecho Feliz*", Rocky, tinha muita razão. O amor involve responsabilidades. *De ambas as partes*: tanto a que fere quanto a que se sente ferida.

Devia favorecê-lo com outra oportunidade. Para felicidade dêle — e também para provar a si mesma que sabia mais de amor que da qualidade de uma loção. Aliás, a verdadeira *segunda oportunidade* seria mais *para ela mesma!*

COM certeza dormira profundamente e bem, porque Betty veio acordá-la, com o sol já bem alto.

— Veja, querida. Um telegrama para você!

Ela murmurou um agradecimento, abriu e leu. Tom avisava que telefonaria às nove horas. Hora local. Se ela recusasse atender ao chamado, êle tomaria o primeiro avião.

— É de Tom...

— Eu já imaginava.

— Êle vai telefonar... e eu vou atender.

— Ótimo. Oh! Como estou contente!... Ah! Tenho mais notícias... Você estava preocupada com o rapaz que vive aqui, temendo que êle voltasse a qualquer momento?

— Mmm...

— Coitado! Está num hospital. Muriel telefonou para avisar-me. Êles brigaram... Coisa definitiva! Parece que êle havia bebido um pouco mais da conta... Depois saltou para o automóvel e foi bater de encontro a uma árvore. Tornozelo partido, além de escoriações...

FRAN estava ainda na cama. Estava no centro do reino dêle... Pobre Mr. Billy Talbot!

— Que hospital? — perguntou. — Gostaria de enviar umas flores... Para agradecer o uso dêste apartamento... E gostaria, também, de telefonar para Lillian... *para lhe dizer um segrêdo*:

Mercado de pechinchas

(PELO CORREIO, PARA TODO O BRASIL)

VENDAS:

MATERIAL NOVO

A — MÁQUINA DE ESCREVER para escritório, carro de 120 espaços, último modêlo, com todos os melhoramentos, apenas Cr$ 9.500,00. Posta Rio.

A — 1 Caneta tinteiro inglêsa QUICK CHANGE, com bico cambiável, inclusive um bico novo. Artigo de bela aparência. Alta qualidade. Cr$ 80,00.

A — 2 Cobertores pura lã, para casal, 170 x 220 ms., côr camelo, 100% lã pura. Alta qualidade. Cr$ 490,00. Vale o dôbro.

A — 3 Máquina fotográfica alemã, com filme, lâmpada e "flash", completa. Cr$ 550,00.

A — 4 WHISKY legítimo escocês OLD SMUGGLER (há outras marcas). Garrafa: Cr$ 375,00.

A — 5 Máquinas furadeiras para metais, de precisão, máximo 1/2" furo, de coluna, com motor. Cr$ 9.500,00. Posta Rio.

A — 6 Lâmpadas elétricas: 60 Watt, Cr$ 9,00; 100 Watt, Cr$ 11,00.

A — 7 Canos galvanizados, com luvas e roscas, bitolas meia, uma e duas polegadas. Quilo: Cr$ 19,50.

MATERIAL USADO

A — 8 MÁQUINA IMPRESSORA tamanho 76 x 112. Cr$ 300.000,00. Posta Rio.

A — 9 MÁQUINA IMPRESSORA tamanho 56 x 67. Cr$ 200.000,00. Posta Rio.

TUDO GARANTIDO, DE BOA QUALIDADE.

COMPRAS:

Preciso de 6 moedas de ouro. Pago Cr$ 580,00 por libra esterlina.

Escrever a: — "MERCADO" — Caixa Postal 3441

RIO DE JANEIRO

EU SEI TUDO

Nº 448 — Ano XXXVIII Nº 4 — Setembro de 1954

SUMARIO:

O Cisne Branco (conto) 7
Local de Encontro 11
Estampas Norte-Americanas: A Casa e o Serviço .. 12
O Ocidente Adota a Acupunctura 17
Maravilhas da Ciência: Desafiando a Velocidade da Luz — O Limite de Todos os Movimentos do Cosmos 23
Desafio Aceito (conto) 28
Por Que Não Fazem? 30
Resolvam Seus Problemas 31
A Igreja Permitiu Êstes Divórcios 32
No Entanto... Nos Estados Unidos, Tudo é Mais Fácil. Senão vejam 34
O Parto Natural (Como é praticado nos hospitais parisienses) 36
A "Boa Resposta" do Mês 38
A Fôrça de Um Juramento (Romance, continuação) 39
Cama Alheia (Conto, policromia) 47
Química (Energia atômica no seu relógio — Transformar veneno em sal — Açúcar igual a água mais carvão — O oxigênio queima o aço e o carvão — Como apagar o fogo de óleo? 54
Que Devo Fazer... Se um Ladrão Entrar em Minha Casa? 59
No Japão Desarmado: O ex-combatente foi esquecido pelos deuses e pelos homens 60
São Coisas da Vida 63
Nos Domínios da Gramática 64
Durmam... Còsmicamente (Quem dorme de acôrdo com a bússola é beneficiado com as grandes fôrças magnéticas que existem na Terra) 65
Uma Boa Idéia! 70
Dez Mandamentos 70
O Mistério do Sonambulismo (À medida que a ciência descobre suas causas, a cura se torna cada vez mais fácil 72
Os "Robots" Musicais 76
Como Você Resolveria Isto? 76
O Cavalo Branco de Uffington (Os agricultores inglêses culpam o govêrno de suas desditas, afirmando que todo o mal vem da não conservação do Cavalo Branco, alvo como a neve) 77
Antes de se Meter a Bombeiro... (Há muita coisa que um chefe-de-família pode, realmente, fazer) . 78
O Fabuloso Tesouro da Baía de Abukir (Foi usado por Napoleão ou está no casco do "L'Orient"?) .. 79
Esqueci Minhas Linhas (As palavras mais trágicas, numa representação teatral, são aquelas que não são ditas, em virtude de algum ator haver esquecido sua "deixa") 83
O Diário de Felix Lane (Romance- Início) 87
Memento EU SEI TUDO (Julho de 1954) 95
Duelo Vertical Russo-Americano 101
Duas Famílias... Seis Casamentos! 105
Dicionário de Nomes Próprios 106
Charadas — Quebra-Cabeças 107

CORRESPONDÊNCIA

Danilo Mariano de Morais (Rua Fernando Pinheiro, 459, S. Paulo) — Tem o amigo muitíssima razão. Mas a feitura de uma revista, em cadernos, dá ensejo para tais senões... de vez em quando. Já havíamos verificado, embora quando não restava mais recurso para correção. Adotaremos medidas mais severas para evitar a repetição. E muito gratos por seu interêsse

★

Guiomar Arantes (Av. Copacabana, 1010, D. Federal) — Não podemos responder com segurança. Verificaremos em nossas coleções. Há muitas edições esgotadas. Voltaremos ao assunto.

★

Heitor A. Goster (Cuiabá, Mato Grosso) — Política? Por favor, escolha outro assunto e estaremos bem dispostos para estudar a possibilidade. Entendido?

★

Adalberto Lopes (Rua das Laranjeiras (?) Distrito Federal) — Passamos sua carta para a Administração, à qual cabe providenciar no sentido de atender ao seu pedido. Gratos.

●

A CAPA — A bela alegoria de Ramón é a recordação de episódios dolorosos, embora gloriosos, numa homenagem aos que tombaram nas lutas que se tornaram necessárias, na Bahia e em outros Estados do Brasil, para confirmação do Grito do Ipiranga